


COMENTÁRIO BÍBLICO

# ATRAVÉS DA BÍBLIA

## GÊNESIS

**Itamir Neves de Souza**
**John Vernon McGee**

*Ficha catalográfica elaborada por Clarabeti S. N. de Souza, CRB8 6895*
Souza, Itamir Neves de & McGee, John Vernon
Gênesis: comentário bíblico / Itamir Neves de Souza. — São Paulo : Rádio Trans Mundial, 2007. (Série Através da Bíblia)
400 p.
ISBN - 978-85-89558-15-0
1. Bíblia A. T. – Gênesis – Comentário 2. Gênesis - Comentário I. Título

CDD (21 ed.) 222.11

Índice para catálogo sistemático
1. Bíblia A.T. – Gênesis – Comentário 222.11
2. Gênesis – Comentário 222.11

Copyright © 2007 Rádio Trans Mundial do Brasil

Todas as citações bíblicas foram extraídas da 2a. edição Revista e Atualizada da tradução de João Ferreira de Almeida (Sociedade Bíblica do Brasil)
*Direção executiva* – José Carlos dos Santos
*Coordenação editorial* – Walkyria Freitas
*Revisão* – Clarabeti Stolochi
*Capa* – Julio Carvalho
*Projeto gráfico* – Marcos Nascimento
Primeira edição – Setembro de 2007

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida por qualquer meio – eletrônico, mecânico, fotocópias, etc. – sem a devida permissão dos editores, podendo ser usada apenas para citações breves.
**Publicado com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela Rádio Trans Mundial do Brasil.**

R. Épiro, 110
04635-030 São Paulo SP
Telefone: (11) 5031-3533
www.transmundial.com.br

# SUMÁRIO

PREFÁCIO
INTRODUÇÃO GERAL À SÉRIE DE COMENTÁRIOS ATRAVÉS DA BÍBLIA
INTRODUÇÃO A GÊNESIS
A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DE GÊNESIS
No princípio criou Deus os céus e a terra: Gn 1.1
Os primeiros dias da criação: Gn 1.2-31
O sexto dia da criação: Gn 1.26–31
A criação do ser humano: Gn 2.1-25
A queda do ser humano – o pecado: Gn 3.1-13
As conseqüências do pecado: Gn 3.14-24
Abel e Caim: Gn 4.1-7
O primeiro homicídio, os descendentes de Caim e o nascimento de Sete: Gn 4.8-26
Os descendentes de Adão: 5.1-20
O exemplo de Enoque e o contraste entre duas genealogias: Gn 5.21-32
A corrupção do gênero humano: Gn 6.1-10
O dilúvio: o anúncio e a experiência: Gn 6.11–7.24
O final do dilúvio: Gn 8.1-22
A aliança de Deus com Noé. As bênçãos e maldições: Gn 9.1-29
A família das nações: Gn 10.1-32
A torre de Babel e os semitas: Gn 11.1-32
O início da história de Abraão: Gn 12.1-20
A peregrinação de Abrão em Canaã: Gn 13.1-18
Abraão guerreia e encontra Melquisedeque: Gn 14.1-24
A fé de Abrão e a renovação da aliança: Gn 15.1-21
A história de Agar e o nascimento de Ismael: Gn 16.1-16
A mudança de nomes e o início da circuncisão: Gn 17.1-27
Abraão recebe anjos e intercede por Sodoma e Gomorra: Gn 18.1-33
A destruição de Sodoma e Gomorra: Gn 19.1–38
Abraão e Sara peregrinam em Gerar: Gn 20.1-18
O nascimento de Isaque. Agar no deserto: Gn 21.1-34
Deus prova Abraão pedindo Isaque: Gn 22.1-19
A descendência de Naor: Gn 22.20-24
A morte de Sara: Gn 23.1-20
Abraão manda seu servo buscar uma esposa para Isaque: Gn 24.1-32

O encontro e o casamento de Isaque e Rebeca: Gn 24.33-67
A morte de Abraão e os seus descendentes: Gn 25.1-34
A vida de Isaque: Gn 26.1-35
Isaque abençoa Jacó e Esaú: Gn 27.1-46
Experiências de Jacó: a fuga, a visão da escada e a coluna de Betel: Gn 28.1-22
As esposas de Jacó: Lia e Raquel e seus primeiros filhos: Gn 29.1-35
Os filhos de Jacó, as riquezas e seu pacto com Labão: Gn 30.1-43
Jacó retorna a terra de seus pais e faz aliança com Labão: Gn 31.1-55
Jacó prepara a reconciliação com Esaú e luta com Deus: Gn 32.1-32
O encontro de Jacó com Esaú: Gn 33.1-20
O conflito entre os filhos de Jacó e os siquemitas: Gn 34.1-31
Jacó em Betel, o nascimento de Benjamim e a morte de Raquel: Gn 35.1-29
A descendência de Esaú: Gn 36.1-43
José é vendido por seus irmãos: Gn 37.1-36
José é levado para o Egito: Gn 37.25-36
Judá e Tamar: Gn 38.1-10
José na casa de Potifar: Gn 39.1-23
José interpreta os sonhos dos prisioneiros: Gn 40.1-23
José interpreta os sonhos de Faraó e torna-se governador do Egito: Gn 41.1-57
Os irmãos de José vão ao Egito comprar alimentos: Gn 42.1-38
Os irmãos de José voltam ao Egito e são hospedados por ele: Gn 43.1-34
A estratégia de José para reter Benjamim: Gn 44.1-34
José se deixa conhecer por seus irmãos: Gn 45.1-28
Jacó (Israel), e família descem para o Egito: Gn 46.1-34
Israel no Egito. José compra toda a terra do Egito para o Faraó: Gn 47.1-31
Jacó adoece e abençoa os filhos de José: Gn 48.1-22
Jacó abençoa profeticamente seus filhos e morre: Gn 49.1-33
O lamento por Jacó. A bondade de José para com seus irmãos. José abençoa seus filhos e morre: Gn 50.1–26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

# PREFÁCIO

O lançamento dos comentários do programa Através da Bíblia em formato de livro é resultado de bastante oração. Muitos ouvintes sempre pedem as cópias das mensagens que mais lhes impactaram. Querem os comentários numa forma escrita para melhor estudar e se aprofundar no conhecimento das Escrituras.

Pastores e evangelistas nos informam que fazem anotações dos estudos enquanto escutam pelo rádio ou pela internet para usarem em suas igrejas. Muitos chegam a gravar as mensagens, a fim de usarem em seus trabalhos de evangelização e de doutrinamento. Agora, qualquer pessoa, do cristão mais simples ao professor mais erudito, através da leitura do texto impresso poderá aproveitar ainda mais desta exposição da Bíblia. Trata-se, sem dúvida, de mais uma fonte de bênção e de enriquecimento espiritual para o povo de Deus.

Muitos anos atrás, antes do Através da Bíblia começar a ser veiculado no Brasil pela Rádio Trans Mundial, tive o prazer de ouvir a série em inglês pela Trans World Radio, em Bonaire, quando trabalhei naquela emissora. Naquela época, não dava para imaginar que anos depois receberia a incumbência de traduzir a série para o português, que agora nesse novo formato foi totalmente revisada e ampliada pelo professor Itamir Neves de Souza.

Os primeiros anos de programa eram versões e adaptações da série do dr. J. Vernon McGee, que foi professor do Seminário Teológico de Dallas e diretor do Departamento de Bíblia do Instituto Bíblico de Los Angeles. Levei cinco anos para traduzir, adaptar e gravar toda a série de 1.300 programas de trinta minutos de duração.

Conhecendo o carinho, o respeito e a grande admiração que os americanos têm por dr. McGee, um homem apaixonado pela Bíblia, tenho de dizer algo sobre a tradução, sobre como executei esse trabalho. Segui as normas e orientações que me foram dadas. A minha responsabilidade era diante da missão Através da Bíblia e da Rádio Trans Mundial, da qual era funcionário. Foi nos seus escritórios e estúdios que eu produzi os programas. Havia controle e supervisão. Mas só depois de trabalhar dez anos como produtor de programas, roteirista, tradutor e locutor nesta rádio é que me foi dada essa tarefa.

Devo lembrar também que não traduzi os comentários do dr. McGee a partir de seus livros, que só surgiram depois. Usei as notas que eram preparadas por sua secretária. O programa era gravado e depois ela os transcrevia da fita. Alguns estudos chegaram com seis páginas de papel ofício, outros com sete, oito, nove, outros com dez. Tive que adaptá-los para encaixá-los dentro do tempo determinado de cada programa para ser completado com o prefixo e sufixo. Algumas vezes foi preciso adequar alguns comentários e aplicações, levando em consideração a cultura diversificada do Brasil, lembrando que precisávamos alcançar tanto os ouvintes de São Paulo como também os ouvintes das demais regiões do país.

Tenho certeza de que agora, nesse novo formato, o Através da Bíblia ampliará ainda mais os frutos produzidos desde seus primeiros anos de existência em solo brasileiro. Será uma contribuição inestimável para o crescimento espiritual e intelectual para os países de fala portuguesa. A série de comentários Através da Bíblia é o maná do céu e a água da vida, sendo oferecidos abundantemente aos que têm fome e sede da Palavra de Deus. Trata-se de um comentário fiel da Bíblia toda, livro por livro, capítulo por capítulo, versículo por versículo. É uma viagem que tem início no Éden e termina na nova Jerusalém. Começa no Gênesis e vai até o Apocalipse. Durante a caminhada, quem o ler com dedicação, buscando a orientação do Senhor, aprenderá a história do povo de Deus, assim como a história de seu Filho Jesus Cristo. Em outras palavras, aprenderá a revelação de Deus para salvar o homem e transformar vidas.

Pr. Davi Nunes dos Santos

*Produtor e apresentador do programa*
*Através da Bíblia por mais de quatro*
*décadas pela Rádio Trans Mundial do Brasil*

# INTRODUÇÃO GERAL À SÉRIE DE COMENTÁRIOS ATRAVÉS DA BÍBLIA

A série de Comentários Através da Bíblia tem por objetivo apresentar aos leitores da língua portuguesa, em forma de livros, o trabalho realizado por intermédio da radiodifusão, na gravação feita de mais de 1.300 programas, num prazo de cinco anos, dos comentários que abrangeram toda a Bíblia, elaborados para o programa Através da Bíblia da Rádio Transmundial do Brasil.

Este programa radiofônico iniciou-se nos idos de 1967, em Pasadena, nos Estados Unidos da América através do seu idealizador dr. John Vernon McGee. De lá, rapidamente o programa se expandiu e hoje ele é veiculado em mais do que 400 estações de rádio pelo mundo todo e ouvido em mais de 100 idiomas diferentes, inclusive pela internet.

O objetivo desta série de Comentários Através da Bíblia, feitos pelo professor Itamir Neves de Souza, tem por base uma adaptação, revisão e ampliação dos comentários do dr. McGee. Esses comentários têm por objetivo oferecer aos que amam estudar a Palavra Eterna uma fonte de recursos bíblicos devocionais aplicáveis à vida diária de cristãos que desejam andar de acordo com a vontade de Deus. Esta série de comentários bíblicos, que mantém a sua estreita vinculação com o programa radiofônico é destinada aos cristãos de modo geral, aos professores da Escola Bíblica Dominical, aos líderes de Pequenos Grupos, aos líderes dos departamentos etários, aos seminaristas, aos evangelistas, aos diáconos e até aos pastores que ministram em tantas e longínquas comunidades de língua portuguesa espalhadas pelos mais diversos países do mundo.

Não foi o objetivo dos produtores do programa e dos editores desses comentários bíblicos que eles fossem feitos com características acadêmicas, baseando-se em tecnicismos adequados para os exegetas, profundos conhecedores das línguas originais da Escritura: o hebraico, o aramaico e o grego. Entretanto, como é possível notar-se pelas bibliografias mencionadas, que obras de valor teológico e conteúdo doutrinário saudável serviram de base para consulta e comentários levados ao ar e agora registrados por meio gráfico.

Dentro dos limites de tempo e espaço, esses comentários foram produzidos objetivando o entendimento claro e simples das Escrituras Sagradas e a sua aplicação prática para o desenvolvimento da vida cristã. Com perguntas, com desafios, com palavras de conscientização, com expressões de louvor e gratidão a Deus diante de trechos das Escrituras que demonstram a Sua graça, misericórdia e amor, estes estudos pretendem provocar os leitores à reflexão, ao questionamento pessoal e a avaliação interior de suas próprias vidas. Com o objetivo de transformar as vidas dos produtores, escritores, ouvintes e leitores, em vidas cada vez mais semelhantes ao Senhor Jesus Cristo, esses comentários são colocados nas mãos dos leitores com o desejo de que Deus os use para que tal objetivo seja alcançado.

Para os editores desta série, a Bíblia Sagrada deve ser entendida com facilidade, proporcionando aos seus estudantes prazer e entusiasmo através do seu estudo sistemático. Por isso, esses estudos se destinam ao crescimento pessoal e individual de cada cristão. E assim, a oração que fazemos é que Deus, através do Seu Santo Espírito, fale a cada coração e utilize esses comentários para a glória do Seu nome em nossas vidas.

Os Editores

# INTRODUÇÃO A GÊNESIS

Embora o conteúdo principal do Pentateuco seja o relato histórico do povo de Israel, o seu surgimento, sua formação, suas leis e o seu desenvolvimento, desde os patriarcas até o seu estabelecimento na terra prometida, o livro de Gênesis inicia o seu relato bem antes da existência do povo que Deus escolheu para representá-lo.

Para fazer sentido aos leitores, o livro de Gênesis tem início com a narrativa dos passos anteriores à escolha de Abraão, o primeiro patriarca israelita, remontando a Deus e seu ato criador. Temos o relato de quatro grandes eventos antes da história dos patriarcas hebreus: a criação, a queda, o dilúvio e a divisão da humanidade após o evento da torre de Babel.

Ao lermos e estudarmos o relato dos onze primeiros capítulos do Gênesis, verificaremos que embora a obra da criação tenha sido aprovada por Deus, que avaliou o que criara como "muito bom", o pecado provocou a separação do homem de Deus, seu criador, trazendo como conseqüência o castigo divino do dilúvio. Depois da divisão dos homens em raças, nações e línguas diferentes, temos a narrativa da insistente e amorosa ação divina, já iniciada logo depois da queda (3.15), em prover os meios para a salvação do homem.

Através da narrativa das vidas dos patriarcas de Israel, Abraão, Isaque, Jacó e certamente José, nos deparamos com as mais diferentes experiências pelas quais o ser humano é submetido. Assim, através de todas as páginas do livro de Gênesis, encontramos as mais preciosas verdades que fundamentam a fé cristã.

Os comentários da série Através da Bíblia atendem a quem quer estudar, praticar e ensinar as verdades eternas da Bíblia Sagrada. E, certamente, iniciarmos por Gênesis, além de ser lógico é desafiador, por termos nesse primeiro livro sagrado as respostas da fé cristã às questões levantadas sobre a origem do universo, a origem do ser humano e a origem das divinas ações salvíficas para a redenção da humanidade pecadora. Conquanto Gênesis relate o início da humanidade, o seu propósito não é apresentar a história da raça inteira. O que percebemos é uma seleção intencional enfocando os personagens e os eventos que se relacionam com o plano divino da redenção através da história.

Por esses e outros motivos que serão identificados na seqüência dos estudos, o desafio para a contemplação e aplicação das lições vistas em Gênesis devem motivar o leitor e o estudante a não medir esforços para conhecer integralmente este livro.

Gênesis é o livro das origens e, embora esteja ligado aos demais livros do Antigo Testamento, e especificamente ao Pentateuco, relaciona-se com toda a Bíblia, incluindo o Novo Testamento. Nele são estabelecidas certas verdades e doutrinas que irão surgir no restante das Escrituras. É um livro fundamental para todo estudante da Bíblia, porque nele encontramos as chaves para a compreensão geral das Escrituras Sagradas.

Com ênfase de aplicação prática e devocional, os estudos em Gênesis proporcionarão aos leitores momentos de reflexão e novo posicionamento diante das bondosas ações divinas em nosso favor.

Na expectativa de que este trabalho sirva para o leitor e redunde em glórias a Deus, assim oramos e pedimos as bênçãos do Senhor.

Itamir Neves de Souza
*Produtor e apresentador do programa*
*Através da Bíblia da Rádio Trans Mundial do Brasil*

# A IMPORTÂNCIA DO LIVRO DE GÊNESIS

Gênesis é um livro fundamental para o Antigo Testamento, assim como Mateus é importante para o Novo Testamento. Eles merecem destaque porque nos fornecem as chaves para a compreensão geral das Escrituras Sagradas.

Gênesis está relacionado com toda a Bíblia. Estabelece certos pontos que irão surgir em outras partes das Escrituras e muitos detalhes são mencionados nele pela primeira vez. Em suas páginas encontramos, além da criação do ser humano, a instituição da família e, a partir dela, os problemas característicos do lar. Também encontramos em Gênesis a descrição do primeiro pecado e o julgamento divino caindo sobre ele.

Algumas ênfases repetidas muito freqüentemente ao longo de toda a Bíblia originam-se em Gênesis, como por exemplo as genealogias, onde lemos tantas vezes a fórmula "fulano" gerou "fulano": **Viveu Adão cento e trinta anos, e gerou um filho… e lhe chamou Sete. Sete viveu cento e cinco anos e gerou a Enos. Enos viveu noventa anos e gerou a… (Gn 5.3,6,9)**. Citar essas particularidades é relevante porque dizem respeito a famílias, e todos nós somos membros da família humana que começou no Éden.

Gênesis, algumas vezes, é chamado de o "Livro das Biografias", porque além das genealogias nos apresenta vários personagens importantes. Nele há figuras muito conhecidas: Abraão, Isaque, Jacó, José e os doze filhos de Jacó. Por meio de Gênesis sabemos que Deus abençoou grandemente cada um deles, e a bênção foi estendida àqueles com quem eles se relacionaram.

Em suas páginas há detalhes importantes da vida de pessoas que deram origem à nação hebraica. Homens simples, escolhidos por Deus, iguais a qualquer um de nós e sem mérito algum, que confiaram Nele e em suas promessas e prosseguiram pela fé, participando ativamente de seu plano para a humanidade. Este plano divino começou a ser delineado e percebido desde que o pecado entrou no mundo. Em Gênesis 3.15 o redentor foi prometido e, a partir daí, Deus foi chamando instrumentos humanos para que seu plano se realizasse: **Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar**.

Por causa de sua palavra-chave, "início" ou "princípio", Gênesis recebe também o título de "Livro dos Inícios". Encontramos nele o concerto, a aliança de Deus. Freqüentemente o Senhor aparecia aos patriarcas e, de um modo especial, a Abraão. Além disso, nos deparamos com as manifestações da providência divina. Descobrimos porque o altar tornou-se tão proeminente neste livro. Encontramos o registro inicial de outros eventos e práticas, como a necessidade do trabalho, o início da civilização, o estabelecimento do sacrifício como meio para se chegar a Deus, as raças, as línguas, as cidades e a redenção.

Esses assuntos, que aparecem em tantos outros dos sessenta e cinco livros da Bíblia, têm o seu começo em Gênesis e oferecem subsídios para que assim ele seja chamado corretamente de o "Livro das Origens".

**Visão telescópica**

Para estudarmos Gênesis, temos de conhecê-lo como um todo, iniciando com uma leitura completa de seu conteúdo de uma só vez. Seria bom planejar bem o tempo dedicado a essa tarefa, alternando a leitura em pensamento com uma leitura em voz audível. Não importa a sua postura: pode ficar assentado, em pé ou andando em um determinado local. O importante é não permitir que qualquer dificuldade o impeça de concluir esse plano.

Depois da leitura, devemos partir para a aquisição de uma visão geral do livro, e então, passar a analisá-lo em suas partes, seus detalhes e particularidades, como se estivéssemos usando inicialmente um telescópio e, posteriormente, um microscópio.

No caso de Gênesis, usaremos primeiro o telescópio, verificando o esboço do livro como um todo. A partir daí iremos detalhando o estudo em pequenas porções.

Através de uma visão telescópica, percebemos que Gênesis está dividido em duas grandes porções. Na verdade, estas duas porções constituem o esboço mais geral do livro. Os cinqüenta capítulos podem ser divididos em dois grandes blocos:

Parte 1 – A origem do universo e do ser humano, os seus primeiros passos e as suas conseqüências (capítulos 1–11).

Parte 2 – A origem do povo hebreu e o relacionamento de Deus com os patriarcas (capítulos 12–50).

Entretanto, ao dividirmos dessa maneira geral e bem simples esse importante livro bíblico, devemos ter bem claro em nossas mentes a sua mensagem: “O fracasso do ser humano sob todos os aspectos, e a salvação de Deus para cada situação”.

Existe também uma outra forma interessante de dividir o livro de Gênesis, relacionada ao tempo, a cronologia. Alguns estudiosos dizem que os primeiros onze capítulos cobrem um período de no mínimo dois mil anos e no máximo de muitíssimos anos. Um período de tempo, portanto, indefinido. Então, também é possível dizer que nesta primeira parte temos um espaço de tempo semelhante ao que vai do capítulo 12 de Gênesis até o último capítulo da Bíblia. Do capítulo 12 até a escrita do Apocalipse temos um período de aproximadamente dois mil anos, porém os eventos descritos em Apocalipse não têm data prevista para sua realização.

Tendo em vista essa comparação, é possível concluir que estes primeiros onze capítulos de Gênesis cobrem um período de milhares de anos, assim como a segunda parte cobre um tempo indefinido, pois não sabemos quando Jesus voltará.

O propósito de Deus, quando nos deu essa primeira parte, foi relatar de modo geral os seis dias da criação, onde foram formados o universo e o ser humano. Com certeza Ele quis registrar a queda, o surgimento do pecado e outros eventos marcantes como o dilúvio e a torre de Babel.

Depois de apresentada esta divisão, é possível fazer a seguinte pergunta: onde foi colocada maior ênfase, na primeira ou na segunda parte? Ou podemos perguntar de outra maneira: onde Deus colocou maior ênfase quando inspirou o livro de Gênesis e a Bíblia toda? Nos primeiros onze capítulos ou no restante da Bíblia?

Certamente a ênfase foi colocada na segunda parte. A primeira parte trata do começo da criação, mas a partir da segunda parte encontramos um destaque na redenção do homem (embora desde o capítulo 3, logo depois da queda, tenhamos o relato da iniciativa divina para a redenção humana).

Podemos concluir, então, que Deus estava mais interessado em Abraão do que em todo o universo que criou. Da mesma maneira Ele se interessa por nós, homens e mulheres, nos valoriza mais do que ao universo inteiro. Isto é claramente demonstrado pelo fato de ter enviado Jesus Cristo para nos salvar dos pecados!

**Palavra-chave, mensagem geral, importância, rejeição, autoria, origem e estilo**

Para percebermos o conteúdo geral de Gênesis, ainda precisamos focar o nosso telescópio em sete questões importantes.

Primeiro, a *palavra-chave*, "início" ou "princípio", que aparece logo em Gênesis 1.1: **No princípio, criou Deus os céus e a terra**, é a palavra de onde se origina um de seus títulos: o "Livro das Origens" ou o "Livro dos Inícios".

Segundo, em relação a sua *mensagem geral*, podemos dizer que Gênesis mostra o fracasso do homem em suas circunstâncias, mas também revela a maravilhosa salvação de Deus para cada situação. Deus sempre nos amou de tal maneira que continuamente estende sua salvação a todos!

Terceiro, se observa a *importância* de Gênesis, porque todos os fatos, verdades ou revelações principais têm ali o seu nascedouro. Gênesis é a origem de toda Bíblia e é essencial para uma compreensão real de cada parte. Este primeiro livro é o alicerce onde se apóia e sobre o qual se edifica a revelação divina.

Quarto, em relação à *rejeição de seu conteúdo,* temos que atentar para o seguinte fato: O livro sofre, junto com Apocalipse, a rejeição e até o ódio do grande inimigo de Deus e do seu povo, Satanás. O Apocalipse é atacado a partir de certos homens que não acreditam na realidade de suas visões, na complexidade dos seus símbolos e na promessa da volta de Jesus. A rejeição ao Gênesis é bem mais violenta e específica, porque por meio de cientistas e críticos modernos suas narrativas são rejeitadas. Uma das teorias que mais o atingiu foi a da evolução, propagada pelo cientista Charles Darwin, que ganhou notoriedade depois de elaborá-la. O ataque direto de Satanás a essas duas partes das Escrituras acontece porque elas proclamam a sua derrota. De Gênesis a Apocalipse Jesus é visto como o grande vencedor!

Em quinto lugar, quanto à questão que trata da sua *autoria*, muitos estudiosos oferecem os créditos a Moisés. Mas quando a confirmamos, surge a questão: como ele conseguiu elementos para compor o livro uma vez que não estava presente na ocasião dos eventos? É possível que tenha consultado coleções de documentos antigos? Que outra fonte utilizou? Será que usou as tradições verbais e também as tradições escritas dos

eventos primitivos, que foram sendo preservadas por diversas gerações? Quem iniciou essa transmissão?

Uma das possibilidades apresentadas é a comunicação da tradição oral, de geração a geração, preservando a história da criação, e contando certamente com a participação de Abraão, Isaque, Jacó e José. Depois de José, durante os 400 anos de escravidão no Egito, essa narrativa foi sendo transmitida até chegar a Moisés, já no deserto, quando conduzia o povo para Canaã.

Mas, além disso, certamente não podemos deixar de reconhecer que Deus usou uma série de formas para inspirar Moisés a escrever este primeiro livro da Bíblia. Assim, além da autoria humana de Moisés, há definitivamente a autoria divina. A simplicidade de sua narração, a semelhança com a verdade, a consistência nos detalhes, a correção com relação às datas, a imparcialidade nas biografias, a segurança nos pontos filosóficos, a pureza em sua moralidade e a benevolência em seus desígnios são fatores que não deixam dúvidas para afirmarmos que Gênesis jamais poderia ser apenas de autoria humana. Temos que reconhecer a autoria divina! Sim, a autoria do primeiro e dos outros livros bíblicos é divina, pois é a revelação de Deus ao homem.

Em sexto lugar, quanto à sua *origem,* é aceitável pela maioria dos estudiosos que a partir do período do êxodo de Israel, durante a caminhada de quarenta anos no deserto, Moisés iniciou o seu registro dando origem ao livro do Gênesis.

É bom notarmos o que está escrito em Atos 7.38, onde encontramos uma declaração importante de Estevão: **É este Moisés quem esteve na congregação no deserto, com o anjo que lhe falava no monte Sinai e com os nossos pais; o qual recebeu palavras vivas para no-las transmitir**. Com essa citação, fica claro que Moisés teve revelações diretas da parte de Deus para produzir seus escritos, suas narrativas da criação durante o período do deserto.

Em sétimo e último lugar, o *estilo* do livro é claro: foi escrito em prosa e não em verso. É importante destacarmos esse detalhe, porque geralmente a poesia possui um elemento de mitologia e lenda, como podemos perceber na maioria dos livros antigos das outras nações, porém Gênesis não foi escrito de forma mitológica ou com conteúdo lendário. Seu estilo é

rigorosamente histórico, porque é o relato, a narrativa histórica de fatos que realmente aconteceram.

**As duas divisões de Gênesis**

Com a visão telescópica, vemos as grandes divisões do livro de Gênesis: a narrativa da origem do universo e da origem da nação de Israel. E a partir dessa visão devemos contemplar de forma mais específica o seu conteúdo, atentando para os pormenores de cada uma dessas partes com suas respectivas subdivisões.

**ESBOÇO DE GÊNESIS**

Primeira parte: A história primitiva da raça humana (capítulos 1–11)
1 – A narrativa da criação (capítulos 1–2)
1.1 – A narrativa de toda a criação (capítulo 1)
1.2 – A narrativa especial da criação do homem (capítulo 2)
2 – A narrativa da queda (capítulos 3–6)
2.1 – A entrada do pecado no mundo (capítulo 3)
2.2 – A narrativa do avanço do pecado no mundo (capítulos 4–6)
3 – A narrativa do dilúvio (capítulos 6–8)
3.1 – A causa do dilúvio (capítulo 6)
3.2 – A vinda do dilúvio (capítulo 7)
3.3 – A conseqüência do dilúvio (capítulo 8)
4 – A narrativa da torre de babel (capítulos 9–11)
4.1 – O recomeço da história humana com Noé e sua descendência (capítulos 9–10)
4.2 – O relato da rebelião humana através da Torre de Babel (capítulo 11)
Segunda parte: A história patriarcal da raça hebraica (capítulos 12–50)
1 – A narrativa da vida de Abraão (capítulos 12–24)
1.1 – A aliança prometida
1.1.1 – Princípios da fé na aliança (capítulos 12–14)
1.1.2 – Teste da fé na aliança (capítulos 15–21)
1.1.3 – O aperfeiçoamento da fé na aliança (capítulos 22–24)
2 – A narrativa da vida de Isaque (capítulos 21–26)
2.1 – A aliança transmitida
2.1.1 – O nascimento e o casamento de Isaque (capítulos 21–24)
2.1.2 – Concessão da bênção de Abraão a Isaque (capítulos 25–26)
3 – A narrativa da vida de Jacó / Israel (capítulos 27–36)

3.1 – A aliança prosseguida
3.1.1 – Bênçãos materiais conseguidas (capítulos 27–30)
3.1.2 – Bênçãos espirituais não conseguidas (capítulos 31–36)
4 – A narrativa da vida de José (capítulos 37–50)
4.1 – A aliança exercitada
4.1.1 – Treinamento através das provações (capítulos 37–40)
4.1.2 – Triunfo através da confiança em Deus (capítulos 41–50)

Ao conhecermos o esboço de Gênesis, continuamos nos valendo da ilustração do telescópio e do microscópio. Assim, passaremos a estudar o livro em detalhes cada vez menores. Você deve saber que o microscópio tem várias lentes que ao serem usadas adequadamente nos permitem ver particularidades que muitas vezes não foram percebidas em um primeiro momento a olho nu. Usaremos lentes mais potentes quando começarmos a análise de trechos e versículos de todo o livro de Gênesis.

É uma grande aventura percebermos as riquezas da Palavra! Afinal, é a revelação do Deus infinito a uma criatura finita. Quanto mais estudamos a Bíblia, mais conhecemos ao Senhor, a sua soberania, o seu poder e o seu imenso amor oferecido a cada um de nós. Devemos nos preparar, a partir de agora, para darmos um mergulho mais profundo no estudo das Escrituras.

**Visão microscópica**

Ao estudarmos pormenorizadamente o primeiro capítulo de Gênesis, que nos apresenta a narrativa da criação de todo universo, nos deteremos em um primeiro momento no exame das teorias a respeito da criação.

Creio que a maioria de nós conhece diferentes opiniões sobre a formação do nosso mundo e do universo onde ele está inserido. Há pessoas que crêem na criação divina, como é relatada na Bíblia, mas há aquelas que não aceitam essa narrativa.

Diversos livros abordam essas teorias, chamadas científicas, mas que muitas vezes de ciência só têm o título, porque são mudadas a cada período de anos. A maior parte delas chega a sofrer alterações de cinco em cinco anos.

Sempre existiram muitas hipóteses sobre a origem do universo e há até aqueles que afirmam que o mundo é uma ilusão e não uma realidade. Certamente não precisamos dizer que essa teoria está completamente

contra os fatos, mas ainda hoje temos aqueles que a aceitam como verdadeira.

Há os que defendem que o mundo surgiu espontaneamente do nada. Bem, num certo sentido é preciso lembrar que Deus é quem ordenou e tudo veio a existir. Ele realmente criou o universo do nada.

Também temos a teoria do Big Bang, que afirma que o mundo apareceu como conseqüência de uma grande explosão, bilhões de anos atrás.

## No princípio criou Deus os céus e a terra
### Gn 1.1

No princípio criou Deus o céu e a terra é uma das afirmações mais importantes que encontramos na Bíblia. E, com certeza, essas poucas palavras estão gravadas nas mentes de muitas pessoas, cristãs ou não cristãs.

Ao citarmos algumas teorias não criacionistas sobre a origem do universo, concentraremos nossa atenção sobre uma delas, o evolucionismo, que nunca pôde ser demonstrado como verdadeiro. Apesar disso, quando começamos a prestar atenção ao que é ensinado nas escolas públicas e particulares, vemos que muitos professores só se atêm a essa teoria, excluindo a alternativa do criacionismo. Percebemos que em muitos casos eles estão despreparados para falar sobre esse assunto tão importante e não se encontram em posição de apresentar o ponto verdadeiro. Mas felizmente, alguns cientistas sérios têm reconhecido o perigo de acreditarmos na teoria da evolução. Dentre esses, alguém disse certa vez que há uma teoria que afirma que todos os animais podem ser observados como tendo passado por muitas mudanças até que novas espécies foram surgindo. Isto pode ser chamado de teoria especial de evolução, e pode ser demonstrada em certos casos por meio de experiências. Por outro lado, outra teoria diz que todas as formas vivas do mundo surgiram de uma mesma fonte, que veio de uma forma inorgânica. Essa teoria pode ser chamada de teoria geral de evolução. Mas as evidências que sustentam essas e outras teorias não são suficientemente fortes para nos permitir considerá-las mais do que meras hipóteses. Em outras palavras somos advertidos a tomar cuidado e prestar atenção naquilo em que cremos.

Muitas tentativas para demonstrar a evolução por experimentos têm sido feitas no decorrer dos anos, e os resultados têm sido falhos. É claro que os criacionistas podem ser duramente acusados pelos evolucionistas. Mas é absolutamente claro que não podemos transformar um fato biológico da paleontologia nem mesmo numa caricatura. Os fósseis agora são mais abundantes e tem sido possível ao homem reconhecer novas classes, novas espécies, porém a falta de séries transicionais não pode ser explicada por escassez de material. As deficiências são reais, e elas nunca poderão ser preenchidas. Os elos perdidos poderão ser achados? A idéia da evolução até agora descansa apenas na fé. Ora, mesmo os evolucionistas têm de acabar admitindo que a teoria por eles defendida é defendida pela fé.

Então, podemos afirmar que a teoria da evolução e outras teorias são especulações da mente humana na tentativa de entender a nossa origem, embora, infelizmente, tenhamos inúmeras pessoas que aceitam o evolucionismo como sendo um fato.

Já que não há evidência suficiente que testifique sua veracidade, e se é necessário aceitá-la pela fé, entendemos que é melhor acreditar, pela fé, na Palavra de Deus e na sua narrativa sobre a criação, a narrativa de um Deus sábio que ordenou e tudo foi criado de modo bem específico. Você deve concordar que é melhor acreditar no relato bíblico do que aceitar também pela fé as diversas teorias humanas.

Em relação à idade do universo, por exemplo, existem aqueles que aceitam que, em algum ponto, há um bilhão e meio ou dois bilhões de anos, a vida miraculosamente apareceu na superfície da terra. E que forma tomou? Que circunstâncias físicas a trouxeram? Isso a ciência não sabe, nem pode responder com certeza a pergunta sobre o que é a vida. Os estudiosos apenas dizem que através de alguma agência, moléculas adquiriram habilidades para multiplicarem a si mesmas.

Várias pessoas defendem diferentes pontos de vista quanto ao tempo em que o mundo foi criado. Algumas falam em bilhões de anos; outras, em milhões de anos. Mas ainda existem aquelas que afirmam que ele deve ter sido criado há cinco bilhões de anos. Essas hipóteses só nos levam a dizer com mais firmeza que ninguém sabe, ninguém tem certeza de quando ocorreu a criação.

Como você reage a todas essas afirmações? Não fica surpreso? Mas quanto mais conhecemos essas teorias, mais vemos a importância da afirmação bíblica: No princípio criou Deus o céu e a terra. Quem criou o mundo? Deus. Deus criou tudo do nada. Quando? Não sabemos, e ninguém sabe.

No princípio criou Deus o céu e a terra, é o que a Bíblia nos diz, o que a Palavra confirma. Deus tem a eternidade atrás de si. Não negamos o fato de o homem ter uma mente investigativa, mas cremos ser uma pretensão muito grande afirmar que o ser humano pode saber tudo ou quase tudo a respeito da origem do universo, quando na realidade suas afirmações têm por base hipóteses e teorias.

Nós aceitamos as próprias declarações de Deus, quando por meio do salmista nos declara: **Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembres…? (Sl 8.3-4)**, ou quando aponta: **Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos (Sl 19.1)**.

O apóstolo Paulo também diz em Romanos 1.20: **Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas**.

Hebreus 11.3 afirma: **Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem**. Estamos certos de que a ciência tem pouco a dizer com segurança a respeito da origem do Universo, de como ele apareceu. Por isso, através dos textos que mencionamos, somos encorajados a aceitar a existência do mundo por meio da fé. Afinal, em Hebreus 11.6, lemos que **… sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe…**

Certamente Deus planejou assim. Quando lemos o registro bíblico sobre a criação e a história da origem do mundo em outras literaturas antigas, observamos que todas são, de alguma forma, paralelas ao relato do Gênesis.

Podemos, por exemplo, comparar o registro bíblico com o registro babilônico. O registro babilônico começa falando sobre o caos; a Bíblia sobre o cosmos "no princípio criou Deus o céu e a terra". Os corpos

celestiais são de Deus e não existe nada no mundo senão matéria. Isto defende o registro babilônico que também está de acordo com a Bíblia. A teologia da Babilônia acreditava no politeísmo, na existência de muitos deuses, enquanto a teologia bíblica apresenta a verdade monoteísta de que existe somente um Deus. No registro babilônico o mundo é obra de um artista, enquanto a Bíblia relata que Deus falou e tudo veio a existir. O registro babilônico é grotesco, mas ao mesmo tempo puro. O registro da Bíblia é divinamente inspirado e corresponde a uma realidade divina e solene. O registro babilônico está em desarmonia com a ciência moderna, mas é paralelo ao registro bíblico.

De fato, para aceitar como verdadeira a teoria da evolução, é preciso rejeitar a Deus, rejeitar sua revelação, rejeitar sua Palavra. Negar a queda do homem e o fato do pecado, por exemplo, é preciso rejeitar a Palavra de Deus. Esta é a razão porque podemos rejeitar a teoria da evolução. Temos certeza de que ela não é a resposta para o mundo em que vivemos.

Podemos considerar nesse momento uma outra pergunta. Não é mais quem criou o mundo, nem quando foi criado, mas por que foi criado. Quem criou o mundo foi Deus, mas por quê? Esta resposta é realmente importante. Observemos o que a Palavra de Deus tem a dizer a respeito.

Este universo que conhecemos, este universo onde vivemos, foi criado por Deus para o seu próprio prazer. Ele resolveu criá-lo, encontrando em sua obra o deleite. Apocalipse 4.11 diz: **Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas**. Ora, vemos que Deus criou este universo porque quis. Ele o criou para o seu próprio prazer, por amor. Você pode não gostar do universo, mas o Senhor gosta.

Deus nunca disse por que criou este pequeno mundo onde vivemos no meio de um universo tão grandioso, no exato lugar onde ele está. Ele poderia ter colocado a nossa terra em qualquer outra parte, se assim desejasse.

Não nos foi perguntado onde queríamos nascer. Alguém perguntou a você se queria nascer onde você nasceu? Certamente não! Se você tivesse a oportunidade de escolher, talvez teria escolhido nascer em outro lugar. Talvez você tivesse escolhido nascer exatamente onde nasceu. Mas ninguém teve essa oportunidade. Posso afirmar com segurança que este

universo onde você e eu vivemos foi criado por Deus para o seu prazer. Ele achou bom criá-lo e colocá-lo onde está e se deleitou com sua obra.

Mas há uma outra razão pela qual Deus criou o universo. Ele o criou para sua própria glória. A criação original, você sabe, declara a glória de Deus. Em Isaías 43.6-7 lemos: **Trazei meus filhos de longe e minhas filhas, das extremidades da terra, a todos os que são chamados pelo meu nome, e os que criei para minha glória, e que formei, e fiz**. Assim, podemos repetir: Deus criou este universo para a sua glória. Ele o criou e colocou o ser humano habitando na terra para a sua própria glória. Deus quer ter comunhão com o homem e o criou como um agente moral.

Muitas pessoas, para defenderem o que acreditam, dependem somente de especulações ou de teorias, enquanto nós temos a revelação de Deus que nos mostra que Ele criou este mundo, e também a nós, para a sua glória. Nós temos certeza de quem criou o homem e para qual propósito foi criado.

A ciência não tem conseguido explicar nada até agora. Continuamos mergulhados numa ignorância, num abismo com respeito do mundo no qual vivemos. Estamos ainda em trevas no que se refere à criação da terra. Como comentamos anteriormente, temos que escolher entre a especulação dos homens e a revelação de Deus, a revelação da sua Palavra.

Certamente daqui a alguns anos essas teorias humanas estarão completamente esquecidas, à semelhança de tantas outras, e então, muitos se voltarão para a Bíblia, onde encontramos a verdade de Deus sobre o universo e sobre o homem. Mas não precisamos esperar que elas caiam por terra para voltarmos à Palavra de Deus. Isso pode ser feito agora mesmo. Deus criou tudo para a sua glória, inclusive você e eu. Temos de viver sempre dentro deste propósito divino, de um Deus maravilhoso que criou tudo do nada.

Quando nos detemos um pouco mais especificamente nas palavras de Gênesis 1.1, na expressão “criou Deus”, encontramos o verbo hebraico “bara”, que significa “criar do nada”. Este verbo tem unicamente Deus como sujeito e sempre se refere a Ele como alguém que produz um resultado novo e imprevisível.

Deus criou tudo maravilhosamente do nada. No primeiro capítulo de Gênesis este verbo é usado apenas três vezes (v. 1, 21 e 27), relatando três atos da criação de Deus. No verso 1, temos a criação dos céus e da terra do

nada: **No princípio, criou Deus os céus e a terra**. No verso 21, a criação da vida dos grandes animais marinhos e das aves: **Criou, pois, Deus os grandes animais marinhos, e todos os seres viventes que rastejam**. E, por fim, no verso 27, encontramos o terceiro ato da criação, a vida humana: **Criou Deus, pois, o homem a sua imagem, a imagem de Deus o criou. Homem e mulher os criou**.

A teoria da evolução tem dificuldades com esse relato e não tem explicações satisfatórias. Para defender seus argumentos a evolução teísta afirma que os dias mencionados aqui correspondem a longos períodos de tempo, e não a dias de 24 horas. Mas é importante destacarmos que essa é apenas mais uma hipótese. O texto sagrado é claro em mostrar que se trata de dias normais e menciona a tarde, a manhã, além de falar do dia e da noite.

O verso 16 diz que Deus colocou luzeiros no firmamento dos céus para o maior governar o dia e o menor para governar a noite. Esses termos são bastante claros para mostrar que é possível aceitar, pela fé, os dias de 24 horas, e não apenas longos períodos de tempo.

Mas retornemos ao primeiro versículo, onde lemos que Deus criou o céu e a terra. No texto, a terra está destacada do restante da criação porque é o lar do homem, o local onde ele habita. Deus nos colocou na terra e nos interessamos por esse relato porque somos criaturas, somos criaturas da espécie humana.

## Os primeiros dias da criação
### Gn 1.2-31

Analisemos agora os demais versos. O verso 2 diz: **A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas**.

Alguns estudiosos traduzem essas palavras da seguinte maneira: **"**A terra, porém, tornou-se sem forma e vazia". Eles entendem que os versos 1 e 2 referem-se a dois atos criativos de Deus, interpretando que a criação inicial do verso 1 caiu em uma condição de desolação por causa de uma

grande catástrofe. Assim, a expressão "estava sem forma e vazia" é traduzida por "veio a ser sem forma e vazia".

Não há grande evidência para esta teoria, mas alguma coisa realmente aconteceu com a terra. Por que o mundo ficou dessa maneira? Podemos crer que houve uma catástrofe que abalou o universo de Deus.

Ainda no verso 2, lemos que **havia trevas sobre a face do abismo**. Quando a Bíblia diz que a terra estava ou tornou-se sem forma e vazia, mostra que havia um caos, que não foi criado por Deus.

Em Isaías 45.18, o profeta afirma: **Porque assim diz o Senhor, que criou os céus, o Deus que formou a terra, que a fez e a estabeleceu; que não a criou para ser um caos, mas para ser habitada…** No original hebraico lemos que Deus não criou a terra sem forma e vazia. Deus criou este universo como um cosmos, e não como um caos. O que Isaías defende nesse versículo, inspirado pelo Senhor, é que Ele criou a terra e a estabeleceu não para ser um caos, mas para ser habitada.

Até onde sabemos, a terra é o único lugar habitável do universo, mas no princípio estava ou se tornou sem forma e vazia. Era algo como um dos planetas que conhecemos, mas o Espírito de Deus se movia e pairava sobre as águas. Provavelmente o universo inteiro foi abalado por essa grande catástrofe. Mas a qual catástrofe nos referimos?

Como já dissemos, sobre esse assunto é possível fazer apenas conjecturas e não iremos entrar em detalhes. Mas é provável que tenha existido na terra uma criação pré-adâmica e que, entre os versos 1 e 2, a grande catástrofe se refira à queda de Lúcifer, que é Satanás, o diabo. Apesar de a Bíblia não fornecer detalhes, podemos, através de sua leitura e estudo, perceber que há indícios suficientes para chegarmos à conclusão de que a terra se tornou sem forma e vazia e se transformou num grande abismo, provavelmente com a presença de Satanás.

Mas o verso 2 termina dizendo que Deus, por meio do seu Espírito, tornou novamente a terra habitável para o homem: "… e o Espírito de Deus pairava sobre as águas". A palavra "pairava" usada aqui tem o mesmo sentido de proteger, cobrir, da mesma maneira que uma galinha acolhe e cobre os seus pintinhos. Vemos, assim, o Espírito Santo começando o seu ministério de refazer, de recriar. Ele entrou em cena para criar de novo. A mesma coisa o Espírito continua fazendo em cada um de nós. Jesus disse em João 3.7: **Importa-vos nascer de novo**. Esse novo

nascimento é obra do Espírito Santo que nos regenera, isto é, nos gera novamente. É possível aceitar que foi exatamente o que aconteceu com a terra criada.

Mas veremos agora o que houve nos outros seis dias da criação, da recriação. Do verso 3, até o final do capítulo, podemos dividir o relato em duas grandes partes:

Versículos 3-10 – Deus criou as estruturas fundamentais do nosso mundo: o tempo (v. 3-5), o espaço (v. 6-10) e o próprio espaço é estabelecido, tanto vertical (v. 6-8), como horizontalmente (v. 9 a 10).

Versículos 11-31 – Deus criou dentro do mundo estruturado os seres vivos e as condições para a sua sobrevivência. Criou as plantas (v. 11-13), os grandes luzeiros, Sol e Lua (v. 14 a 19), os animais marinhos e as aves (v. 20-25) e, finalmente, criou o ser humano (v. 26-28), dando-lhe condições de sobrevivência (v. 29-30). No verso 31 encontramos um parecer de Deus aprovando com satisfação a sua criação: **Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia**.

Veja o que textualmente diz o verso 3: **Disse Deus: Haja luz; e houve luz**. É aqui, pela primeira vez na Bíblia, que encontramos o Senhor falando. O nosso Deus fala! E quando Ele fala as coisas realmente acontecem. Jesus é o verbo divino. Em João 1.1 lemos: **No principio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus**. O que não existia passou a existir através da Palavra de Deus. Esse é o nosso Deus!

Nos versos 4 e 5 lemos: **E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas. Chamou Deus à luz Dia e às trevas, Noite. Houve tarde e manhã, o primeiro dia**. Nesta citação encontramos mais uma indicação de que é possível aceitarmos pela fé um dia constituído de 24 horas.

Nos versos 6 a 8, Deus falou novamente: **E disse Deus: Haja firmamento nos meios das águas, e separação entre águas e águas. Fez, pois, Deus o firmamento e separação entre as águas debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E assim se fez. E chamou Deus ao firmamento Céus…**

O firmamento aqui formado é o espaço acima das nossas cabeças, nas alturas, onde encontramos as nuvens, inclusive aquelas que formam as águas. Vemos também o firmamento no meio das águas, e a separação entre águas e águas.

Deus separou as águas não somente aqui na terra, mas também no céu. Na Bíblia encontramos três tipos de céu, ou três sentidos para a palavra. Jesus, por exemplo, falou das aves do céu, isto é, o céu que aqui é chamado de firmamento. Há também o céu das estrelas e ainda o terceiro céu, onde Deus habita. Essa é uma explicação aceita por muitos estudiosos, embora não a encontremos detalhadamente em nenhum texto bíblico. Houve, então, tarde e manhã, o segundo dia.

Nos versos 9 a 13, Deus ordenou que as águas se ajuntassem debaixo do céu num só lugar, e que aparecesse a porção seca, e assim aconteceu. À porção seca, Ele chamou terra, e ao ajuntamento das águas, mares. A terra produziu relva, ervas e árvores frutíferas. E viu Deus que era bom. Houve tarde e manhã, o terceiro dia.

Os versos 14 a 19 descrevem a criação divina dos grandes luzeiros: o Sol, a Lua e as estrelas foram colocados no firmamento, no céu, para alumiarem a terra, marcar dias e noites e as estações do ano. Deus viu que isso era bom e houve tarde e manhã, o quarto dia.

Nos versos 20 a 23, Deus criou e povoou as águas com enxames de seres viventes, os grandes animais marinhos, os répteis, os peixes e colocou as aves voando sobre a terra e sob o firmamento dos céus. E viu Deus que tudo era bom. Deus os abençoou e ordenou que se multiplicassem. Houve, assim, tarde e manhã, o quinto dia.

Antes de seguirmos adiante, vale a pena enfatizar novamente que Deus estava de forma ativa criando tudo do nada. Este registro, apesar de ser uma síntese de sua obra criativa, não dá margem para pensarmos que tenha usado o processo de evolução. Ele fez todas as coisas através da sua poderosa Palavra. Deus não criou apenas uma espécie que produziu outras espécies. Deus criou todas as coisas que até então não existiam. Esse é o nosso Deus criador!

Os versos 24 a 31 relatam Deus criando os animais domésticos, os répteis e animais selváticos, cada um segundo a sua espécie, contradizendo mais uma vez a teoria da evolução.

Ainda neste sexto dia, algo muito importante aconteceu. Deus disse: **Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança (v. 26)**. Note que o verbo fazer é citado no plural e por duas vezes temos o pronome também no plural. Mesmo que se interprete o seu uso gramaticalmente, como o de majestade (no qual o sujeito singular se refere

a si mesmo como se fosse coletivo), ou o deliberativo (no qual Deus direciona uma afirmação a si mesmo), encontramos aqui uma clara indicação da pluralidade dentro da unidade divina, referindo-se às três pessoas da Trindade.

Eu e você somos obras das mãos poderosas e amorosas de Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo. Não somos produto de evolução. Foi Deus quem nos criou. Nós, seres humanos, não viemos de uma planta ou de um animal. Fomos criados por Deus à sua imagem e semelhança. Descendemos todos desse homem que Deus criou. Somos obras das suas mãos. Esta é a realidade que Gênesis nos apresenta. A realidade do relato bíblico.

## O sexto dia da criação
### Gn 1.26–31

Em Gênesis 1.26, Deus diz: **Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra**. Registramos com esse texto a criação do ser humano conforme a imagem e semelhança de Deus. Ao estudarmos o capítulo 2 de Gênesis veremos, acrescida de mais detalhes, essa criação do homem.

O verso 27 confirma: **Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou**. Estamos diante do simples, mas profundo fato da criação do homem, onde pela terceira vez a palavra "bara" aparece significando "criar do nada".

Deus e sua Palavra não falam pormenorizadamente a respeito de todas as coisas que foram criadas. Muitos detalhes foram omitidos. No princípio criou Deus os céus e a terra é tudo o que temos a respeito da criação do universo. É tudo quanto Deus nos diz e conhecemos a respeito da sua criação.

A Bíblia poderia ter oferecido mais informações sobre como Deus fez o universo e toda a terra com suas criaturas, mas isso não aconteceu. Também em relação à criação do homem, nem todos os detalhes foram dados através da revelação divina. Mas no capítulo 2, a Bíblia apresenta

vários pormenores, porque este livro foi escrito para o homem, e Deus quer que nós, seres humanos, saibamos qual a nossa origem, qual a origem da nossa vida e como surgimos nesse planeta. Através da explicação que a Bíblia oferece sobre o homem, Deus parece estar dizendo: "Gostaria que você prestasse atenção na sua própria criação, e não nas especulações a respeito da criação do universo".

O relato da história do homem se torna ainda mais interessante quando lemos que Deus lhe deu o domínio sobre tudo quanto fora criado na terra. Observe o final do verso 26: **… tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra…** No verso 28 esse poder é reforçado. Adão não foi feito para ser um jardineiro apenas, para cultivar o jardim do Éden. Deus lhe deu autoridade sobre tudo, sobre toda a terra. Não podemos conceber algo tão fantástico: depois da criação do homem, a transferência do domínio sobre todas as coisas mostra o valor que Deus atribui ao ser humano.

É também inegável o destaque que a Bíblia apresenta quando relata que o homem foi criado à imagem de Deus. Isso quer dizer que, sendo Deus um Deus trino, e sendo o homem criado à sua imagem, podemos entender que este homem é formado por três elementos essenciais: o físico, o racional e o espiritual. É dessa maneira que podemos explicar a constituição do homem.

Veja o que diz o apóstolo Paulo em 1Tessalonicenses 5.23: **O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo**. Ora, pelo fato de ser o homem uma pessoa, é possível entendê-lo como autoconsciente, que faz suas opções, toma suas próprias decisões. O homem é um ser moralmente livre, característica perfeitamente confirmada pelo fato de ter sido criado a imagem e semelhança de Deus.

Percebemos, então, que os últimos versículos do primeiro capítulo de Gênesis compõem a parte final da narrativa seqüencial sobre a criação. A Bíblia não dedica espaço maior para explicar qualquer coisa a respeito da criação do universo, da terra ou do homem, com exceção de alguns versículos isolados aqui ou ali. No entender de Deus, esse registro era, e é o suficiente!

Isso é significativo porque as palavras que destacamos até agora merecem toda a nossa atenção, e a Bíblia declara de maneira inequívoca que Deus criou toda a natureza do nada. Com exceção do ser humano, que foi criado do pó da terra, cada animal, cada ser, foi criado conforme a sua espécie, a partir do que não existia.

Portanto, é pela fé que entendemos que o mundo foi criado por meio da palavra de Deus. As coisas que vemos, as coisas visíveis, foram criadas pela palavra de Deus daquilo que não existia antes. Deus criou tudo do nada e, para sermos verdadeiros, temos que admitir que é difícil explicar o quê e o como tudo aconteceu. O finito não pode conter o infinito.

Enquanto isso, temos a alternativa de crer. É importante destacarmos, apenas para confirmarmos, que os cientistas, com todas as hipóteses (sejam elas fixistas ou evolucionistas), também não explicam a origem do homem e das diferentes espécies de animais, aves, répteis e pássaros. As diversas teorias não conseguem responder como as coisas puderam ser criadas a partir do nada. Nesse ponto é necessário mencionarmos, de modo geral, algumas dessas teorias para que você possa, pelo menos, saber que elas existem e o que defendem.

Dentro da família das hipóteses fixistas encontramos a teoria da geração espontânea, originalmente divulgada por Aristóteles, influenciado por Platão, que considerava que os seres vivos eram constantemente formados a partir da matéria não viva e estavam organizados numa "escala natural" na qual não teriam a possibilidade de alterar as suas características, passando ou originando outras espécies.

Outra teoria fixista é o criacionismo, que apresenta Deus como criador de todas as espécies, animais e vegetais através de um único ato e que, a partir desse momento, elas permaneceriam imutáveis, sendo qualquer imperfeição resultado das condições ambientais.

Dentro da família das hipóteses evolucionistas, também chamadas transformistas, surgidas a partir do século XVIII e influenciadas pela ciência sistemática (estudo da classificação dos organismos), e paleontologia (estudo dos fósseis), encontramos a teoria de Maupertuis. Ela considerava todos os animais provenientes de uma mesma fonte original, e as alterações seriam erros genéticos na reprodução.

A teoria do conde de Buffon, Georges Leclerc, afirmava que o surgimento das várias espécies seria ocasionado pelas variações geográficas e alimentares do local para onde as espécies teriam migrado.

A teoria de Cuvier, em 1799, afirmava que as espécies foram sendo transformadas em razão das catástrofes glaciais, dos dilúvios e dos terremotos. Os seguidores de Cuvier levaram essa teoria ao extremo dizendo que todas as espécies foram destruídas, sendo depois repostas por novos atos da criação divina.

Em 1859, a teoria evolutiva de Charles Darwin, também conhecida como teoria da seleção natural, afirmava de modo geral a existência de uma "luta pela vida" e a sobrevivência dos elementos mais fortes e mais capazes de cada espécie.

Poderíamos mencionar muitas outras teorias, mas cremos que a apresentação de algumas delas já é suficiente para percebermos as inúmeras tentativas humanas de explicar a origem de toda a criação, por não aceitarem o relato bíblico da criação divina.

No verso 28, após ter criado o homem e a mulher, Deus disse-lhes: **Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra**. Devemos atentar especialmente para estas palavras: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra". Aqui estamos diante de um assunto que muitos consideram ainda um assunto delicado. Mesmo com todo o avanço do conhecimento nessa área, alguns entendem que não se deve falar, não se deve escrever ou conversar, porque envolve o sexo. Realmente, ainda existem pessoas que crêem que o sexo é imoral e não deve ser tratado publicamente, e que Deus deu às suas criaturas algo perigoso e impróprio. Mas sexo é a parte que Deus deu às suas criaturas para que se reproduzissem, se multiplicassem e também tivessem satisfação.

Encontramos nessa passagem Deus abençoando e ordenando às suas criaturas que fossem fecundas, que enchessem o mundo, que povoassem a terra. A maneira pela qual essa ordem se cumpriria seria através dos aparelhos reprodutores de cada ser, conforme a sua espécie. E para que isso acontecesse, o sexo deveria ser usado corretamente.

É verdade que temos gente demais falando sobre o sexo em nossos dias. Muitos que pertencem à chamada nova geração pensam que

descobriram o sexo, que fizeram uma grande descoberta. Mas como vemos nesse livro, Deus falou sobre este assunto bem no início da história humana.

Algumas pessoas também olham para o sexo com medo, ou como sendo uma coisa indigna. Mas a Bíblia narra que Deus criou o homem dando-lhe a ordem e as condições para se reproduzir, o que é maravilhoso, porque é uma das maneiras de participarmos da criação divina. Infelizmente muitos têm transformado o sexo numa coisa degradante, sendo inclusive assunto de exploração obscena em revistas, livros, artes e em diversos meios de comunicação. Isto é revoltante, é repulsivo. É a corrupção do que foi criado com bons propósitos.

Tudo o que Deus criou é puro, e com pureza deve ser usado. Não se deve corromper o que foi criado com uma finalidade tão elevada. O homem, como ser moral, tem uma responsabilidade moral distinta de não desvirtuar a criação original, porque ele é a imagem de Deus.

Agora note outro ponto importante. Deus ordenou ao homem criado à sua semelhança que se reproduzisse. No verso 31 lemos: **Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia**. Ora, se Deus, depois de ter feito a sua obra criadora, entendeu que estava tudo muito bom, quem somos nós, seres humanos criados, para contradizê-lo? O correto é aceitar, pela fé, que tudo o que foi feito por um Deus perfeito, também é perfeito!

## A criação do ser humano
### Gn 2.1-25

Os versos 1 a 3 de Gênesis 2, afirmam que Deus, ao terminar de criar os céus e a terra e todo o seu exército, astros e estrelas, descansou no sétimo dia, o abençoou e o santificou: **Porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera**. Sobre essa afirmação é necessário sabermos que o verbo descansar significa “cessar” ou “terminar”. Dele provém a palavra “shabat” que, transliterada para o português, significa “sábado” ou “dia de repouso”. Mas dizer que Deus descansou não deve ser interpretado que Ele estava cansado ou que parou de agir, mas que considerou a sua obra bem-sucedida e assim finalizou-a.

Temos que procurar entender melhor a questão da santificação do sétimo dia, da sua bênção, do dia de descanso. A intenção de Deus era o bem do ser humano. O sábado foi instituído para ser um dia de descanso e de celebração especial do concerto, da aliança. Esse dia é santificado no sentido de que todos os que observam o seu verdadeiro objetivo desfrutam as bênçãos divinas decorrentes dessa obediência.

Mas voltemos um pouco mais. Nos cinco primeiros dias Deus fez uma criação parcial. Possivelmente este universo no qual vivemos exista a bilhões de anos e, como mencionamos anteriormente, tenha ocorrido alguma catástrofe que o abalou totalmente, deixando a terra, no mínimo, em completo caos, "sem forma e vazia".

Foi necessário que Deus fizesse uma espécie de recriação, atuando através do seu Santo Espírito que pairava por sobre as águas. Deus fez uma nova criação e o homem foi criado por Deus no sexto dia dessa recriação. Encontramos uma referência à gênese, a origem dos céus e da terra, no verso 4: **Esta é a gênese dos céus e da terra quando foram criados, quando o Senhor Deus os criou**. Gênesis é o livro dos começos, por isso o uso da palavra "gênese" que quer dizer formação, constituição, origem.

Nos versos 5 e 6 lemos: **Não havia ainda nenhuma planta do campo na terra, pois ainda nenhuma erva do campo havia brotado; porque o Senhor Deus não fizera chover sobre a terra, e também não havia homem para lavrar o solo. Mas uma neblina subiu da terra e regava toda a superfície do solo…**. De acordo com essas palavras, podemos constatar que a neblina citada regava toda a terra e já ocorria antes de o homem existir.

Nesse ponto da narrativa, percebemos o propósito bíblico do relato de todo o capítulo 1: Deus estava preparando um lar para o homem que criaria no último dia, no sexto dia. E agora, no capítulo 2, temos o relato de Deus criando e colocando o homem nesse lugar em que havia preparado para ele. Este é um dos aspectos mais notáveis desta primeira parte do livro de Gênesis.

Voltando ao assunto central deste capítulo, a criação do homem, ou o método usado por Deus para a sua criação, lemos no verso 7: **Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente**. Deus, no capítulo 1, sem matéria alguma, criou tudo do nada. O mundo veio a

existir daquilo que não havia. Do nada para a vida. Não temos qualquer referência a transição ou a evolução dos animais para o ser humano. E, isso não foi registrado porque, de fato, não existiu essa ligação.

Mais uma vez Deus não nos revela muito sobre como fez o homem, mas diz que o formou do pó da terra no seu aspecto físico. É interessante notarmos que na constituição do nosso organismo encontramos de quinze a dezesseis elementos químicos originários da terra. Se os cientistas apanhassem qualquer um de nós e procurassem separar e avaliar todos os elementos químicos presentes no corpo, chegariam à conclusão que custamos relativamente pouco. Fisicamente não valemos quase nada, porque fomos formados do pó da terra. O homem, no seu aspecto físico, é pó, nada mais do que pó, e a ele se tornará.

Porém o homem tem um outro elemento que é o espírito. Quando o pó volta ao pó, o espírito humano volta a Deus, de onde veio, conforme diz o Salmo 146.4: **Sai-lhes o espírito, e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia, perecem todos os seus desígnios]**. E Eclesiastes 12.7 também diz: **pó volte a terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu**.

O homem tem esse espírito porque Deus soprou em suas narinas o fôlego da vida e ele tornou-se alma vivente. Deus criou o homem do pó da terra, depois soprou no homem alma vivente e lhe deu vida física, ou fisiológica, e depois a espiritual, que possibilita o relacionamento entre criatura e Criador.

O ser humano tem a capacidade de se comunicar com Deus em seu ser. Isso não acontece no aspecto físico, mas no espiritual, pois afinal Deus é espírito: **Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade (Jo 4.24)**. É esse relacionamento que torna o homem diferente de qualquer outra criatura que exista no universo.

Ao observarmos todas essas questões, fica mais evidente que não há a mínima possibilidade de sustentação da teoria da evolução na criação do homem. Não é possível admitir, como querem os evolucionistas teístas, que o ser humano por si só chegou a tal ponto de desenvolvimento que se tornou capaz de relacionar-se com Deus. Nenhuma forma de evolução pode levar o homem a ser o que ele é: um ser inteligente, consciente e uma pessoa espiritual que pode relacionar-se com o Deus Criador, que é espírito. A evolução mais uma vez tem dificuldade em defender-se diante

das precariedades de suas provas, da falta de evidências e, especialmente, da Palavra de Deus.

É muito fácil separar ossos humanos, compará-los com os de um antropóide e apresentá-los como o elo perdido. Pode haver grande semelhança entre eles, mas há também uma grande diferença. Há similaridades porque são criaturas que viveram no mesmo mundo e há certas formas ósseas que se parecem. Contudo as diferenças são maiores que as semelhanças. O homem é uma criatura diferente. Deus soprou nas suas narinas o fôlego da vida e ele tornou-se alma vivente. Foi criado de um modo espantoso e maravilhoso. É essa verdade que devemos ter sempre em mente.

O verso 8 diz: **E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado**. Não é possível dizer com precisão onde estava situado o jardim do Éden, porque apesar de termos registrado que ele ficava no vale dos rios Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia, os rios Pison e Giom, mencionados nos versos 11 e 13, nunca foram localizados ou identificados.

Esse jardim do Éden, cujo significado em hebraico é jardim de delícias, originalmente ocupava o vale desses rios, sendo um lugar muito fértil. Como ainda hoje, de certo modo, é parte do crescente verde, do crescente fértil daquela região.

No verso 9 encontramos referência ao que havia no meio do jardim: **Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista, e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal**. Aqui aparecem algumas árvores incomuns especificamente mencionadas, como por exemplo a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Não podemos explicar muito a respeito delas, porque não existem mais nos dias de hoje. Elas foram tiradas de cena. Mas vemos que eram árvores agradáveis à vista, belas e com o seu lado prático: também eram boas para alimentação.

Podemos entender a árvore da vida como associada à concessão da vida, isto é, seus frutos forneciam vida. Essa árvore é citada em Apocalipse 2.7, na carta de Jesus à igreja de Éfeso, onde é prometido que quem ouvir suas palavras será o vencedor e poderá comer do fruto da árvore da vida. A árvore é citada também em Apocalipse 22.2, no relato da

visão da Nova Jerusalém. No meio de sua praça, de uma a outra margem do rio, está a árvore da vida produzindo doze frutos, um a cada mês, cujas folhas servem de cura para as nações. No verso 14 de Apocalipse 22, há também a bem-aventurança para os salvos, que lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro e terão o direito à árvore da vida.

Podemos compreender o significado da árvore do conhecimento do bem e do mal como sendo a possibilidade do ser humano de fazer escolhas, ser responsável por suas decisões. Ela indica a autonomia do ser humano, a possibilidade de se autogovernar, de ter sua independência entregue por Deus.

O jardim do Éden deve ter sido um lugar realmente bonito. Nos versos 10 a 15 lemos:

**10. E saía um rio do Éden para regar o jardim e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços.**
**11. O primeiro chamava-se Pisom; é o que rodeia a terra de Havilá, onde há ouro.**
**12. O ouro dessa terra é bom; também se encontram lá o bdélio e a pedra de ônix.**
**13. O segundo rio chama-se Giom; é o que circunda a terra de Cuxe.**
**14. O nome do terceiro rio é Tigre; é o que corre pelo oriente da Assíria. E o quarto é o Eufrates.**
**15. Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar.**

Deus colocou o homem no jardim para que tivesse domínio sobre ele, o cultivasse e o guardasse. Mas Deus também deu uma ordem nos versos 16 e 17: **De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás**. A intenção original de Deus não era que o homem morresse, mas foi-lhe aplicado um teste. Isso nos lembra sempre que fomos criados seres livres e que esse privilégio criou e cria responsabilidade. Esta é a verdade sobre o ser humano. Adão e Eva estavam diante de uma grande prova. A questão era se iriam ou não obedecer. É bem possível que a árvore fosse a mais bonita e a que produzisse o melhor fruto do jardim. Mas era uma prova de obediência. No dia em que comessem, morreriam. E foi o que aconteceu.

Diante dessa afirmação é importante lembrarmos novamente dos três elementos que formam o homem. Adão não morreu fisicamente, pois viveu até chegar à idade de 900 anos. Mas Deus disse: "No dia em dela comeres, certamente morrerás". Precisamos entender que a morte significa separação. E, assim, o homem foi separado espiritualmente de Deus no mesmo dia em que comeu da árvore, no mesmo instante em que desobedeceu. Disso podemos ter certeza.

Leiamos o verso 18: **Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea**. Após ficar sozinho no jardim por certo período de tempo, o homem descobriu que estava incompleto. Percebeu que necessitava de mais alguém, de uma companheira.

No verso 19 lemos: **Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles**.

O verso 20 completa dizendo: **Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea**. Adão deveria ser uma pessoa muito capacitada para conseguir nomear todos os animais do mundo. Mas certamente sentia falta de uma companhia no seu nível, com quem pudesse se comunicar.

Deus percebeu essa necessidade e o texto sagrado nos versos 21 a 25 relata:

**21. Então, o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne.**
**22. E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe.**
**23. E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada.**
**24. Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne.**
**25. Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam.**

É interessante notarmos que Eva foi tirada de Adão, do seu lado. Como diz um dito popular: "Deus não a tomou da cabeça, para não ser superior a

Adão; não a tirou de seus pés para que não fosse inferior a ele. Mas tomou-a do seu lado para que fosse sua igual e para estar com ele".

Assim Eva foi idealizada como companheira, como auxiliadora idônea. Sua criação foi indireta porque Deus a formou do homem, do seu lado. Isso revela que a mulher é parte do homem, sua outra metade. Os dois juntos se completam e criam uma unidade quando se casam. Tornam-se uma só carne, formando uma nova célula familiar.

## A queda do ser humano – o pecado
### Gn 3.1-13

O capítulo 3 de Gênesis é considerado por todos os expositores fiéis da Palavra de Deus como um dos textos mais importantes de todo o conteúdo bíblico. Nele está registrada a queda do ser humano que trouxe como conseqüência a separação entre o homem e Deus. Ele pode ser chamado de "pivô" da Bíblia, e se você quiser fazer um teste de sua relevância, leia os capítulos 1 a 11 de Gênesis, saltando o capítulo 3. Você chegará à conclusão que existe um tremendo vácuo que necessita ser preenchido, porque nesse intervalo aconteceu algo que mudou a história da humanidade.

Em Gênesis 1 e 2 encontramos o homem ainda em estado de inocência. Tudo era perfeito e havia uma relação de amizade entre Deus e o homem.

Nos capítulos de 4 a 11 são expressas cenas de ciúme, ira, mentira, assassinato, maldade, corrupção, rebelião e castigo.

E diante desse quadro, surgem algumas pergunta: O que aconteceu para esta mudança? Como tudo aconteceu? Onde tudo começou? O pecado é a resposta a essas questões. Mas ainda, pergunta-se: de onde se originou o pecado? O pecado não se originou nesse ponto das Escrituras, mas no que se refere ao homem, foi ali que ele teve início.

Diante da importância do capítulo 3, nos deparamos com o grande drama da raça humana. Esse drama começou há muito tempo e só será finalizado na consumação dos tempos. Neste capítulo encontramos a explicação divina da queda e da ruína moral da nossa raça, as sutilezas do inimigo, Satanás, e a fraqueza do homem em tentar andar por si só no caminho da obediência quando a graça divina já representava a sua única esperança.

Em Gênesis 3 descobrimos os efeitos espirituais do pecado; vemos o homem fugindo do seu Criador; vemos a atitude de Deus para com o pecador culpado; mas constatamos também a tendência universal da natureza humana em tentar encobrir a sua própria vergonha moral por meio de obras das suas mãos.

Apesar do triste relato do fracasso humano, esta passagem bíblica nos fala da provisão graciosa de Deus para suprir a necessidade do homem. As profecias de salvação da humanidade, que são pronunciadas em toda a Bíblia Sagrada, têm seu início aqui, e aprendemos que o homem não pode aproximar-se de Deus a não ser por meio de um mediador justo.

Dedicamos um tempo maior estudando os primeiros capítulos de Gênesis, porque eles são fundamentais para entendermos o que viria a seguir. Verdadeiramente, muitas vezes, a Bíblia relata um conteúdo muito profundo num espaço muito pequeno de texto.

O verso 1 diz assim: **Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?**

Diante desse relato surge mais uma pergunta: Por que a tentação?

Para formular adequadamente uma resposta temos de, primeiramente, lembrar que o homem, como o conhecemos hoje, não foi sempre assim. Ele foi criado puro. Havia em seu ser inocência e dependência de Deus. Mas nesse meio tempo surgiu o teste, que tanto poderia ter ajudado no desenvolvimento do ser humano quanto o ter levado à destruição. E o jardim do Éden não era um lugar que estava isento de testes, trabalho e desafios.

O caráter do homem precisava ser desenvolvido e, por ser livre, ele tinha a responsabilidade de glorificar a Deus, de obedecê-lo e servi-lo, submetendo-se e dependendo do governo divino.

O homem não teve participação nenhuma na sua criação e Deus não foi arbitrário ao criá-lo. Tanto é verdade que disse a Adão: **Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás (2.17)**. Deus não havia colocado no jardim apenas esse tipo de árvore. Muitas outras árvores que produziam bons frutos estavam à disposição do homem, de forma que não havia necessidade dele comer o fruto proibido.

Ao ordenar que não comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal Deus atribuiu responsabilidade ao homem. Ele passou a ser considerado uma criatura responsável. E, assim, surgiram as condições ideais para o teste e, infelizmente a conseqüente queda humana.

O primeiro versículo deste capítulo ainda fala sobre a serpente, isto é, Satanás, o diabo, o grande dragão, o enganador. Mas de onde ele surgiu? Como já falamos anteriormente, provavelmente sua rebelião contra Deus, e sua queda, aconteceu no intervalo de tempo entre os versos 1 e 2 de Gênesis 1. A Bíblia diz que Satanás foi lançado na terra juntamente com os anjos que o seguiam.

E ninguém deve ter uma opinião errônea a respeito da serpente, pois sobre ela lemos em Apocalipse 20.1,2: **Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos**. Embora não sejamos dogmáticos, concordamos com os estudiosos quando dizem que a origem de Satanás é descrita em Isaías 14 e em Ezequiel 28.

Leia agora os versos 1 a 5 de Gênesis 3:

**1. Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?**
**2. Respondeu-lhe a mulher: Do fruto das árvores do jardim podemos comer,**
**3. mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais.**
**4. Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis.**
**5. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal.**

Podemos destacar alguns detalhes importantes nesse relato da tentação. Em primeiro lugar, a serpente, ao dirigir-se a mulher, perguntou-lhe de forma mentirosa, adulterando a Palavra de Deus, se eles não poderiam comer de toda árvore do jardim.

Em segundo lugar, Eva, ao invés de rejeitar a pergunta mentirosa, também mudou a Palavra e acrescentou algo que Deus não ordenara, dizendo que não deveriam tocar no fruto.

Em terceiro lugar, o diabo contradisse outra vez a Palavra de Deus afirmando categoricamente que se comessem do fruto proibido não morreriam.

E, em quarto lugar, o diabo lançou a sedução no coração de Eva ao dizer-lhe que, se comessem, seriam como Deus, conhecedores do bem e do mal.

Dá para perceber como aconteceu a tentação? Ela foi um processo e se deu em relação à Palavra de Deus. Mentiras, dúvidas, incertezas em relação à Bíblia levam a tentação e conduzem ao pecado!

Mas por que Satanás se aproximou da mulher e não do homem? Por que tentou a mulher e não o homem? O texto bíblico aponta a serpente (Satanás, o nosso inimigo), como astuta e sagaz. Sabendo que a mulher fora criada por último, e que havia recebido a ordem divina através de Adão, e não diretamente de Deus, preferiu aproximar-se dela.

É possível fazer aqui uma aplicação para os nossos dias. Quando não damos prioridade ao estudo direto na Bíblia, feito por nós mesmos, e ficamos dependendo somente de terceiros para receber alimento espiritual, podemos correr o mesmo risco de Eva. Mas se com disciplina dedicarmos um tempo diário para conversarmos com Deus e ouvir a sua voz, através da leitura e do estudo do texto bíblico, cada vez mais seremos fortalecidos e ficaremos firmes contra as armadilhas de Satanás.

Precisamos sempre nos lembrar que uma das primeiras táticas do Maligno é lançar dúvida em nossas mentes a respeito da Palavra de Deus. Satanás, em outras palavras, disse a Eva: “Bem, se Deus é justo, como pode deixar você morrer?”. Ele lançou dúvidas sobre o caráter, sobre a santidade e a justiça de Deus.

Se não temos firmeza nas verdades bíblicas nos tornamos alvos fáceis de Satanás, pois ele é perito em distorcer, corromper e contradizer a Bíblia. E isso ele faz, muitas vezes, transformando-se em um anjo de luz, conforme Paulo nos adverte em 2Coríntios 11.14: **E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz**.

Continue acompanhando a seqüência dos fatos. Depois de a serpente lançar dúvidas na mente de Eva, ela estava pronta para desobedecer: **Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu (v. 6)**.

Perceba a tática que Satanás empregou aqui. Primeiro, fez um apelo à carne, à satisfação das necessidades físicas. Mas isso não era tudo. O fruto era também agradável aos olhos e Eva se satisfaria com sua beleza estética. Por último, ele se aproveitou do senso de poder que todos nós carregamos. Eva entendeu que o fruto era desejável para dar entendimento, e desejou ser como Deus.

É interessante notarmos que estes mesmos apelos foram feitos a Jesus no deserto, e são feitos a nós continuamente. Você se lembra dos textos de Mateus 4.1-11 e 1João 2.15-17? Na primeira passagem vemos o relato de Jesus sendo tentado fisicamente pela fome: **Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães (v. 3)**. No caso de Eva, o fruto era bom para ser comido. É o que João chama de "concupiscência da carne" (1Jo 2.15).

Depois, Satanás levou Jesus à parte mais alta do Templo e o desafiou: **Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem (v. 6)**. Esse foi o apelo feito ao senso de poder de Jesus. Ele se jogaria dali e, poderosa e espetacularmente, os anjos viriam em seu socorro. No caso de Eva, o fruto era desejável para dar entendimento. Aquilo que João chama de "soberba da vida".

E, em seguida, depois de levar Jesus a um monte muito alto, o diabo mostrou todos os reinos do mundo e a glória deles e lançou mais um desafio para Jesus: **Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares (v. 9)**. No caso de Eva, o fruto era agradável aos olhos. É o que João chama de "concupiscência dos olhos".

Enfrentamos esse antigo inimigo todos os dias e, por isso, precisamos estar bem conscientes de sua estratégia. "A concupiscência da carne" é o desejo, o apetite maligno da nossa velha natureza; "a concupiscência dos olhos" é o desejo, o materialismo avarento e transitório; e "a soberba da vida" é o orgulho, a vanglória, a jactância em relação àquilo que possuímos.

Tanto na tentação de Eva quanto na de nosso Senhor o diabo usou as palavras pronunciadas por Deus, de uma maneira distorcida, gerando dúvidas em relação ao que Deus tinha verdadeiramente falado.

O relato dos versos 7 a 13 mostra a conseqüência da desobediência, do pecado. Quando desobedeceram, Adão e Eva perceberam que estavam nus,

fizeram um tipo de vestimenta de folhas para se cobrirem (v. 8), e se esconderam de Deus (v. 9,10). É isso que o pecado provoca. Ele nos leva a ter medo, a ficar distantes de Deus e nos escondermos Dele.

Mas não foi só isso que o pecado trouxe. Quando Deus questionou Adão sobre a sua situação (v. 11), ele imediatamente deu um jeito de transferir a culpa: **A mulher que me deste por esposa… (v. 12)**. Querendo isentar-se da culpa sem se arrepender, sem confessar o erro, não vacilou em acusar sua mulher e a Deus. Será que percebemos como o pecado afeta a relação entre as pessoas e a nossa relação com Deus?

Seguindo a narrativa, verificamos que Eva também tentou se isentar do erro: **A serpente me enganou, e eu comi (v. 13)**. Ao invés de confessar o pecado, ela tentou transferir a culpa para o diabo, exatamente como Adão fizera antes.

Não é exatamente assim que procedemos muitas vezes? Desobedecemos a Deus e pecamos, mas ao invés de confessarmos, culpamos outras pessoas pelos nossos erros. Que Deus possa livrar-nos dessa terrível tendência humana!

## As conseqüências do pecado
### Gn 3.14-24

O julgamento divino sobre o pecado aconteceu em três etapas. Primeiro, Deus se dirigiu à serpente, nos versos 14 e 15 de Gênesis 3: **Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida**. A Bíblia não fala que forma física a serpente tinha antes de receber essa maldição, mas certamente ela não era como a conhecemos hoje. Não sabemos se tinha pernas ou pés, mas depois dessa palavra divina ela ficou condenada a rastejar, comendo o pó da terra, como uma figura de extrema humilhação.

A sentença do diabo, que usou a serpente e tentou o ser humano, foi contundente. Ele já havia se rebelado contra Deus, já fora expulso do céu, conforme vimos anteriormente e lemos em Apocalipse 12. A Palavra de Deus veio, então, confirmar a existência de uma luta entre o bem e o mal. A constante luta entre o ser humano e as serpentes simboliza essa luta secular entre Deus e o Maligno, batalha sempre travada no interior do ser humano.

A serpente (Satanás), iria ferir o calcanhar do descendente da mulher (Jesus Cristo, que descende só de Maria, porque José foi apenas o seu pai legal), que esmagaria a cabeça da serpente (como de fato esmagou, com a ação indicada na morte de Jesus na cruz). Mas a plena vitória de Deus sobre as forças satânicas, da qual todos os crentes participarão, ainda acontecerá, conforme Paulo afirma em Romanos 16.20: **E o Deus da paz, em breve, esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás**.

Podemos dizer que temos no v. 15 o proto-evangelho, isto é, o primeiro anúncio do evangelho, das boas notícias da salvação divina, a primeira profecia sobre o Salvador, o Messias. A verdade bíblica que é contada por toda a história da humanidade estava assim proclamada: Deus procura pelo homem, e mostra a ele a salvação em Cristo Jesus.

Em segundo lugar, temos o julgamento e a condenação da mulher. O verso diz: **E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará**. A condenação da mulher recaiu sobre aquilo que era exclusivamente dela, isto é, a possibilidade de auxiliar o marido e gerar filhos.

A serpente e a terra foram amaldiçoadas, mas a mulher e o homem foram condenados. A mulher foi condenada a ter sérios problemas no seu papel de esposa e mãe. Ela teria dificuldades na sua tarefa de ser auxiliadora idônea, porque a partir dali não haveria mais o governo compartilhado no jardim; o seu desejo estaria submisso ao desejo do marido, que a governaria. Em relação à maternidade, ela passaria por grande sofrimento, teria um sofrido trabalho para dar à luz filhos.

É importante notarmos que essa submissão ao marido não indica menosprezo à pessoa ou aos dons da mulher, mas um papel redentor do marido frente à esposa, visando restabelecer o companheirismo original.

Em terceiro lugar, os versos 17-19 nos mostram o julgamento e a condenação do homem:

**17. Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenei não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida.**
**18. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo.**

**19. No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes a terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás.**

Graças à misericórdia de Deus, a maldição recaiu sobre os domínios do homem e não sobre o homem propriamente dito. É importante percebermos que existe uma diferença entre maldição e condenação. O homem, que deveria conduzir a mulher, foi por ela conduzido e assim trouxe maldição sobre a terra e condenação sobre si mesmo.

Através de trabalho penoso e árduo ele passaria a obter o seu sustento, a sua alimentação. Mas ao mesmo tempo em que temos a condenação, temos a graça divina, pois o homem conseguiria produzir alimentos que lhe sustentariam a vida.

A menção dos cardos e abrolhos, isto é, pragas vegetais, plantas rasteiras e espinhosas, são sinais da natureza amaldiçoada não dominada, em rebelião, por causa do pecado do homem.

E a referência de que o ser humano voltaria à terra de onde havia sido formado, pois era pó e ao pó tornaria, indica que a terra que deu origem ao seu corpo, que seria a fonte do seu alimento, veio também a ser símbolo da morte que aguardaria o seu fim. Certamente essas foram palavras contundentes!

Mas talvez haja ainda quem esteja se questionando sobre que tipo de morte o texto se refere. A morte espiritual foi claramente explicada quando estudamos o texto de Gênesis 2.17. Deus disse que haveria morte se houvesse desobediência, mas depois que ela aconteceu não houve morte física imediata porque o significado era de morte espiritual, da separação de Deus (o que de fato ocorreu quando o homem se escondeu de Deus).

A morte física, se a entendemos como a separação entre o corpo e espírito, está implícita no verso 19: **Até que tornes a terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás**. O ser humano chegaria ao seu fim desfazendo-se em pó, de onde viera originalmente.

Todo ser humano irá se apresentar diante de Deus depois da sua morte física, esteja ele salvo ou perdido, para prestação de contas. Adão não morreu fisicamente no mesmo dia em que pecou. Ele não passou pela morte física antes de alcançar a idade de 930 anos. Mas, a morte espiritual veio imediatamente, no mesmo dia em que pecou.

Leiamos agora os versos 20 e 21: **E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos. Fez o Senhor**

**Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu**. O nome Eva, que foi dado à mulher depois da sentença de morte, significa "vida" ou "vivente". Esse nome é de certa forma surpreendente e muito sugestivo, pois demonstra a contínua graça de Deus. Na antiguidade, quando uma pessoa ou objeto recebia um nome, implicava em um sentido de domínio ou posse sobre o mesmo. Assim, o fato de Adão ter dado o nome à mulher mostrava a sua preeminência, a sua primazia sobre ela.

No verso 21, a vestimenta feita pelo Senhor para Adão e Eva indica uma vestimenta satisfatória e apropriada para cobrir a vergonha deles, e significa também que as ações de Deus demonstram sempre a sua misericórdia, cobrindo o pecado humano, a ineficácia humana em se apresentar corretamente diante Dele.

A cobertura que o próprio homem providenciou (uma cinta de folhas), não era apropriada para cobrir sua nudez física e espiritual. Deus teve de providenciar roupa adequada, e fez isso através do derramamento de sangue, porque foi necessária a morte de alguns animais para que suas peles pudessem servir de vestimenta.

Esse versículo é importante porque demonstra o suprimento das necessidades imediatas do homem por um Deus que se interessa em cuidar dele, em todos os aspectos e, embora alguns não aceitem um significado mais profundo, temos aqui a origem dos sacrifícios, um prenúncio da expiação sacrificial.

Nos versos 22 a 24 chegamos ao final do capítulo com essas palavras:

**22. Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente.**

**23. O Senhor Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavrar a terra de que fora tomado.**

**24. E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida.**

Ainda bem que Deus não deixou o homem viver eternamente no pecado! Não permitiu que vivesse para sempre no erro, o que é uma grande bênção. O pecado, que foi a tentativa do homem tornar-se como Deus, sempre resultou e ainda resulta em morte, em separação eterna de Deus. Ele priva o pecador da dádiva maior de ter a vida eterna com o Pai.

Apesar do ser humano ter sido expulso do paraíso, Deus não queria que vivêssemos eternamente separados dele, fato que aconteceria se comêssemos o fruto da árvore da vida.

O fato de o texto mencionar que o homem foi expulso do jardim do Éden também para cultivar o solo pode significar que antes do pecado ele trabalhava num jardim belo e agradável, mas agora, como conseqüência da queda, e conforme a condenação divina, teria de lavrar a terra difícil, amaldiçoada com espinhos e ervas daninhas.

Preste bastante atenção, pois as últimas palavras deste capítulo três nos mostram uma verdade importante. O verso 24 diz que Deus colocou querubins guardando o jardim do Éden, com espadas que se revolviam impedindo o acesso à árvore da vida. Como podemos entender este versículo?

Encontramos os querubins em outros textos bíblicos, como em Ezequiel 1 e 10. Eles são vistos como guardiões simbólicos do Santo dos Santos e suas formas foram também bordadas no grosso véu que impedia o acesso ao lugar santíssimo.

Ora, tudo isso, e mais a espada que se revolvia, pode significar que a espada do juízo divino e os querubins que guardavam a entrada na santíssima presença de Deus ficavam agora entre o homem e Deus, criavam um obstáculo impedindo o acesso livre que ele tivera até então à presença divina.

É possível perceber como o pecado nos fez ficar completamente separados de Deus. Somente através da redenção divina, que foi providenciada pelo sacrifício do Senhor Jesus Cristo, é que podemos novamente ter acesso à vida eterna, à presença de Deus.

A Bíblia diz que o véu foi rasgado de cima a baixo quando Jesus Cristo morreu na cruz do Calvário. Ele foi rasgado pela iniciativa do próprio Senhor e, de acordo com Hebreus 10.19-22, um novo caminho foi aberto, possibilitando-nos ter novamente comunhão com Ele. Mas tudo isso só foi possível por meio de Jesus Cristo. Graças a Deus por sua maravilhosa graça!

# Abel e Caim
## Gn 4.1-7

A Bíblia é um livro singular, um livro único. Depois de demonstrar como podemos ter novamente acesso a Deus, ela nos traz de volta as condições do pecado humano. Iniciamos, pois, o capítulo quatro que nos relata o primeiro assassinato da história humana. Caim matou seu irmão Abel. E assim, aqui encontramos o fruto do pecado.

Nos dois primeiros capítulos de Gênesis vimos a criação. Nos capítulos 3 e 4, o pecado e seu fruto. Se alguém perguntar se o pecado é realmente mau, encontrará a resposta no capítulo 4, onde vemos o que ele é e o que pode fazer com o homem.

Nos versículos iniciais do capítulo quatro estão presentes algumas verdades. Em primeiro lugar, o texto relata que Adão e Eva se conheceram, tiveram relacionamento sexual, como era o plano de Deus para a multiplicação fecunda que deveria acontecer. E desse relacionamento, com certeza após uma gravidez já com sofrimentos, Eva deu à luz ao seu primeiro filho, Caim.

O nome Caim quer dizer "adquirir", por isso o verso 1 indica: "Adquiri um varão com o auxílio do Senhor". O verso 2 relata o nascimento de Abel, que significa "fôlego" ou "sopro" e também a atividade dos dois irmãos: Abel trabalhava com ovelhas e Caim era lavrador.

Os versos 4 nos contam que os dois irmãos fizeram sacrifícios, trouxeram ofertas ao Senhor, fruto do trabalho de suas mãos, reconhecendo a bênção divina sobre suas atividades e que tudo vinha do Senhor. Eles fizeram suas ofertas em algum lugar de adoração. Certamente as orientações foram indicadas a eles por revelação. Podemos chegar a essa conclusão pela leitura de Hebreus 11.4: **Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim**.

Mas como ele pode oferecer pela fé? Bem, a fé vem pelo ouvir, e pelo ouvir a Palavra de Deus. É claro que Deus os instruiu a respeito do culto. Eles ouviram a Palavra de Deus de alguma maneira. E, por sacrificar pela fé, Abel foi aceito, enquanto Caim foi rejeitado.

Alguns estudiosos tentam ver nessa narrativa uma rivalidade entre os dois modos de viver: o do pastoreio e o da agricultura. Não há base bíblica

para aceitá-la como verdadeira. Mas o que está aqui sabiamente contrastado é a religião formal, ou carnal, e a religião viva, ou espiritual.

Também não é correto afirmar que a ausência de sangue desqualificou a oferta de Caim e qualificou o sacrifício prestado por Abel. Caim foi rejeitado porque a intenção do seu coração era má, percebida claramente depois pelo seu semblante descaído. Em Provérbios 21.27 lemos que **o sacrifício dos perversos já é abominação; quanto mais oferecendo-o com intenção maligna!**

A razão de uma oferta ser aceita, e a outra não, está no fato de que a oferta de Caim foi feita sem cuidado e sem consideração, enquanto que a de Abel foi feita de forma selecionada e generosa. O verso 4 diz: **Abel, por sua vez, trouxe as primícias do seu rebanho e da gordura deste…** A gordura dos sacrifícios, como veremos em Êxodo e Levítico, simbolizava a melhor adoração, a adoração que vinha do íntimo. Nos dias de hoje, assim como naquele tempo, o Senhor ainda busca verdadeiros adoradores que o adorem em espírito e verdade.

Jesus disse em João 4.24: **Deus é espírito; e importa que seus adoradores o adorem em espírito e em verdade**. O Senhor quer um culto sincero e honesto diante dele porque conhece a motivação do nosso coração.

## O primeiro homicídio, os descendentes de Caim e o nascimento de Sete

### Gn 4.8-26

Os versos 5, 6 e 7 do capítulo 4 relatam a reação irada de Caim e a advertência divina dirigida a ele. A ira e o semblante carrancudo de Caim confirmaram que o seu espírito já era mau. Sua motivação, sua intenção e atitude revelaram o seu interior. Caim foi rejeitado porque o seu procedimento não foi correto, como lemos no início do verso 7.

1João 3.12 nos diz que Caim **era do Maligno… porque as suas obras eram más**. A ordem de que era necessário dominar o pecado que estava à porta como um leão pronto para dar o bote, pronto para devorar, infelizmente não foi ouvida por Caim.

A partir do verso 8 até o verso 16, encontramos o relato do primeiro homicídio entre os homens. Esse primeiro assassinato foi monstruoso por três razões. Primeiro, porque foi premeditado, e comprovado pelo fato de

Caim convidar Abel para ir ao campo. Segundo, porque vemos um irmão se voltando contra outro, demonstrando desrespeito à família. E, em terceiro, porque foi feito contra uma pessoa bondosa, um correto adorador.

A pergunta retórica do verso 9, "Onde está teu irmão?", faz-nos relembrar a pergunta que Deus dirigiu a Adão depois deste pecar, em Gênesis 3.9: "Onde estás?". Tanto lá quanto aqui, o ser humano não admitiu o pecado, não o confessou diante de Deus.

A resposta de Caim e a sua pergunta, "Não sei; acaso, sou eu tutor de meu irmão?", é uma declaração de fria indiferença, mostrando-nos os efeitos do pecado na vida do ser humano. Mesmo diante de Deus, mentimos e não confessamos o nosso erro.

No verso 10 temos um bonito contraste a ser aplicado. Enquanto o sangue de Abel clama por justiça, isto é, para que seja vingado e Deus puna os violentos, o sangue de Jesus, derramado injustamente, clama anunciando a graça divina, o perdão divino ao pecado humano. Hebreus 12.24 diz: **E a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel**.

Os versos 11 e 12 mostram que o duro e impenitente Caim ouviu palavras muito mais severas que as dirigidas a Adão. O primeiro homem recebeu a maldição indireta, que caiu sobre a terra. A maldição de Caim foi direta. Ele, que era lavrador, ouviu Deus dizer que a terra, manchada pelo sangue de Abel, já não lhe daria a sua força.

Mais uma vez é possível perceber o quanto foram duras e objetivas essas palavras, porque o pecado traz gravíssimas conseqüências

Nos versos 13 e 14 encontramos Caim protestando contra a sentença divina. Sua atitude foi bem diferente da atitude do ladrão na cruz que, arrependido, admitiu os seus erros: **Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem… (Lc 23.41)**. Suas palavras só demonstraram que estava preocupado com sua situação de total insegurança: **É tamanho o meu castigo, que não posso suportá-lo. Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua presença hei de esconder-me; serei fugitivo e errante pela terra; quem comigo se encontrar me matará (v. 14)**.

Caim não se arrependeu. Ele expressou a Deus o seu egoísmo e autopiedade. Os dez pecados que cometeu nos impressionam: impiedade (v. 3); ira; semblante carrancudo (v. 5-6); inveja; planejamento para o mal;

assassinato (v. 8); mentira; indiferença (v. 9); egoísmo (v. 13) e; autopiedade (v. 14). O resultado é que permaneceu separado de Deus. É isso que o pecado causa ainda hoje!

Em suas palavras finais, Caim lamentou: "Quem comigo se encontrar me matará". A pergunta que surge nesse momento é: a quem Caim está se referindo, se até aqui temos o relato da existência de apenas quatro seres humanos na terra?

Essas palavras dão a entender a presença de inúmeras pessoas além do próprio Caim. Assim, é possível entender que ele estivesse prevendo o futuro e o rápido crescimento da espécie humana. Talvez pudesse implicar também que cada pessoa encontrada seria um parente próximo de Abel, o que é coerente com o contexto, pois os outros seres humanos deveriam ser filhos de Adão e Eva.

Nos versos 15 e 16 encontramos, mais uma vez, Deus se interessando pelo pecador. Mesmo depois da demonstração de egoísmo, o Senhor coloca-se a favor de Caim dando-lhe um sinal como um salvo-conduto, uma proteção contra possíveis vinganças, revelando sua misericórdia até para com os que não se arrependem. Ora, vemos assim, a vida do assassino sendo poupada nesse momento, apesar de que, no futuro, ela seria destruída pelo dilúvio que veio como castigo sobre toda a raça humana.

A Bíblia não diz e nem nos fornece qualquer pista sobre qual era esse sinal. E, na verdade, descobrir qual era o sinal não nos ajuda a perceber a grande lição que o texto apresenta. O sinal ou a marca divina colocada sobre Caim, assim como o sinal do arco-íris que aparece em Gênesis 9.13, ao invés de ser um estigma, uma marca vergonhosa que discrimina ou humilha o pecador não arrependido, é a demonstração clara da bondade de Deus. É a demonstração do incrível amor de Deus até mesmo para com os pecadores impenitentes.

Na seqüência, o verso 16 nos diz que Caim saiu da presença de Deus e foi habitar na terra de Node. Sua localização não é conhecida e é bem provável que este seja apenas um nome simbólico, pois a palavra "nad", no hebraico, significa "vagabundo", atribuindo mais esse valor negativo a vida errante de Caim quando se afastou da face do Senhor. O resultado do pecado, o fruto do pecado, é nos fazer ficar afastados do Senhor. Quando não nos arrependemos e mudamos o rumo do nosso caminhar, a conseqüência é a separação de Deus. O profeta Isaías diz: **Mas as vossas**

**iniqüidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça (Is 59.2)**. Para desfrutarmos a comunhão com o Pai precisamos confessar nossos pecados e converter nossos corações. Essa é mais uma lição a ser aplicada.

Os versos 17 a 24 descrevem a descendência de Caim quando ele já estava longe de Deus. Vale a pena fazermos algumas observações para compreendermos melhor a situação. O verso 17 diz que Caim se casou e teve um filho chamado Enoque. Mas com quem ele se casou? Para responder a essa pergunta temos de considerar a possibilidade de sua esposa ser uma parenta, como uma irmã, filha de Adão e Eva, ou uma sobrinha, filha de algum de seus irmãos. Mas por que aceitar essa resposta? Porque Deus não criou outros seres humanos além de Adão e Eva. A teoria que diz que havia uma outra raça humana habitando o mundo não tem qualquer fundamento bíblico.

A população da terra começou a multiplicar-se através dos filhos e filhas de Adão e Eva e certamente através de seus netos e bisnetos, e assim por diante. O texto bíblico nos diz que além de Caim e Abel, Adão e Eva tiveram Sete, seu terceiro filho, e depois mais filhos e filhas: **Depois que gerou a Sete, viveu Adão oitocentos anos; e teve filhos e filhas (Gn 5.4)**. Portanto, certamente havia um grau de parentesco entre Caim e sua esposa.

O verso 17 ainda nos mostra que a primeira cidade foi fundada e organizada por Caim. No hebraico, cidade é um termo aplicável a povoações de qualquer tamanho, e podemos entender que a vida urbana teve seu início com Caim, a partir de uma pequena vila. O nome que esta cidade recebeu foi o do primeiro filho de Caim: Enoque.

O significado de Enoque é "início", trazendo-nos a idéia de um novo princípio, isto é, um novo começo, não mais a partir de Deus, o criador, mas a partir do ser humano, agora distanciado da comunhão e da intimidade com Deus. O nome do primeiro filho, e da primeira cidade, mostra a vida tomando um rumo independente de Deus.

Os descendentes de Caim, mencionados nos versos 17-24, são em número de dez nomes: Adão, Caim, Enoque, Irade, Meujael, Metusael, Lameque, Jabal, Jubal e Tubalcaim. O uso do número dez é simbólico. Seu significado é inteireza, perfeição e plenitude.

Sobre os descendentes de Caim vale a pena destacar o nome de Lameque. No verso 19 lemos: **Lameque tomou para si duas esposas…**

Aqui vemos a poligamia entrando na história humana. O orgulhoso Lameque, da linhagem de Caim a partir de Adão, com essa atitude talvez procurasse receber mais bênçãos da parte de Deus, como aconteceu com o primeiro casal em Gênesis 1.28: **E Deus os abençoou e lhes disse: sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a**.

Numa tentativa humana, e por iniciativa própria, Lameque quis para si mais bênçãos e, ao invés de uma esposa, teve duas, saindo do padrão estabelecido por Deus de um casamento monogâmico. Todos nós sabemos que a partir daí muitos outros casamentos fora do padrão divino surgiram e obtiveram como resultado apenas problemas, e não bênçãos. A Bíblia registra o fato, mas ao invés de recomendá-lo, condena-o. Quando lemos cuidadosamente a Bíblia ficamos certos que a Palavra de Deus é contra a poligamia.

Nos versos 20 a 22, vemos os homens, com a criatividade dada pelo Senhor, desenvolvendo as mais diversas atividades. Embora muitos estudiosos afirmem, tendo por base a mitologia do passado, que os deuses ensinaram aos seres humanos as artes, o artesanato e outras atividades, fica claro, por este relato, que essas habilidades foram concedidas pelo único e verdadeiro Deus.

Os nomes dos filhos de Lameque eram Jabal, Jubal e Tubalcaim. Eles tinham nomes semelhantes, mas cada um se destacou numa atividade diferente: Jabal dedicou-se à atividade pastoril, Jubal foi o iniciador da atividade musical e Jubal ateve-se às atividades metalúrgicas, inclusive a fabricação de armas.

Lameque e sua sarcástica poesia, mencionada nos versos 23 e 24, demonstram o progresso do pecado. Ao contrário de Caim, que dizia não suportar o peso do pecado, Lameque exultou com seus atos criminosos. Lameque regozijou-se por ter matado um homem, porque o feriu e por ter matado um rapaz simplesmente porque havia pisado nele. Nesse momento, a destruição violenta e irresponsável da vida humana proclamava o total afastamento entre Deus e o homem. Com isso, o pecado ganhava cada vez mais espaço entre os seres humanos.

Os dois últimos versículos (25 e 26), relatam o nascimento de Sete, mais um dos filhos de Adão e Eva. Sete foi recebido como substituto de Abel. Destaca-se aqui o nome de seu filho Enos que, assim como Adão, significa “homem”. A partir daí começa no mundo a descendência

daqueles que invocavam o nome do Senhor, ato que havia sido interrompido com a morte de Abel.

## Os descendentes de Adão
### 5.1-20

Iniciando o capítulo cinco, vamos primeiramente nos ocupar dos versos 1 a 20, que tratam da descendência de Adão. Encontramos aqui pelo menos três ênfases bem definidas.

Em primeiro lugar, vemos o valor que Deus dá ao ser humano através da menção e do conhecimento de cada um dos nomes desse estágio primitivo da vida humana. Cada um deles é destacado e registrado. Desde Adão até Noé encontramos dez gerações: Adão (v. 1-5); Sete (v. 3-8); Enos (v. 6-10); Cainã (v. 9-13); Maalaleel (v. 12-16); Jerede (v. 15-20); Enoque (v. 18-24); Metusalém (v. 21-27); Lameque (v. 26-31); Noé (v. 29-32).

Essa genealogia, que liga Adão a Noé, inclui dez nomes e pode denotar, como na genealogia de Caim, um símbolo de algo completo, pleno. Ela mostra a continuidade da história humana, desde a criação até o evento do dilúvio, quando toda a raça humana foi destruída por causa do pecado e da impiedade, com exceção de Noé e sua família.

Em segundo lugar, é possível ver nessa genealogia uma seqüência de nomes que, partindo de Sete (substituto de Abel na verdadeira adoração ao Senhor), chega a Noé, que é destacado por Deus: **Porém Noé achou graça diante do Senhor (Gn 6.8)**. Isso mostra que sempre existiram seres humanos que verdadeiramente adoraram a Deus. A pergunta a fazer agora é: Será que pertencemos a esse grupo de adoradores ou pertencemos ao grupo daqueles que são indiferentes a Deus?

Em terceiro lugar, essa lista genealógica de dez nomes mostra o domínio da morte sobre o gênero humano. Por oito vezes a frase "e morreu" é repetida laconicamente, demonstrando que este é o final da raça humana depois que pecou, desobedecendo e tentando viver fora da dependência de Deus.

Este capítulo de Gênesis destaca o fato de que todos os primeiros homens, apesar de terem vivido muito tempo, acabaram morrendo. Podemos dizer com certeza que todos os descendentes de Adão morreram. De fato, morreram fisicamente, mas também podemos fazer uma aplicação

e dizer que todos aqueles que estão "em Adão" morrem espiritualmente, conforme Paulo nos diz em Romanos 5.12-21.

É possível perceber que Enoque interrompeu essa seqüência de morte. A razão dessa interrupção aparece no verso 24: **Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si**. Aqui temos uma importante lição que devemos aplicar em nossas vidas.

Aqueles que andam com Deus, mesmo que passem pela morte física, certamente não experimentarão a morte eterna. O fato de Enoque ter sido arrebatado simboliza a ressurreição de todo àquele que confia no Senhor! Mostra o poder de Deus sobre a morte, grande inimiga do ser humano, mostra que a morte pode ser vencida pelo poder de Deus, pois Ele é um Deus de vivos!

A única exceção naquela seqüência de morte foi Enoque que, ao invés de morrer, foi transladado, arrebatado, porque andava com Deus. Relembre o que diz no verso 24: **Andou Enoque com Deus, e já não era, porque Deus o tomou para si**. O profeta Elias também passou por experiência semelhante: **Indo eles andando e falando** (Elias e Eliseu), **eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho (2Rs 2.11)**.

A experiência de Enoque simbolicamente transmite a idéia de que todo aquele que se deleitar no Senhor e com Ele andar, fazendo a sua vontade, Deus o tomará para si. Mesmo que morra, viverá, conforme Jesus disse à Marta em João 11.25: **Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá**. Essa é a nossa garantia. Se andarmos com Deus, dirigidos pelo Santo Espírito, podemos com segurança saber que temos a vida eterna e não morreremos eternamente!

## O exemplo de Enoque e o contraste entre duas genealogias

### Gn 5.21-32

O exemplo de Enoque, além de nos desafiar a andar com Deus, nos mostra as implicações das atitudes paternas em relação às futuras gerações. A partir de Sete, que gerou a Enos, nos é dito que "daí se começou a invocar o nome do Senhor". E de Enos chegamos a Enoque, que andava com Deus e, de Enoque chegamos a Noé que achou graça diante do

Senhor. Esta seqüência destacada é uma lição possível de ser aplicada por todos nós. O que passamos para as novas gerações tem valor determinante.

A partir destas constatações é possível percebermos um contraste entre as genealogias do capítulo quatro e deste capítulo.

Em Gênesis 4, no verso 17 lemos: **E coabitou Caim com sua mulher; ela concebeu e deu à luz a Enoque. Caim edificou uma cidade e lhe chamou Enoque, o nome de seu filho**. E, nos versos 25 e 26 lemos:

**25. Tornou Adão a coabitar com sua mulher; e ela deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Sete; porque, disse ela, Deus me concedeu outro descendente em lugar de Abel, que Caim matou.**

**26. A Sete nasceu-lhe também um filho, ao qual pôs o nome de Enos; daí se começou a invocar o nome do Senhor.**

Ao estabelecermos esse contraste, cinco diferenças marcantes ficarão mais nítidas:

Em primeiro lugar, a linha genealógica de Caim (um assassino confesso), não tem descrição de seu tempo de vida; enquanto na de Sete temos a descrição da idade de toda a sua descendência, com muito mais informações, porque o tempo que não é vivido na presença do Senhor não se conta, não serve para nada.

Em segundo lugar, a linha genealógica de Caim foi quem perpetuou o mal; enquanto que na de Sete voltaram a invocar o nome do Senhor, começaram a orar e certamente lutaram contra o mal o tempo todo.

Em terceiro lugar, o destaque dado na genealogia de Caim, é a Lameque e a sua declaração de que cometeu assassinatos com total indiferença e alegrando-se por sua ação. O destaque da genealogia de Sete, é Enoque, o descendente que andou com Deus.

Em quarto lugar, a genealogia de Caim levou a humanidade para o inferno; enquanto que a genealogia de Sete, nos trouxe a salvação, através de Cristo.

E, em quinto lugar, a genealogia de Caim dava valor ao poder e ao ter; enquanto que a genealogia de Sete, mostra o valor de andar com Deus.

Uma outra verdade que as genealogias nos ensinam é que não existe nome maldito. Não é o nome que nos dá significado, mas nós amaldiçoamos ou não o nome, através de nossos atos, como vemos no caso do nome de Lameque que aparece, tanto na genealogia de Caim (4.18), como na genealogia de Sete (5.25). Enquanto um Lameque foi assassino, o

outro Lameque fez parte da descendência que andou com o Senhor e achou graça diante de Deus!

Precisamos, então, decidir a qual família pertencemos, àquela que busca o dinheiro, o poder, à família de Caim, ou à família de Sete que procurou e andou na presença de Deus, aquela família que trouxe o Salvador ao mundo e com Ele a vida eterna.

Precisamos decidir: se depender de mim a corrupção não irá adiante, pelo menos em oração estarei entre aqueles que são da família de Sete para que o mal não tenha vitória.

## A corrupção do gênero humano

### Gn 6.1-10

Noé significa "repouso" e assemelha-se com o verbo hebraico que tem o sentido de "nos consolará". Ele nos dará descanso, preservando um remanescente na arca. Simbolicamente encontramos a figura de Cristo, que viria para dar a vitória definitiva sobre a maldição dada à terra (Gn 3.17). Noé prefigura a salvação da condenação divina que podemos ter em Cristo Jesus.

Mas por que certas partes de Gênesis 5 e 6 são consideradas polêmicas pelos estudiosos? Por que existem pontos difíceis de entender? Porque neles encontramos temas que dão margem a diversas interpretações.

Por isso, a necessidade de estudarmos detalhadamente cada texto da Palavra, pedindo orientação para que aquilo que for apresentado aqui tenha interpretação correta e edifique a quem estiver estudando o seu conteúdo.

O primeiro ponto que aquece debates é o referente à idade prolongada de Metusalém (ou Matusalém em outras versões), e dos demais patriarcas. Quando lemos no texto bíblico que a maioria dos homens mencionados no capítulo 5 viveu em média novecentos anos, temos que reconhecer que muitas pessoas não aceitam a literalidade dessa informação.

O verso 27 diz assim: **Todos os dias de Metusalém foram novecentos e sessenta e nove anos; e morreu**. Como devemos encarar essa afirmação? São novecentos e sessenta e nove anos conforme contamos hoje? Ou foram anos mais curtos? Havia uma outra maneira de se calcular idades naquela época? Representam os anos da vida desses personagens primitivos, ou essa quantidade é a soma total dos anos vividos por suas famílias?

Citamos o exemplo de Metusalém, que é conhecido como o homem que mais viveu, mas outros personagens também chegaram a uma idade avançada. Adão viveu 930 anos; Sete, 912; Enos, 905; Cainã, 910; Maalalel, 895; Jarede, 962; Enoque, 365; Metusalém, 969; Lameque, 777; e Noé, 950.

Alguns estudiosos, diante de números tão significativos, não aceitam essas indicações como sendo literais, argumentando que se referem à soma total de anos vividos pelos descendentes das famílias de cada um dos personagens citados. Assim, por exemplo, o tempo de vida atribuído pela Bíblia a Enos, 905 anos, corresponderia ao tempo de existência da família fundada por ele.

Mas todos esses números devem ser entendidos literalmente, da forma como contamos as idades nos dias de hoje.

A primeira razão porque devemos compreendê-las assim é que esses patriarcas foram os primeiros habitantes da terra antes do dilúvio. Certamente as condições ambientais para se viver no planeta eram as melhores possíveis, pois toda a criação recebera a aprovação do próprio Deus. As condições ecológicas e climáticas do mundo primitivo também eram excepcionais, porque era o início da habitação humana na terra (um tempo sem poluição e desrespeito ao meio ambiente), favorecendo a longevidade dos primeiros habitantes da terra.

A segunda razão é o tempo que Enoque esteve no mundo antes de ser arrebatado. Ele viveu "apenas" (quando comparamos com os demais), 365 anos, indicando que esse tempo é relativo à sua vida pessoal e não ao total vivido por sua família.

A terceira razão é que diante da ordem divina, dada aos homens para que crescessem e se multiplicassem, essa longevidade era lógica, porque assim esse alvo seria mais rapidamente alcançado, conforme aponta o texto de Gênesis 6.1: **Como se foram multiplicando os homens na terra…**

A última razão para aceitar a literalidade dessas idades é a própria Palavra de Deus. Nela temos registrado que, a partir do dilúvio, por causa da maldade do coração humano, a idade da raça humana seria reduzida. Ela ficaria em torno de 120 anos: **Então, disse o Senhor: O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos (Gn 6.3)**.

Voltemos os nossos olhos agora para o segundo ponto que gera controvérsia: o que fala sobre o casamento dos filhos de Deus com as filhas dos homens. Gênesis 6.2,4 diz:

**2. Vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, dentre todas, mais lhe agradaram.**

**4. Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antigüidade.**

Afinal, quem eram esses personagens? E ainda: De onde surgiram os gigantes? Qual o significado de Deus ter se arrependido de criar o homem? Você percebe como temos passagens difíceis de serem interpretadas?

A expressão "filhos de Deus" tem sido interpretada como referente a anjos ou seres humanos. Uma das possibilidades, de acordo com a linha cristã tradicional, é interpretar os filhos de Deus como sendo a descendência piedosa de Sete, os setitas e, as filhas dos homens como a descendência amaldiçoada de Caim, os cainitas.

Outra alternativa, de acordo com os antigos intérpretes judaicos, é entender os "filhos de Deus" aqui como seres celestes, isto é, anjos caídos, que depois desse pecado peculiar foram confinados para futuro julgamento (1Pe 3.19-20; 2Pe 2.4; Jd 6), diferentemente de outros textos do Antigo Testamento, onde anjos também são chamados de filhos de Deus (Jó 1.6; 2.1; 38.7; Sl 29.1; Sl 89.7; Dn 3.25).

Mas esse pensamento é contrário à afirmação de Jesus de que os anjos não se casam e não procriam (Mc 12.25). Além disso, podemos raciocinar da seguinte maneira: se esses seres eram anjos bons, não desobedeceriam a Deus; se eram anjos maus, não poderiam ser chamados de "filhos de Deus".

É possível também interpretar esses "filhos de Deus" como os sucessores reais, poderosos e tirânicos de Lameque, que ajuntaram para si haréns com as mulheres mais formosas que existiam.

Você percebe quantos pontos de vista? Mas qual se aproxima mais da verdade? Há duas interpretações que compõem melhor o quadro completo deste difícil texto bíblico.

A primeira, é a corrente que vê nessa união o casamento misto entre os descendentes de Sete (filhos de Deus do capítulo 5), com as descendentes de Caim (filhas dos homens do capítulo 4), interrompendo desta maneira a

separação que havia entre os dois grupos. A segunda, é a que defende a idéia de vermos nessa prática as ações dos filhos de Lameque que, seguindo o exemplo do pai, compuseram para si os haréns.

Mas Gênesis 6 ainda fala que havia gigantes sobre a terra, e os filhos que nasceram desses casamentos foram valentes e varões de renome. Como interpretar essas palavras? Embora seja possível observar que não é dito em nenhum momento que os gigantes fossem originados exclusivamente desses casamentos, temos que admitir que alguns surgiram desse modo, e outros já existiam ou apareceram depois.

A palavra "gigantes" vem do hebraico "nefilins", que significa "pessoas de grande porte e força". A expressão carrega também o sentido de "caídos", fazendo-nos entender que mesmo que fossem considerados os heróis da antigüidade, conforme Números 13.31-33, para Deus eram pecadores caídos, prontos para a condenação por seus atos pecaminosos.

O verso 3 ainda mostra o início do julgamento de Deus sobre toda a raça humana, com Deus externando seu desejo de "não agir através do seu Espírito", tendo em vista a carnalidade que se instalara. Como entender essa expressão? Qual o significado desse direcionamento de Deus? Podemos interpretar essa frase como um aviso divino, a paciência divina mostrando que o período da graça entre a decretação do juízo e a sua execução, através do dilúvio, seria de 120 anos.

1Pedro 3.20 diz: **Os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água**. Mais uma vez nos deparamos com a longanimidade de Deus. Deus espera. Deus espera por você e por mim.

Quando pecamos, Ele deseja ver o nosso coração quebrantado e arrependido, buscando o seu perdão e a sua graça. Devemos decidir: não ouvirmos a voz de Deus, como fizeram os vizinhos, amigos e parentes de Noé (que pereceram), ou ouvirmos e obedecermos a Deus mesmo que isso implique em fazermos o que não entendemos, e agirmos pela fé (e sermos salvos).

A expressão "o meu Espírito não agirá para sempre no homem" permite compreendermos, sendo o Espírito de Deus o Espírito da vida, e o homem carnal criatura não eterna, diante da proibição ao fruto da árvore da

vida, que é lógico o limite da vida espiritual em 120 anos agora estabelecido por Deus.

Na seqüência, nos versos 5 a 7, encontramos a dura e difícil decisão que o Senhor teve de tomar:

**5. Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração;**
**6. então, se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração.**
**7. Disse o Senhor: Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus; porque me arrependo de os haver feito.**

Em resumo, esse texto nos mostra "o pecado plenamente desenvolvido". E diante dessa constatação, você acha que foi uma decisão fácil para Deus? Certamente que não! Mas será que Deus foi surpreendido por esse desvio moral do ser humano? A resposta também é não! Deus sabia, porque é onisciente e eterno, que o homem tomaria esse caminho, e não foi surpreendido pelo pecado.

Algumas pessoas têm dito algumas palavras que, nesse momento, soam como bastante corretas: "Antes que dissesse: haja luz!, Deus havia dito: haja cruz!". É isso mesmo que você ouviu. O amor de Deus é eterno e, no seu maravilhoso plano, Jesus Cristo já fora dado, já fora crucificado por todos nós antes mesmo da criação (1Pe 1.20; Ap 13.8). Vale a pena ter comunhão com esse Deus? É claro que sim!

Mas voltemos a difícil decisão de Deus. O texto usa o verbo arrepender. Como entender tal afirmação se aceitamos pela fé que Deus é imutável? Alguém já disse que o pecado do homem é a tristeza de Deus e, por isso, temos que entender aqui uma referência a uma mudança de atitudes e ações.

Não há contradição entre este versículo e as passagens que ensinam que Deus é imutável (Ml 3.6; Tg 1.17), e que não muda o seu pensamento (Nm 23.19; 1Sm 15.29; Sl 33.11; Is 46.10). É necessário lembrarmos que esta é uma descrição antropopática de Deus, onde são atribuídas a Ele características humanas de conhecimento e emoção.

É importante também reconhecermos que o Deus soberano e imutável sabe lidar apropriadamente com as mudanças do comportamento humano. O período da graça estava chegando ao fim.

Quando o ser humano peca, ou se arrepende dos seus pecados, Deus "muda de pensamento" quanto à bênção ou punição apropriada para cada situação, como por exemplo em Êxodo 32.12-14, quando Moisés intercedeu pelo rebelde povo de Israel. O verso 14 desse texto diz: **Então, se arrependeu o Senhor do mal que dissera havia de fazer ao povo**. Temos de crer que o nosso Deus sabe agir de acordo com os seus soberanos e eternos propósitos.

Porque Deus é imutável no seu ser e eternamente leal às promessas da sua aliança, podemos ter firme confiança que é o mesmo ontem, hoje "e o será para sempre" (Hb 13.8).

Vivemos num mundo onde muita ênfase é atribuída ao humanismo, onde o homem é o centro de tudo e onde as pessoas acreditam que Deus é apenas amor. Mas a Bíblia nos mostra que Deus também é justiça.

Com o coração pesado, isto é, com a manifestação da sua justa ira, Deus condenou ao desaparecimento não somente o ser humano (v. 7), mas também toda a vida na terra, nos ares e na água. Após o pecado, a terra foi amaldiçoada e agora os animais, as aves e os répteis também sofreriam as conseqüências do pecado humano. À semelhança do que aconteceu com a terra, os animais também sofreriam as conseqüências do erro de seus dominadores.

Entretanto, em meio a esse ambiente de condenação e destruição, comprovamos mais uma vez a bondade de Deus. O texto dos versos 8 a 10 mostra que todos se corromperam, exceto Noé. Em meio a tanto pecado, Noé achou graça diante de Deus porque era um homem "justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé andava com Deus".

Por meio do dilúvio, podemos perceber que Deus é justo. Deus é amor (1Jo 4.8), mas também é justiça e juízo (Rm 2.5). No exercício de sua justiça, mas também do seu amor, o Senhor encontrou um homem que era justo, que por ter fé achou graça diante dele (Gn 6.9).

A vida de Noé, descrevendo-a de um modo bem resumido, era uma vida que agradava a Deus. Sabe por quê? Porque era uma vida caracterizada pela justiça e pela integridade, e testemunhada por seus contemporâneos, que seguia em estreita comunhão com Deus.

Essa não é uma vida bonita? Não vale a pena todo o nosso esforço para termos também esse mesmo padrão? Que o Senhor nos abençoe com a reprodução de tal vida!

## O dilúvio: o anúncio e a experiência
### Gn 6.11–7.24

O texto de Gênesis 6.11-13, nos diz que Deus, olhando a terra, viu-a toda corrompida. Terra, aqui, significa humanidade. A humanidade estava perdida em meio aos pecados. Diante do olhar do Senhor, apenas Noé foi visto como justo!

A sentença de Deus foi clara: **Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra (v. 13)**. A terra já fora amaldiçoada, e agora era a vez de toda a carne, de todo ser vivente. Por causa da violência, da corrupção e do pecado, a justiça de Deus viria sobre ela.

Em Romanos 3.10-11, o apóstolo Paulo afirma que **não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus**. No v. 23 ele completa a idéia dizendo que **todos pecaram e carecem da glória de Deus**. Quando a Bíblia diz que Noé era justo, significa que era uma pessoa que cria, que tinha fé em Deus. Não quer dizer que ele não tivesse pecado.

Noé cria em Deus, e não acompanhou a onda de corrupção dos seus dias. Noé andou com Deus e confiava nele, a despeito do mundo de incredulidade e de pecado a sua volta. Será que Deus consegue nos ver assim também? Temos andado com Deus?

Na seqüência do texto, nos versos 14 a 17, Deus, depois de revelar o seu juízo, revela o seu plano misericordioso ao dizer a Noé que ele seria salvo através de uma arca construída por suas próprias mãos. Ele dá instruções minuciosas a Noé sobre a construção. A arca seria feita de tábuas de ciprestes, com compartimentos, toda betumada por dentro e por fora. Suas medidas exatas seriam: 300 côvados de comprimento, 50 de largura e 30 de altura. Com três andares, deveria ter uma abertura ao redor de toda a arca, onde estariam pequenas janelas, provavelmente para a entrada de luz e ar. Uma porta seria colocada na sua lateral.

Você percebe como Deus é detalhista? Se considerarmos um côvado como medindo aproximadamente 45,72 m, você consegue imaginar o tamanho da arca? Essas medidas, convertidas para o nosso sistema métrico, são as seguintes: 135 m de comprimento, por 22,5 m de largura e 13,5 m de altura. Você pode imaginar?

A arca era semelhante a um grande navio moderno. Essa grande embarcação seria a maneira pela qual Noé, sua família e os animais seriam salvos do dilúvio, do derramar de águas, conforme diz o verso 17: "Tudo o que há na terra perecerá".

Hebreus 11.7 fala a respeito de Noé: **Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa…** Noé foi um homem de fé, um homem que se dispôs a construir em terra seca um grande navio, uma arca, quando nenhum sinal de chuva era visto no céu. Naturalmente, muitos riram dele e o ridicularizaram por estar fazendo uma coisa tão estranha quanto aquela.

Esta situação durou muitos anos. Noé se submeteu a ser exposto dessa maneira porque cria em Deus. Deus falou e Noé creu. O modo prático de provarmos que cremos em Deus, que o amamos, é obedecendo. Quem crê, confia. Quem confia, ama. Quem ama, obedece.

Você pode ver essa seqüência de atos em sua vida? Ao obedecermos, Deus se alia conosco! É isso! Quando Deus viu a fé prática de Noé, fez uma aliança com ele.

Gênesis 6.18-22 relata as instruções dadas pelo Senhor para que Noé usufruísse da misericórdia divina. Na arca entrariam Noé, sua mulher, seus filhos e as esposas de seus filhos. Ao preservar o ser humano da destruição, Deus preservou-o no modelo familiar: pai, mãe, filhos e esposas, indicando que sempre valorizou a família como a criou originalmente.

Nos versos 19 a 21, vemos Deus ordenando a Noé que colocasse na arca dois animais de cada espécie, macho e fêmea, para que sobrevivessem ao dilúvio, garantindo assim a preservação das espécies. Quando lemos atentamente o texto, salta aos nossos olhos uma pequena frase do verso 20: **Dois de cada espécie virão a ti, para os conservares com vida**.

Imagine o trabalho de Noé e de seus filhos colocando todos os animais, pássaros e répteis dentro da arca! Foi um trabalho árduo! Será que tiveram que sair à procura dos diversos animais? Será que tiveram de, como caçadores, capturar os animais aonde eles viviam? A frase que destacamos do verso 20 diz que os animais viriam a Noé. Certamente podemos ver aqui também a boa mão de Deus. O plano divino deveria ser executado e,

para tanto, o próprio Deus agiria em favor dos acontecimentos. Você pode crer nisso? Creia no agir de Deus em seu favor!

No verso 21 encontramos mais um detalhe do cuidado de Deus para com Noé, sua família e todos os animais. Deus orientou Noé que levasse alimentos suficientes para a sobrevivência de todos. Deus pensa em tudo, não é mesmo? Então, você pode imaginar que havia muito trabalho para essa família. Muito capim, muito feno, muitas folhagens, muitas sementes, muitas raízes, enfim, a arca deveria ter uma grande dispensa. Além dos alimentos para os animais, havia necessidade de alimento para os seres humanos.

Alguns estudiosos afirmam, diante desse versículo, que até aquela etapa homens e animais eram vegetarianos, ou herbívoros, isto é, não comiam carne. Outros não fazem afirmações a respeito desse detalhe, pois entendem que não é relevante para a compreensão do texto, que é apenas uma questão de curiosidade. Mas o que vem a seguir, sim, é de grande de importância.

O verso 22 diz: **Assim fez Noé, consoante a tudo o que Deus lhe ordenara**. Esse é um excelente ponto para meditarmos e conversarmos a respeito. Qual é o exemplo de vida que Noé transmite? Se pudesse falar conosco hoje, com certeza ele diria: "A fé prática é demonstrada na obediência"!

O texto que começa no primeiro verso do capítulo 7 e vai até o verso 16, descreve a entrada de Noé e sua família na arca. No verso 1 lemos: **Disse o Senhor a Noé: Entra na arca, tu e toda a tua casa, porque reconheço que tens sido justo diante de mim no meio desta geração**. Mas como Noé se destacou? Por que Deus achou justiça em Noé? Certamente porque ele tinha fé, uma fé semelhante à de Enoque.

A Bíblia nos diz que Enoque andava com Deus e Deus o tomou para si, lembra-se? Enoque creu, e isso lhe foi imputado como justiça. Noé também creu, e certamente isso lhe foi imputado como justiça.

Você notou como Deus foi gracioso com Noé? Num tempo onde existia tanto julgamento, Deus lhe disse para entrar na arca. O mesmo convite Jesus faz hoje aos homens, como está registrado em Mateus 11.28-30:

**28. Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.**

**29. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas.**
**30. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.**

Você tem buscado o refúgio que Deus preparou para você? Saiba que mesmo em meio às aflições, podemos contar com a salvação do nosso Deus.

Voltando ao texto de Gênesis 7, encontramos nos versos 2 a 10 a repetição da ordem divina para que Noé levasse para a arca casais de todas as espécies de animais, aves e répteis, porque o dilúvio seria grande. Literalmente o verso 4 nos diz: **Porque, daqui a sete dias, farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites; e da superfície da terra exterminarei todos os seres que fiz**.

Os versos 6 a 16 informam sobre a intensidade do dilúvio e a entrada na arca da família de Noé e de todos os animais. **No ano seiscentos da vida de Noé, aos dezessete dias do segundo mês, nesse dia romperam-se todas as fontes do grande abismo, e as comportas dos céus se abriram, e houve copiosa chuva sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites (v. 11,12)**.

Você pode imaginar esse episódio? Muitos que tinham ouvido Noé falar dos planos de Deus agora passaram a ver que o julgamento divino era real e nada mais podiam fazer. Estavam perdidos. Não havia mais possibilidade de salvação. Sabe por quê?

O verso 16 diz claramente: **… e o Senhor fechou a porta após ele**. Não foi Noé que fechou a porta por dentro. Foi Deus que fechou a porta por fora. As oportunidades foram dadas até aquele momento. Durante muitos anos, enquanto Noé estava construindo a arca, certamente ele pregou e convocou os seus contemporâneos ao arrependimento, para se voltarem a Deus.

2Pedro 2.5 diz que Noé foi um "pregador da justiça": **E não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo dos ímpios**. Mas ninguém ouviu, ninguém se voltou para Deus. E o julgamento chegou! Seria o fim de uma época de maldade, corrupção e violência. O juízo de Deus estava sendo iniciado. Ele fechou a porta!

Deus não faltou com o seu amor. Durante muito tempo esperou por arrependimento, mas diante da inclinação do coração humano para o

pecado não poderia ter outra atitude senão a de executar também o seu juízo. Enquanto o dilúvio é a demonstração do juízo divino, a arca é a demonstração da graça divina.

Mas exatamente neste ponto, precisamos de atenção redobrada. Nas culturas mais antigas da humanidade temos a descrição do grande dilúvio que se abateu sobre a terra. Os relatos mais próximos ao de Gênesis são encontrados na epopéia de Gilgamés e na de Atrahasis. Nesses contos babilônicos os mesquinhos deuses pagãos trouxeram o dilúvio sobre a terra para controlar o crescimento da população e o barulho irritante do povo, salvando apenas Utnapistim, sua família e os animais.

Os babilônios contavam esta história de uma maneira bem interessante. Eles diziam que houve uma guerra entre os deuses, e uns se colocaram contra os outros provocando o dilúvio. Não havia uma motivação clara e correta. Mas o relato bíblico nos mostra que as ações divinas são ações justas que acontecem de acordo com o caráter justo e amoroso de Deus.

No texto, dos versos 17 a 24, encontramos o relato da extensão do dilúvio: durante quarenta dias e quarenta noites choveu sobre a terra; as águas inundaram tudo e, como está registrado nos versos 19 e 20: **… cobriram todos os altos montes que havia debaixo do céu, quinze côvados acima deles prevaleceram as águas; e os montes foram cobertos**.

As águas ficaram quase 7 m acima das maiores montanhas, certamente para que a arca não encalhasse em qualquer obstáculo. Mas o texto nos relata ainda, nos versos 21 a 23, que todo o ser vivo, literalmente "tudo o que tinha fôlego de vida em suas narinas, tudo o que havia em terra seca", morreu.

Neste ponto podemos perceber a abrangência do dilúvio e tentar entender se ele foi total ou parcial. Embora existam estudiosos que não aceitam o dilúvio como global, sendo limitado ao vale do Tigre e do Eufrates, há textos bíblicos que nos levam a crer seguramente que ele atingiu a terra toda (2Pe 3.5-7; Gn 8.21; 9.11, 15; 6.17). Gênesis 6.17 claramente nos diz: **Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus**…

O verso 24 nos relata o tempo total do dilúvio. São essas as suas palavras: **E as águas durante cento e cinqüenta dias predominaram**

**sobre a terra**. Durante cinco meses a face da terra foi dominada pelas águas. Mateus 24.37-39 diz que enquanto a vida acontecia normalmente para aqueles que não levavam Deus a sério e não se arrependeram, Deus salvava Noé e sua família porque eles creram na Palavra de Deus.

A grande lição aprendida aqui é que o nosso Senhor é completo em seu ser. Ao mesmo tempo em que é amor, e orienta Noé na construção da arca na qual seria salvo com sua família, é também um Deus de juízo que abomina o pecado e o pune severamente.

## O final do dilúvio
### Gn 8.1-22

Gênesis 8.1-22 possui uma divisão natural de seu conteúdo:

Parte 1 – O final do dilúvio (v. 1-14)
Parte 2 – A saída da arca (v. 15-19)
Parte 3 – A adoração de Noé a Deus em reconhecimento da salvação (v. 20-22)

O verso 1 diz: **Lembrou-se Deus de Noé e de todos os animais selváticos e de todos os animais domésticos que com ele estavam na arca; Deus fez soprar um vento sobre a terra, e baixaram as águas**. A expressão "lembrou-se Deus de Noé", no hebraico, tem um significado muito importante: expressa uma ação baseada em um compromisso prévio. Lembrar-se de alguém significa ser solícito, ter um cuidado especial com o alvo da sua lembrança.

Na verdade, em termos bíblicos, quando Deus se lembra de alguém, passa a agir na história em favor de quem foi lembrado. Podemos ver o exemplo claro desse cuidado e ação em Êxodo 2.24, quando o Senhor ouviu o clamor de Israel depois 430 anos de escravidão no Egito: **Ouvindo Deus o seu gemido, lembrou-se da sua aliança com Abraão, com Isaque e com Jacó**.

Portanto, quando lemos que Deus se lembrou de Noé, não devemos entender que havia se esquecido dele e de todo o episódio do dilúvio, mas que estava expressando seu cuidado amoroso para com Noé.

É possível aplicar essa verdade em nossas vidas. Deus não apenas se lembra dos que o temem como tem um memorial diante dele, conforme está escrito em Malaquias 3.16-17:

**16. Então os que temiam ao Senhor falavam uns aos outros; o Senhor atentava e ouvia; havia um memorial escrito diante dele para os que temem ao Senhor e para os que se lembram do seu nome.**
**17. Eles serão para mim particular tesouro, naquele dia em que preparei, diz o Senhor dos Exércitos; poupa-los-ei como um homem poupa a seu filho que o serve.**
E Jesus prometeu muito mais àqueles que permanecessem fiéis: **E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mt 28.20)]**. Você tem experimentado o cuidado fiel e amoroso e a presença de Deus em sua vida?

Mas voltemos ao texto de Gênesis 8. O verso 1 ainda traz algumas palavras que merecem nossa atenção: **Deus fez soprar um vento sobre a terra, e baixaram as águas**. Qual o significado dessa expressão? A palavra "vento", no hebraico, é a mesma palavra empregada para "Espírito" em Gênesis 1.2, e relembra o relato original da criação: "E o Espírito de Deus pairava sobre as águas". Em 8.1 podemos ver o primeiro ato recriativo de Deus depois do dilúvio, fazendo soprar um vento sobre a terra assim como fez no início da criação.

É impressionante a quantidade de paralelos que existe entre os relatos de Gênesis 1 e os dos capítulos 8 e 9:
8.2 e 1.7 – A separação das águas do firmamento, acima e abaixo.
8.5 e 1.9 – A aparição da porção seca da terra.
8.7 e 1.20 – O vôo das aves no firmamento, indo e voltando.
8.17 e 1.20 – A saída das aves, animais, répteis, segundo as espécies.
8.17 e 1.25 – A ordem para as aves, animais e répteis se multiplicarem.
9.1 e 1.28 – A ordem para os homens se multiplicarem e serem fecundos.
9.2 e 1.28 – O domínio do homem sobre animais, aves, peixes e ervas.
9.3 e 1.30 – A fonte de alimentação dos homens: animais, ervas, enfim tudo o que se move e vive.

É importante registrarmos esses paralelos. Enquanto o capítulo 1 relata o começo de tudo, os capítulos 8 e 9 referem-se ao recomeço, a recriação depois do dilúvio.

O verso 4 nos diz: **No dia dezessete do sétimo mês, a arca repousou sobre as montanhas de Ararate**. Qual a importância deste relato? A localização da ancoragem da arca é importante porque se deu em um lugar histórico onde vários reinos se estabeleceram (2Rs 19.37; Jr 51.27). Essa

cadeia de montanhas, também conhecida por Urartu, fica no nordeste da Turquia e na atual Armênia. Uma localização bem definida mostra que a Bíblia não é uma série de contos inventados e aleatórios, mas uma narrativa verdadeira com provas históricas e geográficas.

Ainda nessa primeira parte, nos versos 7 a 12, que narram a ação sábia, cautelosa e cheia de autocontrole por parte de Noé em verificar pacientemente as condições da terra para que pudesse sair da arca, podemos tirar mais algumas lições espirituais.

O corvo enviado por Noé para verificar as condições da terra não voltou para arca, demonstrando que encontrara alimentação disponível. A base da alimentação dos corvos é de restos estragados de animais que se decompõem. Podemos imaginar que, com a tamanha mortandade que ocorrera, não faltou alimentação para o corvo que foi solto. A mesma coisa acontece com aquele que se alegra e se alimenta com as coisas estragadas, com o pecado. Ele não retorna mais ao lugar de onde saiu, não traz uma mensagem de esperança. Encontra um ambiente de podridão e se satisfaz nele. Muitos homens ainda procedem assim nos dias de hoje.

De modo contrário, a pomba enviada pela primeira vez voltou, pois não havia lugar para ela pousar. Mas quando foi enviada pela segunda vez, mesmo tendo encontrado alimento, uma folha nova de oliveira, retornou trazendo a mensagem de esperança. Noé prudentemente esperou mais sete dias e de novo enviou a pomba. Desta vez ela não voltou, dando a entender que já podia usufruir da recriação efetuada por Deus.

Assim acontece com aquele que experimenta a nova criação em Cristo. Quando prova o novo alimento, um alimento bom e verdadeiro, volta para trazer a mensagem a todos. E depois, quando é novamente enviado, vai e vive a sua nova vida desenvolvendo o papel que lhe foi designado para ser fecundo e multiplicar-se.

Quando unimos o verso 1 com o verso 11, onde vemos a volta da pomba para a arca com uma folha nova de oliveira no bico e a mensagem de que a terra estava seca, e lembramos que essa ave é o símbolo do Espírito Santo na Bíblia, devemos guardar em nossa mente o quanto é importante vivermos na esfera da nova criação, na esfera da influência do Espírito Santo.

A segunda parte desse capítulo nos informa que a extensão cronológica do dilúvio foi de mais de um ano. E, na verdade, quando comparamos 7.11

com 8.14, verificamos que Noé saiu da arca exatamente treze meses e vinte e sete dias depois que a porta fora fechada por Deus.

São essas as palavras dos versos 15 e 16: **Então disse Deus a Noé: Sai da arca, e, contigo, tua mulher, e teus filhos, e as mulheres de teus filhos**. No verso 17, Deus acrescentou a ordem para que também saíssem os animais, as aves e os répteis, e fossem fecundos e se multiplicassem.

Os versos 18 e 19 descrevem que tudo aconteceu como Deus ordenara. No verso 18, mais uma vez, vemos a obediência de Noé ensinando-nos que a vida de fé é concretizada na obediência. Quando cremos, amamos; quando amamos, obedecemos; quando obedecemos, mostramos a concretização da fé.

Ao finalizarmos as considerações dessa segunda parte do capítulo 8, damos atenção especial para o verso 16, onde encontramos Deus ordenando a Noé que saísse da arca. Pelo fato de o dilúvio ser uma prefiguração do batismo cristão, como está escrito em 1Pedro 3.20-21, podemos entender essa saída de Noé e de sua família como o ressurgimento deles da antiga para uma nova vida, sob os cuidados e a direção de Deus. A mesma coisa acontece com os cristãos que, obedientes, submetem-se à ordenança do batismo feita pelo Senhor Jesus. Você já obedeceu a essa ordenança do Senhor Jesus? Já se identificou com a morte de Jesus pelo batismo? Esse é um dever de todo cristão!

A terceira parte do capítulo 8, que compreende os versos 20 a 22, é uma bela narrativa da adoração de Noé a Deus:

**20. Levantou Noé um altar ao Senhor e, tomando de animais limpos e de aves limpas, ofereceu holocaustos sobre o altar.**

**21. E o Senhor aspirou o suave cheiro e disse consigo mesmo: não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade; nem tornarei a ferir todo vivente, como fiz.**

**22. Enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite.**

Significativamente, o primeiro ato de Noé e de sua família ao saírem da arca foi o de adorar ao Senhor. O coração grato sempre agrada a Deus. Noé, neste ato de adoração, demonstrou sua gratidão a Deus, reconhecendo que fora alvo da graça, da misericórdia e do amor de Deus.

A salvação que Deus nos proporciona deve tornar-nos pessoas gratas para com Deus. Você tem demonstrado gratidão por sua salvação?

Embora seja feita nesse texto uma distinção entre aves e animais limpos e imundos para serem oferecidos em holocausto, o sistema sacrificial completamente elaborado só seria conhecido no livro de Levítico. Mas sendo Moisés o autor do Pentateuco, e tendo recebido as orientações divinas sobre a maneira correta de cultuar, certamente destacou o procedimento correto de Noé ao oferecer sua adoração a Deus.

O verso 20 ainda diz que Noé ofereceu holocaustos ao Senhor. O holocausto era um sacrifício no qual a vítima era totalmente consumida pelo fogo sobre o altar sem que nenhuma parte fosse utilizada para outra finalidade. Era um sacrifício dedicado a Deus como propiciação pelo pecado. Certamente Noé incluiu o seu pecado, o de sua família e o de toda a humanidade porque o primeiro pecado, de Adão e Eva, havia afetado toda a raça humana. Mesmo sendo um homem justo diante de Deus, mesmo achando graça diante dele, Noé, com esse ato, confessou e admitiu o seu pecado e o pecado de toda a raça humana.

O verso 21 nos mostra que o Senhor aspirou o suave cheiro, ou como literalmente lemos no hebraico, "o Senhor aspirou aroma agradável, significando que aquele sacrifício foi aceitável diante dele".

Embora tenhamos lições espirituais a serem percebidas nesse relato é importante também salientarmos que essa alusão ao olfato de Deus é mais uma vez uma referência antropomórfica, isto é, o uso de características humanas feito por autores bíblicos para se referirem a Deus, que é Espírito (Jo 4.24).

Outra lição marcante neste texto é aquela que vê neste holocausto propiciatório o desvio da ira divina de sobre a raça humana, fato que ocorreu na morte de Jesus Cristo que se deu por nós, morrendo o justo pelos injustos, trazendo-nos a paz: **O castigo que nos traz a paz estava sobre ele (Is 53.5)**.

Nas palavras "não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem", é possível vermos teologicamente que essa resolução divina de não aplicar mais o juízo do dilúvio indica a aceitação do sacrifício por parte de Deus. Isso não quer dizer que Deus tenha retirado a sua maldição de sobre a terra, mas que não a destruiria mais através do dilúvio.

Mas por que Deus assumiu esse compromisso com o homem, que desde a sua mocidade tem no seu íntimo um mau desígnio, isto é, o desígnio de desobedecer, de não depender de Deus? Por que esse compromisso divino? Apesar de reconhecer no ser humano a tendência para o pecado, o caráter gracioso da aliança de Deus com Noé revela o seu amor e o seu desejo de manter comunhão com a sua criatura. A aliança graciosa de Deus para com Noé e sua família estendeu-se, e estende-se ainda hoje, para toda a humanidade, sem sombra de dúvida.

Em Números 23.19 lemos: **Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?**. Assim como Deus preservou e cuidou de Israel, seu povo, durante toda a história, com quem também firmou alianças, podemos crer que essa aliança com Noé e sua descendência é a garantia de que o juízo divino não ocorrerá novamente através das muitas águas. Deus é fiel!

Teremos, sim, o juízo divino sobre a raça humana, mas a Bíblia nos diz, em 2Pedro 3.7 e 13, que ele virá através do fogo:

**7. Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios.**

**13. Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e novas terras, nos quais habita a justiça.**

O verso 22 de Gênesis 8 é a conclusão do compromisso divino com o ser humano. Ele nos mostra algo maravilhoso com a expressão "enquanto durar a terra": a preservação por parte de Deus da boa ordem terrena, isto é, a seqüência correta dos dias e das noites; as estações uma após a outra; e as colheitas como resultado do trabalho do semeador. É possível percebermos que a nossa vida, em cada um dos seus detalhes, está sustentada na Palavra de Deus.

As palavras desse versículo nos convidam a apreciar, de uma maneira nova, os fenômenos da natureza. A ordem e a regularidade dos ciclos naturais estão sustentados na promessa divina. Paulo reafirma essa tão importante verdade ao referir-se ao Senhor Jesus Cristo: **Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste (Cl 1.17)**.

Quando preservamos e também contemplamos a natureza, estamos vendo nos pequenos detalhes a boa, firme e amorosa mão de Deus

proporcionando-nos um ambiente para o desenvolvimento de nossas vidas. Que possamos agradecer continuamente a Deus! Que nossa atitude seja semelhante à de Noé: cultuar ao Senhor de tal maneira que Ele aceite o nosso ato de louvor e adoração!

## A aliança de Deus com Noé. As bênçãos e maldições
### Gn 9.1-29

O conteúdo do capítulo 9 pode ser dividido também em três partes:

Parte 1 – Os novos decretos divinos (v. 1-7)
Parte 2 – A aliança universal, estabelecida com a raça humana (v. 8-17)
Parte 3 – A vida de Sem, Cão e Jafé (v. 18-29)

No verso 1 lemos: **Abençoou Deus a Noé e a seus filhos e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra**. Nesse novo começo, Deus estava renovando a bênção que havia proferido no início da criação do mundo. Na verdade, essa é a terceira vez que Deus abençoava o ser humano, como já havia feito em 1.28 e 5.2. Noé, como pai da humanidade resgatada do dilúvio, recebeu essa bênção assim como Adão recebeu a bênção extensiva a toda a humanidade. Essa bênção divina foi proferida não só a Noé, mas também a seus filhos, porque foi a renovação da aliança de Deus.

A ordem para serem fecundos e encher a terra demonstra mais uma vez a vontade de Deus de ver o mundo criado habitado pelo ser humano. Uma vez que o próprio Deus, através do dilúvio, havia feito perecer toda a carne, a ordem de povoar a terra era restabelecida. Através da família de Noé o mundo seria novamente habitado.

E isso de fato ocorreu, de tal maneira que nos dias de hoje temos uma superpopulação em algumas regiões do planeta, gerando muitas vezes, pela falta de cuidado do próprio ser humano, problemas difíceis, como a escassez de alimentos. A explosão demográfica e a procura pelos grandes centros urbanos trazem conseqüências terríveis para a humanidade.

Outro destaque que devemos fazer encontra-se no conteúdo do verso 2: **Pavor e medo de vós virão sobre todos os animais da terra e sobre todas as aves dos céus; tudo o que se move sobre a terra e todos os peixes do mar nas vossas mãos serão entregues**. É necessário discernirmos o significado dessas palavras. O homem criado a imagem e

semelhança de Deus, como veremos no verso 6, continuaria sendo um mordomo do mundo criado, mas este novo domínio estaria em grande medida sendo exercido num clima de medo e temor. A relação existente antes da queda, quando o homem provavelmente era vegetariano, era certamente pacífica. Mas agora, essa relação do homem com o restante da criação seria desenvolvida com base no temor e no medo, e os outros seres vivos também criados por Deus seriam dominados pelo homem e lhe serviriam de alimento, porque nas mãos dos homens estavam sendo entregues. Mais uma vez constatamos os resultados prejudiciais do pecado, mesmo após o dilúvio disciplinador, atingindo toda a criação.

O texto do verso 3, juntamente com o texto de 1.29, nos faz deduzir que antes do dilúvio a dieta dada por Deus ao homem era vegetariana. Por outro lado, é possível entendermos também que não temos aqui uma mudança de padrão, mas simplesmente a preservação de uma prática comum. Estas palavras divinas simplesmente autorizam, de forma oficial, uma prática (alimentar-se de carne), que a humanidade já fazia anteriormente com freqüência: **Tudo o que se move e vive ser-vos-á para alimento; como vos dei a erva verde, tudo vos dou agora (v. 3)**. Assim, a dieta humana foi expandida e, a partir daqui, a ingestão da carne como parte do cardápio estava plenamente autorizada. Digno de nota também é o fato de não percebermos nesse texto nenhuma menção que diferenciava entre animais puros e impuros, pois somente na época da lei é que tal diferença foi estabelecida.

Na seqüência, os versos 4 a 6 falam sobre o sangue. Para entendermos corretamente o texto é importante lembrarmos que o povo daqueles dias entendia que o sangue era o princípio vital dos seres vivos, tanto dos animais quanto dos homens. Hoje sabemos que a vida não está nele e nem no coração. Somente quando as ondas cerebrais cessam é que termina a vida.

Então, comer carne sem retirar-lhe o sangue era uma forma de afirmar que o poder da vida, que pertence exclusivamente a Deus, estava nas mãos daquele que a ingerisse. Em Levítico 17.11-14 vemos essa estreita relação entre o sangue e a vida quando o texto declara duas vezes que “a vida de toda carne é o seu sangue”.

A vida é um presente misterioso de Deus, e o homem que O teme não deveria buscar preservá-la ou aumentar a sua força vital, comendo mais

"vida" ao ingerir a carne ainda com sangue. Muitos povos pagãos tinham essa prática, pois criam que assim poderiam obter mais poder. Comiam muitas vezes as carnes dos seus inimigos, supondo que dessa maneira ficariam mais poderosos ainda.

A repetição da palavra "requererei", por três vezes em Gênesis 9.5, destaca o princípio de que a vida humana é tão valiosa para Deus que Ele exige como compensação nada menos que a vida daquele que a tira de outra pessoa. No verso 6 lemos: **Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem**. Juntamente com o verso 4, este texto traz a mensagem de que toda vida pertence a Deus, e a vida humana pertence-lhe ainda mais.

O próprio Deus é o grande defensor da vida humana que lhe é preciosa, porque o homem foi criado à sua imagem e semelhança. Mesmo distorcidos pelo pecado, esses atributos ainda são preservados em nós pelo próprio Deus. Quando um ser humano tira a vida de outro, está demonstrando desprezo para com Deus, o Criador, e para com o seu próximo que também lhe é semelhante.

Apesar de ser um tema bastante polêmico, nas palavras desses versos encontramos a razão pela qual não é possível ser favorável à pena de morte. Em seu bojo também estão a questão da participação em guerras e do nosso senso de defesa própria. É uma discussão com diversos pontos de vista, entretanto, devemos perceber que a exigência divina tinha um sentido profundo de disciplinar e corrigir. Ao invés de significar uma vingança social, ou um desrespeito à vida, serviria para desencorajar a prática de um crime que colocaria fim à existência humana.

É interessante notar que no verso 7, logo depois desses versículos que tratam sobre o sangue, temos uma palavra de motivação: **Mas sede fecundos e multiplicai-vos; povoai a terra e multiplicai-vos nela**. Sim, Deus estava repetindo a ordem que dera ao homem no verso 1 para que se multiplicasse sobre a terra. Mas isso só poderia acontecer com a bênção divina. Temos que aprender que qualquer iniciativa nossa em tentar obedecer às ordens divinas só será bem sucedida se for realizada sob a bênção de Deus. Essa é uma verdade concreta que devemos acatar.

Na segunda parte, os versos 8 a 17 narram o estabelecimento da aliança universal; na verdade, a primeira aliança explicita. Os versos 8 a 10

nos relatam uma aliança que é abrangente em sua amplitude, porque inclui todos os seres humanos, todos os seres viventes e até os animais que tinham saído da arca. Deus falou não só a Noé, mas à família toda. Seus filhos são agora co-herdeiros das bênçãos proferidas pelo Senhor.

No verso 11 lemos: **Estabeleço a minha aliança convosco: não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra**. Em certo sentido, essa aliança tem dimensão e alcance globais, uma vez que abrange todos os seres viventes. Por isso, o memorial da aliança, o arco-íris, foi colocado no céu, um dos elementos do cosmos. Esse arco-íris, disse Deus no verso13, "será por sinal da aliança entre mim e a terra".

As alianças bíblicas geralmente são representadas por símbolos visuais, como por exemplo a circuncisão, na aliança com Abraão; o sábado, na aliança com Israel no Sinai; a Ceia do Senhor, na nova aliança. Na aliança feita com Davi, o símbolo era a manutenção do reino na sua família. E, é sempre bom lembrar que Deus cumpre integralmente a sua parte nos concertos que faz com o ser humano.

A repetição de uma idéia, através das frases "não será mais destruída toda a carne" (v. 11), "nem haverá dilúvio" (v. 11), "minha aliança… para perpétuas gerações" (v. 12), e "me lembrarei da minha aliança eterna" (v. 15), significam um compromisso unilateral de Deus. Na verdade, Deus a si mesmo se obriga manter a palavra por toda a história do ser humano, sem exigir nada em troca. Como Deus é bom! Mesmo sabendo que não cumprimos os nossos compromissos, se mantém fiel à sua Palavra. Por isso você pode confiar nele e ter segurança sempre.

Nos versos 15 e 16 temos a repetição da frase "me lembrarei", impetrada por Deus quando Noé ainda estava na arca (8.1). No hebraico, o verbo lembrar tem a conotação de uma ação baseada num compromisso prévio. É assim que Deus honra a sua palavra. Quando firma uma aliança conosco, podemos estar certos e seguros de que Ele a cumprirá. Podemos experimentar essa fidelidade do Senhor.

A segunda parte termina com o verso 17, onde vemos uma reafirmação do compromisso divino com toda forma de vida que há sobre a terra: **Disse Deus a Noé: Este é o sinal da aliança estabelecida entre mim e toda carne sobre a terra**.

Agora, na terceira e última parte do capítulo 9, vamos conhecer o conteúdo dos v. 18 a 29. Neles encontramos a narrativa das vidas de Sem, Cão e Jafé, os três filhos de Noé. Nos versos 11 a 19, ênfase maior é dada a Cão, que é apontado como o pai de Canaã. A partir desses três homens, toda a terra foi povoada e surgiram as diversas nações.

Os versos 20 a 23 nos relatam um episódio bastante interessante. Noé era agricultor, como seu pai Lameque (5.29), e foi o primeiro a plantar uma vinha. Certamente é possível admitirmos que a semente que Noé usou para essa plantação foi preservada na arca. Algum tempo se passou, a vinha produziu, e de seu fruto Noé fez vinho e, tomando-o, se embriagou.

É importante nesse momento destacarmos que a primeira referência bíblica ao vinho associa-o a embriagues. Embora a Bíblia não condene o uso de vinho, ela adverte a todo homem do perigo do seu uso em excesso (Pv 21.17; 23.20-21,29-35; Is 5.22; 28.7). Os nazireus, pelos seus votos, não deveriam tomar vinho de forma nenhuma, assim como os sacerdotes quando estavam oficiando e os governantes quando tomavam suas decisões.

Em nosso relato específico, Noé, o cabeça da raça humana, após o dilúvio, pecou ao beber e embriagar-se, assim como Adão, o cabeça original da raça, pecou ao comer do fruto proibido. Embora Noé estivesse em um mundo novo, estava ainda sob os efeitos, sob o domínio do pecado. Fica claro que o uso excessivo do vinho pode levar qualquer um até mesmo a um comportamento indecente, um comportamento incompatível com uma vida de piedade na presença de Deus.

A exposição pública da nudez é desmoralizante, trouxe vergonha a Noé e complicações terríveis para Cão, porque ao invés de encobrir a indecência do pai, ele foi contar o ocorrido a seus irmãos. Sem e Jafé tiveram uma atitude melhor e mais respeitosa que Cão. Andando de costas para não verem a nudez do pai, cobriram-no com uma capa, livrando-o da situação vexatória em que se encontrava.

Há nesse episódio duas atitudes que merecem nossa atenção. Primeiro, a atitude de Cão de desprezo, de desdém, de irreverência e, principalmente, de falta de respeito para com o pai. Muitas vezes nós também menosprezamos aqueles que por motivos diversos não têm um comportamento correto. Condenar o pecado é correto, mas amar o pecador é o nosso dever. Em segundo lugar, a atitude de consideração, respeito e

reverência por parte dos outros dois irmãos. Querendo evitar a vergonha do pai, Sem e Jafé demonstraram carinho, consideração e submissão a ele.

Na seqüência, ao observarmos os versos 24 a 27, a recuperação de Noé do efeito do vinho, percebemos também a sentença condenatória proferida a Cão. Ao acordar do efeito do vinho, disse: **Maldito seja Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos (v. 25)**. Cão era provavelmente o filho mais novo (veja 10.21), e talvez tenha pecado por ser mais inexperiente, mas mesmo assim, não ficou livre da maldição proferida por seu pai. Ele e seus descendentes receberiam a punição.

Por sua violação ao respeito que deveria ter para com a família, para com o seu pai, sua descendência iria fracassar. Assim por ser o filho mais novo de Noé, e agir errado para com seu pai, a maldição recairia sobre ele, Canaã, que passaria a viver como servo.

Alguns estudiosos da Bíblia crêem que essa maldição tem relação com a cor da pele e com a sentença de servidão aos descendentes de Jafé e Sem. Entendem esses que a raça negra é a descendência de Cão. Em relação à pigmentação da pele, podemos afirmar que ela ocorre pela questão do clima e da localização geográfica, conforme nos informam os estudos científicos modernos. Também o que os cananitas enfrentaram, quando o território da Palestina foi devastado, foi uma clara conseqüência da civilização corrupta, criminosa e de práticas religiosas que ofendiam a vontade de Deus, como o oferecimento de seus próprios filhos em sacrifícios aos ídolos (Lv 20.23-24 com Gn 15.16).

Os descendentes de Cão, em outras localidades, foram responsáveis pelas duas primeiras grandes civilizações da história humana: o Egito e a Babilônia. Portanto, concluir que a maldição de Cão se deu através da coloração da pele, é um exagero sem base textual.

Enquanto Cão foi amaldiçoado, Sem foi abençoado (v. 26). Noé bendisse nesse verso ao Senhor, reconhecendo Deus como o autor da vida e estendeu essa bênção a Sem. E, assim, a linha messiânica fica restrita a linhagem de Sem, especificamente através de Abraão.

Finalmente, nos versos 28 e 29, encontramos o relato da idade completa de Noé, 950 anos, sendo ele o décimo e o último da genealogia de Sete, conforme está registrado no capítulo 5.

Podemos terminar esse capítulo com as palavras de Hebreus 11.7 sobre Noé: **Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca dos acontecimentos**

**que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa; pela qual condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça que vem da fé**. Noé teve uma vida exemplar. Foi escolhido para preservar a raça humana. Mesmo pecando, foi usado por Deus para cumprir o seu plano. Que essa vida de fé e confiança no Senhor possa ser seguida por todos nós.

## A família das nações

### Gn 10.1-32

Nem todas as nações conhecidas do Antigo Testamento estão arroladas em Gênesis 10.1-11, mas as que foram mencionadas mostram que toda a humanidade, com toda a sua diversidade, têm origem num só Criador.

Neste capítulo, os principais povos conhecidos pelos antigos israelitas apareceram distribuídos em três grandes grupos como descendentes de Jafé (v. 2-5), Cão (v. 6-20) e Sem (v. 21-31). Cada um deles reúne nações aparentadas entre si por razões históricas ou geográficas. Assim, as diversas nações espalhadas sobre toda a terra são, de certo modo, o resultado da bênção de Deus de fecundidade e multiplicação, e fazem parte do plano divino. O fato de agrupar todos os povos em uma árvore genealógica demonstra a unidade do gênero humano, originários de Adão e Eva.

Os vínculos apresentados aqui não se baseiem exclusivamente na descendência genética, mas também podem incluir associações geográficas, históricas e lingüísticas. Possivelmente, os setenta nomes mencionados influenciaram o Senhor Jesus quando, em Lucas 10.1, enviou setenta discípulos para proclamar o evangelho, demonstrando que as boas novas são para todas as etnias, línguas, raças e nações. Alguns desses setenta nomes são de pessoas, como por exemplo, Jafé e Ninrode, outros são de lugares, como Sidom e Sabal, e ainda outros de povos, como Ludim e Caftorim.

Quero chamar sua atenção para um detalhe significante neste capítulo. Das três famílias da humanidade, estudaremos primeiramente a descendência de Jafé, depois a de Cão e, posteriormente, a de Sem, que receberá a atenção por todo o restante do livro. Isso se dá porque é dessa linhagem que surgirá o povo eleito por Deus para realizar o seu desígnio de salvação para toda a humanidade. A partir de Abraão, o povo de Israel;

a partir de Israel, o rei Davi; e, na seqüência da linhagem real, o Rei dos reis, o Senhor dos senhores, Jesus Cristo, nosso Salvador.

Esse também foi o procedimento de Moisés para com os demais temas secundários do livro, como veremos ao estudar o texto de Gênesis 11.10. Os ramos não abraâmicos serão apresentados antes de nos concentrarmos na linhagem patriarcal.

Consideraremos primeiro, nesse capítulo, as quatorze nações que se originaram de Jafé e estão claramente apresentadas nos versos 2 a 5. Todos esses descendentes migraram para o Oeste. Dentre essas nações, algumas são mais conhecidas que outras. Jafé teve os seguintes filhos: Gômer, Magogue, Madai, Javã, Tubal, Meseque e Tirás.

O povo de Gômer é formado pelos posteriores cimérios e as nações que moravam ao norte do Mar Negro; o povo de Magogue pelos lídios, da Ásia Menor; o povo de Madai pelos medos, da região montanhosa a noroeste do Irã; o povo de Javã pelos gregos de Jônia, na costa ocidental da Ásia Menor; os povos de Tubal e Meseque são, provavelmente, aqueles que habitavam a região do Ponto e as montanhas Mósquias; e, finalmente, o povo de Tirás era constituído pelos habitantes da região posteriormente chamada Trácia.

No verso 5 lemos: **Estes repartiram entre si as ilhas das nações nas suas terras, cada qual segundo a sua língua, segundo as suas famílias, em suas nações**. É importante notarmos nesse verso, e nos versos 20 e 31, que Moisés por ter escrito Gênesis, quando já existiam as nações com suas próprias línguas, antecipou o relato de 11.1-9, onde encontramos a divisão das línguas em Babel.

A partir de um relato como esse, repleto de nomes, nações e locais que são desconhecidos da maioria de nós, que lição podemos extrair e aplicar em nossas vidas? Será que encontramos alguma lição? Se meditarmos nos procedimentos de Deus, reconheceremos a soberania no seu ato criador e sua clara intenção de levar a mensagem da salvação a todos os povos. Com isso vemos refletido o amor de Deus por sua criatura. Mesmo que não percebamos, Deus controla todo o universo e todas as nações para fazer convergir todas as coisas em favor daqueles que o amam (Rm 8.28-29). Medite nessa verdade!

Nos versos 6 a 20, encontramos os descendentes de Cão, ou camitas, como muitos os denominam. São trinta as nações que descendem de Cão e

que se estabeleceram no sudoeste da Ásia e no nordeste da África, na parte sul de Canaã. Se atentarmos para o texto, vamos encontrar em meio a esses nomes os egípcios, os babilônios e os cananeus, os vizinhos mais amargos e constantemente considerados inimigos de Israel.

O verso 6 diz: **Os filhos de Cão: Cuxe, Mizraim, Pute e Canaã**. Cuxe se estabeleceu na região do Rio Nilo, no sul do Egito, hoje conhecida como Etiópia. Mizraim significa "dois Egitos", uma referência clara a localização desses povos, no alto e no baixo Egito. Pute também se fixou no norte da África, na Líbia, ou na chamada terra de Punte, que é a atual Somália. E, por fim, encontramos o nome de Canaã, que significa "terra da púrpura", da mesma forma que Fenícia, o nome grego da mesma região geral. Devemos notar que esse nome era uma identificação, pois Canaã era produtor e exportador da tinta púrpura, uma tinta muito apreciada pela realeza. Todo esse território foi chamado e conhecido na literatura bíblica por Palestina, derivado do nome dos filisteus.

Na genealogia de Cão, destacaremos os versos 8 a 12 que relatam a trajetória de vida de um dos filhos de Cuxe, o filho mais velho de Cão. O texto diz assim:

**8. Cuxe gerou a Ninrode, o qual começou a ser poderoso na terra.**
**9. Foi valente caçador diante do Senhor; daí dizer-se: Como Ninrode, poderoso caçador diante do Senhor.**
**10. O princípio do seu reino foi Babel, Ereque, Acade e Caine, na terra de Sinear.**
**11. Daquela terra saiu ele para a Assíria e edificou Nínive e Calá.**
**12. E, entre Nínive e Calá, a grande cidade de Resém.**

A interrupção da seqüência genealógica que é feita nesses versículos, além de nos chamar atenção, nos mostra que ela é de fundamental importância para a história de Israel, pois explica a origem racial e espiritual da Assíria e da Babilônia, que mais tarde conquistaram, respectivamente, Israel e Judá. O nome Ninrode provavelmente significa "nós nos rebelaremos". E por essa definição, você já pode imaginar a história desse homem!

Ninrode é provavelmente o nome hebraico de Sargon I, um dos primeiros grandes reis da Acádia. Nas tradições judaicas posteriores, ele é identificado como o construtor da torre de Babel. Ninrode, que era caçador e guerreiro, foi um arquétipo, um padrão do ideal mesopotâmico para um

rei, e é sempre destacado por duas características que o mundo admira: a bravura pessoal e o poder político. O significado da frase "foi grande caçador" deve ficar bem entendido. Ninrode não foi caçador de animais, mas um grande líder, um conquistador de pessoas, um homem carismático que reunia muitos em torno de si e de seus projetos.

Lendo o texto bíblico, vemos que Ninrode começou a ser poderoso na terra. A palavra "poderoso" quer dizer: ele quis governar e reinar por meio de um império mundial. E, infelizmente, é este sempre o grande interesse do homem. Ele sempre quer se tornar governador do mundo sem depender de Deus.

É ainda importante extrairmos duas lições desse texto. Em primeiro lugar, devemos notar que a Bíblia não rejeita essas características, ao contrário, por duas vezes usa a expressão "diante do Senhor" indicando a aceitação e a apreciação do Senhor dessas capacidades. Em segundo lugar, temos uma outra lição muito significativa sobre como não devemos desenvolvê-las. Se desenvolvermos a bravura pessoal e o poder político por nossa própria conta, sem nos submetermos ao Senhor, colheremos o mesmo resultado que Ninrode colheu.

O texto do verso 10 diz que o princípio do reino de Ninrode foi Babel, mas em Gênesis 11.9 encontramos o fim dessa aventura de desobediência e orgulho. Depois de tentarem fazer uma torre alta para deixar seus nomes célebres, desobedecendo a ordem divina de se espalharem pela terra, Deus mesmo destruiu toda aquela obra feita por mãos humanas. Assim, todo o trabalho foi inútil. Mas a história desse homem e sua grande cidade termina de fato só em Apocalipse 18, onde temos, de modo claro, a queda e a derrota final da Grande Babilônia.

Esse é o resultado de uma vida que poderia ser aprovada por Deus, mas não foi. Quando pensamos que temos muitas virtudes e nos baseamos no nosso próprio poder, podemos estar certos que estamos trilhando caminhos que desagradam a Deus e, com certeza, sofreremos as conseqüências de nossa atitude orgulhosa.

Ninrode é, por tudo isso, uma sombra ou um tipo do anticristo que assumirá, no final da história humana, o governo do mundo por esses mesmos processos e sistemas, conforme lemos em Apocalipse 18. Ele foi o modelo do homem do pecado por causa de seus atos.

Mas devemos salientar também que foi através de Ninrode que se formou a primeira grande civilização. Assim, os filhos de Cão formaram as primeiras grandes civilizações. E, mais uma vez, cai por terra a interpretação errônea de que os filhos ou descendentes de Cão são povos que nunca puderam se desenvolver, os povos negros, sempre atrasados neste ou naquele ponto da terra.

Vemos, então, que duas grandes civilizações antigas, a Assíria e a Babilônia, eram descendentes de Cão, o filho amaldiçoado de Noé. A Bíblia não dá margem para ninguém desprezar este ou aquele povo, esta ou aquela pessoa por pertencer a esta ou aquela descendência. Se as pessoas fazem parte de uma determinada raça ou cultura, isso se deve a outros fatores, não a maldição de Noé sobre os descendentes de Cão.

A genealogia de Sem é descrita nos versos 22 a 30. É desta genealogia que surgiu Abraão, a nação de Israel, o grande rei Davi e, posteriormente, Cristo. Temos aqui uma genealogia muito simpática e muito significativa para o mundo inteiro.

Neste capítulo 10 de Gênesis é interessante notarmos que Deus aparentemente abandonou o mundo e os povos por algum tempo, para revelar depois o seu grande amor através de Abraão, de Israel, de Davi e de Cristo. O nosso futuro está ordenado e as diversas genealogias traçadas.

É interessante notarmos agora todo o quadro do capítulo 10. Das setenta nações que estão aqui alistadas, 14 descendem de Jafé, 30 de Cão e 26 de Sem. É interessante também percebermos que no início da humanidade os povos negros estavam em proeminência. Assim, aprendemos que não importa qual a raça. Deus, de alguma forma, atuou no meio e por meio de todas estas nações para cumprir o seu plano.

Na seqüência os versos 21 a 25 dizem assim:

**21. A Sem, que foi pai de todos os filhos de Héber e irmão mais velho de Jafé, também lhe nasceram filhos.**
**22. Os filhos de Sem são: Elão, Assur, Arfaxade, Lude e Arã.**
**23. Os filhos de Arã: Uz, Hul, Géter e Más.**
**24. Arfaxade gerou a Salá; Salá gerou a Héber.**
**25. A Heber nasceram dois filhos: um teve por nome Pelegue, porquanto em seus dias se repartiu a terra; e o nome de seu irmão foi Joctã.**

O verso 25 diz que nos dias de Pelegue, um dos filhos de Heber, "se repartiu a terra". Então, surge a pergunta: Qual o significado dessa frase? Será possível entender que houve uma divisão física na terra? Será que houve uma grande catástrofe em nosso planeta? Ou Moisés está se referindo a divisão de línguas que ficou tão bem registrada no capítulo 11? Creio que foi isso que aconteceu. Pelo significado do nome de Pelegue, que quer dizer "separar ou dividir", com certeza há o emprego de um jogo de palavras, e o verso 25 surge como uma antecipação do episódio da torre de Babel.

No final do capítulo 10, no verso 32, lemos que através das setenta famílias originárias dos filhos de Noé a terra foi povoada em diversas nações e em diversas línguas. E, devemos enfatizar que mesmo diante da tendência humana de desobedecer, Deus é soberano e levará os seus planos até o fim.

## A torre de Babel e os semitas
### Gn 11.1-32

Estudar cuidadosamente o capítulo 11 de Gênesis é importante porque com ele terminamos a primeira grande divisão deste primeiro livro da Bíblia.

Devemos recordar o esboço de Gênesis com suas duas grandes divisões. A primeira parte abrange o conteúdo dos onze primeiros capítulos e foi denominada de "A História primitiva da raça humana". Essa primeira divisão possui quatro subdivisões que nos ajudaram a reter melhor o seu conteúdo. São os quatro eventos que temos estudado: a criação, a queda, o dilúvio e agora, o evento da torre de Babel. A segunda parte de Gênesis, que inclui os capítulos 12 a 50, foi chamada de "A história patriarcal da raça humana", e também nela encontramos 4 divisões com a história dos primitivos personagens do povo de Israel: Abraão, Isaque, Jacó e José.

Mas voltando ao capítulo 11, encontramos nele claramente três divisões:

Parte 1 – O evento da torre de Babel (v. 1-9)
Parte 2 – A descendência de Sem (v. 10-26)
Parte 3 – A família que deu origem a Abraão (v. 10-26)

Na primeira parte, nos deteremos em alguns detalhes. Em primeiro lugar, o verso 1 informa que havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar. Em segundo lugar, o verso 3 indica que os homens fizeram tijolos bem queimados, e com o betume no lugar de argamassa obtiveram material para a grande construção planejada. Em terceiro lugar, o verso 4 relata o que os homens pós-diluvianos disseram: **Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo tope chegue até aos céus e tornemos celebre o nosso nome, para que não sejamos espalhados por toda a terra**.

É importante guardar bem esses detalhes destacados. Agora, recordemos as palavras de Deus logo depois do dilúvio. Essas palavras, ditas para Noé e seus descendentes, foram registradas em Gênesis 9.1 e 9.7: **sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra**. Percebeu? Deus tinha dado uma ordem expressa: povoai a terra!

Porém, de acordo com o que mencionamos em 11.4, o desejo humano foi exatamente contrário à ordem divina. Enquanto Deus ordenou que povoassem a terra, os líderes convocaram os seus semelhantes a se ajuntarem para construir uma cidade e uma torre para não serem espalhados por toda a terra.

Aproveitando que falavam somente uma língua e habitavam num só local, na planície da terra de Sinar, com o desejo orgulhoso e desobediente, tomados pela arrogância, planejaram algo totalmente contrário aos planos divinos. Algumas pessoas dizem que essa liderança foi de Ninrode.

A Bíblia não faz essa afirmação direta, nós também não podemos fazê-la com segurança, mas o que importa aqui é descobrirmos como o coração do homem é contrário às ordens de Deus. Percebemos a mesma desobediência arrogante que levou Adão e Eva a se rebelarem contra a ordem divina, preferindo obedecer à sugestão de Satanás, desejando se tornarem como Deus. Percebemos a mesma arrogância invejosa de Caim, que o levou a assassinar o seu irmão Abel por ter sido rejeitado no sacrifício oferecido a Deus. Percebemos o mesmo desprezo arrogante dos contemporâneos de Noé que os levou a rejeitar a mensagem do juízo divino através do dilúvio, fazendo-os perecer. E, por fim, vimos o desejo orgulhoso de Ninrode, que o levou a ser um grande e poderoso líder manipulador dos seus semelhantes.

Todas essas inúmeras atitudes erradas, desde o início da humanidade, agora são vistas e concentradas na desobediência dessa geração à ordem divina claramente exposta: povoai a terra. Ao invés de povoar, habitando todos os lugares do planeta, essa geração ajuntou-se para desobedecer e começou a construir uma torre para tornar célebre o seu nome. Esse é o coração humano!

A torre construída era um tipo de templo típico da Mesopotâmia, conhecido como "zigurate", que tinha uma base quadrada e as quatro paredes laterais iam sendo construídas em degraus, com cada degrau superior sendo menor que o inferior. No topo dessa torre era colocado um altar para oferecer sacrifícios ao sol, à lua e as estrelas. O desejo daquela geração era construir uma torre, uma espécie de escadaria que, conforme supunham, levaria o homem até o céu para dali dominar toda a criação e se proteger de um futuro dilúvio.

Mas você sabe que embora possamos ter bons planos e elaborar boas estratégias e realizações, quando não os submetemos a Deus, tudo pode ser desfeito num momento! E foi exatamente isso que aconteceu, como lemos nos versos 5 a 9:

**5. Então, desceu o Senhor para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens edificavam;**
**6. e disse: Eis que o homem é um, e todos têm a mesma linguagem. Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo o que intentam fazer.**
**7. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que um não entenda a linguagem de outro.**
**8. Destarte, o Senhor os dispersou dali pela superfície da terra e cessaram de edificar a cidade.**
**9. Chamou-se-lhe, por isso, o nome de Babel, porque ali confundiu o Senhor a linguagem de toda a terra e dali o Senhor os dispersou por toda a superfície dela.**

Precisamos fazer três observações em relação a esse episódio. Em primeiro lugar, Deus viu a intenção do coração humano e agiu soberanamente provocando a divisão dos homens pela variação de línguas. É assim que Deus age. Por ser soberano, quando percebe que em nossos planos a sua vontade não está sendo respeitada, Ele mesmo, conforme o

seu querer, age soberanamente impedindo-nos de ter outras ações que o desagradem e nos sejam prejudiciais.

Em segundo lugar, o uso do plural nos verbos do verso 7: “vinde, desçamos e confundamos”. A convocação “vinde”, que foi usada quando os homens foram desafiados a construir a torre, agora é empregada para impedir que eles cometessem tal desatino. É interessante notar que o uso do plural indica a ação das três pessoas da Trindade agindo de acordo com o plano divino previamente traçado.

Diante da desobediência do homem, Deus mesmo os espalhou na terra para que ela fosse povoada. A ordem do Senhor sempre é cumprida por bem ou por mal, em submissão ou para o quebrantamento do nosso orgulho. A vontade do Senhor sempre é cumprida!

Em terceiro lugar, devemos observar o nome da cidade construída: Babel. Para os babilônios, esse nome significava “portal dos deuses”, denotando a idolatria que era praticada contra Deus. No hebraico, seu sentido é “confundir”. E, mais uma vez, encontramos o texto bíblico fazendo uso de um jogo de palavras com Babel, indicando a “confusão” de línguas que ali ocorreu.

Este nome deu origem a Babilônia, uma cidade, um estado, uma sociedade ateísta, mas ao mesmo tempo idólatra, com grandes pretensões, conforme o capítulo 11 de Gênesis nos mostra. Uma nação perseguidora (Dn 3); um povo que buscava os prazeres, os pecados e as superstições (Is 47.8-13); uma cidade que queria chegar ao céu com sua torre, mas que chegou até o céu por sua enorme quantidade de pecados (Ap 18.5). Por tudo isso, foi derrubada e simboliza a queda do mal no final dos tempos, conforme está descrito em Apocalipse.

Outra lição interessante que este relato ainda destaca é o amor de Deus ao dispersar o homem através da confusão das línguas, para que ele habitasse todo o planeta criado por sua causa. Esse ato é contrastado com Atos 2, quando também, por amor, Deus permitiu que através de uma nova linguagem, a linguagem do evangelho, a linguagem do Espírito, todos os que cressem dentre qualquer povo, tribo, língua, raça e nação fossem novamente irmanados na família de Deus, sendo todos participantes do Corpo de Cristo! Quem realizou essa obra foi o Espírito Santo, que no dia de Pentecoste veio inaugurar essa nova etapa no relacionamento de Deus

com o homem. Isso é algo maravilhoso. Os planos amorosos de Deus são maravilhosos!

E, depois de tantas lições relativas à torre de Babel, veremos agora o que nos ensinam os versos 10 a 26. Eles apresentam, nos séculos entre os dias de Sem até os dias de Abraão, os descendentes de Sem. São mencionadas dez gerações, significando a totalidade de todos os semitas, conforme vimos na narrativa dos descendentes de Sete.

Aqui, primeiramente, vão sendo extraídos das genealogias aquilo que os estudiosos chamam de "ramos laterais". Isso acontece porque Moisés, inspirado pelo Espírito Santo, foi focalizando a sua atenção na família de Abraão, escolhida por Deus como seu instrumento de bênção a todas as nações. Nesta genealogia, a duração da vida vai se restringindo do nível pré-diluviano, de 900 a 700 anos, para os 175 anos de Abraão e os 110 de José. A idade da geração dos filhos chega quase aos limites atuais, como posteriormente veremos no caso do nascimento de Isaque.

Nos versos 10 a 26, os dez nomes mostram as dez gerações: Sem, Arfaxade, Salá, Héber, Pelegue, Reú, Serugue, Naor, Tera, Abrão. Todos esses geraram filhos e filhas e assim foi sendo constituída a linhagem dos hebreus. Héber se destaca nesta relação, no verso 16. Ele já foi mencionado em 10.21 e, segundo os estudiosos, de seu nome vem a origem da palavra "hebreu". E, assim, pouco a pouco, as lentes mais precisas do microscópio vão sendo trocadas para nos aproximarmos cada vez mais da origem dos patriarcas hebreus. E é exatamente essa a ênfase dos últimos versos, 27 a 32. O texto diz assim:

**27. São estas as gerações de Tera. Tera gerou a Abrão, a Naor e a Harã; e Harã gerou a Ló.**
**28. Morreu Harã na terra de seu nascimento, em Ur dos caldeus, estando Tera, seu pai, ainda vivo.**
**29. Abrão e Naor tomaram para si mulheres; a de Abrão chamava-se Sarai, a de Naor, Milca, filha de Harã, que foi pai de Milca e de Iscá.**
**30. Sarai era estéril, não tinha filhos.**
**31. Tomou Tera a Abrão, seu filho, e a Ló, filho de Harã, filho de seu filho, e a Sarai, sua nora, mulher de seu filho Abrão, e saiu com eles de Ur dos caldeus, para ir à terra de Canaã; foram até Harã, onde ficaram.**

**32. E, havendo Tera vivido duzentos e cinco anos ao todo, morreu em Harã.**

"Ur dos caldeus" era provavelmente uma das mais antigas cidades do sul da Mesopotâmia, e ficava próxima da desembocadura do rio Eufrates, no golfo Pérsico, no sul do Iraque. Esta cidade é assim chamada porque foi dominada pelos caldeus, no sétimo e no sexto séculos antes de Cristo. Nesta cidade a lua era adorada como deus, assim como na cidade de Harã para a qual Tera foi com seu filho Abrão e Sarai.

A Bíblia não apresenta as razões que levaram Tera a sair de Ur em direção a Canaã. Embora tenha parado em Harã, é provável que essa saída tenha sido provocada por sua insatisfação em relação à adoração prestada à lua, ou por precaução antecipada, pois conforme os relatos históricos, Ur foi destruída pelos elamitas por volta de 1950 a.C.. Pode ter sido também por prévio aviso divino, tendo em vista a preservação da linhagem de Abraão.

Mas o que realmente aconteceu? Quando lemos em Gênesis 12.5 que Abrão, depois de chamado por Deus, prosseguiu e chegou a Canaã, fica a pergunta: Por que Abrão conseguiu chegar onde queria e o mesmo não aconteceu com seu pai Tera? É possível ver aqui, como em Hebreus, uma lição de que somente pela fé temos condições de manter o rumo e alcançar os alvos propostos? Hebreus 11.9 diz assim: **Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa**. Assim como Abraão, precisamos viver sempre olhando para Cristo Jesus, o autor e consumador da nossa fé.

Mas ainda há um outro ponto que merece ser destacado. Refere-se à conseqüência da morte prematura de Harã, pai de Ló. Depois da morte de seu irmão, Abraão praticamente adotou o sobrinho Ló, considerando-o como um filho. Tempos depois, Abraão (conforme veremos em Gn 13.1-13), numa atitude sem igual de amor e desprendimento, cedeu o melhor da terra para que Ló se instalasse e ampliasse o seu rebanho. Nessa decisão, vemos uma demonstração de desapego aos bens materiais, que são passageiros, diante do valor de um relacionamento que dura até a morte.

Vale a pena fazermos, nesse momento, uma auto-análise para verificarmos em que situação se encontram nossos valores. O que temos valorizado mais? As posses e objetos que se desfazem ou relacionamentos

que podem permanecer para sempre? Você se lembra do provérbio que diz que há amigos mais chegados que um irmão (Pv 18.24)? Qual tem sido a sua prática? Você tem algum relacionamento que precisa ser acertado? Agora é a hora. Peça a graça de Deus e tome a iniciativa.

## O início da história de Abraão

### Gn 12.1-20

No capítulo 12 temos, de certa forma, o início da história de todos os que crêem. Sabe por quê? Porque é o início da história de Abraão, o "pai da fé", e todos os que crêem são chamados seus filhos. Então, é também o início da nossa história.

Como vimos anteriormente, os onze primeiros capítulos de Gênesis correspondem a um período de mais de dois mil anos. Deus tratou durante este tempo com todas as raças e com o mundo todo. Mas aqui, no capítulo 12, aconteceu uma mudança na forma de Deus tratar a humanidade. Até o fim de Gênesis, iremos nos certificar dessa verdade ainda mais. Deus passa a dispensar atenção especial a quatro homens, formando por meio deles uma nação para cumprir seus planos redentores. Desse ponto em diante, o livro de Gênesis não dá mais ênfase a eventos, mas passa a destacar a vida desses personagens. Deus queria formar uma nação, para que por meio dela todos os povos da terra fossem abençoados.

Então, nesta segunda parte de Gênesis, dos capítulos 12 a 50, vamos encontrar Deus agindo para forjar o caráter de quatro homens, para deles originar um povo que deveria ser abençoador. Em termos gerais, no texto que vai de Gênesis 12 a 25, temos o relato da vida de Abraão, um homem de fé; nos capítulos 21 a 26, com uma sobreposição de histórias, encontraremos a narrativa da vida de Isaque, o filho da promessa; nos capítulos 27 a 36 é contada a vida de Jacó, que depois se tornou Israel; e finalmente, nos capítulos 37 a 50, saberemos da história de José, conhecido como "José do Egito". Estes são os quatro patriarcas que deram origem ao povo de Israel.

O pecado separou o homem do Criador e, assim, Deus lançou o seu eterno plano para salvar a raça humana. Como vimos nos exemplos de Adão e Eva, de Caim, da geração de Noé e no evento da torre de Babel, o ser humano pretendeu dirigir a sua própria vida sem depender de Deus, porque essa rebeldia é inerente ao seu coração, depois da queda; depois do

pecado. O homem procurou fugir de Deus, e Deus sempre lhe oferecia a oportunidade de reconciliação. A mensagem da misericórdia e graça de Deus sempre foi levada ao homem de uma forma ou de outra.

E, assim, depois de dois mil anos de rebelião sem que o homem revelasse genuíno interesse pelo Criador, Deus passou a usar uma estratégia diferente. Deixou de lado o tratamento global da raça humana, da humanidade em geral, e começou a tratar especificamente com pessoas, com indivíduos, para deles formar uma nação através da qual pudesse se revelar à própria humanidade. Esse foi o plano divino. Isso é o que Deus resolveu fazer e o que veremos a partir deste capítulo 12 de Gênesis.

Deus decidiu formar uma nação por meio de um homem e, por meio desta nação, trazer à humanidade àquele que seria o Redentor. Deus usou Abraão para formar a nação judaica e por meio dela trazer Jesus, o Salvador do mundo. Abraão foi um instrumento importante nas mãos divinas.

Você sabia que três grandes religiões mundiais tiveram sua origem de alguma forma em Abraão? O judaísmo, o cristianismo e o islamismo são as religiões mundiais que reconhecem a importância de Abraão.

Deus apareceu a Abraão sete vezes, e em cada uma delas procurou desenvolver a sua fé. Abraão não era perfeito e, como nós, teve os seus fracassos e erros. Mas como no caso do apóstolo Pedro, ele começava novamente, se levantava e seguia com Deus. Quando o Senhor se revela ao homem, ele pode cair, mas sempre se levanta.

Depois dessas palavras introdutórias a respeito de Abraão, vejamos o que nos mostram os três primeiros versículos do capítulo 12:

**1. Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei;**
**2. de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção!**
**3. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra.**

Estamos diante de um relato precioso demais. Temos que entendê-lo corretamente em toda a sua amplitude. Com Abrão começa a história da formação de Israel, história maravilhosa, que revela alguns aspectos inerentes do nosso Deus:

1. A liberdade em ser misericordioso para com os que nele crêem e obedecem.
2. A santidade em trazer juízo sobre quem quebra a sua aliança.
3. A fidelidade em restaurar o arrependido.
4. A absoluta soberania sobre a história humana, sobre a sua história.
5. A sua determinação graciosa em escolher um homem, para dele demonstrar seu amor.

Quanto ao chamado especifico de Abrão, esta narrativa é muito significativa. Ela apresenta a sua partida de uma cidade humana, Ur dos caldeus, para, em obediência, buscar, pela fé, a cidade "da qual Deus é o arquiteto e edificador" (Hb 11.10). Esse chamado de Abrão, como um agente da graça redentora, é paralelo ao papel de Noé como o instrumento escolhido para trazer a mensagem de salvação à sua geração.

Conforme o relato de Atos 7.2-3, Deus já tinha chamado Abrão, estando ele ainda na Mesopotâmia, em Ur dos caldeus, antes de morar em Harã. Abrão deveria deixar o local em que habitava, pois os seus habitantes eram idólatras: **Antigamente, vossos pais, Tera, pai de Abraão e de Naor, habitaram dalém dos Eufrates e serviram a outros deuses (Js 24.2)**. Aquele povo adorava o sol, a lua e as estrelas, e Abrão deveria sair daquela convivência e seguir em peregrinação para a terra que Deus lhe mostraria.

Perceba que nesse chamado inicial duas ordens são claras: Abrão deveria deixar a sua terra e a sua parentela. Mas alguns estudiosos têm argumentado que nesse momento Abrão cometeu o seu primeiro erro. Ao deixar a sua terra natal com sua esposa Sarai, ele saiu também com seu pai e com o seu sobrinho Ló, conforme vimos em Gênesis 11.31. Abrão era um homem de fé, mas também era frágil, cometia seus erros. Abrão obedeceu, mas não completamente. Não é isso que às vezes acontece conosco? Graças a Deus porque Ele é um Deus de novas oportunidades!

Sobre o chamado de Abrão, devemos destacar ainda que ele estava sustentado na promessa divina que continha cinco elementos:

1. De ti farei uma grande nação.
2. Te abençoarei.
3. Te engrandecerei o nome.
4. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem.
5. Em ti serão benditas todas as famílias da terra.

Essa foi uma promessa especial. Mas essa promessa tem um requisito muito importante: “Sê tu uma bênção”. Era necessário ser uma bênção. Essa era a condição. Era esse o senso de missão que Deus infundiu em Israel, mas que infelizmente não foi desenvolvido pelo povo escolhido.

Nos versos 4 a 9 encontramos algumas verdades fundamentais. Em primeiro lugar, no verso 4, percebemos a prontidão de Abrão em obedecer a ordem divina, mesmo aos setenta e cinco anos (e ele viveria ainda mais cem anos). Abrão obedeceu, fundamentado pela fé, e tornou-se assim o pai e o modelo de todos os cristãos.

Em segundo lugar, nos versos 4 e 5, encontramos novamente Ló, bem como os servos que havia adquirido em Harã, acompanhando Abrão. Mas você deve se lembrar que a ordem divina era de que ele deixasse a sua parentela. Portanto, mais uma vez Abrão desobedeceu a Deus.

Em terceiro lugar, nos versos 6 e 7, são mencionados Siquém e o carvalho de Moré. Siquém era uma antiga cidade situada entre os montes Ebal e Gerezim, e um importante centro político e religioso dos cananeus. Siquém ficou famosa porque ali, tempos mais tarde, os israelitas, dirigidos por Moisés, deveriam reunir-se para escolherem entre a bênção e a maldição (Dt 11.29-30). Também foi ali que Josué pronunciou a sua última exortação ao povo de Israel (Js 24).

O carvalho de More provavelmente era uma grande árvore ou um pequeno bosque que servia como lugar de culto, talvez o “carvalho dos adivinhadores” que é mencionado em Juízes 9.37. Mas mesmo sendo um centro de adoração a falsos deuses, foi ali que Deus revelou sua gloriosa presença e, numa demonstração de sua soberania, demarcou a terra que deu ao seu servo Abrão e a toda a sua descendência.

É importante registrarmos também que, embora fosse um centro idólatra cananeu, depois do aparecimento de Deus, que prometeu dar a sua descendência aquela terra, Abrão edificou-lhe um altar e prestou-lhe culto, provavelmente em gratidão, consagrando a Deus aquela que seria conhecida como a terra prometida.

Em quarto lugar, no verso 8, a frase “armou a sua tenda”, deve ser traduzida por um modo contínuo, literalmente significando “indo sempre” ou “caminhando e tirando as estacas”, mostrando a vida nômade do primeiro patriarca hebreu.

Também no verso 8, encontramos Betel, cujo nome em hebraico significa "casa de Deus". Betel era um outro centro cananeu, e ficava a uns 15 quilômetros ao norte de Jerusalém. Foi em Betel que, séculos depois, no tempo da monarquia israelita, o reino do Norte ergueu um dos seus santuários. O texto bíblico diz que em Betel Abrão edificou um altar ao Senhor e invocou o seu nome (4.26). Com essa atitude, em certo sentido, Abrão colocou de novo, e em definitivo, o nome do Senhor no centro da terra prometida.

Em quinto lugar, no verso 9, Abrão se dirigiu ao Neguebe, na região desértica do sul da Palestina, como que tomando posse de toda a terra que Deus estava prometendo à sua descendência.

Além das lições que já destacamos nesses versículos, podemos ter certeza que é possível aplicar essas verdades a nossas vidas. De que maneira? A vida de Abraão revela o quanto esse homem de fé era instável quando o assunto era obediência. Mas isso não acontece conosco também? Deus valoriza aquele que persevera na fé e na confiança na sua promessa. Nós falhamos. Todo homem erra e peca, mas se persistirmos olhando para o autor e consumador da nossa fé, chegaremos lá.

Os versículos seguintes comprovam o quanto Abrão falhou:

**10. Havia fome naquela terra; desceu, pois, Abrão ao Egito, para aí ficar, porquanto era grande a fome na terra.**
**11. Quando se aproximava do Egito, quase ao entrar, disse a Sarai, sua mulher: Ora, bem sei que és mulher de formosa aparência;**
**12. os egípcios, quando te virem, vão dizer: É a mulher dele e me matarão, deixando-te com vida.**
**13. Dize, pois, que és minha irmã, para que me considerem por amor de ti e, por tua causa, me conservem a vida.**

Abrão desceu ao Egito fugindo da fome sem a ordem de Deus. Ele fugiu da terra de Canaã, para onde Deus o havia levado dizendo que lhe daria aquela terra, a terra da promessa, terra que manava leite e mel. O pai da fé, o gigante da fé, sem acreditar na promessa de Deus, refugiou-se no Egito, que é símbolo do mundo.

Sendo Sarai de boa aparência, muito bonita, o Faraó realmente interessou-se por ela. E Sarai foi levada para a casa dele, a fim de ser preparada para se tornar sua mulher. Enquanto isso, Abrão, foi sendo bem tratado por Faraó e recebeu ovelhas, bois, jumentos, escravos e escravas,

jumentas e camelos, tornando-se ainda mais rico (v. 16). Que situação delicada, não é mesmo? Tudo porque Abrão queria proteger a si mesmo.

Apesar de Deus não fazer nenhum contato com Abrão durante toda essa estada no Egito, não abandonou seu servo. Na hora exata fez uma intervenção maravilhosa, confirmando o que o apóstolo Paulo diz em 2Timóteo 2.13: **Se somos infiéis, ele permanece fiel**. Você tem experimentado essa fidelidade de Deus? Agradeça a Deus porque nele podemos confiar completamente!

Mas você conseguiu identificar nitidamente quais foram os erros de Abrão? Vamos alistá-los para apreendê-los melhor e tentar fugir deles:

1. Preocupou-se com a fome e não confiou na promessa divina de possuir Canaã (v. 10).
2. Procurou uma solução humana e foi para o Egito sem que Deus tivesse mandado (v. 10).
3. Pensou egoisticamente em salvar a si mesmo (v. 11).
4. Iludiu Sarai com palavras elogiosas (v. 11-12).
5. Propôs que sua esposa mentisse em seu favor (v. 13).
6. Expôs sua esposa a uma situação vexatória e pecaminosa (v. 14).
7. Refugiou-se e usou erroneamente a beleza de Sarai, obtendo vantagens ilegítimas (v. 15-16).

Esse é o nosso herói da fé! Que egoísta! Como Abrão falhou! Na última vez em que Deus apareceu a ele, prometeu que daria toda aquela terra à sua descendência. Mas, como estamos vendo, Abrão não creu plenamente na promessa divina e deu esses sete passos errados, distanciando-se do Senhor. Foi preciso, então, que Deus, por causa do pecado do patriarca, agisse com firmeza, revelando à Faraó que Sarai era esposa de Abrão, e punisse com grandes pragas a casa do cobiçoso rei.

O Faraó, aprendendo a lição, devolveu Sarai a Abrão. Passou-lhe uma descompostura e mandou-o embora para outras terras com tudo o que possuía. Que situação! Tudo porque Abrão, o pai da fé, estava começando a andar com Deus pela fé.

Não é também o que acontece conosco? Quanto menos conhecemos a Deus, mais frágil é a nossa fé. Quanto mais andamos com Ele e o experimentamos, mais confiamos no seu poder, no seu amor, no seu caráter que é santo!

Depois de tudo isso exposto, podemos chegar a conclusão que os grandes heróis da Bíblia, assim como Abraão, foram pessoas de carne e sangue como nós, e muitas vezes falharam, pecaram e se desviaram dos caminhos do Senhor. Mas, por terem perseverado e mantido a fé e o olhar no Senhor, obtiveram da parte de Deus a justificação, tornando-se assim modelos para todos os crentes de todas as épocas e todos os lugares. É isso que nos faz continuar firmes. Deus conhece o nosso coração. Deus conhece as nossas motivações e é misericordioso.

## A peregrinação de Abrão em Canaã
### Gn 13.1-18

Gênesis 13 tem apenas dezoito versículos e narra a continuação da peregrinação de Abrão, o patriarca chamado por Deus para dar origem à nação israelita. E seria através da nação de Israel que o próprio Deus traria, dois mil anos depois, o Senhor Jesus, com a missão de tornar-se o único mediador entre Deus e os homens. Sim, é através de Jesus, e somente dele, que o ser humano pode novamente ter comunhão com Deus! Que grande bênção! Nos versos 1 a 4 lemos:

**1. Saiu, pois, Abrão do Egito para o Neguebe, ele e sua mulher e tudo o que tinha, e Ló com ele.**
**2. Era Abrão muito rico; possuía gado, prata e ouro.**
**3. Fez as suas jornadas do Neguebe até Betel, até ao lugar onde primeiro estivera a sua tenda, entre Betel e Ai,**
**4. até ao lugar do altar, que outrora tinha feito; e aí Abrão invocou o nome do Senhor.**

Depois de sua queda, de seu fracasso, Abrão voltou-se novamente para Deus. Creio que você concorda comigo que é maravilhoso termos um Senhor a quem podemos recorrer depois que sofremos revezes. O nosso Deus é o Deus das oportunidades, das novas oportunidades! Anime-se. Confie. Conte sempre com Ele. O Senhor é misericordioso!

Nos versos 5 a 7 a narrativa continua:

**5. Ló, que ia com Abrão, também tinha rebanhos, gado e tendas.**
**6. E a terra não podia sustentá-los, para que habitassem juntos, porque eram muitos os seus bens; de sorte que não podiam habitar um na companhia do outro.**

**7. Houve contenda entre os pastores do gado de Abrão e os pastores do gado de Ló. Nesse tempo os cananeus e ferezeus habitavam essa terra.**

Como fruto da bênção de Deus, Abrão e Ló tinham muito gado, animais e bens. Mas o crescimento, às vezes, pode vir acompanhado de problemas. São as crises do desenvolvimento. Os pastores que cuidavam dos rebanhos de ambos começaram a brigar, porque não havia água e pastagem suficientes na região para abrigar a quantidade de gado que possuíam. Tio e sobrinho não podiam mais habitar juntos, pois eram muitos os seus bens. Nesse tempo, os cananeus e os ferezeus habitavam essa terra.

Nesse ponto da história, encontramos dois homens ricos e tementes a Deus em grande dificuldade, com um problema para resolver que deveria ter sido evitado. Por causa da contenda, eles passaram a ser mau exemplo para os que não temiam a Deus, para os que habitavam naquela terra. Os pagãos poderiam dizer: "Eles não têm condições de viverem juntos. Saíram daqui para o Egito e agora voltaram brigando, apesar de terem levantado um altar ao Deus vivo e verdadeiro". Por causa do mau testemunho, os habitantes daquela terra não se impressionavam mais com Abrão.

Abrão havia levantado um altar ao Deus vivo, mas logo em seguida começou a enfrentar problemas de relacionamento. A viagem ao Egito lhe rendeu muito dinheiro, mas também algumas dores de cabeça. Basta dizer que, além das riquezas, ele trouxe uma escrava chamada Agar (16.1), sobre quem falaremos mais adiante.

A riqueza veio acompanhada de tamanha dificuldade que Abrão e Ló estavam sendo obrigados a seguirem cada um para o seu lado. As contendas entre os pastores precisavam terminar para não escandalizar os habitantes de Canaã, mas antes de tudo, para não continuar ofendendo ao próprio Deus, a quem invocavam o nome.

Isso nos lembra o grande perigo que os crentes enfrentam, às vezes, na vida cristã. Temos a responsabilidade de testemunhar que somos um em Cristo, de mostrar que somos unidos. Mas as igrejas internamente vivem unidas? Há harmonia e comunhão entre todos os membros? Não existem contendas prejudicando o testemunho da igreja diante do mundo? Muitos crentes têm parentes incrédulos que passam a vida toda sem aceitarem a

Jesus como salvador. E isso, de fato, acontece. É que o testemunho cristão não tem mostrado o poder transformador do evangelho de Cristo.

Para evitar outras contendas que atrapalhassem ainda mais o testemunho, o próprio Abrão sugeriu uma divisão territorial, procurando resolver a questão com sabedoria:

**8. Disse Abrão a Ló: Não haja contenda entre mim e ti e entre os meus pastores e os teus pastores, porque somos parentes chegados.**
**9. Acaso, não está diante de ti toda a terra? Peço-te que te apartes de mim; se fores para a esquerda, irei para a direita; se fores para a direita, irei para a esquerda.**

Os sinais do caráter de Abrão ficaram claros quando ele ofereceu para seu sobrinho a oportunidade de escolha. O patriarca disse que Ló poderia escolher qualquer lado, e ele ficaria com o que fosse rejeitado. Esquerdo ou direito, qualquer um que Ló escolhesse, para Abrão estaria bem.

No verso 10 está escrito: **Levantou Ló os olhos e viu toda a campina do Jordão, que era toda bem regada (antes de haver o Senhor destruído Sodoma e Gomorra), como o jardim do Senhor, como a terra do Egito, como quem vai para Zoar**. Você percebe como Ló tentou ser esperto, aproveitando-se da generosidade de Abrão?

Depois de levantar os olhos para examinar a terra, fez a sua escolha: **Então, Ló escolheu para si toda a campina do Jordão e partiu para o Oriente; separaram-se um do outro. Habitou Abrão na terra de Canaã; e Ló, nas cidades da campina e ia armando as suas tendas até Sodoma (v. 11-12)**

Ló se apressou muito, e parece que não fez uma boa escolha. Ele olhou só para os pastos verdes da campina do Jordão. Mas o texto diz que ele foi armando as suas tendas e cada vez se aproximava mais de Sodoma. Pouco a pouco ele foi chegando perto daquela cidade pecadora. E aproximar-se dela era um perigo, porque o verso 13 relata: **Ora, os homens de Sodoma eram maus e grandes pecadores contra o Senhor**.

Ló não se importou muito com isso, ou então, estava tão interessado na sua fonte de lucro que não deu devida atenção ao aspecto espiritual da sua decisão. Ló ignorou os perigos morais a que ele e sua família estariam expostos. Possivelmente os negócios eram sua prioridade, e não demorou muito para que todos estivessem morando na cidade de Sodoma (14.12).

Essa foi uma infeliz decisão. Quando priorizamos os bens materiais e não a nossa relação com Deus, colhemos resultados desastrosos.

No verso 14 vemos novamente o Senhor se dirigindo a Abrão: **Disse o Senhor a Abrão, depois que Ló se separou dele: Ergue os olhos e olha desde onde estás para o norte, para o sul, para o oriente e para o ocidente**. Esta era a terra que Deus oferecia a Abrão, e a partir desse momento os limites da terra prometida foram sendo demarcados. Abrão estava diante da terra que Deus lhe havia prometido. Mas será que era realmente a terra da promessa? Quando ele olhou para todos os lados, identificou como sendo a sua verdadeira pátria?

Aquela terra era real, mas ao mesmo tempo apenas uma sombra da verdadeira pátria de Abrão. Quando lemos Hebreus 11.10, vemos que a cidade dele, assim como a nossa, é outra: **Porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e o edificador**. Nenhum lugar neste mundo pode ser comparado à cidade celestial e, por isso, suspiramos por ela. É a pátria realmente amada, onde não haverá mais dor, choro ou lágrimas. Nós almejamos estar na presença de Deus!

Nos versos 15 e 16, Deus continuou falando a Abrão: **Porque toda essa terra que vês, eu ta darei, a ti e à tua descendência, para sempre. Farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que, se alguém puder contar o pó da terra, então se contará também a tua descendência**. Que promessa maravilhosa, não é mesmo? E isso de fato aconteceu. Sabe como? Através dos israelitas, dos ismaelitas, futuros descendentes de Abrão, e, certamente através de todos os cristãos, filhos na fé de Abraão. Deus é maravilhoso em suas promessas!

O verso 17 diz assim: **Levanta-te, percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura; porque eu ta darei**. É interessante destacar aqui a confirmação, mais uma vez, da promessa feita em Gênesis 12.1, 7 e 13.15. Por quatro vezes Deus prometeu dar a posse de Canaã a Abrão.

Mas passemos agora para o verso 18, que finaliza o capítulo 13: **E Abrão, mudando as suas tendas, foi habitar nos carvalhais de Manre, que estão junto a Hebrom; e levantou ali um altar ao Senhor**. Abrão edificou ali um altar para adorar ao Senhor assim como fez em todas as outras três vezes que o Senhor confirmou a posse da terra (12.7; 12.8;

13.4). Por onde passava, ele erigia um altar deixando, assim, o seu testemunho.

Abrão levantou o altar ao Senhor num lugar maravilhoso para se ter comunhão com Deus. Era o lugar para onde Deus o havia dirigido e seu significado é "riquezas", enquanto Hebrom quer dizer comunhão. Foi nos carvalhais de Manre que o grande patriarca habitou e, depois de muitas outras experiências com o Senhor, foi enterrado (25.9).

Abrão, o pai da fé, cometeu várias falhas na sua vida, mostrando que também era humano. Apesar disso, Deus o amava e a própria Bíblia, a Palavra de Deus, o chamou de "amigo de Deus" (2Cr 20.7; Is 41.8; Tg 2.23.).

Entre suas falhas mais sérias está a de ter descido ao Egito em desobediência a Deus. Ele devia ter ficado na terra onde o Senhor o havia colocado e, pela fé, tentado superar os obstáculos de conseguir o suprimento necessário para sobreviver. O cristão deve viver pela fé, e não segundo as possibilidades que o mundo oferece. Temos que fazer o possível para suprir nossas necessidades, mas não através de qualquer meio ou método que contrarie a vontade de Deus.

Nessa altura de Gênesis 13 precisamos considerar a questão das posses. A riqueza não é um mal em si, mas também não é um bem. Ela é neutra. Pode se tornar um mal ou um bem, dependendo do uso que fizermos dela. A diferença está no homem que a possui. A riqueza provavelmente não foi um problema para Abrão, mas suscitou sérias dificuldades porque, como vimos, surgiram contendas entre os seus pastores e os pastores de Ló. Aqui, a atitude de discernimento, o bom senso e a generosidade de Abrão também merecem destaque. Ele deixou Ló escolher o melhor da terra para o desenvolvimento do seu patrimônio.

Abrão é, de fato, um exemplo. Com experiências negativas e positivas podemos olhar para ele e ver que, em resumo, sua vida de confiança em Deus é um desafio para todos nós, porque **o justo viverá pela fé (Hb 2.4)**.

## Abraão guerreia e encontra Melquisedeque
### Gn 14.1-24

O texto de Gênesis 14.1-24 possui uma divisão natural:

Parte 1 – Relato e registro da primeira guerra da humanidade (v. 1-11)

Parte 2 – A prisão de Ló e sua libertação por Abrão (v. 12-17)

Parte 3 – O encontro de Abraão com Melquisedeque, o primeiro sacerdote (v. 18-24)

Na parte 1 temos o relato da primeira guerra registrada na história bíblica. É um confronto de quatro reis contra cinco, num local conhecido como vale de Sidim, que é o mar Salgado. Ele também é chamado de Mar Morto ou Mar de Arabá, conforme os versos 3 e 10.

Nos versos 1 e 2 encontramos a citação dos principais personagens desse conflito:

**1. Sucedeu naquele tempo que Anrafel, rei de Sinar, Arioque, rei de Elazar, Quedorlaomer, rei de Elão, e Tidal, rei de Goim,**

**2. fizeram guerra contra Bera, rei de Sodoma, contra Birsa, rei de Gomorra, contra Sinabe, rei de Admá, contra Semeber, rei de Zeboim, e contra o rei de Bela (esta é Zoar).**

Esse é um relato interessante. Os quatro primeiros reis se ajuntaram para derrotar os reis de Sodoma e Gomorra e de outras três nações amigas. Os reis dessas cinco nações foram derrotados e levados cativos.

Embora alguns críticos rejeitem este registro bíblico, a arqueologia tem encontrado monumentos, assim como inscrições com os nomes dessas nações. Elas realmente fazem parte da história. Sabe-se hoje que Elão é parte do Irã moderno; que dois outros reinos provavelmente são da região da Turquia e ainda; um deles é da região da Babilônia, o país que hoje conhecemos como Iraque. As pesquisas arqueológicas são importantes, porque através de seus achados o texto bíblico é confirmado. Assim temos aqui o registro da primeira guerra da humanidade.

Esse é um registro triste, porque vemos como a humanidade começou cedo com a prática odiosa e violenta da guerra. O verso 3 diz assim: **Todos estes se ajuntaram no vale de Sidim (que é o Mar Salgado)**. Imagine o conflito. Quantas vidas foram ceifadas! Quantos lares foram desfeitos! Esse é sempre o resultado da guerra e da ambição do ser humano.

A vitória foi obtida pela confederação dos quatro reis saqueadores que mantiveram os cinco reis derrotados servindo-os pelo espaço de doze anos: **Doze anos serviram a Quedorlaomer, porém no décimo terceiro se rebelaram (v. 4)**. Essa servidão era do tipo vassalagem, isto é, os reinos derrotados tinham a obrigação de pagar pesados tributos aos reinos

vencedores. E, com isso, todo o povo sofria bastante, porque a carga de impostos era sempre muito alta.

Os versos 5 a 7 dizem que esse grupo de quatro reis ainda atacou e subjugou outras nações. Mas os versos 8 a 10 nos falam de um levante contra esse domínio violento. O verso 8 diz assim: **Então, saíram os reis de Sodoma, de Gomorra, de Admá, de Zeboim e de Bela (esta é Zoar) e se ordenaram e levantaram batalha contra eles no vale de Sidim**.

O levante era de se esperar. Depois de doze anos de domínio e de pesadas taxas, houve uma reação contra essa situação humilhante. Mas a mesma coisa pode acontecer em nossas vidas espirituais. Quando não nos preparamos bem para as batalhas, corremos o risco de sermos derrotados de uma maneira ainda mais contundente. E foi exatamente isso o que aconteceu com os cinco reis subjugados. Ao enfrentar o inimigo poderoso eles foram novamente derrotados e tiveram que fugir para o vale de Sidim. No caminho de fuga muitos morreram caindo nos poços de betume daquela localidade.

Mais triste ainda é o relato dos versos 11 e 12: **Tomaram, pois, todos os bens de Sodoma e de Gomorra e todo o seu mantimento e se foram. Apossaram-se também de Ló, filho do irmão de Abrão, que morava em Sodoma, e dos seus bens e partiram**. Ló se encontrava em uma situação delicada. Por ter escolhido as campinas verdejantes do Jordão (13.11), foi se aproximando cada vez mais de Sodoma e Gomorra e depois passou a habitar naquele lugar. Então, além de sofrer influência da frouxidão espiritual daquele povo que era pecador diante do Senhor, ao envolver-se com a cidade pecadora, foi penalizado com as conseqüências desse conflito.

Podemos fazer conjecturas, dizendo que a guerra se deu por motivos comerciais. Na localidade havia muitos poços de betume que em palavras de hoje significa muito petróleo. Mas será que naquele tempo já havia procura por esse bem tão precioso, como acontece em nossos dias? Com certeza, não com a sofreguidão atual, mas o betume era usado na calefação das embarcações e certamente em outros tipos de construções que necessitavam de vedação completa.

Devemos lembrar que a arca de Noé foi betumada e que Moisés foi colocado no rio Nilo num cestinho calafetado com betume. Então, o produto era valioso e a motivação da guerra pode ter sido comercial. Ló

acabou sendo envolvido, porque sendo muito rico chamou a atenção daqueles reis gananciosos.

Na segunda parte do capítulo 14 verificamos a participação de Abrão em toda essa situação. O patriarca com certeza envolveu-se no conflito por causa de seu sobrinho. Vimos na primeira parte que os quatro reis orientais levaram presos os reis de Sodoma e de Gomorra, e que Ló também foi levado cativo. Mas como Abrão ficou sabendo desses acontecimentos? O verso 13 nos dá a resposta: **Porém veio um, que escapara, e o contou a Abrão, o heteu; este habitava junto dos carvalhais de Manre, o amorreu, irmão de Escol e de Aner, os quais eram aliados de Abrão**.

Abrão, que demonstrava uma fé crescente no Senhor, intrometeu-se numa guerra arriscada que diretamente não era sua, porque queria a libertação de Ló. Mais uma vez ele demonstrou cuidado por esse sobrinho que perdera o pai e, provavelmente, havia ficado sob sua responsabilidade.

Abrão ainda mantinha relacionamento com os antigos moradores da terra e assim tinha companheiros com quem podia contar nessas horas de incertezas. O verso 14 nos relata que sua casa dispunha de muitos homens preparados para essa situação de emergência: **Ouvindo Abrão que seu sobrinho estava preso, fez sair trezentos e dezoito homens dos mais capazes, nascidos em sua casa, e os perseguiu até Dã**.

Pelo número de servos que Abrão possuía, era certo que realmente era rico. Naturalmente Abrão devia possuir mais do que esses 318 homens, porque esse número diz respeito apenas àqueles que estavam preparados para entrar numa guerra e lutar. Podemos supor que eles eram casados e tinham pelo menos um filho. Então, muitas mulheres, crianças e idosos estavam sob a responsabilidade do patriarca. De fato, ele era um homem abençoado por Deus.

O verso 15 nos mostra que além de ser rico Abrão era inteligente. Ele elaborou uma estratégia para libertar seu sobrinho Ló: **E, repartidos contra eles de noite, ele e os seus homens, feriu-os e os perseguiu até Hobá, que fica à esquerda de Damasco**. Ele os perseguiu até o norte de Damasco com uma estratégia militar muito boa, e assim conquistou uma vitória surpreendente. O inimigo correu, deixando atrás de si o povo que havia sido capturado.

Abrão conseguiu resgatar tudo o que havia sido perdido: **Trouxe de novo todos os bens, e também a Ló, seu sobrinho, os bens dele, e ainda**

**as mulheres, e o povo. Após voltar Abrão de ferir a Quedorlaomer e aos reis que estavam com ele, saiu-lhe ao encontro o rei de Sodoma no vale de Savé, que é vale do Rei (v. 16-17)].**

Aqueles reis impiedosos, quando enfrentaram Abrão e seus homens, foram derrotados e fugiram. Esta ação do patriarca impressionou muito o rei de Sodoma e também os outros que estavam presos com ele. A intenção do rei de Sodoma ao ir ao encontro de Abrão no vale de Savé certamente era de agradecer-lhe e oferecer-lhe gratificações.

Quando contamos com a presença de Deus, podemos ousar e ser bênção para outras pessoas, libertando-as dos seus problemas. Haverá gratidão da parte delas, mas o importante é louvarmos a Deus que nos possibilitou sermos usados por Ele.

Entrando na terceira parte de Gênesis 14, vemos essa atitude expressa no encontro de Abrão com Melquisedeque:

**18. Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; era sacerdote do Deus Altíssimo;**

**19. abençoou ele a Abrão e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra;**

**20. e bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus adversários nas tuas mãos. E de tudo lhe deu Abrão o dízimo.**

Que relato interessante, não é mesmo? Mas quem era Melquisedeque? E como chegou a conhecer o Deus Altíssimo? Deus era realmente o único para ele?

A Bíblia diz que Melquisedeque era rei de Salém, mas ao mesmo tempo sacerdote do Deus Altíssimo. Além de Gênesis 14.18, temos uma referência a sua pessoa no Salmo 110.4, "Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque", e também nos capítulos 5 a 7 de Hebreus.

Por ser sacerdote, Melquisedeque provavelmente tinha um conhecimento correto do Deus vivo, do Deus verdadeiro. Trouxe vinho e pão para o patriarca Abrão, exatamente os dois elementos da comunhão da ceia memorial. Mas o que tinha em mente quando agiu assim? Alguns estudiosos entendem que havia monoteísmo antes do politeísmo. Em outras palavras, todos os homens tinham o conhecimento do Deus vivo e verdadeiro. É o que o apóstolo Paulo afirma em Romanos 1, a partir do

verso 18, quando diz que os homens conhecem a Deus, mas não o glorificam como Deus, como Criador.

Melquisedeque é mencionado dez vezes nas Escrituras, mas nada sabemos sobre sua origem e nem sua genealogia é mencionada. E essa ausência é realmente estranha, porque temos visto que Gênesis é o livro das genealogias, o livro das famílias, das informações sobre as gerações. Mas provavelmente ele apareceu assim para se tornar um tipo da pessoa de Cristo, que também não teve princípio e nem terá fim. Hebreus 7.1-3 diz que este sacerdote era um tipo de Cristo que naturalmente fez o serviço de um sacerdote como aqueles da posterior ordem de Arão, da ordem dos levitas:

**1. Porque este Melquisedeque, rei de Salém, sacerdote do Deus Altíssimo, que saiu ao encontro de Abraão, quando voltava da matança dos reis, e o abençoou,**

**2. para o qual também Abraão separou o dízimo de tudo (primeiramente se interpreta rei de justiça, depois também é rei de Salém, ou seja, rei de paz;**

**3. sem pai, sem mãe, sem genealogia; que não teve princípio de dias, nem fim de existência, entretanto, feito semelhante ao Filho de Deus), permanece sacerdote perpetuamente.**

Cristo, como sumo-sacerdote, pertencia à ordem sacerdotal de Melquisedeque, porque assim como ele, não tinha origem humana e nem fim os seus dias. O sacerdócio de Arão era só para o povo de Israel, porém o sacerdócio de Melquisedeque era um tipo do sacerdócio universal de Cristo para todas as nações.

Mas o texto de Gênesis 14.18-20 diz que Melquisedeque ofereceu pão e vinho a Abrão. Jesus quando instituiu a ceia memorial ofereceu pão e vinho aos discípulos e a todos os cristãos de todos os tempos, como símbolo do seu corpo partido na cruz por nós e do seu sangue derramado para a remissão dos nossos pecados.

Nos versos 21 a 24 vemos o testemunho de Abrão diante do rei de Sodoma:

**21. Então, disse o rei de Sodoma a Abrão: Dá-me as pessoas, e os bens ficarão contigo.**

**22. Mas Abrão lhe respondeu: Levanto a mão ao Senhor, o Deus Altíssimo, o que possui os céus e a terra,**

**23. e juro que nada tomarei de tudo o que te pertence, nem um fio, nem uma correia de sandália, para que não digas: Eu enriqueci a Abrão;**
**24. nada quero para mim, senão o que os rapazes comeram e a parte que toca aos homens Aner, Escol e Manre, que foram comigo; estes que tomem o seu quinhão.**

Abrão estava disposto mostrar sua fé em Deus e não se comprometer com aquilo que um rei pagão e infiel poderia lhe dar. Ele não queria um pagamento humano, mas receber de Deus a recompensa por ter defendido aqueles que haviam sido levados cativos injustamente. E, além disso, ele recebeu a bênção de Deus por meio de Melquisedeque, o sacerdote do Deus Altíssimo.

Aquele oferecimento de Bera, rei de Sodoma, foi indiscutivelmente uma tentação para o patriarca, mas felizmente Abrão já estava preparado por causa do encontro inspirador que tivera com o sacerdote de Deus. Abrão passou no teste e saiu de cabeça erguida de diante do rei de Sodoma após ter rejeitado os seus oferecimentos.

Deus prepara os seus servos para enfrentarem as tentações. Devemos nos sentir preparados para quando formos testados, dizendo sim à comunhão com Deus e não ao apelo que o mundo faz.

Abrão tinha ao seu lado o Deus que criou os céus e a terra e, demonstrando novamente a sua generosidade e o seu interesse pelos outros, disse que os rapazes que o acompanharam deveriam ser pagos. Era muito justo que Abrão intercedesse pelos que com ele lutaram na defesa daqueles reis. Mas para si mesmo não queria absolutamente nada. Ele confiava em Deus.

## A fé de Abrão e a renovação da aliança
### Gn 15.1-21

Os 21 versículos de Gênesis 15 podem ser divididos da seguinte maneira:

Parte 1 – Deus anima Abrão e lhe promete um filho (v. 1-11)
Parte 2 – Deus reafirma sua aliança com Abrão (v. 12-21)

Abrão foi constantemente testado na área da segurança, porque Deus o tinha chamado para andar com Ele, sem rumo certo a olhos humanos. A

partir do capítulo 15, os testes começaram a se concentrar em uma outra área da vida do patriarca: a da posteridade, do futuro, da herança deixada para as próximas gerações. Abrão é também testado na área da descendência que era muito valorizada na sociedade daqueles tempos.

Para estudarmos a primeira parte e apreendermos com exatidão o seu conteúdo, os primeiros seis versículos precisam estar claros em nossa mente. Diz assim a Palavra de Deus:

**1. Depois destes acontecimentos, veio a palavra do Senhor a Abrão, numa visão, e disse: Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, e teu galardão será sobremodo grande.**
**2. Respondeu Abrão: Senhor Deus, que me haverás de dar, se continuo sem filhos e o herdeiro da minha casa é o damasceno Eliézer?**
**3. Disse mais Abrão: A mim não me concedeste descendência, e um servo nascido na minha casa será o meu herdeiro.**
**4. A isto respondeu logo o Senhor, dizendo: Não será esse o teu herdeiro; mas aquele que será gerado de ti será o teu herdeiro.**
**5. Então, conduziu-o até fora e disse: Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. E lhe disse: Será assim a tua posteridade.**
**6. Ele creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça.**

Nestes versos vamos primeiro ressaltar duas palavras de Deus dirigidas a Abrão: "Não temas". Por que será que Abrão estava abatido e necessitava desse encorajamento da parte de Deus? Ele não tinha acabado de ganhar uma grande batalha? Não tinha sido abençoado por Melquisedeque? Mas não é verdade que às vezes ficamos abatidos depois de vitórias? Lembra-se de Elias em 1Reis 19.4? Depois de derrotar os profetas de Baal, fugiu de Jezabel e pediu a morte a Deus. Estava em profunda depressão: **Ele mesmo (**Elias), **porém, se foi ao deserto, caminho de um dia, e veio, e se assentou debaixo de um zimbro; e pediu para si a morte e disse: Basta; toma agora, ó Senhor, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais**.

Assim também pode ter acontecido com Abrão. Depois de obter essas conquistas poderia estar temeroso e triste, provavelmente porque via que na sua caminhada com Deus ainda lhe faltava um filho. Faltava a Abrão um herdeiro para que a sua descendência pudesse receber a terra que lhe havia sido prometida. Não ter filhos, naqueles dias, também era visto como um sinal de castigo divino.

Nós precisamos aprender a ser sempre sinceros e transparentes diante de Deus, expressando nossos sentimentos e dialogando com Ele. Deus nos concede essa liberdade. Abrão abriu seu coração dizendo que na sua percepção via que seu descendente seria Eliézer, o damasceno. Mas as palavras de Deus o desafiaram e o encorajaram. Disse a Abrão que Ele era o seu escudo, o seu protetor, e que o seu galardão seria grande.

O que Deus estava dizendo a Abrão, e a nós também, é que a confiança deve ser posta nele, na sua promessa, na sua Palavra. O objetivo das palavras do Senhor vindas por meio de visão a Abrão não era o de promover um impacto visual, como muitos têm procurado hoje em dia. O objetivo era claramente destacar a confiança, a crença na Palavra divina. Por isso mesmo Deus levou Abrão para fora da tenda e pediu-lhe que contasse as estrelas do céu. Aquela mesma quantidade, impossível de ser contada, seria a descendência dele.

Deus confirmou sua promessa e Abrão creu. E isso lhe foi imputado para justiça, fato que o Novo Testamento destaca através de Paulo (Rm 4.22-25; Gl 3.6), do autor de Hebreus (Hb 11.11-12), e de Tiago (Tg 2.23). A justiça que Deus imputou a Abrão dependeu totalmente da fé e não das obras da lei, uma vez que a lei ainda não tinha sido dada.

Por isso Abrão é um modelo para quem deseja ser salvo. É necessário fé. É necessário crer. A salvação é exclusivamente pela fé em Cristo. Não é por nossos esforços ou por nossas obras pessoais que somos salvos, mas pela fé na obra que Cristo realizou no Calvário por nós. Esta é a base da nossa salvação. Nós não temos justiça própria. A justiça nos é imputada por meio da fé que depositamos em Cristo.

Deus disse a Abrão que a sua descendência seria como as estrelas do céu, que eram tantas que não podiam ser contadas. Abrão não tinha nenhum merecimento para receber a bênção prometida, mas creu que Deus podia concedê-la.

O texto prossegue, e nos versos 7 a 11 temos o restante dessa narrativa. Deus reafirmou que tinha tirado Abrão de Ur e lhe daria aquela terra por herança. O patriarca queria saber como isso aconteceria. Deus, então, lhe pediu que tomasse uma novilha, uma cabra, um cordeiro, cada um com três anos, uma rola e um pombinho. Esses animais foram partidos ao meio e postos em ordem, em metades, umas em frente às outras, com exceção das aves. Mas o que significava isso? Parece estranho, não é verdade?

Naquele tempo era esta a maneira certa de assinar um contrato, de fazer um acordo. Muitos anos depois o profeta Jeremias faz referência a este tipo de acordo: **Farei aos homens que transgrediram a minha aliança e não cumpriram as palavras da aliança que fizeram perante mim como eles fizeram com o bezerro que dividiram em duas partes, passando eles pelo meio das duas porções (Jr 34.18)].**

Essa cerimônia acontecia quando uma aliança era firmada. Os animais sacrificados eram partidos ao meio e os que faziam a aliança passavam por entre as duas metades pronunciando um juramento ou uma fórmula, amaldiçoando a si próprios caso não cumprissem sua parte.

Os animais partidos ao meio eram um símbolo do que aconteceria àquele que quebrasse a aliança que estava sendo firmada. Então, Deus reafirmou sua palavra propondo uma aliança a Abrão. E o quadro termina, não com uma cena bonita, mas com um retrato da vida cotidiana: as aves de rapina desciam sobre aqueles animais mortos e Abrão as enxotava.

Iniciamos agora a segunda parte do nosso texto, que denominamos "Deus reafirma a sua aliança com Abrão". Nos versos 12 a 16, lemos que a palavra de Deus foi dada a Abrão, confirmando a promessa e incluindo até detalhes sobre a descendência prometida:

**12. Ao pôr-do-sol, caiu profundo sono sobre Abrão, e grande pavor e cerradas trevas o acometeram;**
**13. então, lhe foi dito: Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos.**
**14. Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas.**
**15. E tu irás para os teus pais em paz; serás sepultado em ditosa velhice.**
**16. Na quarta geração, tornarão para aqui; porque não se encheu ainda a medida da iniqüidade dos amorreus.**

Mesmo caindo em profundo sono, e tendo um grande temor certamente pela presença marcante de Deus, Abrão ouviu sua voz proferindo detalhes sobre a descendência tão desejada. Ela seria escrava, mas depois de 400 anos sairia livre, com muitas riquezas, e voltaria para aquela terra prometida.

Esse prenúncio da escravidão teve duplo significado. Em primeiro lugar, podemos perceber que se tratava de um plano deliberado, com sucesso garantido no final após a formação de uma nação. Em segundo lugar, a paciência de Deus para com os habitantes de Canaã. O texto diz claramente que esse tempo de espera ocorreria porque ainda não estava cheia "a medida da iniqüidade dos amorreus".

Você consegue perceber o plano divino? Com o povo escravizado e se multiplicando sob a escravidão, surgiu um sentimento de companheirismo e cooperação mútua e, assim, quando saíram do Egito séculos depois, sob a liderança de Moisés, todos tinham o mesmo anseio de liberdade.

E o outro detalhe significativo é o da paciência divina que sempre concede oportunidades para que o homem ande nos caminhos corretos. Deus age punindo o pecador somente quando a medida da misericórdia divina é ultrapassada. E nós sabemos que tudo o que foi dito de fato se cumpriu.

Em referência a escravidão do povo judeu no Egito por 400 anos, vale a pena destacar que esta não foi a única vez que ele saiu da sua terra, que ficou longe da terra da promessa. Séculos depois, por ter pecado e se desviado do Senhor, mesmo tendo sido advertido pelos profetas, o povo judeu foi disciplinado pelo próprio Senhor e levado cativo para a Babilônia. Foram 70 anos de cativeiro, retornando depois em cumprimento da profecia do profeta Jeremias.

Mas mesmo depois da encarnação, do sacrifício e da ascensão de Cristo, novamente o povo foi tirado e disperso de sua terra, quando houve a invasão dos romanos no ano 70 d.C. Só vinte séculos depois, em 1948, é que Israel começou a voltar à Palestina em cumprimento às antigas profecias.

Mas o texto prossegue, e lemos nos versos finais do capítulo a concretização da aliança divina com Abrão:

**17. E sucedeu que, posto o sol, houve densas trevas; e eis um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo que passou entre aqueles pedaços.**
**18. Naquele mesmo dia, fez o Senhor aliança com Abrão, dizendo: À tua descendência dei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates:**
**19. o queneu, o quenezeu, o cadmoneu,**
**20. o heteu, o ferezeu, os refains,**

**21. o amorreu, o cananeu, o girgaseu e o jebuseu.**

O patriarca estava num sono profundo. O ambiente era de temor diante da marcante presença de Deus. A voz de Deus confirmara a Abrão que haveria descendência e ainda revelara-lhe o futuro dela. Mas os detalhes para a concretização da aliança deveriam ser completados. Porém Abrão estava dormindo.

Mas como Abrão poderia assinar o contrato, se estava dormindo? Na verdade não era Abrão que tinha de assinar ou estabelecer o contrato, mas somente Deus. Quem estava fazendo o juramento era Deus. Tudo dependia e sempre depende Dele. A aliança foi firmada por Deus e seria cumprida, porque Ele não é homem para mentir.

Deus foi o elemento ativo na aliança. Além de oferecer sua promessa estava empenhando a sua palavra. Abrão podia dormir, acordar, porque era o elemento passivo naquela aliança e não tinha o que oferecer a Deus. O importante nesse caso era a fé que depositava na promessa de Deus. Abrão creu, pois já experimentara que Deus sempre cumpre o que promete.

O fogareiro fumegante e a tocha acesa que passou entre as partes dos animais sacrificados representavam o próprio Deus se colocando sob maldição se não cumprisse a promessa. A presença de Deus simbolizada pelo fogo era a garantia que Abrão precisava.

O verso 18 resume todo o evento, porque nele a palavra de Deus foi afiançada e todo o programa da origem da nação estava sendo confirmado. Mas a validação da aliança veio depois, em Gênesis 17.9-14, quando a circuncisão foi instituída como sinal.

Abrão precisava apenas crer na Palavra de Deus. Imagine se ele tivesse dito que assumiria o compromisso de, por exemplo, orar uma vez por dia, ou duas, ou três, e depois viesse a fraquejar, viesse a falhar. Se isso acontecesse o contrato seria quebrado e Abrão perderia tudo.

Mas Deus nunca colocaria essa pressão sobre o patriarca. O assunto era muito sério e do interesse de Deus, porque ali estava em jogo a própria salvação da humanidade. Ele não lançaria esta responsabilidade sobre Abrão, que era falho como todo homem. Deus não poderia depender dele, mas só de si mesmo. Ainda bem que a nossa salvação não estava nas mãos de Abrão, mas nas de Deus. Não dependemos de nós mesmos, mas de Cristo.

Podemos confiar nas promessas e na Palavra do Senhor, que é fiel. Mesmo quando temos dúvidas e tememos, Ele está pronto a nos socorrer e nos animar.

## A história de Agar e o nascimento de Ismael
### Gn 16.1-16

O texto de Gênesis 16.1-16 é tão importante que o apóstolo Paulo, séculos depois, usou essa mesma história para explicar de modo simbólico a nossa relação com Deus através de Jesus Cristo.

Os primeiros seis versículos dizem assim:

**1. Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos; tendo, porém, uma serva egípcia, por nome Agar,**
**2. disse Sarai a Abrão: Eis que o Senhor me tem impedido de dar à luz filhos; toma, pois, a minha serva, e assim me edificarei com filhos por meio dela. E Abrão anuiu ao conselho de Sarai.**
**3. Então, Sarai, mulher de Abrão, tomou a Agar, egípcia, sua serva, e deu-a por mulher a Abrão, seu marido, depois de ter ele habitado por dez anos na terra de Canaã.**
**4. Ele a possuiu, e ela concebeu. Vendo ela que havia concebido, foi sua senhora por ela desprezada.**
**5. Disse Sarai a Abrão: Seja sobre ti a afronta que se me faz a mim. Eu te dei a minha serva para a possuíres; ela, porém, vendo que concebeu, desprezou-me. Julgue o Senhor entre mim e ti.**
**6. Respondeu Abrão a Sarai: A tua serva está nas tuas mãos, procede segundo melhor te parecer. Sarai humilhou-a, e ela fugiu de sua presença.**

Quando Deus nos promete alguma coisa, podemos aguardar porque é suficientemente poderoso para não deixar a sua palavra voltar vazia. O que Ele prometeu, há de cumprir.

O surpreendente, e ao mesmo tempo irônico na atitude de Abrão, é constatarmos que depois de ter tido experiências maravilhosas com Deus, onde sua fé foi sendo aumentada e solidificada, vemos agora o Pai da fé cair diante da pressão dos problemas domésticos levantados por sua esposa Sarai.

O Abrão que contra uma confederação de reis opressores e violentos lutou e venceu, libertando o seu sobrinho Ló; o Abrão que não cedeu à

tentação de ter grandes recompensas financeiras por causa dessa vitória; o Abrão ousado e transparente que dialogou com Deus pedindo uma confirmação da promessa de uma grande descendência; esse mesmo Abrão agora é visto naufragando numa situação de relacionamentos enciumados e melindrados que envolviam sua esposa e sua serva. Que situação! Que fragilidade!

Tudo isso serve para comprovar que nós, seres humanos, somos assim mesmo. Às vezes estamos num momento maravilhoso de comunhão, de intimidade com o Senhor, e logo depois estamos caídos, frustrados, temerosos, cheios de dúvidas, fraquejando diante das tentações e pecando. Essa é a natureza do ser humano. Hoje, nos montes da glória, amanhã, nos vales profundos e sombrios das incertezas.

Abrão tinha 75 anos na época de Gênesis 12, quando foi chamado por Deus. Dez anos haviam se passado desde que o Senhor o chamara para sair da sua terra e do meio da parentela para seguir as suas orientações, vagando por terras desconhecidas até chegar em Canaã.

Agora estava com 85 anos e a promessa de que sua descendência seria numerosa ainda não havia se cumprido. E o pior de tudo é que sua esposa Sarai era estéril. Mesmo depois da experiência especial do capítulo 15, quando Deus lhe confirmou uma descendência tão grande quanto às estrelas e lhe revelou detalhes futuros sobre ela, com certeza no coração de Abrão ainda havia questões não solucionadas. Como Deus cumpriria a sua promessa? Como essa descendência surgiria?

Em meio a essas dúvidas, despontou a proposta de Sarai, que lhe fez desviar os olhos do Senhor e olhar para as possibilidades de soluções humanas mais simples e palpáveis. Ao invés de ficar aguardando com fé a solução divina, Abrão anteviu a possibilidade de uma solução mais simples.

O plano foi arquitetado por Sarai. Como tinha uma escrava egípcia que já estava com eles desde o tempo do Egito, ela propôs que através da serva Abrão desse origem à sua descendência. Abrão aceitou a sugestão de sua esposa e possuiu Agar.

Ora, como a sugestão havia partido de sua própria esposa, Abrão não viu mal nenhum em admitir tal possibilidade. Naqueles dias a esterilidade era considerada como a maior e mais terrível desgraça que poderia atingir a vida de uma mulher casada. Além de se entender que o casal sem filhos

estava sob a maldição de Deus, a mulher sentia-se humilhada e desprezada pela sociedade.

O método sugerido por Sara não era a solução divina. Ele era aceito naqueles dias, como aconteceu também na família de Jacó, que teve filhos com Zilpa e Bila, servas de suas esposas Lia e Raquel. Os filhos desses relacionamentos eram incluídos na família e tinham plenos direitos de herança.

Abrão deve ter raciocinado (e racionalizado), que sendo essa uma maneira aceitável e até legítima de iniciar a sua descendência, não teria problemas se confirmasse o plano. E assim foi feito. Coabitou com Agar e ela engravidou.

Porém aconteceu algo que nem Sarai e nem Abrão imaginaram. Agar, depois de engravidar, desprezou Sarai, humilhando-a pelo fato de não poder dar filhos a Abrão. Mesmo sendo a senhora, a patroa, não podia gerar os filhos que lhe dariam a descendência tão almejada e assim sentia-se cada vez mais humilhada.

Você percebe em que situação complexa Abrão e Sarai se envolveram? E sabe por quê? Porque falharam e não tiveram paciência de aguardar o tempo do Senhor! Esse é o requisito da fé! Esperar confiantemente, como nos diz o Salmo 40.1: **Esperei confiantemente pelo Senhor; ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro**.

A narrativa continua, e vemos Abrão lavando as mãos diante da reclamação de Sarai. Ele não assumiu a responsabilidade de tratar o constrangimento que Agar estava causando a sua esposa. Transferiu a responsabilidade. Falhou mais uma vez, como já fizera anteriormente quando estavam no Egito ao deixar Sarai com a responsabilidade de protegê-lo com uma mentira. Agora ele passa adiante a responsabilidade de disciplinar ou punir Agar.

E é lógico supormos que a decisão de Sarai, com certeza, não seria uma decisão equilibrada, pois era a parte ofendida na questão. E foi exatamente o que aconteceu. Sarai humilhou Agar e ela fugiu da sua presença.

Agar partiu em direção do Egito, sua terra natal, já tinha caminhado alguns dias e estava próxima a Cades! Que situação! Ela estava grávida e fugindo com um filho no ventre que daria descendência a Abrão. São esses os resultados dos planos humanos. Muita confusão!

Mas graças a Deus porque Ele não depende de nós e tem seus planos infalíveis! Assim o relato continua, e lemos nos versos 7 a 14:

**7. Tendo-a achado o Anjo do Senhor junto a uma fonte de água no deserto, junto à fonte no caminho de Sur,**
**8. disse-lhe: Agar, serva de Sarai, donde vens e para onde vais? Ela respondeu: Fujo da presença de Sarai, minha senhora.**
**9. Então, lhe disse o Anjo do Senhor: Volta para a tua senhora e humilha-te sob suas mãos.**
**10. Disse-lhe mais o Anjo do Senhor: Multiplicarei sobremodo a tua descendência, de maneira que, por numerosa, não será contada.**
**11. Disse-lhe ainda o Anjo do Senhor: Concebeste e darás à luz um filho, a quem chamarás Ismael, porque o Senhor te acudiu na tua aflição.**
**12. Ele será, entre os homens, como um jumento selvagem; a sua mão será contra todos, e a mão de todos, contra ele; e habitará fronteiro a todos os seus irmãos.**
**14. Então, ela invocou o nome do Senhor, que lhe falava: Tu és Deus que vê; pois disse ela: Não olhei eu este lugar para aquele que me vê? Por isso, aquele poço se chama Beer-Laai-Roi; está entre Cades e Berede.**

Qual o significado da expressão "Anjo do Senhor"? Embora muitos estudiosos não aceitem essa posição, neste contexto o Anjo do Senhor, ou mensageiro, não nos parece um ser distinto de Deus. Temos aqui uma "teofania", isto é, uma manifestação visível do próprio Deus, o próprio Senhor se apresentando e fazendo sentir a sua presença de maneira sensível e concreta. Seria a manifestação pré-encarnada do Senhor Jesus (Gn 19.1, 21; 31.11-13; Êx 3.2-4; 23.20-33; 32.34; Jz 2.1-5; 6.11-24).

Mas apesar das diferentes opiniões, o texto diz claramente que Agar foi amparada e socorrida pelo Senhor. Deus sempre está atento aos nossos sofrimentos e pronto a nos socorrer. Na seqüência houve recomendação para Agar voltar e acertar seu relacionamento com Sarai e também uma promessa maravilhosa que certamente encheu o seu coração de júbilo. Por causa da semente de Abrão que nela estava, seu filho teria uma grande descendência que também, como Deus prometera a Abrão, não poderia ser contada. Seu nome seria Ismael, que significa "Deus ouve", pois como disse o anjo: "O Senhor te acudiu na tua aflição".

Você consegue perceber que mesmo numa situação de falta de fé, desconfiança, dúvidas e atitudes totalmente humanas e carnais, quando Deus age sempre produz um final surpreendente? E foi o que aconteceu! Mesmo injustiçada por Sarai, Agar teve o conforto do Senhor e uma promessa maravilhosa a respeito do filho que estava gerando.

A serva deveria voltar a sua senhora e diante dela se humilhar. Nessa atitude está demonstrado o princípio de que não podemos desprezar o nosso próximo e nos rebelar contra as autoridades. Se agirem errado, sejam elas quais forem, Deus certamente providenciará o tratamento correto. Nossa atitude deve ser de respeito e submissão às autoridades, entregando-nos sempre aos cuidados do Senhor.

Agar, mesmo sendo egípcia e de outra religião, depois de servir Sarai e Abrão por 10 anos, aprendeu que o certo era invocar e adorar o nome do Senhor. Depois dessa experiência especial com o anjo do Senhor, o verso 13 nos relata que ela adorou, invocando o nome do Senhor. Era uma escrava, mas certamente alguém temente a Deus! Convicta de que Deus lhe aparecera, chamou aquele lugar de "Tu és Deus de vista" ou "Vi de fato a Deus".

Vale a pena destacar, embora seja apenas para confirmar o que você já sabe, que os ismaelitas, essa descendência tão numerosa que não seria possível ser contada, são os árabes dos dias atuais. É isso mesmo. A promessa se cumpriu integralmente e os árabes convivem em muitos territórios fronteiriços aos israelenses e são detentores de uma conduta feroz e agressiva. A hostilidade entre Sarai e Agar foi transmitida aos seus descendentes.

Mas o nome do poço onde o Anjo do Senhor a encontrou tem um significado especial: Beer-Laai-Roi significa "o poço do vivente, meu observador", dando a entender que Agar celebrava o cuidado constante do Senhor sobre a sua vida e a de seu filho!

Os versos finais desse capítulo contêm as seguintes palavras: **Agar deu à luz um filho a Abrão; e Abrão, a seu filho que lhe dera Agar, chamou-lhe Ismael. Era Abrão de oitenta e seis anos, quando Agar lhe deu à luz Ismael (v. 15-16**). Essas palavras finais salientam a responsabilidade de Abrão em relação a Ismael que ocorreu, porque Agar, obedecendo ao Anjo do Senhor, retornou ao lar de seus senhores.

Essa é uma história muito interessante. O próprio Novo Testamento, nas palavras do apóstolo Paulo em Gálatas 4.22-29, faz uso dela através de uma referência a Ismael, o filho de Agar, como nascido "segundo a carne", resultado dos próprios esforços humanos quanto à religião, ao contato com Deus, que são sempre incompatíveis aos resultados da atuação do Espírito Santo em nós:

**22. Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da livre.**
**23. Mas o da escrava nasceu segundo a carne; o da livre, mediante a promessa.**
**24. Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Agar.**
**25. Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos.**
**26. Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe;**
**27. porque está escrito: Alegra-te, ó estéril, que não dás à luz, exulta e clama, tu que não estás de parto; porque são mais numerosos os filhos da abandonada que os da que tem marido.**
**28. Vós, porém, irmãos, sois filhos da promessa, como Isaque.**
**29. Como, porém, outrora, o que nascera segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito, assim também agora.**

Paulo nos ensina nesse texto a respeito das duas alianças: a da lei e a da graça. Ele faz uma alegoria onde Agar representa a antiga aliança, a lei, e Sara representa a nova aliança, a graça. Sara representa a graça por ser a esposa de Abrão. Ela era livre e não escrava. Agar apontava para a lei que foi dada no Sinai, após os judeus terem saído do Egito. Os judeus se tornaram servos da lei e viviam debaixo dela, mas Sara representa a graça que nos veio por meio de Jesus Cristo.

Nessa aplicação, Paulo fala que não estamos mais debaixo da lei, mas debaixo da graça. Portanto é assim que devemos andar, baseados na graça do Senhor Deus. Como você tem desenvolvido a sua vida cristã? Está preocupado em cumprir toda a lei ou tem se apropriado da graça e experimentado a misericórdia divina?

Ao estudarmos a vida de Abrão notamos que entre acertos e erros ele foi crescendo no conhecimento de Deus e confiando cada vez mais no

Senhor. Alguns estudiosos têm sugerido que o patriarca foi submetido a sete testes divinos durante o processo de ser transformado em um homem de fé e exemplo para os crentes.

O primeiro teste foi o da chamada para sair da sua terra e da sua parentela para seguir a Deus, sem saber o que o futuro reservava. O segundo ocorreu quando houve grande fome em Canaã e Abrão foi para o Egito. O terceiro, quando tio e sobrinho constataram que as suas posses eram tantas que não podiam mais ficar juntos. Abrão deixou que Ló escolhesse primeiro o lugar para onde queria ir. No quarto teste Abrão recusou as riquezas que o rei de Sodoma lhe oferecera como gratidão por libertá-lo dos inimigos. O quinto teste aconteceu através do plano elaborado por Sarai para que através de Agar Abrão fizesse surgir a sua descendência. O sexto teste aconteceu no capítulo 18, quando Abrão intercedeu para que não houvesse a destruição de Sodoma e Gomorra. E, por fim, o sétimo e mais delicado deles, no capítulo 22, quando Deus pediu que Abrão lhe entregasse Isaque, o filho da promessa, em sacrifício.

Você percebe como Deus trabalha com seus filhos? Das mais variadas maneiras Ele vai moldando o nosso caráter à semelhança do caráter de Cristo. É esse o processo que vimos na vida de Abrão. Por isso podemos estar seguros que Deus usa esse mesmo método para forjar a nossa vida para que dela redunde a glória de Deus.

## A mudança de nomes e o início da circuncisão
### Gn 17.1-27

Alguns estudiosos consideram o capítulo 17 como o mais importante, senão de toda a Bíblia, pelo menos do livro de Gênesis. Por quê? Porque nele temos Deus mudando o nome de Abrão, “o grande pai”, para Abraão, “pai de multidões”. Deus também se revela a ele com o nome de El Shadai, que significa “Deus Altíssimo”. Diz a Abraão que Ismael não seria o seu herdeiro, porque não era o filho da promessa. O filho da promessa seria o da sua esposa legítima. Fala também que a descendência de Abraão seria numerosa e que a aliança firmada entre os dois seria perpétua.

Portanto neste capítulo vemos Deus reafirmando sua palavra a Abrão. E essa palavra agora se completa porque no capítulo 15 aprendemos que nada foi pedido a Abrão, senão que cresse, que confiasse.

Mas agora surgem as implicações em profundidade e extensão. Em profundidade, porque a crença, a confiança, deveria ser demonstrada em total dedicação, como é exigida no verso 1: **Anda na minha presença e sê perfeito**. Em extensão, porque todos os envolvidos deveriam ser selados, um por um, nas futuras gerações: **Esta é a minha aliança… todo macho entre vós será circuncidado] (v. 10)**. Percebemos a participação pessoal e a participação coletiva, a fé interior e o selo externo, a justiça imputada pela graça e a devoção demonstrada pela obediência. São lições maravilhosas.

Os dois primeiros versos deste capítulo dizem: **Quando atingiu Abrão a idade de 99 anos, apareceu-lhe o Senhor e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha presença e sê perfeito. Farei uma aliança entre mim e ti e te multiplicarei extraordinariamente**.

Já havia passado 24 anos desde que Deus chamara Abrão para andar com Ele e lhe prometera: **… de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome… (Gn 12.2)].** Mas até agora a promessa ainda não tinha se cumprido. Ismael estava com 13 anos (Gn 16.16), mas não era o filho da promessa.

O verso continua e registra que Deus aparece a Abrão e lhe revela outro nome seu, o "Eu sou o Deus Todo-Poderoso". Em hebraico é El Shadai, conforme aparece em Gênesis 28.3; 35.11; 43.14; 48.3; 49.25 e Êxodo 6.3, sempre em conexão à promessa da descendência. Esse era o nome primitivo de Deus cujo significado pode ser "Deus do monte ou Deus da montanha", Deus como o único e suficiente, lembrando o Salmo 121.1 que destaca o domínio universal de Deus: **Elevo os olhos para os montes: de onde virá o socorro?**.

O verso 1 do capítulo 17 de Gênesis ainda continua: **… anda na minha presença e sê perfeito…**, que é o que Deus requer de todos nós. Depois da tentativa desastrada de Abrão e Sarai de obter a descendência prometida através de Agar, Deus interveio e, de modo muito claro disse a Abrão: ande segundo a minha vontade, ande comigo e seja íntegro. Tenha um coração confiante e seja maduro.

Deus deixou claro a Abrão que só cumpriria os benefícios prometidos na aliança se ele fosse um servo fiel e obediente. Sua fé devia ser acompanhada pela obediência que vem pelo amor.

A frase do verso 2 confirma aquilo que Deus dissera anteriormente a Abrão: a aliança e a grande descendência que seria multiplicada tal quais as estrelas que não podiam ser contadas.

No verso 3, quando Abrão se prostra e se curva diante da presença sublime de Deus, demonstra que reconhece a sua condição de servo diante do Senhor, até que mais tarde, depois de caminhar e conhecer mais, torna-se amigo de Deus.

Ao estabelecer a aliança, Deus especifica claramente as obrigações das duas partes. Nos versos 4 a 8, Ele declara a sua parte:

**4. Quanto a mim, será contigo a minha aliança; serás pai de numerosas nações.**

**5. Abrão já não será o teu nome, e sim Abraão; porque por pai de numerosas nações te constitui.**

**6. Far-te-ei fecundo extraordinariamente, de ti farei nações, e reis procederão de ti.**

**7. Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência.**

**8. Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus.**

Que texto impressionante! Você percebe o que Deus está colocando como parte dele, como responsabilidade nesta aliança? A lista tem sete itens:

1. Deus estava estabelecendo a aliança entre Ele e Abrão. Uma aliança perpétua que diz ser dele – "minha aliança" – porque estava propondo esse relacionamento.
2. Deus faria Abrão ser pai de muitas nações.
3. Mudaria o nome de Abrão para Abraão, para ficar de acordo com a sua descendência de muitas nações.
4. Tornaria Abrão fecundo, isto é, com a possibilidade de ter mais filhos.
5. Faria com que reis descendessem de Abrão.
6. Seria o Deus de Abraão e da sua descendência.
7. Daria Canaã, a terra das peregrinações de Abrão, por possessão perpétua.

Que promessas! Que palavras encorajadoras! Que Deus maravilhoso!

Nos versos 9 a 13, o outro lado da aliança, o lado de Abraão, também é especificado:

**9. Disse mais Deus a Abraão: Guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das suas gerações.**
**10. Esta é a minha aliança, que guardarei entre mim e vós e a tua descendência: todo macho entre vós será circuncidado.**
**11. Circuncidareis a carne do vosso prepúcio; será isso por sinal de aliança entre mim e vós.**
**12. O que tem oito dias será circuncidado entre vós, todo o macho nas vossas gerações, tanto o escravo nascido em casa como o comprado a qualquer estrangeiro, que não foi da tua estirpe.**
**13. Com efeito, será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado por dinheiro; a minha aliança estará na vossa carne e será aliança perpétua.**

Também temos nesse texto sete elementos que Abraão deveria cumprir como sua parte na aliança que estava sendo estabelecida:

1. Junto com sua descendência deveria guardar a aliança.
2. Circuncidar todo o macho da sua descendência.
3. Considerar a circuncisão como sinal da aliança.
4. Circuncidar todo macho logo aos oito dias de idade.
5. Circuncidar todo servo que nascesse nos seus domínios.
6. Circuncidar todo servo comprado, qualquer que fosse sua origem.
7. Considerar essa aliança de caráter perpétuo.

O parágrafo termina mostrando a terrível conseqüência da quebra de aliança. O verso 14 diz assim: **O incircunciso, que não foi circuncidado na carne do prepúcio, essa vida será eliminada do seu povo; quebrou a minha aliança**. Você conseguiu entender que Deus e Abraão estavam estabelecendo uma aliança perpétua, isto é, permanente? Esse estabelecimento da aliança era algo muito sério e sua quebra envolveria a morte.

E, como vimos no capítulo 15, ao acertarem essa aliança, as partes faziam o juramento, invocando a maldição sobre si mesmas. Num certo sentido, simbolicamente, Abraão estava dizendo: "Se eu não for leal na fé e na obediência ao Senhor, que a sua espada elimine a minha descendência, assim como cortei o meu prepúcio". Espiritualmente, a essência da aliança é como o "aceito" que os noivos dizem ao se casarem.

Outro fato importante que deve ser destacado é a abrangência da circuncisão, demonstrando que Deus nunca fez e não faz acepção de

pessoas: não só a descendência legítima poderia e deveria participar da aliança, mas também os servos, quaisquer que fossem as suas origens. Êxodo 12.44 diz que esta aliança com Deus também foi aberta para qualquer gentio que viesse pertencer totalmente à comunidade de Israel. Deus é Deus de todos! A salvação divina é para todos! Esse é o nosso Deus gracioso e misericordioso para com todos!

Nos versos 15 a 22, Deus mudou o nome de Sarai para Sara, que significa princesa, simbolizando a nova situação em que ela se encontrava por causa da promessa, porque seria mãe de nações e de reis, cumprindo o propósito do Senhor. Quando Deus também se comprometeu com Sara, Abraão, ao ouvir de novo a promessa, ao prostrar-se diante do Senhor, riu e consigo mesmo questionou como se daria a sua concretização.

O texto do verso 17 diz assim: **A um homem de cem anos há de nascer um filho? Dará à luz Sara com seus noventa anos?**. O que temos nesse relato? Não se espante! Mais uma vez encontramos uma demonstração de falta de fé. Uma demonstração de dúvida diante da promessa do Senhor. E quando Abraão duvidou da promessa, sugerindo que Deus abençoasse a Ismael dizendo: **tomara que viva Ismael diante de ti (v. 18)**, Deus continuou sendo paciente com Abraão. Mesmo diante da incredulidade do patriarca Deus prometeu cuidar de Ismael. O verso 20 diz: **Quanto a Ismael, eu te ouvi: abençoá-lo-ei, fá-lo-ei fecundo e o multiplicarei extraordinariamente; gerará doze príncipes, e dele farei uma grande nação**.

Você percebe como o nosso Deus é paciente, amoroso e compreensivo? Paciente, porque mesmo diante da sugestão imprópria de Abraão querendo colocar Ismael, filho de uma atitude sem fé, como seu descendente, Deus prometeu abençoá-lo. Amoroso, porque abençoaria indiretamente Abraão, fazendo Ismael fecundo e multiplicando a sua semente. Compreensivo, porque entendeu a preocupação de Abraão com Ismael, que mesmo não sendo o filho da promessa era o seu primogênito, dizendo que faria Ismael gerar doze príncipes tornando-o uma grande nação (Gn 25.12-16).

Mas Deus, nos versos 19 e 21, confirmou de modo muito claro a Abraão que sua descendência viria através de Sara. Deu-lhe o nome do filho que se chamaria Isaque (riso), e afiançou que ele nasceria dentro de um ano. E, assim, com essas palavras e promessas, o verso 22 termina

dizendo que Deus encerrou a solene conversa com Abraão e recolheu-se, elevando-se às alturas.

Não vale a pena confiar nesse Deus tão bondoso e misericordioso? Com certeza! Mesmo quando falhamos, Ele que conhece nossas limitações, está sempre pronto a nos perdoar e a oferecer uma nova oportunidade.

O capítulo termina com uma narrativa muito significativa do patriarca obedecendo a Deus com prontidão **naquele mesmo dia, como Deus lhe ordenara (v. 23)**. Abraão estava com 99 anos de idade e Ismael com 13 anos e foram circuncidados no mesmo dia. Por ordem de Abraão, todos os demais machos de sua casa também foram circuncidados.

## Abraão recebe anjos e intercede por Sodoma e Gomorra

### Gn 18.1-33

O capítulo 18 de Gênesis pode ser dividido em três partes:

Parte 1 – Visita do Senhor e dos anjos a Abraão (v. 1-15)
Parte 2 – Anúncio da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra (v. 16-21)
Parte 3 – Intercessão de Abraão pelos habitantes de Sodoma e Gomorra (v. 22-33)

Nos versos 1 a 15, temos o relato de uma visita especial que Abraão recebeu. Estava o patriarca, por volta do meio dia, no maior calor do dia, sentado à porta da sua tenda, quando levantou os olhos e viu três homens bem próximos de si. A sua pronta reação, de acordo com o costume da época, foi dirigir-se rapidamente aos visitantes e, inclinando-se, oferecer-lhes tudo o que era possível em termos de hospedagem.

É interessante notarmos sete atitudes que Abraão teve e que servem de modelo para nós:

1. Ele deu atenção imediata às necessidades dos hóspedes.
2. Saudou-os, inclinando-se até o chão.
3. Dirigiu-se a um deles tratando-o como meu Senhor, colocando-se numa postura de servo.
4. Demonstrou que era um privilégio poder servir aos visitantes.
5. Fez com que trouxessem água para lavarem os pés e os colocou à sombra de uma frondosa árvore.

6. Providenciou que uma boa refeição fosse preparada e a serviu em seguida.
7. Ficou perto dos visitantes, em pé, como um servo, em atitude de prontidão para servir-lhes em suas necessidades.

De fato essas atitudes foram exemplares. Elas demonstram o caráter de Abraão que estava sendo forjado por Deus. Que possamos seguir esse exemplo de cortesia e gentileza!

Mas quem eram esses visitantes? Um deles certamente era o Senhor (v. 1, 13, 17, 20, 22 a 33), os outros dois eram anjos, mensageiros divinos (Gn 19.1). E qual era o propósito dessa visita? Quando comparamos o relato do capítulo 17 com as palavras ditas pelos visitantes nos versos15, vemos que essa visita tinha a finalidade de despertar e consolidar a fé de Sara, que seria participante ativa da promessa a ser cumprida.

Vejamos as palavras do verso 9: **Então, lhe perguntaram: Sara, tua mulher, onde esta? Ele respondeu: Está aí na tenda. Disse um deles: Certamente voltarei a ti, daqui a um ano; e Sara, tua mulher, dará à luz um filho. Sara o estava escutando, à porta da tenda, atrás dele**.

Você consegue perceber que o foco da conversa não é mais Abraão, como tinha sido até o momento? A atenção agora se volta para Sara. Ela necessitava ser encorajada, ser estimulada em sua fé. Não é bom sabermos que quando vacilamos em nossa fé o próprio Senhor vem ao nosso encontro para nos encorajar e nos estimular a fé?

Sara precisava de uma palavra dirigida diretamente a ela. A reação que teve quando um dos anjos afirmou que dentro de um ano daria à luz um filho demonstrava que ainda não cria na promessa. Depois de rir da palavra divina, sua pergunta interior foi a seguinte: **Depois de velha, e velho também o meu senhor, terei ainda prazer? (v. 12)**.

Sobre esse evento é necessário fazermos alguns esclarecimentos. Sara riu demonstrando incredulidade ou sorriu de alegria pela promessa que estava sendo reforçada? Alguns entendem que esse sorriso foi de alegria. Sara ficou feliz pela possibilidade de dar à luz e sorriu de contentamento. Mas outros entendem que ela continuou demonstrando a mesma incredulidade evidenciada quando ofereceu Agar a Abraão.

Mas a palavra do anjo no verso é muito significativa e esclarecedora: **Acaso, para o Senhor há coisa demasiadamente difícil?** Percebemos que ele está desafiando Sara a ter fé.

Um outro detalhe ainda mais intrincado é o significado da frase "Terei ainda prazer?". Essa é uma frase que necessita de clara compreensão. Alguns comentaristas entendem que Sara expressou uma frase sensual, demonstrando que o sexo no casamento deve ir além da procriação: deve proporcionar alegria e prazer para os cônjuges. Outros comentaristas traduzem a frase da seguinte maneira: "Terei ainda esse prazer?", entendendo que o prazer se referia à boa notícia de que seria mãe.

Este é um trecho que precisa ser compreendido considerando-se o contexto e a importância da geração dos filhos. Por isso mesmo é que necessitamos de um estudo cada vez mais profundo da Palavra de Deus. Sem negar a verdade sobre o papel do sexo no casamento, podemos crer que Sara, ainda não crendo na promessa divina, expressou a seguinte idéia: "Sendo Abraão e eu já velhos, como terei o prazer de dar à luz um filho? Será que isto é possível?". Na verdade, o que podemos perceber é uma luta interna de Sara contra as evidências concretas. Ela estava com 89 anos, e Abraão com 99. Sob olhar humano não tinham condições de gerar um filho.

E é exatamente sobre isso que Paulo escreveu sobre Abraão que ao contrário de Sara, creu. Em Romanos 4.18-21 lemos:

**18. Abraão, esperando contra a esperança…**
**19. E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido…**
**20. não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera.**

Abraão cria firmemente que Deus poderia lhe dar um filho com Sara, enquanto ela mesma ainda não chegara a esse patamar de fé. Na seqüência de Gênesis 18, o anjo perguntou a Abraão porque sua mulher havia sorrido. Sara mentiu deliberadamente, negando o fato. Essa é mais uma prova de que ainda não estava no mesmo nível de fé de Abraão.

É possível perceber que Sara precisava ter a confiança que Abraão já possuía. Ela deveria crer tanto quanto ele, pois dali a um ano a promessa se cumpriria, seria concretizada. Então, fica claro que os anjos foram enviados nessa missão para estimular e consolidar a fé de Sara.

Mas eles tinham também outra missão: verificar o estado de Sodoma e Gomorra. Nos versos 16 a 21, na segunda parte de Gênesis 18,

encontramos os detalhes sobre o anúncio divino da destruição das duas cidades. É um episódio triste por um lado, mas significativo por outro, se tivermos por base a relação de Deus com Abraão.

Depois da ministração a Abraão e Sara, os visitantes, acompanhados por Abraão até certo ponto, seguiram em direção às cidades. Nesse momento o Senhor mesmo começou a se questionar se deveria esconder seus planos de Abraão: **Disse o Senhor: Ocultarei a Abraão o que estou para fazer, visto que Abraão certamente virá a ser uma grande e poderosa nação, e nele serão benditas todas as nações da terra? (v. 17-18)**.

Afinal, para Deus, Abraão tinha certos requisitos dados por Ele mesmo que deveriam ser considerados:

1. Abraão viria a ser uma grande e poderosa nação.
2. Abraão seria o instrumento pelo qual todas as nações da terra seriam abençoadas.
3. Abraão tinha sido o escolhido para que ele e seus descendentes guardassem o caminho do Senhor e praticassem a justiça e o juízo.

Ora, diante disso, os planos divinos não deveriam ser ocultados ou omitidos a Abraão que certamente já era considerado amigo de Deus (Is 41.8).

Os planos divinos, então, começaram a ser revelados ao patriarca:

**20. Disse mais o Senhor: Com efeito, o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado, e o seu pecado se tem agravado muito.**

**21. Descerei e verei se, de fato, o que têm praticado corresponde a esse clamor que é vindo até mim; e, se assim não é, sabê-lo-ei.**

A expressão "o clamor de Sodoma e Gomorra tem-se multiplicado" deve ser entendida como "o brado contra elas ou o mal gritante do lugar", porque todos os clamores de injustiça chamam a atenção de Deus, o juiz de toda a terra, como Ele é chamado no verso 25: **Não fará justiça o Juiz de toda a terra?]**

Mas por que aconteceria essa destruição? Porque apesar da misericórdia divina demonstrada a Sodoma e Gomorra, através da libertação proporcionada por Abraão que as tirou do domínio alheio, estas duas cidades não se arrependeram dos seus pecados e as suas contínuas injustiças subiram à presença de Deus.

Por isso, por terem as injustiças, os maus atos e os pecados de Sodoma e Gomorra chegado à presença de Deus, por estarem ou terem ultrapassado os limites da misericórdia divina, Deus, que é o Juiz de toda a terra, veio para julgar aqueles povos.

Era uma situação triste. Mesmo diante de tanta misericórdia, de tanta libertação, de uma intervenção direta de Deus através de Abraão libertando-as de um jugo de 14 anos de vassalagem, os habitantes dessas cidades não se arrependeram e pecaram diante do Senhor.

A condição do ser humano, pecador não arrependido, é o aspecto triste desse episódio. Um dia tudo acaba sendo julgado diante do Senhor! Dura coisa é cair nas mãos do Deus vivo, **porque o nosso Deus é fogo consumidor (Hb 12.29)**. O aspecto significativo e alegre em toda essa situação é a maneira amorosa e carinhosa como o Senhor trata com Abraão, não ocultando seus planos dele. Que bênção termos um Deus assim, que se torna nosso amigo! Glórias ao Senhor!

Nos versos 22 a 33, temos um dos relatos mais impressionantes de toda a Bíblia, demonstrando que podemos ser abertos e nos relacionar com respeito, mas com total liberdade com o nosso Deus. Podemos confirmar essa condição nos Salmos que nos revelam os salmistas rasgando seus corações diante do Senhor.

Mas aqui temos um exemplo maravilhoso de como Deus atende as nossas orações, quando a nossa motivação é a glória Dele mesmo. Vejamos detalhadamente os fatos. Depois que os anjos foram para as duas cidades para ver o que lá acontecia, Abraão ficou ainda na presença do Senhor: **Então, partiram dali aqueles homens e foram para Sodoma: porém, Abraão permaneceu ainda na presença do Senhor (v. 22**.
Esse é um detalhe importante que deve ser ressaltado. Necessitamos estar constantemente na presença de Deus. Quando o buscamos, Ele se deixa achar. Isaías 55.6 diz: **Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto]**.

Abraão inicia, então, uma intercessão e um processo de argumentação singular em toda a Bíblia, nos versos 23 a 33:

**23. E, aproximando-se a ele, disse: Destruirás o justo com o ímpio?**
**24. Se houver, porventura, cinqüenta justos na cidade, destruirás ainda assim e não pouparás o lugar por amor dos cinqüenta justos que nela se encontram?**

**25. Longe de ti o fazeres tal coisa, matares o justo com o ímpio, como se o justo fosse igual ao ímpio; longe de ti. Não fará justiça o Juiz de toda a terra?**
**26. Então, disse o Senhor: Se eu achar em Sodoma cinqüenta justos dentro da cidade, pouparei a cidade toda por amor deles.**
**27. Disse mais Abraão: Eis que me atrevo a falar ao Senhor, eu que sou pó e cinza.**
**28. Na hipótese de faltarem cinco para cinqüenta justos, destruirás por isso toda a cidade? Ele respondeu: Não a destruirei se eu achar ali quarenta e cinco.**
**29. Disse-lhe ainda mais Abraão: E se, porventura, houver ali quarenta? Respondeu: Não o farei por amor dos quarenta.**
**30. Insistiu: Não se ire o Senhor, falarei ainda: Se houver, porventura, ali trinta? Respondeu o Senhor: Não o farei se eu encontrar ali trinta.**
**31. Continuou Abraão: Eis que me atrevi a falar ao Senhor: Se, porventura, houver ali vinte? Respondeu o Senhor: Não a destruirei por amor dos vinte.**
**32. Disse ainda Abraão: Não se ire o Senhor, se lhe falo somente esta vez: Se, porventura, houver ali dez? Respondeu o Senhor: não a destruirei por amor dos dez.**
**33. Tendo cessado de falar a Abraão, retirou-se o Senhor; e Abraão voltou para o seu lugar.**

Esse é um texto que impressiona. Dessa narrativa podemos extrair sete atitudes de Abraão:

1. A preocupação pelos outros e não consigo mesmo.
2. Total transparência de sentimentos diante de Deus.
3. A ousadia de falar com Deus daquela maneira.
4. O amor, ao preocupar-se com os justos de Sodoma e Gomorra.
5. A preocupação com a sobrevivência de Ló e de sua família.
6. A preocupação com a justiça divina.
7. A preocupação em perceber a extensão do amor de Deus.

Por outro lado vemos também sete atitudes do Senhor para com Abraão:

1. Permitiu que Abraão fosse transparente, dando-lhe liberdade.
2. Permitiu que Abraão ficasse em sua presença.
3. Permitiu que Abraão questionasse a sua justiça.

4. Permitiu que Abraão questionasse o seu amor.
5. Foi paciente com Abraão, permitindo-lhe expressar seus questionamentos.
6. Foi generoso permitindo Abraão insistir por várias vezes.
7. Demonstrou que sua justiça é justa e o seu amor não tem limites!

Com certeza, essas atitudes que Deus teve para com Abraão, tem também para conosco. O nosso Deus é o mesmo ontem, hoje e o será amanhã.

Mas nesse texto ainda vemos Deus ensinando sobre prudência. A prudência divina é um modelo para os nossos relacionamentos. Deus não tem pressa de punir o pecador, em destruir um povo ou uma cidade cujo clamor chegou até o céu. O Senhor é benigno, misericordioso, paciente e justo. Se o limite permitido por Deus ainda não foi ultrapassado, há toda a possibilidade de arrependimento.

Esse é o nosso Deus! Devemos tratar dessa mesma maneira os nossos irmãos! Devemos nos apropriar da paciência, do amor e da misericórdia divina!

## A destruição de Sodoma e Gomorra
### Gn 19.1–38

Devemos recordar que no capítulo 13 Ló foi movendo sua tenda cada vez para mais perto de Sodoma, até que se estabeleceu na cidade. Possivelmente ele ignorava o mal e o pecado daquela cidade, não conhecia a gravidade da situação. Mas depois que se instalou e se estabeleceu, descobriu que a cidade era corrupta, uma cidade má.

Mas o que ele fez? Recuou e saiu? Não, ficou por lá mesmo. Sodoma era uma grande e bonita cidade provida das mais diversas facilidades. Porém Ló não dimensionou o perigo que corria junto com sua família.

O início do capítulo 19 diz que os anjos foram visitar Sodoma e encontram Ló junto à porta. Quando ele os viu, prostrou-se com o rosto em terra e, insistindo, hospedou-os e preparou-lhes um banquete. Mas antes que se recolhessem para dormir, Ló e seus visitantes foram surpreendidos por uma atitude completamente deplorável por parte dos demais habitantes da cidade, desde os mais velhos até os mais novos: **E chamaram por Ló e lhe disseram: Onde estão os homens que, à noitinha, entraram em tua casa? Traze-os fora a nós para que abusemos deles (v. 5)**.

Ló chegou a oferecer suas filhas para que os anjos nada sofressem: **Rogo-vos, meus irmãos, que não façais mal; tenho duas filhas, virgens, eu vo-las trarei; tratai-as como vos parecer, porém nada façais a estes homens, porquanto se acham sob a proteção do meu teto (v. 7-8)**.

Ló se achava numa situação difícil e se colocou na defesa dos seus visitantes. Na verdade, ele estava colhendo o que havia semeado, porque mesmo não praticando aquele tipo de pecado, em certo sentido tolerou-o. Ele sabia que aquelas práticas eram pecaminosas. Tanto é verdade que identificou como mal aquilo que aqueles homens queriam fazer. Ló não chegou a mudar totalmente a sua idéia de pecado. O que ele viu chamou de pecado.

Mas existem muitas pessoas que vão se acostumando e assumindo uma posição liberal em relação ao pecado, chamando tal posição de "nova moralidade". Para Ló aquilo que estava acontecendo em Sodoma era pecado mesmo. E, no verso 9, o texto diz que aqueles homens maus persistiram no seu mal intento: **… veio morar entre nós, e pretende ser juiz em tudo? A ti, pois, faremos pior do que a eles. E arremessaram-se contra o homem, contra Ló, e se chegaram para arrombar a porta**.

Estes homens incrédulos agora estavam acusando Ló dizendo-lhe que se ele tinha vindo morar em Sodoma devia aceitar os costumes sem querer transformá-los. Se havia escolhido espontaneamente Sodoma, e se havia morado ali tanto tempo sem nunca se opor abertamente contra o pecado como, então, queria agora moralizar as coisas?

Pobre Ló! Estava sofrendo as conseqüências de sua própria tolerância com o mal. O seu testemunho não foi claro. Sabia o que era pecado, porém nunca se opôs claramente a ele. Nunca contrariou aqueles costumes. A sua luz não brilhou nas trevas de Sodoma. Mas graças a Deus os anjos que estavam na casa o protegeram da agressão daqueles homens maus, cegando-os e trazendo Ló para dentro de casa. Se não fosse a intervenção dos anjos, Ló iria sofrer nas mãos daqueles homens sem temor de Deus.

Para muitos humanistas, e até para algumas pessoas que se dizem religiosas, os habitantes de Sodoma não eram tão pecadores a ponto de merecerem a destruição como castigo. Mas o que pensava Deus a respeito daquela cidade e da sua gente? O que diz a Bíblia? Basta lermos todo o capítulo 19 para vermos qual foi a sentença divina.

O que vemos é Deus destruindo aquela cidade com fogo e enxofre, exatamente por causa do seu pecado e da sua corrupção. Alguns desses que defendem Sodoma e Gomorra, alegando que Jesus foi compassivo com os pecadores, se esquecem que os pecadores foram transformados quando tiveram contato com Cristo. Jesus ama o pecador, mas aborrece e pune o pecado. Ele ameaçou a todos com fogo do inferno, caso os homens persistissem no pecado. Jesus chegou a dizer: **Se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis (Lc 13.5)**.

O texto de Gênesis continua, e nos versos 12 a 14 os anjos dizem a Ló:

**12. … Tens aqui alguém mais dos teus? Genro, e teus filhos, e tuas filhas, todos quantos tens na cidade, faze-os sair deste lugar;**
**13. pois vamos destruir este lugar, porque o seu clamor se tem aumentado, chegando até a presença do Senhor; e o Senhor nos enviou a destruí-lo.**
**14. Então, saiu Ló e falou a seus genros, aos que estavam para casar com suas filhas e disse: Levantai-vos, saí deste lugar, porque o Senhor há de destruir a cidade. Acharam, porém, que ele gracejava com eles.**

Como podemos entender esse relato? A situação de Ló continuava difícil. Tudo indica que seus genros eram incrédulos a ponto de desprezarem seu aviso. Eles riram de Ló. Pensaram que ele só poderia estar brincando, porque se antes não tinha dado nenhuma pista de que haveria destruição, como de uma hora para outra fazia esse aviso tão terrível? Provavelmente eram pessoas ainda incrédulas, o que prova que Ló, mesmo temendo a Deus, não impactou nenhuma vida durante todo o tempo em que viveu em Sodoma.

Alguns perguntam se Ló era, de fato, temente a Deus. 2Pedro 2.7-8 diz que Ló era justo, e sentia tristeza por causa do pecado e da corrupção de Sodoma: **E livrou o justo Ló (de Sodoma), afligido pelo procedimento libertino daqueles insubordinados (porque este justo, pelo que via e ouvia quando habitava entre eles, atormentava a sua alma justa, cada dia, por causa das obras iníquas daqueles)**.

Mas pelo que sabemos, pelo que a Bíblia diz, apesar de ser um homem temente a Deus, podemos dizer que ele era um crente fraco. Prova disso é o fato de suas filhas se casarem com homens incrédulos. Além disso, vemos com que dificuldade Ló, sua mulher e as duas filhas deixaram

Sodoma. Eles foram como que arrastados para fora para não serem destruídos juntamente com a cidade corrupta.

A narrativa diz que diante da sua demora os anjos tomaram a iniciativa: **Como, porém, se demorasse, pegaram-no os homens pela mão, a ele, a sua mulher e as duas filhas, sendo-lhe o Senhor misericordioso, e o tiraram, e o puseram fora da cidade (v. 16)**. Faltava a Ló o sentido de urgência que estava sendo exigido por Deus. O que realmente estava prendendo Ló àquela cidade? Por que não se apressou após ouvir a palavra dos anjos? Deus precisou ter muita misericórdia dele para que não fosse destruído com a corrupta cidade.

Pela misericórdia divina os anjos instruíram Ló para que salvasse sua vida, não olhando para trás e fugindo para o monte. Mas o texto diz: **Respondeu-lhes Ló: Assim não, Senhor meu. Eis que o teu servo achou mercê diante de ti, e engrandeceste a tua misericórdia que me mostraste, salvando a minha vida; não posso escapar no monte, pois receio que o mal me apanhe, e eu morra (v. 18-19)**.

Como é fácil perceber, Ló continuou colocando obstáculos e recusou a orientação divina para a sua própria salvação. É como o crente que deseja fazer a sua própria vontade, recusando-se a fazer aquilo que Deus ordena claramente na sua Palavra. O monte certamente se tratava de um lugar seguro, onde a destruição de Sodoma e o fogo que cairia sobre ela não o atingiram.

Ló havia saído de Sodoma, mas ainda levava consigo a vontade própria e uma atitude não submissa a Deus. Ló não era dócil à vontade de Deus. As razões dele excedem a nossa compreensão e a nossa razão. Se Deus tinha ordenado que fosse para o monte é para lá que deveria ter ido com a sua família. Mas nos versos 20 a 22, Ló insistiu e o Senhor permitiu que ele fugisse para a cidade de Zoar, que significa "pequena", não sem antes ressaltar que ele deveria apressar-se e se refugiar na pequena cidade.

O texto continua, e nos versos 23 a 29 temos a destruição de Sodoma e Gomorra. Lemos que Deus fez chover enxofre e fogo sobre as duas cidades, e as subverteu, assim como toda a campina, todos os moradores da cidade e o que nascia na terra. E lembrando-se de Abraão, Deus tirou Ló do meio das ruínas dessas cidades pecadoras.

Mas em meio a esses acontecimentos temos um detalhe ainda mais triste. O verso 26 diz: **E a mulher de Ló olhou para trás e converteu-se**

**numa estátua de sal**. Terrível, não é verdade? Por que ela olhou para trás? Certamente, porque lhe era difícil deixar aquela cidade. O texto não diz por que ela olhou para trás, mas podemos imaginar.

Ló estava do seu lado, mas sua mulher estava deixando a cidade com saudade. O coração dela estava ficando em Sodoma. Bem, a verdade é que ela, em desobediência ao que lhe falaram os anjos, não se contendo de saudade, olhou para trás e o resultado foi que se transformou imediatamente numa estátua de sal.

Isso nos lembra muita gente que se apega tanto às coisas deste mundo que fica muito difícil se desprender dele. Quando Jesus voltar para levar a sua igreja, muita gente vai querer ficar. Por quê? Porque amam o mundo. A Bíblia diz em 1João 2.15: **Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo**. O amor ao mundo é inimizade contra Deus. Este foi o grande problema da mulher de Ló.

Encontramos nos versos 30 a 38 outro relato triste: o pecado das duas filhas de Ló. As duas jovens provavelmente foram criadas sob a orientação da mãe, que não era obediente ao Senhor, e estavam habituadas com as iniqüidades dos habitantes de Sodoma. Numa situação de desespero, ao invés de esperarem pela providência do Senhor, resolveram agir por conta própria. Isto mostra, antes de qualquer coisa, o quanto Ló errou ao ter escolhido Sodoma para se estabelecer com a sua família.

Essas moças não tinham um padrão agradável a Deus. Por não terem mais rapazes para se casarem, deliberadamente embebedaram o pai, duas noites seguidas, para que, sendo possuídas por ele, gerassem filhos e assim preservassem sua descendência. Assim foi feito, e dessa relação incestuosa nasceram os descendentes de Ló, que são os moabitas e os amonitas.

O final do capítulo 19 traz uma grande mensagem para os nossos dias, quando muitos estão cedendo ao pecado e esquecendo-se que a Bíblia diz que **de Deus não se zomba (Gl 6.7)**. Deus é amor, mas é também justiça!

## Abraão e Sara peregrinam em Gerar
### Gn 20.1-18

Neste capítulo encontramos a repetição de um pecado de Abraão e Sara, cometido pela primeira vez no Egito. Novamente eles resolvem mentir. Abraão e Sara partem para a terra de Neguebe, habitam entre Cades e Sur, fixando-se em Gerar.

Ali Abraão pede a Sara que negue novamente que é sua esposa. Para quê? Para que ele não corra risco de morrer. O relato é um pouco diferente do capítulo 12, onde a beleza de Sara foi o motivo de Faraó desejá-la para si. Aqui não se fala de sua beleza, e podemos supor que Abimeleque a desejava como esposa pelas posses e riquezas que ela possuía. Então, mesmo se passando por irmão de Sara, Abraão ainda corria perigo.

Mais uma vez Abraão deixa de confiar no Senhor e prefere mentir para escapar do perigo. Aliás, este foi um acordo entre Abraão e Sara. Diziam que eram irmãos. Essa era uma clara demonstração da fé vacilante. É fato que também revelamos a nossa falta de fé de outras formas, mas Abraão repetiu aqui o mesmo pecado pelo qual havia sofrido sérias conseqüências.

Abimeleque, rei de Gerar, sem que soubesse da mentira, mandou levar Sara para o seu palácio. Mais uma vez Deus teve que intervir, avisando o rei que não deveria desposá-la. Ao invés disso, deveria restituir Sara a Abraão que era profeta e intercederia por ele livrando-o da morte. O rei, então, fez com que Sara voltasse para Abraão sem qualquer prejuízo moral.

Depois que Abimeleque recebeu o aviso divino e anunciou aos seus servos o ocorrido, chamou Abraão e o questionou duramente: **Que estavas pensando para fazeres tal coisa? (v. 11)**.

Abraão tentou se desculpar e, no verso 12, disse que Sara era de fato sua irmã: **Por outro lado, ela, de fato, é também minha irmã, filha de meu pai e não de minha mãe; e veio a ser minha mulher**. Em nossas vidas, como nesse caso, temos cometido os mesmos pecados repetidas vezes. Abraão e Sara viveram durante muito tempo com aquele pecado da mentira, porque foi um acordo que fizeram quando saíram de Ur, na Caldéia.

Mas depois desse episódio deprimente, depois de ser questionado por Abimeleque, é possível que eles tenham se arrependido definitivamente, porque foi após esta terrível experiência que Deus cumpriu a sua promessa e Sara deu à luz ao seu filho Isaque. Certamente, se o povo de Deus abandonasse os seus pecados, Deus enviaria um grande avivamento sobre a igreja no mundo de hoje (2Cr 7.14).

O texto termina mostrando, nos versos 14 a 18, que Abimeleque teve três atitudes dignas:

1. Tomou ovelhas, bois e servos e servas e os deu a Abraão.

2. Ofereceu a terra para que Abraão escolhesse onde queria morar.
3. Deu ainda a Abraão, como compensação por tudo que Sara tinha sofrido, mil ciclos de prata.

E Abraão, por sua vez, orou por Abimeleque que foi curado por Deus, assim como sua esposa e suas servas que se tornaram férteis e puderam gerar filhos. Foi um final feliz para mais uma situação que se iniciou com mentiras. O nosso Deus é grandioso em misericórdia e graça. O nosso Deus é perdoador e sempre age em nosso favor!

Temos que fixar essas lições. Apesar de ser temente a Deus, Ló se descuidou muito. Preferiu o conforto da cidade à preservação e a segurança espiritual da sua família. Essa é uma advertência a todos nós. As filhas de Ló foram incrédulas e, ao invés de esperarem pela ação divina, se precipitaram cometendo um pecado grosseiro. Essa é uma lição que não deve ser seguida. E apesar de Abraão ser chamado por Deus e estar sendo forjado em seu caráter, sempre teve altos e baixos em sua vida de fé.

Muitas vezes, diante de oportunidades incorretas, vamos transgredindo neste ou naquele ponto sem percebermos os riscos para a integridade moral da família. Infelizmente, algumas pessoas até dizem que o pecado é só uma questão de conceito. Que possamos andar corretamente, sempre para a glória de Deus!

## O nascimento de Isaque. Agar no deserto
### Gn 21.1-34

Pelo menos três assuntos se destacam no capítulo 21 de Gênesis:

1. O nascimento de Isaque (v. 1-7).
2. A ida de Agar e Ismael para o deserto (v. 8-21).
3. A aliança estabelecida entre Abraão e Abimeleque (v. 22-34).

Devemos relembrar que tratamos a respeito da repetição do pecado da mentira na vida de Abraão e de Sara. Depois da última experiência diante do rei Abimeleque, provavelmente eles se dispuseram a abandonar a mentira e Deus, então, cumpriu a sua promessa e lhes deu o filho prometido.

Os sete primeiros versos deste capítulo dizem:

**1. Visitou o Senhor a Sara, como lhe dissera, e o Senhor cumpriu o que lhe havia prometido.**

**2. Sara concebeu e deu à luz um filho a Abraão na sua velhice, no tempo determinado, de que Deus lhe falara.**
**3. Ao filho que lhe nasceu, que Sara lhe dera à luz, pôs Abraão o nome de Isaque.**
**4. Abraão circuncidou a seu filho Isaque, quando este era de oito dias, segundo Deus lhe havia ordenado.**
**5. Tinha Abraão cem anos, quando lhe nasceu Isaque, seu filho.**
**6. E disse Sara: Deus me deu motivo de riso; e todo aquele que ouvir isso vai rir-se juntamente comigo.**
**7. E acrescentou: Quem teria dito a Abraão que Sara amamentaria um filho? Pois na sua velhice lhe dei um filho.**

Este é um relato bonito. Aprendemos com ele que quando abandonamos o nosso pecado Deus cumpre a sua promessa em nossa vida. O pecado é um grande obstáculo para as bênçãos do Senhor. A expressão "No tempo determinado, de que Deus lhe falara" é significativa porque em Gálatas 4.4 temos uma frase semelhante: **Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho**. Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho nascido da mulher e sob a lei.

Assim temos uma boa semelhança entre o nascimento de Isaque e o de Jesus. Ambos só vieram no tempo determinado por Deus, no tempo certo. Não há erros de cálculos ou de tempo em Deus. Ele marca as coisas e os eventos para o tempo e para o lugar certo. Ele é Senhor também do tempo. Ele nunca está atrasado ou adiantado. Sempre age na hora certa, apesar dos anseios, da pressa ou do atraso dos homens. Deus tem tempo para tudo e coloca os acontecimentos no tempo próprio. Isaque só veio no tempo determinado, apesar da pressa de Abraão e Sara durante mais de uma década depois da promessa divina.

O relato do nascimento de Isaque concluiu a história de esterilidade de Sara que havia começado em Gênesis 11.27-32. O cumprimento da aliança é destacado. Os três envolvidos agiram de acordo: Deus manteve sua promessa de dar um filho a Abraão, através de Sara; Abraão respondeu com obediência, dando o nome de Isaque ao filho, e logo o circuncidou; Sara agiu através da adoração, conforme os versos 6 e 7.

Vemos que Sara ficou maravilhada com o milagre que Deus fez na sua vida, pois o nascimento de um filho naquelas circunstâncias só poderia ser um milagre. Sara teve razão em pronunciar aquelas palavras. Quem

soubesse, teria de rir. E ela mesma estava rindo de alegria. Foi algo surpreendente o que Deus lhe fez.

Abraão tinha cem anos e ela noventa. Não havia condições humanas para terem um filho. Paulo, em Romanos 4.19-22, fez referência ao fato como se tratando de uma intervenção direta de Deus, visto que humanamente não haveria nenhuma condição para isso. Porém, para Deus tudo é possível.

Ele não conhece limitações nas suas obras. Muitas vezes impedimos suas ações por falta de fé, pensando que Ele não pode fazer aquilo que não podemos. Medimos o seu poder com o poder humano. E é por isso que Deus não faz maiores maravilhas em nós e através de nós.

Mas o texto prossegue e temos, nos versos 8 a 21, o relato da expulsão de Agar e Ismael como complemento do capítulo 16, no qual todos os interessados tinham agido impulsivamente sem medir as conseqüências e foram obrigados a conviver com o resultado de seus atos por quatorze anos.

Sara, que arquitetou o plano, teve que enfrentar o desprezo da serva. Agar, que não agiu corretamente, teve que enfrentar o ciúme e a dureza de sua senhora. Abraão, que não teve pulso e não creu em Deus, teve que experimentar a desarmonia no lar e as implicações de ter um filho fora do plano divino.

O texto dos versos 8-11 nos diz:

**8. Isaque cresceu, e foi desmamado. Nesse dia em que o menino foi desmamado, deu Abraão um grande banquete.**
**9. Vendo Sara que o filho de Agar, a egípcia, o qual ela dera à luz a Abraão, caçoava de Isaque,**
**10. disse a Abraão: Rejeita essa escrava e seu filho; porque o filho dessa escrava não será herdeiro com Isaque, meu filho.**
**11. Pareceu isso mui penoso aos olhos de Abraão, por causa de seu filho.**

Aqui temos uma aplicação para a nossa vida espiritual. Vemos que enquanto Isaque não tinha nascido as pessoas se suportavam sem nenhum grande conflito. Mas após o seu nascimento a luta começou. Aqui temos bem exemplificado o problema das duas naturezas que Paulo descreve em Gálatas 4.21-31: a natural e a espiritual. Duas naturezas diferentes, juntas, geram conflitos.

Isto ilustra bem o que acontece com uma pessoa que se converte. Antes da sua conversão ela possui apenas a antiga natureza, a natureza adâmica. Depois da conversão, ao lado desta antiga natureza, surge a natureza espiritual, e então, a luta começa. As duas naturezas se digladiam porque são opostas entre si.

Cada crente sabe que esta é uma verdade na sua vida. O apóstolo, em Romanos 7.19 disse: **Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.** Naturalmente o apóstolo está se referindo aqui ao tempo em que já era convertido, fazendo alusão à luta existente entre as duas naturezas. A nova natureza, a espiritual, é que deve dominar a nossa vida, e não a natureza antiga, a adâmica, inclinada ao pecado.

E Paulo ainda fala a respeito dessa batalha em Gálatas 5.16-20, advertindo que a carne luta contra o Espírito e o Espírito contra a carne. Ele diz: **andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne**. E é este o segredo da vida vitoriosa do crente: andar segundo o Espírito de Deus, e não segundo a carne.

Mas voltando novamente ao texto, vemos Abraão e Sara com um problema bem sério. Ismael caçoava, zombava do pequeno Isaque. Esta atitude para Sara era muito difícil, era impossível de suportar. Era mais uma das conseqüências do seu pecado, da sua incredulidade e da sua precipitação. Foi a própria Sara que propôs a vinda de Ismael para o seu lar, e Abraão, que era o líder de casa, aceitou sem discutir, sem pensar e sem refletir. Mas tratava-se de um pecado contra Deus, um pecado de falta de fé, de incredulidade; um erro que Deus nunca aprovou. Estavam colhendo os frutos ou as conseqüências da falta que haviam cometido.

Então, surge um novo plano, mais uma vez arquitetado por Sara: expulsar Agar juntamente com Ismael, um adolescente de 14 ou 15 anos. O texto diz que isso não agradou a Abraão, porque Ismael também era seu filho. Mas não havia condições dos dois viverem juntos. Eram duas naturezas diferentes. Era impossível a convivência dos dois na mesma casa.

As duas naturezas do crente, a carnal e a espiritual, jamais podem se harmonizar. O crente carnal é aquele que deseja agradar as duas ao mesmo tempo. Falando sobre a pessoa que possui duas vontades, Tiago 1.7-8 diz: **Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa; homem de ânimo dobre, inconstante em todos os seus caminhos**. O

crente que alimenta as duas naturezas vive numa espécie de "esquizofrenia espiritual". Crucificar a carne, a antiga natureza, é o segredo da normalidade cristã.

O verso 8 diz que Isaque foi desmamado e Abraão ofereceu um grande banquete. Isaque não precisava mais de leite ou de papinhas para se alimentar. Já podia ingerir alimentos sólidos. Esse pequeno detalhe também pode ser aplicado espiritualmente. Como tem sido o nosso desenvolvimento espiritual? Estamos nos alimentando somente de leite, como crianças, ou já estamos ingerindo alimentos sólidos que é o cardápio para os adultos, para os experimentados?

Vale a pena notar que ainda bem novo, mas já desmamado, Isaque estava sendo confrontado pela zombaria e escárnio de Ismael. Esta rivalidade, que começou aí, ainda não terminou. Os descendentes de Isaque e de Ismael ainda estão se digladiando. Os descendentes de Ismael continuam antagonistas da nação de Israel, descendente de Isaque. Esta luta tem acompanhado os séculos. Deus disse que seria assim desde o princípio, desde o aparecimento de Ismael, e assim tem sido até agora e o será até a vinda de Cristo para reinar com o seu povo.

Nesse ponto, vale a pena destacar o que muitos estudiosos têm visto – os dez paralelos existentes entre o nascimento de Isaque e de Cristo:

1. Ambos foram prometidos. Isaque foi prometido aos seus pais e o cumprimento da promessa só veio 25 anos depois. Cristo foi prometido muitos séculos antes. Podemos dizer que Deus prometeu trazer Cristo ao mundo ainda no livro de Gênesis, no começo da história humana. Ele é a semente da mulher que esmaga a cabeça da serpente.
2. Ambos foram motivo de interrogação de suas mães. Deus precisou dizer a Sara, por meio do anjo, que nada é demasiadamente difícil para Ele. Maria disse também que era virgem, e que não conhecia nenhum homem. E o anjo lhe disse: **Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas (Lc 1.37)**.
3. Ambos tiverem nomes indicados pelo próprio Deus antes de nascerem.
4. Ambos nasceram no tempo indicado ou determinado por Deus.
5. Os dois nascimentos foram milagrosos, embora de maneiras diferentes, pois só Jesus nasceu por obra exclusiva do Espírito Santo.
6. Ambos trouxeram muita alegria para suas mães. Isaque provocou riso em Sara e o seu próprio nome significa sorriso, alegria. Maria, no seu cântico,

disse: **A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador (Lc 1.47-48)**.

7. Ambos foram sempre obedientes aos pais. Isaque, que era um homem de mais de trinta anos quando foi colocado como sacrifício, poderia ter discordado de Abraão, mas não o fez. Jesus, mesmo pedindo ao Pai que passasse dele aquele cálice, submeteu-se a sua vontade.
8. Ambos foram oferecidos por seus pais. Isaque foi entregue por Abraão a Deus, e Hebreus 11.17 diz que **pela fé, Abraão, quando posto a prova, ofereceu Isaque…** Jesus foi entregue pelo Pai como prova do grande amor de Deus pela humanidade.
9. Ambos foram ressuscitados dos mortos. Isaque, em sentido simbólico, mas com toda a força, **… porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou (Hb 11.19)**. E, Jesus, de fato, ressuscitou (Mc 16.6-9).
10. Ambos deram a seus pais a descendência desejada. Isaque gerou a Jacó e daí surgiu a nação israelita. Jesus, por sua vez, originou a nova humanidade, composta dos verdadeiros filhos de Deus.

Nos versos 12 a 21, diante do pesar de Abraão, Deus lhe esclareceu seus planos lembrando que Isaque, e não Ismael, era o filho da promessa. E, Deus prometeu fazer de Ismael uma grande nação por ser ele filho de Abraão, promessa que Deus cumpriu fielmente.

O texto continua e completa a narrativa mostrando que Agar e Ismael foram despedidos com água e pão e, já no deserto, quando acabaram os alimentos, levantaram a voz e choraram. Deus, ouvindo-os, enviou seu anjo com as palavras consoladoras dos versos 17 a 21:

**17. … Não temas; porque Deus ouviu a voz do menino, daí onde está.**
**18. Ergue-te, levanta o rapaz, segura-o pela mão, porque eu farei dele um grande povo.**
**19. Abrindo-lhe Deus os olhos, viu ela um poço de água, e, indo a ele, encheu de água o odre, e deu de beber ao rapaz.**
**20. Deus estava com o rapaz, que cresceu, habitou no deserto, e se tornou flecheiro;**
**21. habitou no deserto de Parã, e sua mãe o casou com uma mulher da terra do Egito.**

Agar era egípcia e Ismael se casou com uma egípcia. Os seus descendentes são os árabes, que continuam sendo antagônicos aos israelitas, descendentes de Isaque.

Que preciosas lições também temos aqui! Deus não abandonou Agar e Ismael na hora da maior necessidade e cumpriu a palavra dada a Abraão, fazendo de Ismael uma grande nação.

Nos versos 22 a 34 é firmada a aliança de Abraão com Abimeleque, rei de Gerar, que havia sido enganado anteriormente por Abraão e Sara. Sem dúvida houve uma grande transformação na vida do casal depois daquele episódio de mentira e incredulidade. Foi esta mudança que possibilitou o cumprimento da promessa de Deus de dar-lhes Isaque.

Esta mudança foi notada por Abimeleque que querendo garantir que ele e suas futuras gerações não seriam mais enganados com mentiras procurou Abraão para propor-lhe uma aliança.

Abimeleque havia descoberto que Abraão era um homem abençoado por Deus e por isso disse: **Deus é contigo em tudo que fazes… (v. 22)**. Eles estabeleceram a aliança e chamaram o local onde ela foi feita de Berseba, porque ali ambos juraram (v. 31). E diz ainda mais o texto sagrado: **Plantou Abraão tamargueiras em Berseba e invocou ali o nome do Senhor, Deus eterno (v. 33)**. Mais uma vez vemos Abraão, apesar dos altos e baixos, priorizando e mantendo a comunhão com Deus.

Que nós possamos, apesar de nossas falhas, sermos vistos como pessoas que contam com Deus em tudo o que fazemos e que invoquemos continuamente o nome Dele para gozar de sua intimidade.

## Deus prova Abraão pedindo Isaque
### Gn 22.1-19

No capítulo 22 encontramos o teste mais desafiador a que Abraão foi submetido na sua vida. Ele foi testado em todas as suas forças. Deus ordenou que oferecesse no altar o seu querido filho Isaque, o filho da promessa. E Abraão, sem questionar, obedeceu.

Na verdade Abraão não chegou a sacrificar Isaque, porque no momento exato da execução Deus interveio e revogou a ordem. Mas ele foi fiel e agiu em obediência à Palavra de Deus e assim foi justificado. Diante desse fato surge em nossas mentes uma questão doutrinária importantíssima: somos salvos apenas pela fé?

Em referência a esse teste,Tiago 2.21-23 fala sobre a maneira pela qual Abraão foi justificado:

**21. Não foi por obras que Abraão, o nosso pai, foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque?**

**22. Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou,**

**23. e se cumpriu a Escritura, a qual diz: Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça; e: Foi chamado amigo de Deus.**

Ainda usando o exemplo de Abraão num outro momento de sua vida, em Romanos 4.19-22 o apóstolo Paulo argumenta que Abraão: **… sem enfraquecer na fé, … não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, … estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera. Pelo que isso lhe foi também imputado para justiça**.

A grande pergunta que podemos fazer aqui é: existe alguma divergência entre essas argumentações? Nenhuma. De modo algum! Tanto uma quanto a outra estão corretas. Enquanto Tiago estava se referindo as obras da fé, e não as obras da lei para a justificação, Paulo estava se referindo à justificação, destacando a necessidade e o valor da fé.

Os dois afirmam que ninguém pode ser justificado diante de Deus pelas obras da lei, mas pela fé, isto é, pela fé prática. Ninguém será considerado justificado apenas por uma declaração de fé. Por quê? Porque não conseguimos mostrar o que se passa em nosso interior. Lá os homens não vêem. Só Deus pode ver a nossa fé, só Ele conhece o nosso coração e, por isso, nos justifica.

Mas os homens podem nos considerar justificados somente pelas nossas obras de fé, porque é isso o que eles vêem. A nossa fé eles não enxergam, mas as nossas obras sim. Ao entregar Isaque e levantar o cutelo para sacrificá-lo, Abraão estava demonstrando essa obra da fé. Estava demonstrando obediência. A prova da fé se dá pela obediência. A prova do amor se dá através da obediência. Essa é a verdade a ser praticada!

Os versos 1 e 2 do capítulo 22 nos dizem:

**1. Depois dessas coisas, pôs Deus Abraão à prova e lhe disse: Abraão! Este lhe respondeu: Eis-me aqui!**

**2. Acrescentou Deus: Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei.**

Antes de prosseguirmos com a leitura do texto, vamos ver o significado da palavra provar. O que ela quer dizer? Deus prova as pessoas? Sim, Deus prova nossa fé. Deus prova nosso amor. Deus nos prova de várias maneiras, mas não nos tenta. Tiago é muito claro, quando diz que Deus a ninguém tenta: **Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta (Tg 1.13)**. Nós somos tentados pelos nossos próprios sentimentos de fraqueza. O inimigo das nossas almas nos tenta, porém Deus nos prova, nos testa.

Abraão foi provado por Deus, mas não tentado. A entrega do seu filho amado foi de fato uma prova, um teste que exigiu muito de Abraão. Era um teste muito grande para Abraão, mas Deus conhecia a sua capacidade de suportá-lo, por isso o testou assim. E por que o testou? Para que a sua fé crescesse ainda mais, como podemos ver no final desta narrativa.

Deus permite que sejamos testados para que a nossa fé seja desenvolvida, mas não permite que o limite que podemos suportar seja ultrapassado. Quando Ele nos prova, ou permite que sejamos testados, providencia logo os meios para alcançarmos a vitória. É isso que Paulo nos ensina em 1Coríntios 10.13: **… juntamente com a tentação, [Deus] vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar]**.

A prova a que Abraão foi submetido foi singular: Deus ordenou que ele sacrificasse o filho no altar. Isaque deveria ter aproximadamente 30 anos, como vemos em 21.34 e 23.1, pois ele nasceu quando Sara tinha 90 anos, e sua morte se deu aos 127 anos… Isaque, então, era um homem. Deus disse a Abraão para entregar Isaque, seu único filho, a quem ele amava, para oferecê-lo em holocausto.

O local onde Abraão levantou o altar para sacrificar Isaque não é exatamente conhecido. Pode ter sido o mesmo lugar onde foi erguido o templo de Jerusalém, pois em 2Crônicas 3.1 é dado o nome de monte Moriá ao lugar onde Salomão edificou o templo.

Hoje, o "monte Moriá" é ocupado pela "Abóbada da Rocha", uma grande mesquita muçulmana erguida em 691 d.C., onde existe uma grande

saliência rochosa no seu interior. Nesse local, segundo a tradição, Abraão ofereceu Isaque.

Neste capítulo encontramos dois paralelos entre a vida de Isaque e a vida de Cristo:

1. Ambos são filhos únicos. Mas como pode ser isso? Abraão não tinha Ismael, como filho? É verdade, mas quando Ismael, junto com Agar, foi mandado embora, Isaque ficou como único filho. E de modo semelhante, quando o primeiro Adão perdeu a sua posição de filho de Deus, por causa do pecado, tornando-se apenas criatura de Deus, só Jesus se tornou o único filho de Deus.
2. Ambos foram amados por seus pais. Isaque era amado por Abraão, pois era o filho prometido, esperado tão ansiosamente. Jesus era amado pelo Pai, que se expressou assim: **Tu és meu filho amado, em quem me alegro (Lc 3.22)**.

Entregar o único filho, o filho amado, foi um grande desafio para a fé de Abraão. Mas o texto dos versos 3 e 4 nos surpreende, pois diante de tantos altos e baixos que vimos em sua vida, poderíamos esperar mais uma falha, mais uma desconfiança. Porém, o texto relata:

**3. Levantou-se, pois, Abraão de madrugada e, tendo preparado o seu jumento, tomou consigo dois dos seus servos e a Isaque, seu filho; rachou lenha para o holocausto e foi para o lugar que Deus lhe havia indicado.**

**4. Ao terceiro dia, erguendo Abraão os olhos, viu o lugar de longe.**

A expressão "levantou-se de madrugada" demonstra a pronta obediência de Abraão ao chamado de Deus. Abraão ainda deu mais provas de uma fé consistente, pois preparou o jumento para o transporte, chamou os dois servos e Isaque (que por certo ainda dormia), e ainda rachou a lenha para o holocausto. Você pode imaginar isso? O que passava pela mente de Abraão logo após aquela ordem? Talvez estivesse fazendo as coisas sem pensar muito, ainda abalado pela ordem divina. Só reagiu em obediência. Foi trabalhando sem pensar.

Mas o teste ainda iria se complicar mais. Quando saiu não sabia para onde Deus o conduziria. Mas foram caminhando. Imagine a cena. Será que Abraão ficou calado? Será que foram conversando? Sobre qual assunto? O trajeto demorou três dias. Durante o percurso é que Abraão deve ter caído em si. Começou a pensar na ordem divina. Certamente lembrou-se da

infância e do banquete que preparou quando Isaque foi desmamado. Certamente pensou na expulsão de Ismael. Será que fizera a coisa certa? De onde viria sua descendência? Você já imaginou quantas perguntas, quantas questões?

Nesses três dias Abraão foi testado. Se Deus lhe pedisse que entregasse Isaque, logo ali atrás de sua tenda, tudo acabaria rápido. Mas eles andaram por três dias. Dormiram por pelo menos duas noites. E sobre o que conversaram antes de dormir? Que teste!

Quando Abraão identificou o local que Deus apontou para o holocausto, deixou os dois servos esperando. Era um teste particular que envolveria ele e o seu único filho. Abraão deu a lenha para Isaque. Ele mesmo ficou com o fogo e o cutelo que representavam o julgamento e a execução, e prosseguiram.

Foi nesse momento que o teste ficou ainda mais intenso. No versos 7 Isaque dirigiu-se Abraão e disse: **Meu pai! Respondeu Abraão: Eis-me aqui, meu filho! Perguntou Isaque: Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?**

Que pergunta difícil! Talvez, quando ouviu a pergunta, uma pequena lágrima tenha corrido de seus olhos, mas o seu coração estava firme. Ele estava confiante em Deus que poderia fazer qualquer coisa para reverter aquela situação. Tratava-se da sua descendência, prometida há tanto tempo, e que seria bênção para todas as famílias da terra.

Mas o que Abraão poderia responder? No verso 8, cheio de fé, Abraão respondeu: **Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto; e seguiam ambos juntos**.

O texto prossegue e os versos 9 e 10 relatam:

**9. Chegaram ao lugar que Deus lhe havia designado; ali edificou Abraão um altar, sobre ele dispôs a lenha, amarrou Isaque, seu filho, e o deitou no altar, em cima da lenha;**

**10. e, estendendo a mão, tomou o cutelo para imolar o filho.**

Qual foi o pensamento de Isaque? Será que ele questionou Abraão, ou de tão surpreendido ficou calado sem entender o que acontecia? E Abraão? Como se sentiu tendo que tomar aquelas atitudes? Abraão foi testado em todos os seus limites!

Não encontramos na Bíblia nenhum outro exemplo de sacrifício como este, a não ser o sacrifício do próprio Cristo. Nós sabemos que o sacrifício

humano é errado. Os pagãos, no tempo de Abraão, tinham essa prática. Então, vemos Abraão sendo obrigado a fazer algo errado, moralmente falando, contra seu próprio filho.

Abraão estaria disposto a fazer aquilo que Deus estava mandando, algo tão sério mas aparentemente errado? Aparentemente, não! Totalmente errado! Moralmente errado! Tanto é que na lei, em Êxodo 20.13, o sexto mandamento foi claro em afirmar: "Não matarás".

Como Abraão obedeceu a Deus num caso como esse sem questionar? Certamente ele pensou: "Eu sei que isso é moralmente errado, e ainda mais porque se trata de meu único e amado filho. Mas quem deu a ordem foi Deus, e sei que Ele sempre age certo, mesmo que no início me pareça errado. Faz tanto tempo que eu o sirvo, e até agora nada deu errado. Com Deus tudo sai sempre certo. Eu não entendo, não sei qual a razão dessa ordem divina, mas sei que tudo o que Ele faz, faz muito bem. Estou acostumado a ouvir a sua voz e a conversar com Ele. Por esta razão devo obedecê-lo, pois sei perfeitamente que pode até ressuscitar meu filho depois de morto".

Diante da obediência completa de Abraão, o Anjo do Senhor lhe falou do céu: **Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui (v. 11)**. Deus interrompeu no momento certo! Deus sabe qual é o nosso limite.

Deus prova os seus filhos em qualquer tempo, das mais diferentes maneiras. Algumas dessas provações são grandes, profundas, mas todas têm o objetivo de aperfeiçoar a fé dos crentes. Somos grandemente beneficiados em nossa vida espiritual por meio dessas provas. Por meio destes testes, que vêm de Deus, vamos nos firmando em nossa vida com Deus. E é só na provação que a nossa fé se agiganta.

Muitas pessoas dizem que as árvores de lugares susceptíveis a tempestades e vendavais têm suas raízes muito mais profundas que as de outras regiões. Por quê? Porque o instinto natural de defesa da árvore é descer mais profundamente e com suas raízes bem firmadas escapar das diversidades provocadas pelas tempestades. Assim também é a fé em Deus. Nas adversidades, ela se aprofunda mais na Palavra de Deus. Ela cresce, ela se fortalece, ela se agiganta diante das tempestades e perigos da vida.

A fé de Abraão se agigantou depois dessa prova suprema. E não nos consta que depois desta experiência ele tenha sido provado dessa maneira,

com essa intensidade, uma outra vez. Certamente Abraão deve ter enfrentado outras provas, porque o crescimento da fé continua no crente enquanto ele vive, mas não com essa intensidade. Nunca devemos ignorar ou estranhar a presença de problemas e contrariedades em nossas vidas, porque eles vêm para o fortalecimento de nossa fé.

O texto ainda continua e salienta que Deus revelou finalmente o seu propósito com essa experiência. O verso 12 diz assim: **Então, lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho**. Embora Deus já soubesse, por ser onisciente, queria ver até onde poderia contar com Abraão. Queria mostrar que contava com ele para iniciar um plano concreto de trazer o homem novamente para perto de si. E isso aconteceria através da nação de Israel e, posteriormente, através de Jesus Cristo, filho de Davi, bendito, que vinha em nome do Senhor! Para que tudo isso acontecesse, Abraão foi experimentado ao máximo.

Deus já tinha providenciado o carneiro para o holocausto, e Abraão agora o vê preso pelos chifres num arbusto. O verso diz: **… tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho**.

O texto de 1Coríntios 10.13, que já mencionamos, diz que junto com a provação Deus nos dá também o escape. Assim, o holocausto foi feito e no verso. 14 vemos que Abraão colocou o nome daquele lugar de Jehovah-jireh, que significa "O Senhor proverá".

O relato desse sacrifício termina de maneira mais tranqüila, trazendo mais confiança a Abraão, assim como a todos nós. Nos versos 15 a 18, em resposta a obediência de Abraão, isto é, em resposta à fé prática dele, Deus novamente renova a sua promessa àquele que chamou. Jurando por si mesmo, pois não existe alguém superior a Ele, garantiu a Abraão que sua descendência seria como as estrelas dos céus e como a areia da praia do mar. Por quê? No final do verso 18 encontramos a resposta: **… Porquanto obedeceste à minha voz**.

Você percebe o valor da obediência? Que cada um de nós seja obediente, demonstrando assim a nossa fé em Deus!

Mas alguém poderá perguntar: "Por que Deus exigiu isso de Abraão?". E a resposta só pode ser esta: Deus não somente quis provar a fé daquele que seria o pai da fé de todos os cristãos, mas mostrar em Isaque um tipo de Jesus Cristo que foi oferecido no altar da cruz.

Houve uma provisão para Isaque que foi substituído no altar, mas para Jesus não houve nenhuma substituição. Jesus foi oferecido na cruz do Calvário. Era por meio de Cristo que Abraão podia ser uma bênção para muitas nações. E Abraão cria nisso. Em Isaque, pela fé, o próprio Abraão via o seu Salvador. Isaque era apenas um tipo de Cristo, porque o Salvador só veio séculos depois. Mas por meio daquele sacrifício de Isaque, Deus estava revelando a Abraão e a todos os seus filhos, da época do Antigo Testamento, o que iria acontecer com Jesus Cristo na cruz.

O próprio Senhor Jesus disse em João 8.56 que Abraão se alegrou ao ver o seu dia, ao compreender o plano salvífico de Deus e por fazer parte dele. Deus pregou o evangelho a Abraão por meio de Isaque. E todos os homens, antes e depois da cruz, são salvos apenas em Cristo, por meio de Cristo.

Jesus Cristo na cruz sempre foi a única maneira de Deus salvar o homem. Enquanto nós olhamos para a cruz no passado, Abraão e os demais crentes do Antigo Testamento olhavam para Cristo na cruz no futuro. Mas todos somos salvos somente por Cristo.

## A descendência de Naor

### Gn 22.20-24

O capítulo 22 termina com o registro da descendência de Naor. Você se lembra quem era Naor? Naor era um dos filhos de Terá (11.27-29), e portanto, irmão de Abraão. O texto diz que Naor teve oito filhos com sua esposa Milca e quatro filhos com sua concubina Reumá. Esses doze filhos de Naor foram os ancestrais das doze tribos araméias, assim como Abraão se tornaria ancestral das doze tribos de Israel, através do seu neto Jacó. Destaca-se no texto o nome de Rebeca que viria a ser esposa de Isaque.

## A morte de Sara

### Gn 23.1-20

No capítulo 23 encontramos a morte e o sepultamento de Sara. Os versos 1 e 2 dizem: **Tendo Sara vivido cento e vinte e sete anos, morreu em Quiriate-Arba, que é Hebrom, na terra de Canaã; veio Abraão lamentar Sara, e chorar por ela**. Sara viveu uma longa vida. Como nós, também teve falhas como serva do Senhor. Provavelmente, por respeito e por obediência, consentiu e concordou em mentir junto com Abraão sobre

o seu estado civil, apresentando-se como irmã e não como esposa dele. Isso ocorreu por duas vezes. Uma vez mentiu para o Faraó, no capítulo 12, logo depois que Deus chamou Abraão para andar com Ele.

Sara, sendo estéril, com todo o peso que isso significava, e ansiando pela realização da promessa da descendência prometida, tomou a iniciativa e elaborou um plano, que foi aceito por Abraão. Sem medir as conseqüências, ofereceu Agar, sua serva egípcia, para que por meio dela Abraão gerasse um filho. O resultado foi catastrófico. Agar desprezou Sara quando percebeu que estava grávida, foi mandada embora de casa e depois foi aceita novamente.

Sara também duvidou do cumprimento da promessa divina por causa da sua idade avançada. Quando recebeu a visita dos anjos que confirmaram a palavra divina, riu, entendendo que aquilo era impossível de acontecer. Quando descoberta nessa atitude incrédula, mentiu ao anjo dizendo não ter rido. Mentiu ainda outra vez, conforme combinara com Abraão, enganando Abimeleque, rei de Gerar.

Mas obteve a promessa, e deu à luz a Isaque. Quando ele foi desmamado, percebeu que Ismael, o filho de Agar, o desprezava e pediu a Abraão que expulsasse mãe e filho de sua casa. Apesar dos desacertos, criou Isaque e conviveu com ele por mais 37 anos, certamente influenciando muito a sua vida.

A vida de Sara se destaca por alguns fatos importantes:

1. Sara era uma mulher bonita, que atraia a atenção por sua grande beleza. Teve o seu nome trocado por Deus, de Sarai para Sara, que significa "princesa".
2. A despeito de suas fraquezas, foi honrada por Deus sendo considerada "mãe das nações". Reis de povos procederiam dela.
3. Foi submissa a seu esposo Abraão, chamando-o de senhor, tornando-se assim modelo das esposas cristãs conforme as recomendações de 1Pedro 3.6.
4. E, em Hebreus 11.11, tendo recebido poder de Deus para se tornar mãe, foi colocada na galeria dos heróis da fé, tornando-se, junto com Abraão, a origem de uma **posteridade tão numerosa como as estrelas do céu e inumerável como a areia que está na praia do mar**.

Certamente a vida de Sara serve de modelo para as mulheres tementes a Deus, mas também traz lições incontáveis para todos. Que possamos,

capacitados pelo Espírito Santo, retirar as lições necessárias para que nossas vidas sejam cada vez mais agradáveis a Deus.

Nos versos 3 a 9 lemos o seguinte:

**3. Levantou-se, depois, Abraão da presença de sua morta e falou aos filhos de Hete:**
**4. Sou estrangeiro e morador entre vós; dai-me a posse de sepultura convosco, para que eu sepulte a minha morta.**
**5. Responderam os filhos de Hete a Abraão, dizendo:**
**6. Ouve-nos, senhor: tu és príncipe de Deus entre nós; sepulta numa das nossas melhores sepulturas a tua morta; nenhum de nós te vedará a sua sepultura, para sepultares a tua morta.**
**7. Então, se levantou Abraão e se inclinou diante do povo da terra, diante dos filhos de Hete.**
**8. E lhes falou, dizendo: Se é do vosso agrado que eu sepulte a minha morta, ouvi-me e intercedei por mim junto a Efrom, filho de Zoar,**
**9. para que ele me dê a caverna de Macpela, que tem no extremo do seu campo; que ma dê pelo devido preço em posse de sepultura entre vós.**

Este é um relato interessante, não é mesmo? Mas temos algumas observações que devem ser feitas. Abraão se considerava estrangeiro e peregrino na terra que Deus lhe havia prometido, inclusive, querendo comprar um pedacinho de terra para sepultar a sua esposa. Mas por que ele não sepultou a sua esposa em outro lugar, fora daquela terra? Por que tinha que ser ali naquele pedaço de terra?

Abraão cria firmemente que aquela terra pertenceria a sua descendência, pois assim Deus havia prometido. Naquele momento, a terra ainda não lhe pertencia, e ele não podia se apossar dela ainda. Mas ele sabia que a promessa de Deus seria cumprida no futuro, e por isso fez questão de comprar ali um lugar onde pudesse sepultar sua mulher.

Os filhos de Hete foram muito corteses e generosos com Abraão, oferecendo-lhe inclusive, gratuitamente o pedaço de terra. Mas Abraão entendeu que não deveria receber de presente, e insistiu para que recebessem dinheiro em pagamento. Os heteus chegaram a dizer que Abraão era príncipe de Deus e por isso nenhum deles queria vender uma sepultura a ele.

A frase do verso 6, “Tu és príncipe de Deus entre nós”, é significativa, pois embora alguns entendam que era apenas uma bajulação, uma cortesia rebuscada, cremos ser possível que os habitantes de Hebrom tenham reconhecido as bênçãos de Deus sobre a vida do patriarca.

Diante disso, vale a pena questionar: Será que as pessoas que convivem conosco percebem que somos abençoados por Deus? Será que os nossos vizinhos, parentes, colegas de serviço e de escola conseguem ver as ações de Deus em nossas vidas?

Abraão insistiu, porque tinha razões para querer comprar o local da sepultura de Sara. Quem poderia garantir que recebendo a terra de graça os próprios heteus não viessem depois tomar de volta sem que Abraão pudesse fazer nada?

Observamos que Abraão, o homem de fé, foi muito prático e previdente. Ele queria um negócio mais sério, mais seguro, mais estável. Queria um local que perdurasse por muito tempo, que quando os seus descendentes se apossassem daquela terra, pudessem encontrar ali um lugar que já lhe pertencia por direito de preço, por direito de compra.

Abraão queria que no dia da ressurreição sua esposa ressurgisse exatamente daquele local. Ele cria na ressurreição, pois o texto de Hebreus 11.19 diz que ele cria que Deus era poderoso até para ressuscitar a seu filho Isaque, caso tivesse sido oferecido. Abraão poderia ter sepultado Sara num outro lugar, mas levado pela fé colocou-a ali para que dali ressuscitasse no último dia.

Sobre a época final sempre é bom lembrar que a Bíblia diz que Jesus foi para o céu, mas voltará da mesma forma como foi visto subir. Cristo voltará e reinará aqui na terra com todos os crentes, durante mil anos, e então, teremos novo céu e nova terra. Assim, Abraão estava certo em adquirir aquela porção da terra prometida para sepultar Sara.

Nos versos 3 a 9, além de vermos como estas pessoas foram gentis e educadas, tratando delicada e cortesmente Abraão, vemos também que ele, por sua vez, para se dirigir àqueles homens, aproximou-se com grande respeito. Ele se inclinou diante do povo da terra, pedindo-lhe que estabelecesse um preço justo, o preço devido, descriminando o local onde queria sepultar Sara, na caverna de Macpela.

O texto segue e nos versos 10 e 11 temos o seguinte relato:

**10. Ora, Efrom, o heteu, sentando-se no meio dos filhos de Hete, respondeu a Abraão; ouvindo-o os filhos de Hete, a saber, todos os que entravam pela porta da sua cidade:**
**11. De modo nenhum, meu senhor; ouve-me: dou-te o campo e também a caverna que nele está; na presença dos filhos do meu povo te dou; sepulta a tua morta.**

Podemos destacar aqui a frase "todos os que entravam pela porta da cidade". Qual é o seu significado? Naqueles tempos, a porta da cidade era o local onde as decisões jurídicas e oficiais eram formuladas e ratificadas, realizando-se assim as transações comerciais e civis, conforme podemos ver no verso 18, em Rute 4.1 e no Salmo 127.5.

Mas é interessante percebermos a insistência gentil e respeitosa dos filhos de Hete querendo doar o terreno a Abraão. E aqui vale novamente questionarmos como tem sido o nosso tratamento para com o nosso próximo. Vemos nesse relato gentileza de ambas as partes. Será que temos tratado assim os nossos irmãos na fé? É esse o tratamento que dispensamos aos nossos vizinhos? É essa a maneira como temos tratado os nossos colegas de serviço e de escola?

A recomendação de Paulo em Romanos 12.17-18 é muito própria para essa ocasião: **… Esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens; se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens]**. Que Deus nos abençoe e nos capacite a sermos gentis e corteses com o próximo.

Depois de muita insistência, de muita negociação, Abraão obteve a resposta sobre o valor da terra para o sepultamento de Sara. Os versos 16 a 18 mostram que Abraão pesou a prata:

**16. … quatrocentos siclos de prata, moeda corrente entre os mercadores.**
**17. Assim o campo de Efrom, que estava em Macpela, fronteiro a Manre, o campo, a caverna e todo o arvoredo que nele havia, e todo o limite ao redor**
**18. se confirmaram por posse a Abraão, na presença dos filhos de Hete, de todos os que entravam pela porta da cidade.**

O valor dos quatrocentos siclos de prata foi um preço muito alto para aquela aquisição. Certamente, fragilizado pela morte de Sara, e desejando sepultá-la com rapidez, Abraão não ficou preocupado se o preço era justo

ou não. Uma vez que o valor foi estabelecido, fechou o negócio e logo em seguida o sepultamento foi feito (v. 19).

O capítulo termina com o verso 20, que relata que foi confirmado **a Abraão o direito do campo e da caverna que nele estava, em posse de sepultura**. Na caverna de Macpela foram sepultados, além de Sara, o próprio Abraão (25.9-10), Isaque (35.29), Rebeca, Lia e Jacó (49.31; 50.13). E, segundo a tradição, o túmulo desses patriarcas está hoje localizado no interior de uma grande mesquita muçulmana em Hebrom.

Naqueles dias, culturalmente, as pessoas tinham forte desejo de serem sepultadas com os seus antepassados em sua terra natal. Ao adquirir essa terra para o sepultamento de Sara, Abraão demonstrou seu compromisso e sua fé inabalável na promessa do Senhor de que Canaã seria a sua nova pátria, a pátria da sua numerosa descendência.

Um dia, todas essas figuras importantes para os judeus, para os muçulmanos e para nós, cristãos, se levantarão desse mesmo lugar para a grande ressurreição, quando Jesus voltar para implantar o milênio. Será um período maravilhoso onde a terra será comandada com amor e justiça, tendo Jesus como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Nós nos encontraremos lá, diante do nosso amado Salvador, o Senhor Jesus Cristo.

## Abraão manda seu servo buscar uma esposa para Isaque

### Gn 24.1-32

No capítulo 24 do livro de Gênesis, encontramos uma linda história de amor dos tempos antigos. Podemos ver como era a vida social daquele período. Temos o registro de um casamento daquela época e vamos observar quão diferente era dos casamentos dos nossos dias. Mas apesar da sociedade ser diferente da nossa, tudo era feito com muito encanto, com muito amor.

No verso 1 vemos que Abraão já estava velho: **Era Abraão já idoso, bem avançado em anos; e o Senhor em tudo o havia abençoado**. Esse foi um belo resumo de vida. Temos aqui o patriarca da fé, já idoso, e uma referência à sua prosperidade. Deus o havia abençoado grandemente. Bem-aventurado é o homem que teme a Deus.

Mas Abraão preocupava-se com um assunto muito importante, que era o casamento do seu filho. Ele queria que Isaque tivesse uma esposa ideal,

como geralmente desejam todos os pais. Abraão preocupou-se, naturalmente, com a possibilidade de seu filho casar-se com uma moça pagã que não temesse a Deus. Havia na vizinhança moças atraentes e simpáticas que certamente pensavam no jovem. Com quem se casaria Isaque? O patriarca estava realmente preocupado com o assunto. Queria para o filho uma companheira que pudesse fazê-lo feliz. E só um lar harmonioso, um lar temente a Deus, pode proporcionar a felicidade.

Além de seu nascimento, o que mais marcou a vida de Isaque foi a experiência do monte Moriá, quando foi oferecido a Deus em holocausto pelo seu próprio pai. Agora chegara o tempo de outra experiência significativa em sua vida. As pessoas dizem que os três acontecimentos mais importantes na vida de uma pessoa são: o nascimento, o casamento e a morte. Sendo o casamento algo tão marcante, então, devemos encará-lo de maneira muito séria, tomando nossa decisão com todo cuidado.

O que vamos ver no casamento de Isaque, que realmente deve servir de lição para todos os jovens, é a busca pela orientação de Deus. Deus está interessado no casamento dos seus filhos. Muitos jovens acham que Deus não se interessa por este assunto. Por qualquer outro assunto, sim. Assunto religioso, ou qualquer outro negócio. Porém a verdade é que Deus está profundamente interessado na vida de todo jovem e pelo seu casamento também. Por isso, este é um assunto que requer muita oração. Quando Deus participa da escolha da jovem ou do jovem, para a formação do lar, sabemos que o primeiro passo foi dado para que o lar seja harmonioso e feliz.

Nos versos 2 a 4 vemos Abraão incumbindo o seu servo, que tomava conta de todos os seus negócios, de uma missão super importante. Esse servo provavelmente era Eliézer, o servo mais antigo de sua casa (15.2). Abraão pediu que ele jurasse pelo Senhor Deus do céu e da terra que não escolheria uma esposa para Isaque das filhas dos cananeus entre os quais habitava.

É interessante destacarmos a maneira como as pessoas faziam juramento naquele tempo: **Põe a mão por baixo da minha coxa, para que eu te faça jurar pelo Senhor, Deus do céu e da terra… (v. 2, 3)**. A prática de colocar a mão na coxa simbolizava que aquele ato era solene, pois a coxa era vista como a fonte de poder vital e procriativo. O mesmo

tipo de juramento foi feito quando Jacó pediu que seu filho José lhe assegurasse que não seria enterrado no Egito, mas em Canaã (Gn 47.29).

Abraão deu a Eliézer a seguinte ordem: **… mas irás à minha parentela e daí tomarás esposa para Isaque, meu filho (v. 4)**. Percebemos que o cuidado de Abraão com Isaque, o filho da promessa que lhe daria a descendência numerosa, era muito grande. Abraão não permitiria que seu filho se unisse com uma cananéia. Cristãos tementes a Deus não devem casar-se com alguém que não teme a Deus. Quando isso acontece podemos estar certos de que haverá problemas. O casamento tem a capacidade de trazer ao moço ou a moça felicidade ou frustração. Nossos filhos poderão ser infelizes ou felizes para o resto da vida, dependendo da escolha que fizerem. Muito da vida de uma pessoa depende do casamento, por isso os pais e os próprios jovens devem colocar esse assunto em oração diante de Deus.

Voltemos agora ao caso de Isaque mais diretamente. No verso 5, Eliézer pergunta a Abraão se deveria levar Isaque consigo: **Disse-lhe o servo: Talvez não queira a mulher seguir-me para esta terra; nesse caso, levarei teu filho à terra donde saíste?** Abraão não permitiu que Isaque acompanhasse Eliézer. Parecia muito mais prático levar o próprio rapaz para que o ajudasse na escolha da moça. Porém Abraão não entendeu dessa maneira. Abraão estava novamente exercitando a sua fé e certamente estava ensinando Isaque a depender de Deus. Abraão sabia que Deus tinha a melhor maneira de solucionar uma questão tão séria quanto esta. Nem sempre o nosso caminho é o melhor, é o certo. Deus tem meios muito mais eficientes que os nossos.

**Cautela! não faças voltar para lá meu filho**, disse Abraão, no verso 6. A ordem de Abraão a Eliézer não era irresponsável. Ele estava planejando e agindo pela fé, baseando-se nas promessas de Deus. Agir pela fé é fundamental. Não é um salto no escuro como muitos pensam. A fé não é mera especulação ou superstição. Enquanto a especulação e superstição baseiam-se na ignorância da verdade, a fé é a certeza de coisas que se esperam e a convicção de fatos que se não vêem.

Abraão, no verso 7, diz a Eliézer: **O Senhor, Deus do céu, que me tirou da casa de meu pai e de minha terra natal, e que me falou, e jurou, dizendo: À tua descendência darei esta terra, ele enviará o seu anjo, que te há de preceder, e tomarás de lá esposa para meu filho**.

Abraão apoiou sua decisão nas palavras de Deus. Ele tinha fé, e sua fé estava firmada em Deus, no que Ele havia dito. E a sua fé, no que ou em quem está baseada? Ela tem fundamento bíblico? Não se trata de mera superstição? Diante das mais diversas decisões, incluindo as decisões sobre o casamento, é preciso fé e confiança em Deus. A fé em Deus é para todos os assuntos da vida.

Depois da colocação de Eliézer de que a moça poderia não querer acompanhá-lo, Abraão, no verso 8, disse: **Caso a mulher não queira seguir-te, ficarás desobrigado do teu juramento; entretanto, não levarás para lá meu filho**. Assim age o homem quando está firmado na fé, baseado na palavra de Deus. Ele tem convicção e sabe o que deve fazer. É previdente, é sábio nas suas decisões. Não importa a opinião e a sugestão dos outros. Abraão sabia que Deus poderia agir, e a maneira como Ele age é sempre sábia e correta. O patriarca queria aguardar os acontecimentos. Ele não queria forçar Deus a atuar desse ou daquele modo. Há algumas pessoas que querem obrigar Deus a fazer certas coisas, e até clamam, gritam para que Ele realize uma cura, dê um emprego ou solucione sua questão financeira! Deus age ainda hoje! Mas impor a nossa vontade a Deus é errado; não tem base bíblica.

Creio que Abraão agiu corretamente quando, diante de um problema, não impôs a Deus o modo como deveria agir. Esperou pela fé que Deus atuasse livre e soberanamente. A fé não nos dá o direito de fazer imposições a Deus. Ela age respeitando o Deus que tudo pode.

Eliézer estava pronto para sair. Jurou a Abraão que iria fazer exatamente aquilo que ficara resolvido. É assim que trabalha um bom mordomo. Serve ao seu senhor com fidelidade e obediência. Ao partir para o cumprimento de sua missão ele apanhou dez camelos e muitos bens de seu senhor. Seguiu para Mesopotâmia, para a cidade de Naor, numa viagem longa de vários dias. Eliézer era um homem que também tinha fé em Deus. Abraão confiara esta missão tão delicada a ele porque era alguém de toda confiança.

O servo só poderia ser bem-sucedido em sua tarefa se confiasse em Deus. Ele não confiou no acaso, nem mesmo nas suas habilidades. Chegando ao local designado foi prático em preparar-se: fez ajoelhar os camelos perto de um poço, à tarde, na hora em que as moças saiam para apanhar água.

Embora sendo prático, Eliézer buscou a Deus em oração. Nos versos 12 a 14 vemos que sua oração foi muito direta:

**12. Ó Senhor, Deus de meu senhor Abraão, rogo-te que me acudas hoje e uses de bondade para com o meu senhor Abraão!**
**13. Eis que estou ao pé da fonte de água, e as filhas dos homens desta cidade saem para tirar água;**
**14. dá-me, pois, que a moça a quem eu disser: inclina o cântaro para que eu beba; e ela me responder: Bebe, e darei ainda de beber aos teus camelos, seja a que designaste para o teu servo Isaque; e nisso verei que usaste de bondade para com o meu senhor.**

Ele estava procurando uma moça ideal para o filho de seu senhor. E assim entendeu logo que ela seria, antes de tudo, uma moça amável que estivesse disposta a oferecer-lhe água, bem como aos seus camelos.

Será que ele não estava preocupado com a beleza da moça? Será que não estava levando em conta os pendores físicos dela? Beleza era algo secundário? Teria algum valor? Sim, a beleza tinha muito valor. Eliézer certamente levou isso em consideração. Isaque se agradaria de uma moça amável, serviçal e bonita. Beleza era algo valioso. Sara era muito bonita e Isaque tinha consciência disso. Eliézer levou em conta o caráter e a aparência da moça. O verso 16 diz que **a moça era mui formosa de aparência, virgem, a quem nenhum homem havia possuído…**. Eliézer sabia que a beleza interior e a exterior deveriam estar equilibradas na futura esposa de Isaque. Por isso orou pedindo a ajuda divina.

A Bíblia diz que Deus tem profundo interesse por todos os assuntos e detalhes que nos cercam. Ele está interessado em você, na sua família, nos seus negócios, no seu envolvimento na comunidade cristã, enfim, em todas as áreas da sua vida. Devemos orar assim como Abraão e o seu servo oraram, pois não procuraram resolver as coisas apenas usando os recursos humanos. Por isso aquela missão foi bem-sucedida.

A narrativa prossegue, e lemos nos versos 15 e 16:

**15. Considerava ele ainda, quando saiu Rebeca, filha de Betuel, filho de Milca, mulher de Naor, irmão de Abraão, trazendo um cântaro ao ombro.**
**16. A moça era mui formosa de aparência, virgem, a quem nenhum homem havia possuído; ela desceu à fonte, encheu o seu cântaro e subiu.**

Que bela descrição! Seria aquela jovem a eleita? Aparentemente tinha todos os requisitos desejados. Era bonita, formosa, virgem, e como veremos, amável e serviçal. Tinha prazer em servir. Era uma moça muito educada e simpática.

Os versos 17 a 20 relatam que a moça fez exatamente aquilo que Eliézer tinha pedido a Deus como sinal de sua aprovação. E ele **a observava, em silêncio, atentamente, para saber se teria o Senhor levado a bom termo a sua jornada ou não (v. 21)**. Bem, o servo estava emocionado diante da resposta de Deus à sua oração e à de seu senhor. Ali estava a moça correspondendo a todos os requisitos estabelecidos por ele.

A futura esposa de Isaque certamente seria aquela jovem. Eliézer estava procurando a moça certa, não apenas no seu ponto de vista, mas do ponto de vista de Deus. A jovem que Deus havia escolhido era a que ele estava procurando. Não podia, nem queria se enganar. Ficou em silêncio, olhando atentamente para confirmar aquilo que estava assistindo: a moça não somente deu-lhe de beber, mas também aos camelos e aos homens que com ele estavam. Qualquer dúvida poderia ser dissipada diante de tudo aquilo que o servo estava presenciando.

Então, conforme relata o verso 22, ele pegou um pendente de meio siclo de peso, equivalente a seis gramas de ouro, e duas pulseiras pesando dez siclos, equivalentes a cento e vinte gramas de ouro, e entregou à Rebeca. Descobrindo a moça certa, se dispôs a fazer tudo para facilitar o cumprimento da sua missão. Aqueles presentes eram adequados para uma jovem e a adornariam muito.

Perguntando, o servo descobriu que ela era filha de Betuel, um dos parentes de Abraão, portanto sobrinha-neta do seu senhor. Quando ouviu estas informações, o mordomo viu que a mão de Deus estava agindo em tudo aquilo: **Então, se inclinou o homem e adorou ao Senhor. E disse: Bendito seja o Senhor, Deus de meu senhor Abraão, que não retirou a sua benignidade e a sua verdade de meu senhor; quanto a mim, estando no caminho, o Senhor me guiou à casa dos parentes de meu senhor (v. 26)**.

Certamente aqui temos uma clara resposta às orações. É maravilhoso quando nossa oração é respondida e não existe incentivo maior para a sua prática constante.

Mas não era apenas Eliézer que estava contente. Rebeca, como não podia ser diferente, também estava. Animada, correu para casa e contou a todos o que tinha acontecido.

O relato continua e surge em cena a pessoa de Labão, irmão de Rebeca. O texto, dos versos 30 a 31, diz que ao ver as jóias nas mãos de Rebeca, **foi Labão ter com ele o qual estava em pé junto aos camelos, junto à fonte. E lhe disse: Entra, bendito do Senhor; por que estás aí fora? Pois já preparei a casa e o lugar para os camelos**. Nós temos falado sobre a cortesia usada e praticada naqueles dias, mas esta recepção cortês de Labão é suspeita, pois como vemos, o interesse pelo visitante foi despertado por causa das jóias que ele tinha visto com sua irmã.

Estava Eliézer feliz por haver chegado ali, e por ter encontrado um ambiente tão propício, especialmente porque o propósito de sua viagem já tinha sido alcançado. O resto era questão de acerto. O mais difícil foi encontrar a moça certa. Ele estava grato a Deus por tudo. Quando agimos conforme a Palavra de Deus, empregando a fé e a oração, chegamos sempre a bons termos.

Os recursos de Deus são infinitos. Ele tudo pode. E o Deus que tudo pode está sempre atento às nossas orações. É a Ele que devemos nos dirigir, confiantes de que sempre agirá da maneira correta para o nosso bem, conforme a sua vontade, e não de acordo com a nossa.

## O encontro e o casamento de Isaque e Rebeca
### Gn 24.33-67

Antes de estudarmos a segunda parte do capítulo 24, vale a pena destacar que essa história é interpretada por muitos estudiosos de uma maneira simbólica, de uma forma alegórica. Isso quer dizer que os elementos que ela contém nos fazem lembrar de uma outra história ainda mais importante.

Esses estudiosos comparam Isaque com Jesus Cristo, Eliézer com o Espírito Santo e Rebeca com a Igreja. E assim como Isaque, Rebeca e Eliézer, Jesus, sendo o noivo, espera pela igreja, enquanto o Espírito Santo a prepara e a qualifica para o futuro encontro, para o futuro casamento. São símbolos interessantes através dos quais podemos fazer aplicações espirituais, mas certamente quando estudamos e meditamos na narrativa

que envolve os personagens históricos, temos também lições importantes para as nossas vidas.

Na seqüência do texto, encontramos a gentil recepção da família de Rebeca a Eliézer. Eles lhe ofereceram um jantar reconfortante, mas a sua reação foi surpreendente. O servo não queria comer antes de expor o seu propósito. Ele estava preocupado com a sua missão, e a comida não podia ser saboreada devidamente, senão depois que expusesse tudo claramente diante da família de Betuel.

A presença de Eliézer ali tinha uma finalidade específica e ele não podia descansar enquanto não cumprisse sua tarefa. As palavras literais do verso 33 são: **Não comerei enquanto não expuser o propósito a que venho**. Labão o autorizou falar. Então, conforme dizem os versos 34 a 48, o servo narrou de forma bem completa qual tinha sido a tarefa que Abraão lhe havia designado.

Eliézer identificou-se sem dizer o seu nome. Disse que era servo de Abraão, demonstrando humildade e destacando a pessoa do seu senhor, a quem Deus abençoara com muitos bens, tornando-o um grande homem. Disse também que o Senhor tinha abençoado a Abraão e a Sara, mesmo já idosos, com o nascimento de Isaque, que agora era o herdeiro de todos aqueles bens. Ao descrever como Deus abençoara a Abraão, Eliézer demonstrou também clara consciência de que toda a boa dádiva que recebemos vem de Deus que é galardoador.

Eliézer descreveu ainda mais detalhadamente a sua missão a Betuel e a toda a família reunida. Disse como Abraão o fizera jurar que não escolheria uma moça cananita para Isaque, mas que, ao invés disso, iria procurar uma moça na casa do seu pai, pertencente à sua família. Contou que Abraão tinha fé que o Anjo seria enviado, fazendo com que essa tarefa tão importante fosse completada com êxito. Eliézer disse que se a moça escolhida não quisesse acompanhá-lo, ele ficaria desobrigado do juramento feito a Abraão. Falou sobre o que tinha acontecido depois que chegou ao poço e como Deus mostrou claramente quem seria a moça que se tornaria a esposa de Isaque.

Depois de narrar tudo minuciosamente, Eliézer concluiu seu relato com as palavras do verso 49: **Agora, pois, se haveis de usar com benevolência e de verdade para com o meu senhor, fazei-mo saber; se não, declarai-mo, para que vá, ou para a direita ou para a esquerda**.

Eliézer queria uma definição porque desejava cumprir plenamente esta etapa da sua missão. Ele queria saber se deveria continuar procurando ou se havia encontrado a noiva certa para Isaque.

Betuel e Labão, diante da narrativa de Eliézer, não tiveram dúvidas sobre quanto a mão de Deus estava em tudo aquilo: **Isto procede do Senhor, nada temos a dizer fora da sua verdade. Eis Rebeca na tua presença; toma-a e vai-te; seja ela a mulher do filho do teu senhor, segundo a palavra do Senhor (v. 50, 51)**. A missão de Eliézer estava sendo bem-sucedida, exatamente como acontece quando buscamos a vontade de Deus e andamos de acordo com a sua Palavra. Quando nos baseamos na Palavra de Deus sempre obtemos êxito.

E diante da possibilidade concreta do sucesso de sua missão, Eliézer mais uma vez foi grato a Deus. Pela terceira vez ele orou, prostrando-se em terra diante do Senhor Deus. O servo de Abraão não achou que o êxito de sua missão se devia aos seus métodos, a sua inteligência, ao sistema adotado ou ainda a sua diplomacia. Ele reconhecia que a vitória vinha do Senhor Deus.

Aprendemos através dessa narrativa que ao invés de nos gloriarmos devemos reconhecer as ações de Deus. Será que vemos sua mão em todos os momentos de sucesso? A gratidão a Deus e a alegria por aquilo que tem feito por nós deve nos levar a expressar isso em dádivas para o próximo. E foi assim que Eliézer se comportou: **Tirou jóias de ouro e de prata, e vestidos e os deu a Rebeca; também deu ricos presentes a seu irmão e a sua mãe (v. 53)**.

Deve-se destacar a seriedade com que Eliézer cumpriu a sua missão. Só depois de tudo definido é que se sentaram para jantar. O verso 54 diz: **Depois, comeram, e beberam, ele e os homens que estavam com ele, e passaram a noite. De madrugada, quando se levantaram, disse o servo: Permiti que eu volte ao meu senhor**. Agora estava na hora de voltar. Eliézer tinha pressa após ter obtido tanto sucesso na sua missão.

Mas no verso 55, Labão e a mãe da moça disseram: **Fique ela ainda conosco alguns dias, pelo menos dez; e depois irá**. Ora, por razões muito justas, Eliézer não aceitou aquela sugestão. Disse que o Senhor Deus havia abençoado grandemente a sua viagem, encontrando aquela a quem viera buscar, e então, nada mais justo do que retornar rapidamente para o seu

senhor com a noiva de seu filho. Se Deus o tinha dirigido até aquele momento, então, queria completar com urgência a sua missão.

Deus tinha em Eliézer um instrumento eficiente para a execução dos seus propósitos. Ele foi diplomata e generoso, mas também firme, decidido e corajoso. A sua missão não podia ser prejudicada pela intervenção de ninguém. Eliézer disse, no verso 56: **Não me detenhais, pois o Senhor me tem levado a bom termo na jornada; permiti que eu volte ao meu senhor**.

Quando Deus está dirigindo a nossa vida, devemos ter muito cuidado com a interferência das pessoas, mesmo que sejam parentes ou amigos. Temos de manter firmeza, embora com cautela, para não ferirmos a sensibilidade dos outros. Eliézer justificou-se bem, negando-se a aceitar a proposta de ficar mais dez dias na casa de Rebeca. Os pais tinham concordado com tudo. A moça já havia sido entregue, tendo eles reconhecido que se tratava da vontade de Deus. Então, por que demorar mais? Quem poderia garantir que um homem como Labão não mudaria posteriormente de pensamento e de sentimento, propondo algo diferente? Ele estava respondendo pela família, e pelo que sabemos, não era um homem confiável, como verificaremos no capítulo 29, quando enganou Jacó.

Não podemos ceder em nossos objetivos diante das propostas mais simples e aparentemente inocentes. Eliézer expôs fielmente o assunto e os esclarecimentos necessários foram dados. Deus operou por meio da sua exposição. Tudo foi convincente e claro. Todos se convenceram e concordaram. Eliézer, que era inteligente, fiel e cumpridor dos seus deveres, não se deixou levar por idéias sentimentalistas e por interesses humanos. Insistiu definitivamente.

Mas conforme sugeriram a mãe e o irmão, quem daria a última palavra, quem decidiria, seria a própria Rebeca. Apesar de se tratar de uma época tão antiga, a moça foi consultada: **Disseram: Chamemos a moça e ouçamo-la pessoalmente. Chamaram, pois, a Rebeca e lhe perguntaram: Queres ir com este homem? Ela respondeu: Irei (v. 57, 58)**. Essa foi de fato uma palavra decisiva. Por isso e por todos os outros detalhes, Rebeca era, de fato, a noiva digna para Isaque. Ela era corajosa, decidida e romântica. Diante de todos os fatos percebeu que aquela era a

vontade de Deus. Estava pronta para partir e estar ao lado de seu futuro esposo. Tinha o direito e a liberdade de decidir e, então, decidiu: “Irei!”.

Esta atitude de Rebeca nos lembra a prontidão que devemos ter ao sermos chamados por Cristo. A Igreja de Cristo é formada de pessoas decididas e intrépidas. No momento certo cada uma delas disse: “Irei”. Quando Jesus convidou os seus primeiros discípulos, vários eram pescadores, mas eles disseram: “Vamos”. Abandonaram as redes e os barcos e seguiram ao Mestre. Mateus, quando chamado, abandonou a coletoria e seguiu a Jesus imediatamente.

A decisão de Rebeca foi tomada diante de fatos bem significativos. Ela não se prendeu aos pais ou ao lugar onde viveu. Ele queria ir para Canaã, onde Isaque, o seu amado, morava. Rebeca não seria digna de Isaque se preferisse ficar com os seus familiares. Mas estava decidida a chegar logo ao lado dele, e por isso aceitou partir sem nenhum adiamento. É necessário que haja em nós este mesmo interesse, esta mesma prontidão para seguirmos a Cristo. Há muita gente que quer seguir a Jesus, mas fica adiando, deixando para amanhã, deixando para depois. Há um ditado que diz que o adiamento é o ladrão do tempo e o ladrão do tempo é o assassino da oportunidade.

Mas, voltando ao texto, lemos nos versos 59 a 61:

**59. Então, despediram a Rebeca, sua irmã, e a sua ama, e ao servo de Abraão, e a seus homens.**

**60. Abençoaram a Rebeca e lhe disseram: És nossa irmã; sê tu a mãe de milhares de milhares, e que a tua descendência possua a porta dos seus inimigos.**

**61. Então, se levantou Rebeca com suas moças e, montando os camelos, seguiram o homem. O servo tomou a Rebeca e partiu.**

A partir desse momento uma longa caminhada foi iniciada. A viagem era em lombo de camelos, e isso era desconfortável. Mas certamente o tempo foi passando rapidamente enquanto Eliézer contava detalhes da vida de Isaque para Rebeca. Provavelmente ela ficou sabendo sobre o seu nascimento milagroso e as dificuldades que tinha com Ismael. Certamente ouviu com muito interesse sobre a experiência no monte Moriá, quando ele foi oferecido por Abraão em holocausto a Deus.

Assim Rebeca foi reconhecendo que Isaque era parte de um plano especial do Senhor. E agora Deus tinha um plano para a vida dos dois. Eles

seriam pais de muitas nações, seriam pais de multidões. O casamento deles não seria como outro qualquer, mas estava ligado às promessas de Deus e a grandes acontecimentos futuros. Cada detalhe se revestia de suma importância.

Então, conforme dizem os versos 62 a 65, já na terra de Canaã, a expectativa da moça chegou ao fim. Num determinado momento ela viu um jovem, ao longe, e perguntou quem era ele. Eliézer respondeu que era Isaque. Ela desceu do camelo e se cobriu com o véu. Aquele era um momento emocionante para ela. Finalmente estava ali o jovem que havia dominado o seu pensamento e o coração durante os últimos dias.

A expectativa era grande, mas no seu interior Rebeca sabia que não iria desagradar a Isaque, pois era formosa, simpática, amigável, serviçal, e tinha todos os pendores de uma esposa ideal. Além de tudo, Deus a tinha conduzido até ali. O texto não entra em detalhes sobre este encontro, mas o capítulo finaliza com essas palavras: **O servo contou a Isaque todas as coisas que havia feito. Isaque conduziu-a até à tenda de Sara, mãe dele, e tomou a Rebeca, e esta lhe foi por mulher. Ele a amou; assim, foi Isaque consolado depois da morte de sua mãe (v. 66, 67)**.

Realmente essa é uma história muito bonita. Ela nos lembra, como alguns interpretam, o encontro que Cristo terá com a sua Igreja nas nuvens, quando Ele voltar. A Igreja está sendo cuidada pelo Espírito Santo e se preparando para esse precioso encontro. É importante que saibamos se pertencemos ou não a igreja de Cristo. Temos que ter certeza de que um dia nos encontraremos com Jesus.

Oremos e nos dediquemos para que a Igreja esteja devidamente preparada, que se apresente sem mácula, sem ruga, sem defeito, para que seja digna de um noivo como Cristo. O Espírito de Deus que a está preparando para aquele encontro maravilhoso necessita ter liberdade em nossas vidas. E, assim, que Ele esteja nos preparando individualmente para esse precioso momento!

## A morte de Abraão e os seus descendentes
### Gn 25.1-34

O capítulo 25 de Gênesis pode ser dividido em cinco parágrafos:

Primeiro – Os descendentes de Abraão, através de Quetura (v. 1-6).

Segundo – A morte de Abraão, o primeiro patriarca (v. 7-11).

Terceiro – Os descendentes de Ismael (v. 12-18).
Quarto – Os descendentes de Isaque (v. 19-26).
Quinto – Esaú vende o seu direito de primogenitura.

Esses temas e registros são relevantes na seqüência da história da formação do povo de Israel e certamente trazem importantes lições para nós.

No primeiro parágrafo, que inclui os versos 1 a 6, encontramos um relato interessante: Abraão casou-se com uma mulher chamada Quetura. 1Crônicas 1.32 a apresenta como concubina de Abraão. Existe a possibilidade desse relacionamento ter se iniciado quando Sara ainda vivia. Mas se não adotarmos essa posição, e aceitarmos a ordem cronológica, Abraão teria na época 140 anos de idade, porque viveu ainda mais 45 anos depois do casamento de Isaque (v. 7, 20).

Um outro detalhe que deve ser observado é que Abraão gerou seis outros filhos com Quetura, aumentando a sua grande descendência. Esses filhos apontam Abraão como antepassado de muitas tribos árabes, grupos dispersos pelas regiões desérticas situadas a leste de Canaã e mais ao sul, próximos da Arábia. Dessas tribos, a mais conhecida, e com menção em vários textos bíblicos, é Mídiã que deu origem aos midianitas. Foi para o meio desse povo que Moisés fugiu, casando-se ali com Zípora (Êx 2.11-22; Jz 6.8). Tempos depois eles se tornaram inimigos da nação israelita.

Quando Deus faz alguma coisa, faz de um modo que sempre ultrapassa os nossos limites e a nossa imaginação. Abraão não somente gerou Ismael, como gerou Isaque, o filho da promessa; mas além deles gerou uma grande família por meio de Quetura, cumprindo assim a promessa de que seria o pai de muitas nações. Deus sempre cumpre o que promete. Deus é fiel. Ele não falha!

Um outro detalhe a ser destacado nesses primeiros versos refere-se ao cuidado que Abraão dispensava a seu filho amado. Os versos 5 e 6 dizem que o patriarca deixou tudo o que possuía para Isaque, mas para os outros filhos deu presentes e os enviou para longe de Isaque. Nessa atitude é fácil percebemos o quanto Abraão foi dedicado à Isaque, o filho da promessa. Certamente esse é o mesmo cuidado, a mesma atenção que devemos dar aos nossos filhos. Mas a verdade é que muitas vezes nos ocupamos com muitos afazeres e não dispensamos a devida atenção aos filhos que Deus

nos deu. Não podemos nos esquecer que eles são herança do Senhor. Que Deus nos ajude a instruirmos corretamente os nossos filhos.

O texto prossegue e temos, nos versos 7 a 11, um relato triste, mas ao mesmo tempo muito significativo sobre a morte de Abraão. É triste porque Abraão é um dos grandes personagens da Bíblia e a sua vida tornou-se exemplo para todos os tementes a Deus. Mas o relato é significativo também por algumas razões:

1. Abraão viveu 175 anos, quando a média da idade para os seres humanos depois do dilúvio era de 120 anos. Essa idade avançada significava bênção de Deus.
2. Abraão morreu em ditosa velhice, isso é, em boa velhice. Morreu em paz, como Deus prometera em Gênesis 15.15.
3. Abraão "foi reunido ao seu povo", isto é, foi sepultado no mesmo local em que Sara. Mas ao mesmo tempo, essa expressão em hebraico significa que o falecido entrou na morte para se juntar com seus ancestrais, sugerindo assim a vida após a morte.
4. Abraão foi sepultado pelos seus dois filhos,Ismael e Isaque. Este fato indica que por maiores que fossem as diferenças entre os dois, a honra, o amor e o respeito ao pai falecido motivou essa união especial, mesmo que temporária.
5. Abraão, mesmo depois de morto, obteve de Deus o cumprimento das promessas que afirmavam que Isaque, o seu filho amado, seria abençoado por Deus.

A vida de Abraão é um bom exemplo e um desafio para todos nós. Que possamos nos espelhar nela!

O texto prossegue e, nos versos 12 a 18, encontramos o relato da descendência de Ismael. Este filho de Abraão se multiplicou e não esteve sob as ordens de ninguém, indicando sua independência. Em certa medida, Ismael e sua descendência foram sombra para a descendência de Isaque.

A frase do verso 18, **ele se estabeleceu fronteiro a todos os seus irmãos**, pode significar que ele morreu na presença dos seus irmãos, mas é muito mais provável que indique que viveu em hostilidade com seus irmãos (16.12). Os doze filhos de Ismael foram notáveis em seu tempo, porém não fizeram parte da história da salvação, privilégio que coube à descendência de Isaque. E de novo aprendemos que Deus cumpre suas

promessas, Deus cumpre os seus planos e não os planos humanos. O nosso Deus é fiel!

Nesse ponto devemos relembrar e destacar o método que o Espírito Santo, autor da Bíblia Sagrada, usou quando através de Moisés registrou estas diversas linhagens. Ele apresentou, em primeiro lugar, a linhagem que não tinha grande interesse espiritual, e depois apresentou e enfatizou a linhagem por meio da qual foi escrita a história da salvação que vai até Jesus Cristo. Depois de apresentada a linhagem de Ismael, temos a descendência de Isaque, o filho da promessa, o filho amado de Abraão.

Nos versos 19 a 26 encontramos a narrativa do nascimento dos filhos gêmeos de Isaque e Rebeca. De 19 e 20 lemos: **São estas as gerações de Isaque, filho de Abraão. Abraão gerou a Isaque; era Isaque de quarenta anos, quando tomou por esposa a Rebeca, filha de Betuel, o arameu de Padã-Arã, e irmã de Labão, o arameu**. É esta a linhagem que a Bíblia destaca e é a que vamos seguir.

Devemos destacar que o verso 21 afirma que Rebeca também era estéril. Porém Isaque orou ao Senhor e sua oração foi respondida e sua esposa ficou grávida. O texto, dos versos 22 e 23, diz:

**22. Os filhos lutavam no ventre dela; então, disse: Se é assim, por que vivo eu? E consultou ao Senhor.**

**23. Respondeu-lhe o Senhor: Duas nações há no teu ventre, dois povos, nascidos de ti, se dividirão: um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço.**

Aqui encontramos um assunto realmente intrigante. Embora o normal fosse o filho mais moço servir ao mais velho, temos a clara afirmação da escolha soberana de Deus que Paulo, em Romanos 9.10-12, explica tão bem:

**10. E não ela somente, mas também Rebeca, ao conceber de um só, Isaque, nosso pai.**

**11. E ainda não eram gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama),**

**12. Já fora dito a ela: O mais velho será servo do mais moço.**

Na realidade, é isso o que vemos quando lemos as Sagradas Escrituras. Existiu uma luta contínua entre as duas nações através da história. As nações de Edom e Israel sempre tiveram relações conflitantes, conforme

lemos em Obadias, no verso 10. O conflito que começou no ventre materno era uma profecia que foi cumprida quando os descendentes de Esaú, os edomitas, foram muitas vezes subjugados por Israel até que finalmente foram incluídos e diluídos pelo estado judaico durante o período intertestamentário.

Nos versos 24 a 26 encontramos particularidades sobre o nascimento dos gêmeos:

1. O mais velho era ruivo, todo revestido de pêlos.
2. O nome que lhe foi dado, Esaú, pode significar "cabeludo".
3. O mais novo segurava o calcanhar do mais velho, como que querendo nascer primeiro, suplantando o mais velho.
4. O nome que lhe foi dado, Jacó, pode significar "enganador", palavra que no hebraico soa semelhante a "calcanhar".
5. A idade de Isaque é destacada: 60 anos. Ele teve o primeiro filho bem mais cedo que seu pai que só o teve aos 100 anos.

Sobre estes versos é importante sabermos que alguns intérpretes percebem nessa luta um símbolo da batalha que existe no campo espiritual entre a luz e as trevas, entre o espírito e a carne. Todo filho de Deus conhece algo a respeito deste conflito que existe entre a carne e o espírito. Nesse simbolismo, esta é a luta mencionada por Paulo em Romanos 7.21: **Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim**. Esta é a luta entre a antiga e a nova natureza. Uma luta a que todo cristão é submetido. A nova natureza só vence quando vivemos no Espírito, sob o controle e a direção dele.

Nos últimos versos deste capítulo temos ainda um texto bem sugestivo a considerar. Os versos 27 a 34 descrevem o desenvolvimento dos gêmeos. Eles cresceram e Esaú tornou-se um perito caçador, um homem do campo. Jacó, porém, tornou-se um homem pacato, um homem das tendas, isto é, mais caseiro. Eram gêmeos, todavia tinham personalidades e objetivos de vida bem divergentes. Tinham sido gerados em conjunto, mas cada um via a vida de maneira diferente, tinham personalidades distintas.

De certa maneira é possível contextualizar a vida desses dois irmãos. Esaú representa o tipo do jovem que se preocupa em desenvolver seu físico, gosta de sair e de praticar esportes. Provavelmente tem uma boa turma de amigos, sai para fazer grandes aventuras e gosta muito de divertir-se, mas infelizmente não dá importância aos valores espirituais,

não se interessa pelo desenvolvimento da sua vida interior. Esse tipo de pessoa pode representar a carne. Mas, não estamos aqui condenando o aspecto físico e esportivo da vida. É até recomendável que ele seja desenvolvido para termos boa qualidade de vida. O que criticamos é o descaso com o aspecto espiritual. Quando não valorizamos o que deve ser valorizado, todo o nosso ser padece.

Enquanto isso, Jacó representa um outro tipo de jovem, um outro tipo de vida. É a vida mais retirada, mais introspectiva, que se adequa mais aos pensamentos, aos planos e ao desenvolvimento mental. Com essas características é sábio e astuto, e, por ser também reflexivo, dá mais atenção para as coisas espirituais. Por ser mais caseiro, podemos chamá-lo de "filhinho da mamãe".

Há também uma nota de fundamental importância no verso 28: **Isaque amava a Esaú, porque se saboreava de sua caça; Rebeca, porém, amava a Jacó**. Eis aí a descrição de um grande problema. O conflito entre os pais era nítido, porque havia preferências dentro de casa. Isaque preferia a Esaú, enquanto Rebeca preferia a Jacó. O texto diz que Isaque gostava de saborear os apetitosos pratos preparados pelo próprio Esaú, resultado de suas saídas ao campo para caçar. Por outro lado, Rebeca amava a Jacó, pois era um jovem caseiro, um filho que a ajudava nos trabalhos domésticos. E, conforme a profecia que Rebeca recebera, sabemos que Deus estava preparando este jovem, o mais novo dos irmãos, reservado e reflexivo, para fazer parte do seu plano universal. Jacó daria seqüência à descendência prometida a Abraão.

Na verdade, Jacó tinha muitas falhas, como vamos focalizar depois, mas Deus, através de um processo bem específico, foi moldando o seu caráter, libertando-o dos pecados e preparando-o para ser aquele que transmitiria depois esta mesma herança espiritual ao seu filho José. As suas verdadeiras habilidades espirituais, o seu verdadeiro dom espiritual, Jacó só revelou muito depois, muito mais tarde na vida.

Nos versos 29 a 34, encontramos a descrição de um episódio que mudou a história desses dois irmãos. Certo dia Jacó havia preparado um bom ensopado. O aroma tinha se espalhado pela tenda. Então, Esaú entrou cansado de suas andanças pelos campos. Ele estava com fome. Ao sentir o aroma gostoso pediu ao seu irmão um pouco daquele cozido vermelho. É interessante notarmos aqui um jogo de palavras no hebraico, feito entre o

nome de Edom e a palavra vermelho, dando origem ao nome de sua descendência: os edomitas, os vermelhos.

A narrativa prossegue e Jacó, vendo o desejo compulsivo e apressado do irmão, respondeu fazendo-lhe uma proposta. Lembre-se de que Jacó era o pensador. Dos dois irmãos, era o mais esperto, ardiloso, enquanto Esaú era direto, objetivo e rápido em suas decisões. Jacó, então, diz no verso 31: **Vende-me primeiro o teu direito de primogenitura**.

Esaú estava com fome. Não tinha tempo para ficar pensando. Sua resposta foi taxativa: **Estou a ponto de morrer; de que me aproveitará o direito de primogenitura? (v. 32)**. Essa é a resposta típica de alguém impulsivo, de alguém que se preocupa só com o momento. De que valeria o direito de primogenitura àquela hora? A primogenitura era importante por dois aspectos: primeiro porque abrangia o direito a uma porção dupla da herança em relação aos demais irmãos; e segundo, porque nessa família da aliança abrangia também a essência da bênção de descendência e a posse da terra. Mas Esaú queria matar a sua fome. Jacó insistiu. Pediu que Esaú jurasse. E no verso 33 vemos que Esaú **jurou e vendeu o seu direito de primogenitura a Jacó**.

E o capítulo termina com Esaú abrindo mão do que tinha direito: **Deu, pois, Jacó a Esaú pão e o cozinhado de lentilhas; ele comeu e bebeu, levantou-se e saiu. Assim, desprezou Esaú o seu direito de primogenitura (v. 34)**.

Jacó era uma pessoa astuta que estava sempre tramando e queria levar vantagem em tudo. Com sua esperteza, tentava conquistar aquilo que Deus já tinha prometido. Em muitas ocasiões, essa também é nossa atitude. Desprezamos o tempo de Deus, a sua Palavra, e agimos por conta própria. Agimos precipitadamente!

Esaú desprezou um direito tão importante e especial que tinha, trocando uma bênção divina por uma satisfação momentânea e passageira. Aquele direito não representava nada para ele e também para muitas pessoas. Valores espirituais são rejeitados em detrimento das alegrias e satisfações momentâneas e passageiras. Infelizmente essa atitude que Esaú demonstrou também é praticada por nós.

## A vida de Isaque

### Gn 26.1-35

No capítulo 26 de Gênesis temos relatos que mostram um pouco da vida cotidiana de Isaque e o apontam como herdeiro das promessas divinas. Verificaremos duas revelações das promessas da aliança, nos versos 2 a 6 e 24, e um paralelismo entre as experiências de Isaque e de Abraão, envolvendo suas esposas (cap. 12–13; 20–21). Traçaremos um paralelo entre a fome que atingiu Abraão e a que sobreveio a Isaque. Veremos também a prosperidade material que tanto pai quanto filho tiveram como fruto da bênção divina e, finalmente, o acerto de uma aliança com os filisteus, mostrando que Isaque era o sucessor de Abraão na sua relação com Deus.

Os primeiros versos nos contam que houve fome na terra de Canaã semelhante à ocorrida nos dias de Abraão. Isaque foi para Gerar, terra de Abimeleque, rei dos filisteus. Esse Abimeleque não é o mesmo dos dias de Abraão, cujo relato aparece em Gênesis 20. Abimeleque era um titulo real, assim como Faraó era um título real. Provavelmente esse Abimeleque era neto daquele rei que foi enganado por Abraão e Sara.

O verso 2 relata que o Senhor apareceu a Isaque e o orientou a não ir para o Egito, como fizera seu pai Abraão, mas a seguir para a terra que Ele mesmo lhe mostraria. O Senhor prometeu que, se obedecesse, o próprio Deus estaria com ele e o abençoaria. Também lhe daria, e a sua descendência, todas aquelas terras que sob juramento tinha prometido a Abraão. Deus também acrescentou que multiplicaria a sua descendência como as estrelas dos céus.

Os versos 4 e 5 são importantes, pois neles Deus declara que através da descendência de Isaque seriam abençoadas todas as nações da terra, acrescentando a razão porque cumpriria suas promessas: **Porque Abraão obedeceu à minha palavra e guardou os meus mandamentos, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis (v. 5)**.

Este, de fato, foi um belo testemunho que Deus deu a respeito de Abraão. Se o temos considerado o pai da fé, Deus aqui destaca a sua obediência. Como tínhamos mencionado, esses dois aspectos não são contraditórios, e sim complementares. Reafirmamos que a fé se expressa na obediência e que a obediência é uma prova de amor a Deus. Temos que viver segundo esse critério de avaliação divino. Fé implica em obediência!

Nos versos 6 a 11 temos o relato da experiência semelhante vivida por Abraão e Sara, uma vez no Egito e outra vez em Gerar. Diante da beleza

de Rebeca, e por temer por sua própria vida, Isaque mentiu aos homens daquele lugar dizendo que sua esposa era sua irmã.

Certo dia, depois de um bom tempo, Abimeleque olhou pela janela do seu palácio e viu Isaque acariciando Rebeca. Descobriu, então, que eles eram marido e mulher e não irmão e irmã. O rei chamou Isaque e o confrontou. Isaque se desculpou e Abimeleque **deu esta ordem a todo o povo: qualquer que tocar a este homem ou à sua mulher certamente morrerá (v. 11)**. A preocupação do rei demonstrou responsabilidade, pois o pecado de uma pessoa afetava todos os seus conterrâneos, como veremos no caso de Acã, no livro de Josué.

É possível extrairmos alguma lição desse episódio? Certamente que sim! A lição negativa que não devemos praticar refere-se à ação de Isaque que mentiu e temeu por sua própria vida ao invés de confiar no Senhor que o dirigira àquele local. Quando não confiamos no Senhor, o pecado jaz à nossa porta. A lição positiva é a que vem da parte de Abimeleque. Sendo um rei, preocupava-se com os seus súditos e não queria vê-los sofrendo injustamente. Diante da ordem dada e da repreensão feita a Isaque, percebemos que Abimeleque era um homem justo. Em qualquer circunstância é necessário nos interessarmos por nossos semelhantes diante de possíveis injustiças sofridas. Vale a pena considerarmos os nossos procedimentos.

Os versos 12 a 14 nos contam que depois desse acontecimento Isaque semeou naquela terra e colheu cento por um, porque o Senhor o abençoava. Aqui vemos Deus cumprindo a sua palavra. Essa era a bênção que Deus havia prometido desde que chamou Abraão. Deus havia prometido a ele bênçãos materiais. Hoje Deus nos promete bênçãos espirituais que são incomparavelmente superiores. Assim como no tempo de Isaque, a condição para as recebermos é a mesma: confiarmos no Senhor e andarmos pela fé em obediência.

Os campos de Isaque brotaram abundantemente. Os versos 13 a 16 acrescentam:

**13. Enriqueceu-se o homem, prosperou, ficou riquíssimo;**
**14. possuía ovelhas e bois e grande número de servos, de maneira que os filisteus lhe tinham inveja.**
**15. E, por isso, lhe entulharam todos os poços que os servos de seu pai haviam cavado, nos dias de Abraão, enchendo-os de terra.**

**16. Disse Abimeleque a Isaque: Aparta-te de nós, porque já és muito mais poderoso do que nós.**

É interessante essa reação de Abimeleque. O mundo reage sempre com inveja, com ódio, e afasta-se de nós quando somos fiéis a Deus e somos por Ele abençoados. O próprio Senhor Jesus nos adverte sobre o ódio do mundo, em João 15.19: **Se vos fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia**.

Precisamos atentar para a nossa relação com aqueles que não amam o Senhor. Temos que testemunhar, de modo claro, da nossa comunhão e da nossa obediência ao Senhor. É necessário avaliarmos as reações do mundo para com cada um de nós. Se temos sido perseguidos, invejados, discriminados e maltratados, não podemos desistir, mas nos firmarmos ainda mais no Senhor que está sempre conosco. Como temos falado: Deus é fiel!

Nos versos 17 a 22 temos um relato muito interessante. Os filisteus estavam furiosos com a grandeza de Isaque e, numa atitude desesperada, entulharam os poços depois de Isaque reabri-los. Na verdade havia conflito por água, pois a região era desértica. Mas é importante perceber também que nenhum dos patriarcas precipitou-se lutando pela posse da terra prometida. Eles confiaram que Deus daria a terra a seus descendentes na hora certa. Esta era a primeira intriga criada pelos filisteus contra o povo de Deus, e durante séculos, isto é, até o tempo do rei Davi, os filisteus ainda guerrearam contra os judeus.

O texto relata vários nomes de poços, e eles celebravam a provisão e a proteção de Deus, até que no verso 22 lemos que após duas outras tentativas um outro poço foi aberto e não houve contenda entre os pastores. Esse poço foi chamado de Reobote, que significa "espaços abertos", pois ali foi possível moverem-se livremente. Nessa localidade certamente se reviveu a experiência de Abraão com seus pastores de um lado, e os pastores de Ló de outro.

Assim como ocorrera com seu pai, Isaque aqui também foi abençoado pelo Senhor, dirigindo-se a Berseba. Foi nessa cidade, que significa "poço do juramento" (21.32), que Abraão acertou seu relacionamento com Abimeleque. E nessa mesma localidade Isaque teve uma experiência especial com Deus. O texto, nos versos 24 e 25, nos dá o seguinte relato:

**24. Na mesma noite, lhe apareceu o Senhor e disse: Eu sou o Deus de Abraão, teu pai. Não temas, porque eu sou contigo; abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência por amor de Abraão, meu servo.**
**25. Então, levantou ali um altar e, tendo invocado o nome do Senhor, armou a sua tenda; e os servos de Isaque abriram ali um poço.**

Para confirmar a sua boa mão para com Isaque, o Senhor lhe apareceu e lhe confirmou que era o Deus do seu pai Abraão. Essa confirmação aconteceu, porque Deus percebeu que Isaque necessitava de segurança. Por um lado, ele era abençoado com a multiplicação dos seus bens, mas por outro lado, a perseguição era constante. Por isso, após essa manifestação divina, Isaque levantou o altar e, como seu pai fizera inúmeras vezes, invocou o nome do Senhor e prestou um culto de gratidão a Deus. Essa deve ser a nossa atitude diante do Senhor, sempre grata pelas inúmeras bênçãos que Ele nos concede e pela segurança que nos proporciona.

É importante também atentarmos à última parte do texto que acabamos de ver, onde estão registradas as palavras "… e os servos de Isaque abriram ali um poço". Aqui também temos uma lição preciosa.

Como já vimos, a água era fundamental naquela região. Então, a abertura de mais um poço significava a boa mão de Deus para com Isaque. Na Bíblia, a água é símbolo da Palavra de Deus. A Palavra de Deus é tida como água. A Bíblia é uma fonte inesgotável. Temos de beber nas profundezas desta fonte infinita que é a única água que pode dessedentar a nossa sede espiritual; a água que nos limpa o coração e nos refrigera a alma. Deus requer limpeza em nossas vidas e só a Palavra pode fazer isso. Assim como não podemos passar sem água, também não podemos viver espiritualmente sem a Palavra de Deus. Cada vez mais fica comprovado que temos grande necessidade de estudarmos ainda mais a Palavra de Deus.

Essa luta por causa da água física também nos oferece a oportunidade de fazer a seguinte aplicação. Temos tido lutas e discussões por causa da Palavra de Deus. A questão da interpretação é o foco principal dessas disputas. Muitos têm usado as Escrituras como pretexto. Prometem coisas que a própria Bíblia, e Deus, o seu autor, nunca prometeu. Outros têm sido completamente radicais na leitura da Bíblia, sem fazer as devidas contextualizações, tornando-a irrelevante para os homens de hoje. Mas

pela graça de Deus, enquanto isso, muitos ainda têm se esforçado para serem fiéis ao conteúdo genuíno das Sagradas Escrituras.

Temos que admitir que nem sempre temos disposição para ler e estudar o livro sagrado. Os grandes servos de Deus dizem que há duas coisas que Satanás não quer que o cristão faça: uma delas, é ler a Bíblia; a outra, é orar. O que podemos fazer sem a Bíblia e sem a oração? Na verdade, nada. Só podemos esperar a desnutrição e depois a morte. Por isso é que muitos estão espiritualmente mortos tanto pela falta da Palavra de Deus como pela falta de oração. Que Deus nos ajude a valorizarmos o que de fato tem valor!

Desse ponto em diante, isto é, dos versos 26 a 33, temos o relato da aliança que Isaque fez com Abimeleque. É o próprio rei que vem até Isaque para propor uma aliança de paz e de cooperação. Ele reconheceu que Isaque era um homem abençoado por Deus, um homem com quem Deus estava. Os versos 26 a 29 dizem:

**26. De Gerar foram ter com ele [Isaque] Abimeleque e seu amigo Ausate e Ficol, comandante do seu exército.**

**27. Disse-lhes Isaque: Por que viestes a mim, pois me odiais e me expulsastes do vosso meio?**

**28. Eles responderam: Vimos claramente que o Senhor é contigo; então, dissemos: Haja agora juramento entre nós e ti, e façamos aliança contigo.**

**29. Jura que nos não farás mal, como também não te havemos tocado, e como te fizemos somente o bem, e te deixamos ir em paz. Tu és agora o abençoado do Senhor.**

Essas palavras são impressionantes. Abimeleque veio com seus dois principais auxiliares até Isaque para propor uma aliança entre seus povos. Isaque reagiu de modo claro, dizendo que eles o odiavam e o expulsaram do meio deles. Lembra-se que falamos que esta é a atitude normal do mundo? Quando percebem as bênçãos de Deus sobre as nossas vidas, a primeira reação é o ciúme, a inveja, o desprazer e a rejeição. E foi isso que aconteceu.

Mas certamente você já constatou que uma outra reação do mundo, diante de uma vida abençoada por Deus, depois dessa rejeição e do ciúme inicial, é a aproximação, a procura por estar próximo para desfrutar também das bênçãos que recebemos. É isso mesmo! Quando as pessoas

que não temem a Deus, percebem que Deus continua nos concedendo bênçãos espirituais, fazendo-nos ter atitudes positivas mesmo diante dos revezes da vida, elas se achegam a nós para entender e desfrutar daquela ação poderosa de Deus *em* e *através* de nós. Foi isso que Abimeleque, Ausate e Ficol foram buscar em Isaque. Ao proporem esta aliança sabiam que de certa maneira as bênçãos divinas seriam experimentadas também por eles.

Temos de ser benevolentes nesses momentos. Estamos aqui para sermos bênçãos para todos. Assim como Abraão e Isaque tinham a missão de abençoar todas as nações e todas as famílias da terra, nós também temos que ser bênçãos para aqueles que nos cercam. Isaque, então, ofereceu um banquete. Esse oferecimento era comum quando alianças eram concluídas. Esse banquete representava os laços de compromisso e amizade de ambas as partes. O texto, no verso 31, relata que **levantando-se de madrugada, juraram de parte a parte; Isaque os despediu, e eles se foram em paz**. É assim que devemos proceder. Abençoar os que nos procuram e nos comprometermos com eles.

Nos versos 32 e 33 encontramos uma pequena narrativa, mas de grande valor espiritual. Após esse juramento e o estabelecimento de paz, os servos de Isaque lhe trouxeram uma maravilhosa notícia. "Achamos água", disseram, certamente com muita alegria. O que vemos aqui é que quando somos bênção para os outros, Deus age em nosso favor e nos abençoa ainda mais. É possível também para nós termos essa experiência. É maravilhoso servir o nosso Deus e andar conforme a sua vontade!

Mas é triste perceber que enquanto Isaque desfrutava das bênçãos divinas, o seu filho mais velho, Esaú, ia de mal a pior. Depois de rejeitar o direito de primogenitura, casou-se com mulheres cananitas, Judite e Basemate, da linhagem dos heteus. Essas noras se tornaram amargura de espírito para Isaque e Rebeca. Que triste relato! Quando desprezamos as bênçãos de Deus, caminhamos a passos largos para um distanciamento ainda maior de Deus. Que o Senhor nos impeça de andarmos distantes Dele.

# Isaque abençoa Jacó e Esaú
## Gn 27.1-46

Nesse capítulo de Gênesis, temos o relato da bênção de Isaque para os seus filhos Esaú e Jacó. Mas antes de analisarmos detalhadamente o texto, numa visão completa, é importante reconhecermos que Deus é poderoso e soberano para realizar os seus desígnios, para completar o seu plano, mesmo diante das precipitações humanas, mesmo diante dos pecados humanos. Os planos e desígnios de Deus se realizam independente da compreensão ou da colaboração que possamos ter ou dar. Isso tudo acontece porque Deus é soberano!

Temos aqui, então, uma narrativa em que os quatro membros de uma família estão envolvidos. Como verificaremos ao longo do estudo, alguns pecados são claramente percebidos: mentira, engano, decisões baseadas em preferências pessoais, rancor, amargura, ódio, desejo de vingança, enfim um número tão elevado de pecados que parece não se tratar de um relacionamento entre pai, mãe e filhos.

Observando de modo completo essa passagem, percebemos que os personagens dessa trama, Isaque, Rebeca, Esaú e Jacó, foram culpados pelo desenrolar da história.

Isaque foi culpado, porque era o típico pai que não atentava para o relacionamento entre os seus filhos. Estando ciente ou não do direito de primogenitura que Esaú desprezou, vendendo-o a Jacó por um prato de comida, sabia que desde o nascimento havia uma profecia dizendo que o mais velho serviria o mais moço, e, mesmo assim, quis abençoar Esaú, o mais velho, seu preferido, que lhe preparava refeições saborosas. Como pai, numa hora tão decisiva, deixou-se levar pelo paladar.

Esaú foi culpado, porque tendo direito à primogenitura, desprezou-o e vendeu-o ao seu irmão por um prato de lentilhas e, diante da proximidade da morte do pai, quebrou o acordo inicial com Jacó. Depois que se viu enganado, nutriu em seu coração amargura e ódio, planejando matar o irmão.

Rebeca foi culpada, porque mesmo sabendo da profecia de que o mais velho serviria ao mais moço (25.23), além de fazer distinção entre os filhos, preferindo Jacó em relação a Esaú, não teve paciência para esperar a realização dos planos de Deus. Diante da proximidade da morte de

Isaque, elaborou um ardiloso plano para que Jacó recebesse a bênção que já era sua por palavra divina.

Jacó foi culpado, porque sendo o seu caráter enganador, não confiou na promessa de Deus e, além de enganar seu pai Isaque, pela segunda vez ludibriou Esaú seu irmão para ficar com a bênção que Deus já tinha dito que lhe daria.

É interessante percebermos, quando observamos o texto de maneira completa, que essas ações, ao invés de impedir os planos de Deus, cooperaram na concretização dos propósitos que Deus antecipadamente havia estabelecido. Essa é uma lição que necessitamos aprender e nos submeter a ela. Temos que saber que assim como Deus controla a história universal, também controla a história pessoal dos seus filhos, controla a nossa história. Se agirmos precipitadamente, em ansiedade, não confiando em Deus, não tendo fé em suas promessas e querendo determinar o tempo certo para os acontecimentos, perderemos a oportunidade de vermos as ações maravilhosas de Deus; perderemos a bênção de descansarmos nele e vermos suas grandes e criativas realizações.

Portanto, para desfrutarmos daquilo que Deus quer nos dar, é necessário termos em mente dois textos da Palavra de Deus: **Agindo eu, quem o impedirá? (Is 43.13)** e **Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus (Sl 46.10)**. Devemos ter essas atitudes, porque Jeremias assim nos ensinou: **Bom é o Senhor para os que esperam por ele, para a alma que o busca. Bom é aguardar a salvação do Senhor, e isso, em silêncio (Lm 3.25, 26)**.

Agora podemos olhar detalhadamente os acontecimentos narrados nesse capítulo. Embora tenhamos somente em 35.28, 29 o relato da morte de Isaque, que viveu 180 anos, o texto, dos versos 1 a 4 deste capítulo, nos mostra que Isaque estava envelhecido e já não podia ver. Isaque estava com aproximadamente 137 anos, mas por causa da deficiência da visão, sentindo que estava chegando ao final de seus dias, chamou Esaú, o seu filho preferido. Disse que estava velho e que não sabia quando iria morrer. Pediu-lhe, então, que fosse caçar e lhe preparasse, com o seu tempero característico, uma comida saborosa.

Mas por que Isaque fez esse pedido? O que será que ele tinha em mente? Isaque tinha um objetivo em mente. Ele queria abençoar Esaú antes de morrer. Então, nada melhor do que uma boa refeição para depois

haver uma cerimônia de bênção! Embora soubesse desde o nascimento dos gêmeos que o filho mais velho serviria o mais novo, mesmo assim quis abençoá-lo antes de morrer.

Esta bênção paterna era importante naquela época, sobretudo quando era ministrada próxima da morte do pai. Bênçãos ou declarações orais concedidas em ocasiões tão extremas exerciam uma influência decisiva no destino daquele que as recebia. Elas tinham também efeito legal, isto é, efeito de lei de direito com que se acertava uma série de ações, inclusive a partilha da herança que seria deixada pelo falecido.

É importante percebermos como Isaque, por causa da sua preferência por Esaú estava disposto a desobedecer à profecia divina e abençoá-lo, mesmo assim foi considerado um herói da fé em Hebreus 11.20. Que Deus nos livre de querermos agir de modo contrário à sua vontade.

O texto continua e nos versos 5 a 13 encontramos Rebeca, provavelmente escondida, ouvindo a conversa de Isaque e Esaú. Ao ouvir o pedido de Isaque e a prontidão de Esaú, Rebeca rapidamente chamou Jacó, contando-lhe toda a conversa do pai e do irmão. Deu-lhe, então, uma ordem explícita: **Agora, pois, meu filho, atende às minhas palavras com que te ordeno (v. 8)**.

É importante percebermos que Rebeca demonstrou ser tão ou mais fraudulenta que o próprio Jacó, que já havia conseguido enganar seu irmão anteriormente. Rebeca queria ser obedecida. Não era momento para discutir, não era momento para qualquer argumentação. Jacó teria que correr até o rebanho e escolher dois bons cabritos e trazê-los para que ela fizesse uma refeição saborosa conforme aquelas que Isaque apreciava. Assim Jacó levaria a Isaque aquele alimento para que, depois que comesse, fosse abençoado.

Era um plano arriscado! Jacó tentou dissuadi-la lembrando que Esaú era peludo, enquanto ele não tinha tantos pelos pelo corpo. Certamente Jacó não estava com medo da mentira, mas não queria que seu pai descobrisse que estava sendo enganado. Jacó disse à mãe que não queria ser amaldiçoado por enganar Isaque. Rebeca não queria discutir. Era urgente. E, numa atitude que revelou o seu coração, fez uma auto-imprecação, dizendo a Jacó, no verso 13: **Caia sobre mim essa maldição, meu filho; atende somente o que eu te digo, vai e traze-mos**.

Que cena impressionante! Essa era uma clara precipitação por haver desconfiança dos planos divinos. Na mente de Rebeca, que tinha Jacó como seu filho predileto, eles não podiam perder aquela oportunidade. Ou eles fraudavam e conseguiam a bênção de Isaque, ou ela cria que Jacó não seria abençoado. Que tristeza! Rebeca agiu e forçou seu filho a agir buscando uma solução humana. Não quis esperar no Senhor, que é criativo para atuar de modo que nem sequer pensamos ou imaginamos. Isso é desconfiança, incredulidade, falta de fé!

O texto prossegue e nos versos 14 a 25 encontramos o relato do trabalho prático. Ao receber os cabritos, Rebeca os preparou da maneira que Isaque apreciava. Depois vestiu Jacó com a melhor roupa de Esaú e cobriu as mãos e o pescoço do filho mais novo com as peles dos cabritos. Tudo o que era necessário foi feito!

O que vemos aqui é o processo do pecado descrito em Tiago 1.14, 15: **… cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte**. Devemos ter sempre esse texto como alerta. Quais são os passos desse processo que nos levam a pecar? Observe a ordem de fluência do texto: atração, sedução, concepção, concretização do pecado, consumação que gera a morte. É isso que acontece conosco também. Para o cristão essa morte, o passo final do processo, é a perda de comunhão com Deus, uma vez que o texto não sugere a perda de salvação. Mas para aquele que ainda não é salvo, esse último passo coloca-o como morto espiritual até que receba Jesus como Senhor e Salvador de sua vida.

É possível fazer um paralelo desses passos com as atitudes de Rebeca e Jacó:

1. A idéia de fazer Isaque abençoar Jacó atraiu Rebeca.
2. Ela ficou seduzida com a possibilidade de seu plano dar certo.
3. Ela concebeu o pecado ao elaborar o plano e convocar Jacó para participar.
4. O pecado foi concretizado quando Jacó pegou os cabritos e ela preparou-os de maneira muito saborosa.
5. A consumação que gera a morte aconteceu quando Isaque finalmente foi enganado.

A que morte estamos nos referindo aqui? Reafirmamos, nesse caso, como no daqueles que já foram justificados pela fé em Jesus Cristo, que essa morte é a quebra de comunhão, a perda da intimidade com Deus.

O texto prossegue e vemos que quando Jacó foi até Isaque, o velho pai fez algumas perguntas para certificar-se sobre quem lhe entregava o alimento. Por que Isaque fez essas perguntas? Certamente porque sabia que seus dois filhos estavam disputando a sua bênção. Não havia confiança na família. Depois do teste sobre a rapidez em achar a caça, Isaque fez quatro outros testes envolvendo os seus sentidos:

1. O teste do tato, ao tocar o filho.
2. O teste da audição, ao ouvir a voz (se bem que teve dúvidas).
3. O teste do paladar, ao degustar o alimento.
4. O teste do olfato, ao sentir o cheiro do campo nas roupas.

O sentido da visão era falho, e por isso mesmo Isaque entendeu que era Esaú quem estava diante dele. Ora, com esse reconhecimento, depois da refeição completa, tendo comido e bebido, Isaque instantaneamente começou a proferir a sua bênção. Os versos 27 a 29 registram suas palavras:

**27. Eis que o cheiro do meu filho é como cheiro do campo, que o Senhor abençoou;**

**28. Deus te dê do orvalho do céu, e da exuberância da terra, e fartura de trigo e de mosto.**

**29. Sirvam-te povos, e nações te reverenciem; sê senhor de teus irmãos, e os filhos de tua mãe se encurvem a ti; maldito seja o que te amaldiçoar, e abençoado o que te abençoar.**

Você percebe que Isaque, ao impetrar tal bênção, sem saber estava abençoando Jacó e não Esaú. Na verdade estava cumprindo o que Deus já tinha ordenado em seu eterno desígnio desde o nascimento dos gêmeos. Ao proferir a sentença de que ele seria senhor dos seus irmãos e que os filhos de sua mãe se encurvariam a ele, sem saber, Isaque estava repetindo o decreto divino de que o mais velho serviria ao mais moço. Mesmo quando tentamos fazer a nossa vontade, pois o desejo de Isaque era abençoar a Esaú, Deus é poderoso e soberano e nos faz realizar os seus planos.

O texto continua e o desfecho da cena é impactante. Esaú, sem saber de nada do que tinha acontecido, chega com sua caça. Prepara-a como de

costume e leva-a ao pai para receber a bênção. Ao pedir ao pai que se preparasse para a refeição e para o momento de bênção, pai e filho, Isaque e Esaú descobrem, surpreendidos, que foram enganados por Jacó com total participação de Rebeca.

Quando Esaú ouviu de Isaque que a bênção já fora dada, gritou com profunda amargura: "Pai, abençoe também a mim!". Isaque explica todo o ocorrido e Esaú, com profundo rancor e tristeza, reconhece que o irmão pela segunda vez o enganara; mas mesmo assim insiste com o pai para que o abençoe. Isaque responde-lhe que na bênção dada, Jacó foi constituído senhor de Esaú e, sendo a bênção uma vez pronunciada, não poderia ser revogada e nem transferida para outra pessoa.

Os dois, Isaque e Esaú, estavam com seus corações partidos, estavam angustiados, de mãos atadas! Que situação deplorável numa família. Enganos, mentiras, rancor e ódio. Que Deus nos livre dessa prática em nossos lares.

Esaú insistiu e Isaque, nos versos 39 e 40, profere algumas palavras, um tipo de bênção secundária: **Longe dos lugares férteis da terra será a tua habitação; e sem orvalho que cai do alto. Viverás da tua espada e servirás a teu irmão; quando, porém, te libertares, sacudirás o jugo da tua cerviz**. Que palavras duras! Que previsão futura desanimadora. Muitas dificuldades, durezas e lutas Esaú teria que enfrentar. Mais uma vez, com essas palavras, Isaque cumpriu a profecia divina dada no nascimento dos gêmeos. Lembre-se: o nosso Deus é soberano.

O texto termina relatando o ódio de Esaú por Jacó e a sua intenção de matá-lo logo depois da morte de Isaque. Quando Rebeca tomou conhecimento desse sentimento e desses planos macabros, avisou e mandou Jacó fugir para a casa do seu irmão Labão, para ali aguardar um tempo até que aquele ímpeto doloso de Esaú se abrandasse.

Realmente um episódio triste, mas com muitas aplicações para nós. Que a nossa vida familiar seja de harmonia, compreensão, sinceridade, amor, perdão e, sobretudo, que haja uma profunda submissão ao Senhor para que somente a vontade dele seja cumprida.

## Experiências de Jacó: a fuga, a visão da escada e a coluna de Betel

**Gn 28.1-22**

No último verso do capítulo 27, Rebeca mais uma vez demonstrou sua sagacidade quando se queixou de suas noras, esposas de Esaú, para Isaque. Rebeca queria ganhar o apoio de seu marido, favorecendo mais uma vez a Jacó. Assim, disse que as mulheres de Esaú, que eram cananitas, filhas de Hete, Judite e Basemate, lhe causavam tristeza e isso a aborrecia. Afirmou ao marido que se preocupava com Jacó, que poderia também tomar por esposa alguma jovem cananita. E, se isso acontecesse, ela mesma sentiria que não valeria mais a pena viver. Rebeca foi muito ardilosa. Foi extremada. Na verdade, ela insinuou, e Isaque, provavelmente sem perceber a sua estratégia, concordou com a esposa.

No início do capítulo 28, no verso 1, vemos o idoso patriarca chamar Jacó e ordenar-lhe que não se casasse com nenhuma moça cananita. Nos versos 2 a 4 encontramos as palavras complementares do pai dirigidas ao filho:

**2. Levanta-te, vai a Padã-Arã, à casa de Betuel, pai de tua mãe, e toma lá por esposa uma das filhas de Labão, irmão de tua mãe.**
**3. Deus Todo-Poderoso te abençoe, e te faça fecundo, e te multiplique para que venhas a ser uma multidão de povos;**
**4. e te dê a bênção de Abraão, a ti e à tua descendência contigo, para que possuas a terra de tuas peregrinações, concedida por Deus a Abraão.**

Observe que nessas palavras o patriarca confirma a bênção que dera anteriormente a Jacó, que era a mesma a ele concedida e também a Abraão. Era a bênção do El-Shaddai, o Deus Todo-Poderoso (17.1). Portanto, de geração em geração, essa bênção confirmou o favor de Deus sobre aqueles primeiros patriarcas.

Como podemos aplicar esse texto a nossas vidas? Nele constatamos o princípio da herança repassada aos herdeiros. Quando transferimos uma herança a nossos filhos, ela não é somente de posses, mas, principalmente do nosso relacionamento com Deus. Abraão teve experiências especiais com Deus. Isaque também. Agora, ele encaminhava seu filho Jacó a essa mesma vida de experiências com Deus. Que possamos ser modelos de intimidade com Deus para que nossos filhos também experimentem como é bom andar com o Senhor.

Nos versos 6 a 9 vemos Esaú, com seu caráter ainda afetado pela mágoa e rancor, tentando de alguma maneira agradar ao Senhor e a seus

pais. Ele viu Isaque abençoando Jacó, enviando-o a Padã-Arã em busca de uma esposa. Esaú já era casado com duas mulheres cananitas, fato que desagradava sua mãe. Num anseio desesperado de consertar e amenizar a situação, foi à casa de Ismael, seu tio, e lá se casou com Maalate, sua prima. Mas foi uma tentativa falha. Acompanhe alguns erros de Esaú:

1. Desprezou seu direito à primogenitura.
2. Desejou a morte de seu irmão.
3. Tomou como esposas duas cananitas.
4. Buscou para si mais uma esposa sem seguir a orientação divina e paterna.
5. Casou-se com sua prima, filha de Ismael, o filho rejeitado de Abraão, do qual não se originaria a descendência abençoada por Deus.

Mas por que sua tentativa não deu certo? Por que não teve bons resultados? Porque a tentativa carnal e humana de querer amenizar uma atitude interior desagradável não é aceita por Deus. O esforço próprio do homem natural de querer ser aceitável ao Senhor, sem experimentar uma mudança interior, não resulta em ações apropriadas que o agradam. Nunca devemos tentar agradar ao Senhor com nossos esforços próprios. O caminho certo é confessarmos e admitirmos o nosso interior pecaminoso, buscarmos a presença de Deus e nos submetermos a Ele para andarmos conforme o seu querer.

Os versos 10 a 17 formam um texto muito interessante. Eles nos relatam uma experiência única que Jacó teve com Deus quando caminhava na direção de Padã-Arã. Como a jornada era longa, deitou-se para passar a noite. Agora vamos refletir um pouco sobre essa experiência. Era Jacó que estava nessa situação. Quem era Jacó? Qual era o seu perfil? Esaú, seu irmão gêmeo, era um homem do campo. Mas ele, o filho mais novo, gostava de ficar em casa. Era mais caseiro. Talvez aquela fosse sua primeira noite fora de casa. Além de todo o ambiente de seu lar estar abalado por sua própria culpa, agora estava com medo, fugindo de Esaú e, certamente, temendo passar uma noite ao relento. Como se sentiu naquela noite? Certamente sentiu-se só. O lugar era deserto e sem dúvida ele sentiu uma profunda solidão e medo.

Mas Jacó tinha que dormir para recuperar as energias. Pegou uma pedra, usou-a como um travesseiro, se deitou e dormiu. De tão cansado sonhou. E sonhou algo maravilhoso, como nos dizem os versos 12 a 15:

**12. E sonhou: Eis posta na terra uma escada cujo topo atingia o céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela.**
**13. Perto dele estava o Senhor e lhe disse: Eu sou o Senhor, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque. A terra em que agora estás deitado, eu ta darei, a ti e à tua descendência.**
**14. A tua descendência será como o pó da terra; estender-te-ás para o Ocidente e para o Oriente, para o Norte e para o Sul. Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra.**
**15. Eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra, porque te não desampararei, até cumprir eu aquilo de que te hei referido.**

O local onde Jacó pernoitou recebeu o nome de casa de Deus, ou Betel. Era um lugar muito significativo, pois foi exatamente nele que Deus apareceu pela primeira vez a Abraão (12.8). Podemos imaginar o quanto receber essas palavras do Senhor foi reconfortante para um homem que estava sozinho, saudoso e temeroso, que havia deixado sua casa às pressas.

Mas qual o significado dessa visão, desse sonho? Temos aqui uma demonstração maravilhosa da graça divina não procurada e incondicional. Ela não foi procurada porque Jacó provavelmente nem se lembrou de Deus. Estava cansado e só queria dormir. Deus, entretanto, veio ao seu encontro, com os seus anjos, em todo o seu esplendor, e surpreendeu esse peregrino temeroso. Ela foi incondicional porque não houve nenhuma palavra de recriminação por tudo aquilo que ele e Rebeca tinham feito a Isaque e a Esaú; também não houve nenhuma palavra de exigência ou pré-condição.

Essa maravilhosa visão mostrava para Jacó as diversas garantias divinas de que ele não estava só. Essas garantias podem ser alistadas:

1. Deus se identificou como Deus do presente: **Eu sou o Senhor (v. 13)**.
2. Deus mostrou-lhe a soberania no passado: Eu sou o **Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque (v. 13)**.
3. Deus mostrou-lhe como controla o futuro: **A tua descendência será como o pó da terra (v. 14)**.
4. Deus revelou os seus propósitos: **Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra (v. 14)**.
5. Deus revelou-se como um Deus protetor e fiel: **Eis que eu estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra,**

**porque te não desampararei, até cumprir eu aquilo que te hei referido (v. 15)**.

Essas palavras, de fato, foram reconfortantes! Deus tem prazer em garantir sua companhia e sua bênção! Então, o que temos através dessas palavras é uma renovação da aliança que Deus fizera com Abraão e com Isaque. Jacó era o terceiro na linha de sucessão.

Podemos tirar dessa experiência um simbolismo interessante que nos lembra Jesus Cristo como o único mediador entre Deus e os homens. É interessante vermos que Deus veio a um homem como Jacó, que era usurpador, suplantador e da mesma maneira Deus vem até nós, homens pecadores. O Senhor nos quer como estamos. A transformação ocorre depois que Ele entra em nossa vida. A escada em Betel pode ser considerada um símbolo de Cristo, que é a única escada ou o único caminho para o céu.

O texto prossegue, e nos versos 16 e 17 lemos: **Despertado Jacó do seu sono, disse: Na verdade, o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia. E, temendo, disse: Quão temível é este lugar! É a Casa de Deus, a porta dos céus**. Este é um texto da Bíblia muito usado em cerimônias de dedicação de novos templos. Muitas pessoas ficam olhando para a beleza do templo, mas quando Jacó disse isso, ele estava num lugar desconfortável, porém Deus estava ali. Ele descobriu que Deus estava ali. E de fato a igreja é um lugar temível para uma pessoa como Jacó ou até para todos nós. É ali que nos defrontamos com o Deus Todo-Poderoso. Todos os homens são confrontados com Deus de uma forma ou de outra. O Senhor descobre o ser humano onde quer que se esconda. Ele pode revelar-se a você agora.

Mas por que um lugar onde Deus está é temível? Por causa do pecado que carregamos. Um homem como Jacó só podia se assustar e temer diante da visão de Deus. É importante relembrarmos sempre que Deus está presente em todos os lugares. O nosso Deus é onisciente! Quando Isaías viu Deus numa visão maravilhosa, gritou: **Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos! (Is 5.6)**. É sempre assim. Muitos têm medo de Deus. E este medo de Deus é por causa do pecado. Temos que saber, temos que lembrar disso!

Mas graças a Deus o lugar onde Ele está é a casa de Deus, é a porta para os céus. Essa é a mensagem da graça. É possível nos reconciliarmos com o Senhor. É Ele que vem ao nosso encontro e nos aponta Jesus, o único acesso direto ao céu!

Os versos 18 e 19 mostram a reação de Jacó diante da bondade de Deus: **Tendo-se levantado Jacó, cedo, de madrugada, tomou a pedra que havia posto por travesseiro e a erigiu em coluna, sobre cujo topo entornou azeite. E ao lugar, cidade que outrora se chamava Luz, deu o nome de Betel**.

Jacó levantou-se cedo, de madrugada, tomou a pedra que havia posto por travesseiro e a erigiu em coluna, isto é, um monumento que simbolizava que ali era um lugar de adoração. Sobre o topo desse monumento entornou azeite, consagrando-o como um marco da manifestação de Deus. Jacó mudou o nome daquele local que se chamava Luz (amendoeira, em hebraico), para um nome muito mais significativo. O local passaria a ser chamado de Betel que significa "Casa de Deus". Jacó certamente estava impactado por aquela noite especial. Será que houve mudança em seu caráter depois dessa experiência?

O texto bíblico prossegue e nos relata, nos versos 20 a 22, as últimas palavras do capítulo 28:

**20. Fez também Jacó um voto, dizendo: Se Deus for comigo, e me guardar nesta jornada que empreendo, e me der pão para comer e roupa que me vista,**

**21. de maneira que eu volte em paz para a casa de meu pai, então, o Senhor será o meu Deus;**

**22. e a pedra, que erigi por coluna, será a Casa de Deus; e, de tudo quanto me concederes, certamente eu te darei o dízimo.**

Alguns estudiosos entendem que na medida do conhecimento de Jacó as suas palavras foram as mais corretas possíveis. Entendem que expressou o seu temor e respeito para com o Ser que viera ao seu encontro e não para com as coisas que lhe foram prometidas. Argumentam esses estudiosos, com base na homenagem e no voto que Jacó prestou a Deus, que ele agiu corretamente.

Mas se prestarmos bastante atenção às palavras de Jacó, podemos dar uma outra interpretação ao voto. Perceberemos que o clima é diferente e reflete o caráter completamente humano e enganoso de Jacó. Qual seria,

então, a interpretação correta? Atentemos bem para o voto de Jacó. Novamente vemos que o seu interior foi claramente exposto nas suas palavras. Ele foi impactado com a visão graciosa de Deus, reconheceu a bondade do Senhor e por isso mesmo prestou-lhe culto.

Mas o seu caráter ainda não estava transformado. Ele estava tentando fazer uma chantagem com Deus. Ora, Deus prometeu protegê-lo na sua viagem e disse que estaria presente em qualquer lugar que fosse. Prometeu abençoá-lo, dar-lhe aquela terra e que não o desampararia. E Jacó disse que se de fato Deus cumprisse tudo aquilo que lhe havia dito, então, o teria como seu Deus e lhe daria o dízimo de tudo.

Claramente Jacó tentava fazer uma espécie de negócio com Deus. E apesar de ter adorado ao Senhor e erigido uma coluna em sua homenagem, sabemos que Deus não aceita esse tipo de negócio. O homem recebe os planos de Deus, mas Deus não recebe os planos dos homens.

O caráter que agrada a Deus é um caráter transformado por completo. Um coração completamente mudado agrada o nosso Deus! Que sejamos livres de cometer tal barganha com Ele. Aceitemos a sua graça e não façamos exigências descabidas. O nosso Deus quer o nosso bem, portanto confiemos completamente em suas promessas, em sua palavra e em suas bondosas ações para conosco.

## As esposas de Jacó: Lia e Raquel e seus primeiros filhos

### Gn 29.1-35

Enquanto Jacó seguia para Padã-Arã (28.2), Deus percebeu que o seu coração ainda não tinha se transformado completamente. Desejando que o seu caráter fosse exemplar, permitiu que esse terceiro patriarca fosse experimentado na escola do engano. Ele, que era enganador, conforme o significado do seu próprio nome indica, agora enfrentaria essa escola e seria enganado de modo inquestionável por Labão, seu tio, irmão de sua mãe Rebeca.

Vale a pena, nesse ponto, lermos Gálatas 6.7: **Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará**. Esta é uma verdade que a Bíblia ensina com muita clareza. E é verdade em todos os campos da vida. Ninguém escapa desta lei universal.

Todo o mal que se semeia aqui, colhe-se aqui, a não ser que haja um arrependimento verdadeiro.

Lendo a Bíblia, encontramos outros exemplos claros da lei da semeadura e da colheita. Faraó mandou matar todos os filhos dos judeus do sexo masculino. E o que foi que aconteceu depois? Vemos que o anjo do Senhor matou o próprio filho de Faraó e todos os primogênitos egípcios. Lemos que o rei Acabe matou Nabote para satisfazer as suas ambições, e depois o profeta Elias lhe apareceu dizendo que iriam fazer com ele o mesmo que tinha feito, e tudo se cumpriu literalmente como havia dito o profeta. Até mesmo o apóstolo Paulo sentiu o peso desta lei. Deu consentimento para que Estevão fosse apedrejado e morto, e o que foi que aconteceu com o apóstolo? Paulo, mais tarde, foi levado para fora da cidade de Listra e apedrejado de tal maneira que pensaram que estivesse morto.

No capítulo 29, Jacó começa a colher, a ceifar aquilo que havia plantado. Ele se orgulhava da sua capacidade de enganar. Conseguia tudo com grande facilidade. Era um suplantador, um enganador. Portanto Jacó tinha que aprender exatamente a lição que recebeu.

Em Labão, Jacó encontrou um competidor à altura e a sua escola de disciplina. Quando vemos em 31.41 que ele foi enganado por Labão depois dos primeiros sete anos, e que teve que trabalhar quatorze anos por suas duas esposas, percebemos que todo o engano que tinha praticado contra o seu irmão e contra seu pai agora recaía sobre ele.

Mas ao mesmo tempo, é possível perceber que Jacó demonstrou sempre muita objetividade naquilo que queria. No nascimento, ao segurar o pé do irmão, querendo ser o primeiro a nascer, e posteriormente, ao conseguir o direito da primogenitura; na experiência em Peniel, quando não parou de lutar com o mensageiro divino até que fosse abençoado; na espera de quatorze anos para conquistar aquilo que mais queria, isto é, casar-se com Raquel. Em todos esses acontecimentos reconhecemos a sua tenacidade e grande determinação. Jacó era um homem de características firmes e estava sendo forjado por Deus para se tornar o patriarca que daria origem a nação de Israel.

Nos versos 1 a 12, encontramos Jacó caminhando para o Oriente à procura da família de sua mãe. Provavelmente cansado pela noite mal dormida, diante da especial visão que tivera, por volta do entardecer Jacó

aproximou-se de um poço. Era um bom poço que estava tampado com uma grande pedra que só seria aberto depois que todos os rebanhos se agrupassem para serem dessedentados. Logo ao chegar, Jacó travou conversa com os pastores que ali estavam para identificá-los e certificar-se sobre o local. Confirmando que era o lugar que procurava, perguntou por seu tio Labão. Descobriu, então, que estava próximo do final da sua viagem e certamente ficou contente e muito animado.

Depois de algum tempo, quando Raquel chegou com o seu rebanho, num ato de firmeza e demonstração de força, Jacó tirou a grande pedra do poço e deu água ao rebanho que ela conduzia. Então, se identifica para Raquel e ao receber a confirmação de que estava diante de sua prima, filha de Labão, beijou-a, chorou e contou-lhe toda a aventura que enfrentara até chegar ali. Raquel imediatamente correu até o pai para dizer o que tinha acontecido e como, surpreendentemente, encontrara Jacó.

Duas coisas devem ser destacadas até esse ponto. Em primeiro lugar, a remoção da grande pedra que tampava o poço foi um feito incomum, demonstrando que Jacó deveria ser um jovem muito forte para conseguir realizar tal façanha. Assim, aquela idéia de que Jacó talvez fosse mais frágil, mais débil, porque era um rapaz mais caseiro, foi desfeita com essa atitude. E, em segundo lugar, destaca-se o choro de Jacó ao encontrar Raquel. Percebemos nele um jovem aliviado por chegar a um lugar de segurança. Por estar passando a primeira noite fora de casa, fugindo do seu irmão que queria matá-lo e viajando por lugares desconhecidos, certamente o seu coração estava temeroso. Ao encontrar Raquel e identificá-la como sua prima, sentiu-se aliviado e protegido pelo Senhor.

Deus mais uma vez dava provas de sua fidelidade. Tinha prometido e agora cumpria sua Palavra. A bênção do Senhor em nos fortalecer de modo sobrenatural nas diversas ocasiões e circunstâncias pelas quais passamos, e a alegria que temos ao nos encontrarmos com familiares queridos, são lições que podem nos ajudar a olhar para nossas próprias vidas.

Mas o texto prossegue, e nos versos 13 a 20 está registrado o encontro de Jacó com Labão. Tão logo o tio soube do acontecido, foi ao encontro do sobrinho e o trouxe para sua casa. Jacó contou toda sua experiência para Labão e não apenas as aventuras da sua viagem. Provavelmente contou toda a sua vida e o motivo que o conduzia a Padã-Arã. Podemos concluir

que enquanto ouvia o longo relato de Jacó durante o jantar, Labão, ainda impressionado com a força que ele demonstrara no poço, ficou imaginando como o sobrinho poderia ser mais um braço forte no trabalho em suas propriedades.

O texto diz que Jacó ficou hospedado na casa do tio durante um mês. Mas depois desse tempo, sutilmente Labão aproximou-se de Jacó e lhe fez ver que aquela situação não era a melhor: **Depois, disse Labão a Jacó: Acaso, por seres meu parente, irás servir-me de graça? Dize-me, qual será o teu salário? (v. 15)**. Você consegue perceber o tom sutil de Labão mostrando a Jacó, depois de um mês de folga, que era hora dos dois resolverem como ficariam as coisas? Labão via que Jacó estava muito interessado em sua filha mais nova, a bela Raquel. Decidiu, então, que era hora de aproveitar o sentimento do sobrinho pela filha para enredá-lo numa situação em que ficasse trabalhando produtivamente.

O texto continua e descreve brevemente as duas filhas de Labão (v. 16, 17). Lia significa "vaca selvagem". Era a filha mais velha, tinha os olhos baços, que quer dizer ternos ou tenros, sugerindo que eram olhos fracos tanto na visão como na cor. Raquel significa "ovelha". Era a filha mais nova, formosa de porte e de semblante. Uma bonita moça, sempre disposta para o trabalho duro pelo fato de ser uma pastora.

Raquel conquistara o coração de Jacó que para tê-la como esposa se dispôs a trabalhar durante sete anos para Labão. O costume daqueles dias era que o noivo pagasse um dote pela jovem com quem desejava se casar. Mas Jacó, sem ter o que oferecer, se dispôs a trabalhar como forma de pagamento para poder desposar Raquel. Labão que estava de olho em seu trabalho aceitou rapidamente. Essa parte termina com o verso 20, que nos relata, em resumo, o efeito do amor sobre as pessoas: **Assim, por amor a Raquel, serviu Jacó sete anos; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava**.

Temos nesse ponto alguns destaques a fazer:

1. A sutileza de Labão ao dizer a Jacó que ele deveria tornar-se produtivo e que suas férias, seu descanso, depois de um mês, já havia terminado.
2. A descrição das duas moças, uma mais bonita e mais disposta que a outra, lembrando-nos da responsabilidade de todos nós para com o trabalho.

3. O efeito do amor constatado de modo inequívoco. Por amar Raquel, sete anos de serviço pastoril não afugentaram Jacó que até aquele momento era um rapaz mais caseiro quando comparado ao seu irmão Esaú.

Nos versos 21 a 30 temos as mais contundentes situações experimentadas por Jacó:

1. Jacó, depois de sete anos de trabalho, pediu a Labão que cumprisse o que foi acertado entre eles (v. 21). Jacó queria se casar!
2. Labão preparou a festa, convidou todos os seus amigos, e tudo foi devidamente executado.
3. Encontramos a atitude enganadora e mentirosa de Labão, que entregou Lia, e não Raquel, a Jacó.
4. Jacó descobriu, na manhã seguinte, depois de relacionar-se sexualmente, que estava casado com Lia e não com Raquel. Em seguida foi até a presença de Labão para reclamar.
5. Labão, o enganador, deu uma boa desculpa a Jacó, o enganado, para o seu ato de esperteza: o costume local da obrigatoriedade de casar primeiro a filha mais velha o levara a enganar o sobrinho.
6. Labão propôs um novo trato a Jacó: entregaria Raquel depois de uma semana quando acabassem as festividades do casamento, mas o preço seria mais sete anos de trabalho em suas terras.
7. Jacó afirmou que amava mais a Raquel do que a Lia. E mais uma vez demonstrou o seu amor por ela submetendo-se a outra jornada de sete anos de trabalho para tê-la como esposa (v. 28-30).

O texto ainda diz que Labão deu servas a suas filhas: Zilpa, como serva de Lia, e Bila, como serva de Raquel. Essas moças não seriam somente ajudantes das duas irmãs, mas como veremos posteriormente, se tornariam mães de alguns dos doze filhos de Jacó.

Você percebe que situações delicadas Jacó teve que enfrentar? O verso 22 registrou o banquete que Labão deu aos seus convidados. Além do banquete celebrar o casamento de uma de suas filhas, certamente comemorava a astúcia e a esperteza do próprio Labão e a humilhação de Jacó. Durante uma semana, como de costume, foram realizadas as festividades. O que deveria ser para Jacó uma ocasião de alegria e conquista de um alvo pelo qual trabalhara sete anos, tornou-se um motivo de gozação, de escárnio, enfim, uma piada de mau gosto. Jacó deve ter se lembrado de suas atitudes no passado.

Mas o irônico disso tudo é que a explicação que Labão deu claramente remetia Jacó a seu passado. Ele tinha roubado de Esaú a bênção costumeiramente reservada ao irmão mais velho (cap. 27), e agora Labão enganara Jacó ao defender um costume semelhante.

Alguns têm dito que se Jacó fosse explicito, pedindo Raquel a Labão, esse não teria desculpas para lhe entregar Lia. A razão do engano residia no coração avarento e cobiçoso de Labão. E era uma lição que Deus queria que Jacó aprendesse. Jacó estava pagando o preço de sua conduta anterior.

Aquela primeira manhã, após o casamento, certamente foi terrível para Jacó. Ele deve ter se lembrado do passado, quando enganou o pai e o irmão com mentiras e truques. Porque enganou os dois foi obrigado a deixar o lar. Ele havia obtido o direito de primogenitura e a bênção por meios escusos, por meios mentirosos. Segundo sua concepção, os fins justificavam os meios. Mas Deus não aceita essa prática para que consigamos os nossos objetivos. Não aprova qualquer método, qualquer meio. Jacó tinha que procurar a maneira correta, indicada por Deus, para alcançar a sua bênção.

Qualquer conduta errada recebe a desaprovação de Deus. Jacó pretendia ser o mais velho, e agora queria casar-se com a filha mais nova. Só que recebeu a filha mais velha, Lia. Jacó estava colhendo aquilo que tinha semeado. Ele se matriculou numa boa escola, colhendo tudo aquilo que havia plantado. A sua experiência era muito dura e difícil, mas era somente assim que poderia aprender essa importante lição.

Sempre há no mundo escolas desse tipo para aqueles que de alguma maneira têm procurado explorar os menos desavisados, os inocentes. Às vezes demora um pouco para colhermos o que semeamos, mas mais cedo ou mais tarde a colheita vem.

Que Deus nos proteja de usarmos meios ilícitos para conquistar nossos alvos. Que tenhamos paciência e esperemos pelo Senhor para que no seu tempo Ele mesmo nos dê as bênçãos. Que não tenhamos que passar por essa escola de Labão e sermos enganados como Jacó. Que essa lição possa ser apreendida e praticada de tal maneira que nossas vidas sejam sempre agradáveis ao nosso Deus.

No verso 30 do capítulo 29 encontramos as seguintes palavras: **Mas Jacó amava mais a Raquel do que a Lia; e continuou servindo a Labão por outros sete anos**. O amor de Jacó por Raquel era tão grande que o

levou a trabalhar por mais sete anos para ter o direito de casar-se com ela. Trabalhou durante quatorze anos e assim teve duas esposas.

É sempre bom lembrar que os negócios feitos entre Jacó e Labão não representavam a vontade de Deus. Pelo fato de estar registrado na Bíblia, não quer dizer que Deus tenha aprovado aqueles acertos. O registro do fato foi inspirado por Deus, mas não os atos praticados pelos homens. O que foi inspirado foi o registro, a escrita, mas a prática da poligamia, o homem possuindo duas mulheres, nunca recebeu a aprovação de Deus, porque Ele reprova os atos maus dos homens. Jacó, então, tinha duas mulheres, e conseqüentemente seus problemas foram dobrados. Aos poucos, à medida que sua família foi se formando, ele entendeu que tudo o que havia feito anteriormente estava errado.

Mas vejamos agora os versos 31 e 32:

**31. Vendo o Senhor que Lia era desprezada, fê-la fecunda; ao passo que Raquel era estéril.**

**32. Concebeu, pois, Lia e deu à luz um filho, a quem chamou Rúben, pois disse: O Senhor atendeu à minha aflição. Por isso, agora me amará o meu marido.**

É importante percebermos que Lia, por ser uma pessoa desprezada e mal-amada, teve a bênção divina sobre si. De desprezada passou à exaltada. Deus é sempre atraído pelos necessitados, por isso veio a ela com a sua misericórdia e a capacitou para ser mãe.

Seu primeiro filho recebeu o nome de Rúben, porque Deus tinha atendido a sua aflição. O segundo filho nasceu e foi chamado de Simeão, pois Lia ainda se sentia preterida por Jacó. Levi foi o terceiro filho, e o seu nome simbolizava a esperança que Lia tinha de ter Jacó ainda mais perto dela. Levi deu origem à tribo sacerdotal de Israel.

O capítulo 29 termina com o verso 35 que nos relata o nascimento do quarto filho de Lia, Judá, que deu origem à tribo real e proporcionou a mãe uma oportunidade ímpar de louvar ao Senhor. Vemos, então, que Lia, a desprezada, foi honrada e abençoada por Deus para que desse à luz filhos e assim equilibrasse o interesse e o amor de Jacó pelas duas irmãs.

Nessa ação direta de Deus vemos o cuidado e a bondade Dele para com aqueles que são desprezados e sofrem injustiça. O nosso Deus é um Deus protetor, é um Deus que nos ampara! Mesmo hoje podemos experimentar essa proteção e o amparo de Deus em nosso dia-a-dia.

## Os filhos de Jacó, as riquezas e seu pacto com Labão
### Gn 30.1-43

No texto que abrange o último parágrafo do capítulo 29, e todo o capítulo 30, encontramos três temas que se destacam: os filhos de Jacó, o pacto de Jacó com Labão e o enriquecimento de Jacó.

No último parágrafo do capítulo 29 temos o relato dos 4 primeiros filhos de Jacó: Rúben, Simeão, Levi e Judá, todos esses filhos através de Lia.

Quando chegamos ao capítulo 30, vemos a misericórdia de Deus novamente revelada, apesar do pecado do homem. No verso 1 há uma referência aos problemas que existiam no lar de Jacó: **Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve ciúmes de sua irmã e disse a Jacó: Dá-me filhos, senão morrerei**. Como já vimos anteriormente, não era fácil para uma mulher ser estéril naqueles tempos. Raquel estava extremamente infeliz porque não conseguia dar filhos a seu marido.

Vejamos agora os versos 2 e 3:

**2. Então, Jacó se irou contra Raquel e disse: Acaso, estou eu em lugar de Deus, que ao teu ventre impediu frutificar?**

**3. Respondeu ela: Eis aqui Bila, minha serva; coabita com ela, para que dê a luz, e eu traga filhos ao meu colo, por meio dela.**

Aqui estamos novamente diante de uma prática muito conhecida naqueles tempos. Quando uma esposa não dava à luz filhos, por ser estéril, podia entregar ao seu marido uma serva, para que por meio dela obtivesse um filho. Abrão, influenciado por sua esposa Sarai, tentou estabelecer sua descendência através de Agar. Deus não aprovou tal prática, como também nenhum outro erro na vida desses patriarcas. Quando Raquel entregou sua serva Bila a Jacó, ela concebeu e deu a luz a Dã, e, posteriormente, a Naftali.

Mas o problema não terminou aí. Havia uma disputa entre as duas irmãs para ver quem agradava mais o marido. Lia, depois de ter dado quatro filhos a Jacó, entendendo que não ficaria mais grávida, achou-se no direito de também oferecer a Jacó a sua serva, Zilpa, para que dela outros filhos fossem gerados. E foi exatamente isso que aconteceu. Zilpa deu a Jacó dois filhos: Gade, que significa afortunado, e Aser, que quer dizer venturoso, porque Lia se sentia bem-aventurada (v. 13).

Ainda nessa primeira parte do capítulo encontramos um episódio interessante. Rúben, na época da colheita do trigo, achou algumas mandrágoras, frutas chamadas "maçãs do amor". Segundo algumas crenças antigas, essas frutas tinham raízes com poderes afrodisíacos (Ct 7.13), que eram usadas para promover atividade sexual e a concepção de quem era estéril. Quando soube que Rúben tinha essas frutas, Raquel logo se interessou em comê-las. Pediu-as, então, a Lia que se recusou a atender-lhe a solicitação. Diante da recusa, a irmã mais nova negociou com a mais velha uma noite passada ao lado de Jacó. Tal como acontecera com os gêmeos e o prato de lentilhas, Jacó agora era o prêmio por uma porção de mandrágoras.

Mas esse tipo de acerto nunca dá certo! Veja a ironia: Raquel, que comeu as mandrágoras, não dormiu a noite com Jacó, portanto, não engravidou. Lia, que sempre foi desprezada, mesmo sem as mandrágoras coabitou com Jacó e engravidou, gerando seu quinto filho, Issacar.

Lia ainda concebeu uma vez mais e deu à luz ao seu sexto filho a quem chamou de Zebulom. Por fim, deu à luz a uma filha, chamada Diná (v. 21). Foram esses os sete filhos que Lia deu à luz, numa demonstração muito clara de que o Senhor é a nossa força e está sempre pronto a nos atender quando necessitamos, de acordo com a sua vontade, que é boa, agradável e perfeita (Rm 12.1, 2).

A partir de agora, vamos encontrar a ação de Deus lembrando-se de Raquel. Os versos 22 a 24 dizem assim: **Lembrou-se Deus de Raquel, ouviu-a e a fez fecunda. Ela concebeu, deu à luz um filho e disse: Deus me tirou o meu vexame. E lhe chamou José, dizendo: Dê-me o Senhor ainda outro filho**. Este é o José que posteriormente se tornou famoso no Egito.

Mas vejamos agora os versos 25 e 26, onde Jacó apresenta o seu pedido a Labão:

**25. Tendo Raquel dado à luz a José, disse Jacó a Labão: Permite-me que eu volte ao meu lugar, e a minha terra.**

**26. Dá-me meus filhos e as mulheres, pelas quais eu te servi, e partirei; pois tu sabes quanto e de que maneira te servi.**

Jacó estava cansado de viver longe de seus parentes mais próximos e pediu a Labão que o deixasse partir. Por direito, Jacó que já tinha trabalhado quatorze anos para Labão em troca de suas mulheres, poderia ir

sem problemas. Mas certamente, ao lembrar-se da experiência com seu pai e seu irmão, preferiu ir embora deixando o relacionamento com Labão acertado.

Surpreendente foi a resposta de Labão no verso 27: **Ache eu mercê diante de ti; fica comigo. Tenho experimentado que o Senhor me abençoou por meio de ti**. Você se lembra que ouvimos antes uma expressão semelhante a essa? Ela foi proferida por Abimeleque, o rei de Gerar, que descobriu a bênção de Deus sobre Isaque quando esteve no meio deles. O rei e a sua terra foram abençoados. E da mesma maneira Labão confirmou que Deus estava com Jacó e o abençoou por meio dele. Labão queria reter Jacó não permitindo que ele partisse.

**29. Disse-lhe Jacó: Tu sabes como te venho servindo e como cuidei do teu gado.**

**30. Porque o pouco que tinhas antes da minha vinda foi aumentando grandemente; e o Senhor te abençoou por meu trabalho. Agora, pois, quando hei de eu trabalhar também por minha casa?.**

E o diálogo continuou, nos versos 31 e 32:

**31. Então, Labão lhe perguntou: Que te darei? Respondeu Jacó: Nada me darás; tornarei a apascentar e a guardar o teu rebanho, se me fizeres isto:**

**32. Passarei hoje por todo o teu rebanho, separando dele os salpicados e malhados, e todos os negros entre os cordeiros, e o que é malhado e salpicado entre as cabras: será isto o meu salário.**

É fácil percebemos que Labão estava muito interessado em manter o trabalho de Jacó e queria de toda maneira convencê-lo a ficar. Mas vemos que Jacó não queria isso. Jacó tinha duas esposas, duas criadas e a casa cheia de filhos. De fato ele tinha onze filhos. Ele tinha muito o que fazer. Ele teria de alimentá-los, assumindo sua responsabilidade como chefe de uma nova família. Jacó estava dizendo a Labão o seguinte: Deus, por meu intermédio, abençoou você e fez com que prosperasse muito, mas eu não tenho nada.

Jacó, para ficar mais uma temporada com Labão, propôs receber a posse de todos os animais salpicados, malhados e negros, iniciando assim o seu próprio rebanho. Ele disse ainda que se Labão achasse algum animal diferente desses no seu rebanho, poderia acusá-lo de furto. Ao ouvir isso, rapidamente Labão aceitou a proposta.

Mas como era do seu feitio, como era sua característica, mais uma vez enganou a Jacó. Os versos 35 e 36 relatam que naquele mesmo dia Labão passou pelos seus rebanhos, separou todos os animais salpicados, malhados e negros, deu-os aos seus filhos e ordenou que eles fossem para longe, à distância de três dias.

Sem saber o que tinha acontecido, Jacó ficou satisfeito com o acordo. Ele tinha um plano para fazer com que os animais listados, malhados e salpicados procriassem em grande quantidade. E assim fez, querendo enganar o tio. As suas atitudes internas ainda não tinham mudado. O seu caráter ainda não havia se transformado. Jacó queria ludibriar o seu tio. Dois enganadores, um querendo levar vantagens sobre o outro. A estratégia de Jacó está descrita nos versos 37 a 43:

**37. Tomou, então, Jacó varas verdes de álamo, de aveleira e de plátano, e lhes removeu a casca, em riscas abertas, deixando aparecer a brancura das varas,**

**38. as quais, assim escorchadas, pôs ele em frente do rebanho, nos canais de água e nos bebedouros, aonde os rebanhos vinham para dessedentar-se, e conceberam quando vinham a beber.**

**39. E concebia o rebanho diante das varas, e as ovelhas davam crias listadas, salpicadas e malhadas.**

**40. Então, separou Jacó os cordeiros, e virou o rebanho para o lado dos listados e dos pretos nos rebanhos de Labão; e pôs o seu rebanho à parte, e não o juntou com o rebanho de Labão.**

**41. E, todas as vezes que concebiam as ovelhas fortes, punha Jacó as varas à vista do rebanho nos canais de água, para que concebessem diante das varas.**

**42. Porém, quando o rebanho era fraco, não as punha; assim, as fracas eram de Labão, e as fortes, de Jacó.**

**43. E o homem se tornou mais e mais rico; teve muitos rebanhos, e servas, e servos, e camelos, e jumentos.**

Todo esse plano de Jacó estava baseado apenas numa superstição, numa noção falsa de que impressões visuais vividas durante o ato de reprodução dos animais determinavam as características da descendência do rebanho. O que de fato provocou o crescimento foi a acasalamento seletivo registrado no verso 42: as crias fracas iam para o rebanho de Labão e as fortes ficavam no rebanho de Jacó.

Embora todo o estratagema de Jacó negasse a ação sobrenatural de Deus, a intenção divina era de abençoá-lo, pois sendo enganado por Labão, Jacó teve que começar o seu rebanho com pouquíssimos animais. Posteriormente, depois de refletir, Jacó mesmo percebeu que era Deus quem o abençoava (31.9).

Mas naquele momento, sem saber de tudo que ia acontecer, Jacó estava procurando recuperar o tempo que passou trabalhando para Labão sem ser devidamente recompensado. Ele pensava que por aquele meio enganoso poderia recuperar todo o trabalho feito sem receber a devida remuneração.

E, finalmente, Jacó ficou rico, conseguiu formar um rebanho realmente volumoso. Foi grande a sua prosperidade. Assim constatamos que Jacó continuou sendo o mesmo de sempre, querendo sempre vencer sem se importar com os métodos empregados. Jacó ainda não mudara de vida. Ainda não tinha ocorrido uma profunda transformação em seu caráter. Ainda não era a hora. O tempo de Deus ainda não tinha chegado para esse patriarca. Deus o estava preparando paulatinamente.

Devemos aprender que não se corrige uma injustiça cometendo outra. Um erro não justifica outro. Labão errou por não ter sido justo e por não pagar com retidão e justiça um homem trabalhador como Jacó. Mas Jacó também errou quando lançou mão dessa estratégia, deste plano estranho para conseguir vantagem e explorar o seu sogro.

Existem aqueles que acham que para haver progresso são necessárias algumas espertezas, algumas falcatruas. Jacó pode até servir de exemplo para essas pessoas. Mas os que pensam assim devem se lembrar que Jacó sempre pagou muito caro pelos métodos errados que empregou.

## Jacó retorna a terra de seus pais e faz aliança com Labão

### Gn 31.1-55

O capítulo 31 de Gênesis descreve a saída de Jacó com toda a família e bens de Padã-Arã, onde vivia com Labão; descreve a aparente perseguição do sogro de Jacó e, por fim, a aliança estabelecida entre eles para que não se prejudicassem mutuamente.

O texto começa mostrando os novos planos de Jacó, baseados em três percepções:

1. Jacó tinha ouvido seus cunhados comentarem que havia tomado tudo o que Labão possuía e formado sua riqueza à custa de Labão.
2. Jacó percebeu que a atitude de Labão para com ele não era mais a mesma, e que o rosto do seu sogro não lhe era mais favorável.
3. Jacó tinha tido uma revelação de Deus que o orientava a voltar a Canaã, para junto dos seus pais, com a promessa de que estaria com ele.

Com essas percepções em mente, Jacó chamou suas esposas, esclareceu e mostrou as razões do seu plano. Pediu o testemunho delas e a confirmação de que tinha sido fiel no seu trabalho para Labão. Jacó, nesse relato, mostrou que toda a sua estratégia não passava de maquinação humana e o que de fato tinha acontecido era que Deus o havia abençoado. O verso 9 literalmente é o seu testemunho: **Assim, Deus tomou o gado de vosso pai e mo deu a mim**.

Jacó contou também que vira o Anjo de Deus num sonho, em mais um teofania, e que Ele lhe dissera que o Senhor sabia de toda a injustiça que Labão praticara. Que o Anjo se revelara como o Deus de Betel, lugar onde ele tivera aquela experiência especial com a visão da escada dos anjos de Deus, indo e vindo, ligando o céu a terra. E completou relatando a clara ordem divina: **… levanta-te agora, sai desta terra e volta para a terra de tua parentela (v. 13)**.

O texto prossegue, e mostra que Lia e Raquel concordaram com ele e disseram como se sentiam diante da maneira com que Labão as tratara. Sentiam-se como estrangeiras. Como objetos de venda, tendo sido trocadas pelo trabalho de Jacó. Abriram o coração e disseram que se sentiam furtadas pelo próprio pai. Assim, amarguradas com o pai desonesto e reconhecendo a providência de Deus abençoando a Jacó, decidiram seguir o marido no plano de fugir de Padã-Arã.

Temos que perceber que a nossa esperteza, ou a esperteza dos que sempre querem sair ganhando causa profunda dor naqueles que estão próximos. Mesmo num relacionamento tão estreito como o de pai e filhas, as marcas ficaram. Vale a pena pensarmos sobre como temos tratado nossos filhos. Muitas vezes temos exigido deles mais do que podem nos dar. Muitos pais tentam alcançar os seus objetivos pessoais, sufocando a vida própria dos filhos. Temos que refletir sobre isso.

Nos versos 17 a 21 encontramos Jacó com as esposas, os filhos, as servas e todos os bens, saindo de Padã-Arã, fugindo de diante da face de

Labão. Assim como tinha fugido de Esaú, seu irmão, agora Jacó fugia de Labão, seu sogro. Era uma vida muito conturbada.

Mas o texto relata que Raquel, quando todos saíam de Padã-Arã, furtou os ídolos do lar (em hebraico *teraphim*), que pertenciam a seu pai (v. 19). O roubo desses ídolos, além do aspecto religioso, demonstrando sua tendência à idolatria e o desejo de proteção durante a longa jornada que estavam planejando fazer, certamente tinha uma outra motivação. Quem os possuísse tinha o direito de reivindicar a herança familiar, pois assim era a prática daqueles dias.

O ato de Raquel nos faz entender que por sentir-se injustiçada por seu pai ela se apropriou dos ídolos. O que vemos nessa narrativa é que a atitude egoísta de Raquel a levou à beira de uma desgraça maior que o próprio furto, quando Jacó, sem saber do roubo, disse que quem fosse apanhado com os mesmos deveria morrer (v. 32).

Várias atitudes negativas de Raquel podem ser apontadas nesse episódio:

1. Ela agiu às escondidas.
2. Roubou.
3. Demonstrou falta de fé em Deus.
4. Procurou proteção em ídolos, objetos que não nos protegem.
5. Não foi transparente com seu marido, uma vez que Jacó não sabia do ocorrido.

Essas atitudes devem nos fazer refletir sobre a nossa própria conduta. Muitas vezes temos escondido ações erradas que podem nos levar a enfrentar problemas ainda maiores no futuro. A nossa vida deve ser plenamente transparente. A nossa consciência tem que estar limpa diante de Deus e dos homens. Vale a pena mantermos uma conduta correta!

O texto prossegue, e o verso 21 nos fala que depois de cruzarem o grande rio Eufrates, dirigiram-se para a casa de Isaque, à terra de Canaã, indo em direção à montanha de Gileade, uma elevação a leste do rio Jordão.

Somente depois de três dias Labão ficou sabendo da fuga de Jacó. E imediatamente saiu-lhe ao encalço junto com seus irmãos e certamente outros homens que tinha a seu serviço. O encontro com Jacó se deu depois de sete dias de caminhada, nas montanhas de Gileade. O verso 24 relata

que durante a noite, antes de questionar Jacó, Deus se revelou a Labão dizendo-lhe claramente que não fizesse nem mal nem bem a Jacó (v. 24).

Podemos supor que se Deus novamente não interviesse soberanamente em favor do seu escolhido Labão poderia, com o seu poderio militar, causar grandes danos a Jacó. Mas graças a Deus! Sempre graças a Deus. Ele permanece fiel. E como tinha prometido anteriormente a Jacó que o protegeria, estava cumprindo agora a sua promessa.

Labão, então, dirigiu-se a Jacó cheio de reivindicações:

1. Por que você me enganou, levando minhas filhas como cativas à espada?
2. Por que fugiu em oculto, me enganando?
3. Por que não deixou que eu me despedisse com festa, alegria e cânticos?
4. Por que não permitiu que eu desse um beijo de despedida nas minhas filhas e nos meus netos?
5. Por que você agiu insensatamente?
6. Por que você me testou, sabendo que eu poderia lhe fazer mal?
7. Por que roubou os meus ídolos do lar?

Foram sete os questionamentos que Labão apresentou, dizendo ainda que Deus havia aparecido e lhe impedira de fazer bem ou mal a Jacó e sua comitiva. Do seu ponto de vista Labão estava certo nas suas reivindicações. Diante de Deus certamente essa exigências eram descabidas. O que vemos aqui é que Labão estava colhendo o que anteriormente tinha plantado. Essa é a vida de quem tenta agir sempre por sua própria vontade, com os seus próprios métodos, querendo ganhar vantagens em qualquer situação.

Conforme os versos 31 e 32, diante de todos esses questionamentos Jacó admitiu que teve medo de que Labão não o deixasse ir, de que não pudesse retornar à casa do seu pai Isaque com toda sua família e seus bens. Ele ainda acrescentou, como já mencionamos no verso 32, que Labão poderia revistar todas as tendas e procurar os seus ídolos do lar. Mal sabia Jacó que Raquel, sua esposa amada, tinha furtado o seu pai.

Dos versos 33 a 35 temos o relato da procura infrutífera de Labão por seus ídolos. Raquel, mais uma vez, mentiu e enganou. E Jacó, ainda sem saber do furto, achou-se no direito de repreender Labão. Na verdade, o que percebemos pelo texto é que houve uma grande tensão, uma grande discussão. Jacó reclamou duramente de Labão, mostrando-se magoado e injustiçado pelos vinte anos de trabalho duro que tinha prestado ao sogro.

É possível imaginar a cena! Raquel sentada num camelo, escondendo os ídolos roubados, enganando e mentindo ao marido e ao pai, e os dois discutindo violentamente. Labão, certo de que fora roubado, mas sem ter encontrado nada, e Jacó, inocente do roubo, cheio de ira, falando duramente ao sogro. Que situação! Que família! Quando não andamos claramente nos caminhos de Deus só podemos obter esse tipo de atitude. Confusão, deslealdade, mentira, rancor e ódio.

Mas o parágrafo termina com o verso 42, e nele temos um relato que traz um lampejo de sensatez àquela situação. Jacó disse claramente que reconhecia a bondade, a misericórdia e a boa mão de Deus sobre ele durante todos aqueles vinte anos que passara com Labão: **Se não fora o Deus de meu pai, o Deus de Abraão e o Temor de Isaque, por certo me despedirias agora de mãos vazias. Deus me atendeu ao sofrimento e ao trabalho das minhas mãos e te repreendeu ontem à noite**.

Enfim, a discussão terminou. A ação maravilhosa de Deus foi reconhecida e o seu nome estava sendo glorificado. O uso da expressão "o Temor de Isaque", demonstrava que Jacó reconhecia que o Deus a quem Isaque, seu pai, temia, era o mesmo Deus de Abraão, seu avô, e era o Deus que agora agia em seu favor! Como é bom percebermos que mesmo diante das mais confusas situações podemos ver e reconhecer a boa mão do nosso Deus! Que ao invés de nos irritarmos, ou de nos irarmos com as pessoas, possa Deus mesmo nos abrir os olhos para sempre vermos as suas maravilhosas ações em nosso favor.

No final do capítulo temos os versos 43 a 55. Neles encontramos o relato da aliança entre Labão e Jacó, finalizando assim um convívio tumultuado de vinte anos de mentiras, inverdades, enganos e animosidade. No verso 43 encontramos Labão expressando seu parecer sobre tudo o que estava ocorrendo. Suas palavras literais foram as seguintes: **As filhas são minhas filhas, os filhos são meus filhos, os rebanhos são meus rebanhos, e tudo o que vês é meu; que posso fazer hoje a estas minhas filhas ou aos filhos que elas deram à luz?]**

É interessante percebermos que Labão não tinha consciência do quanto tinha magoado e ofendido as suas filhas e ao próprio Jacó. Para ele que estava com a mente cauterizada por tantas mentiras e enganos era correta a sua reivindicação. Temos que admitir que muitas vezes estamos cegos aos nossos próprios olhos. Para Labão tudo o que estava diante dos seus olhos,

pessoas, animais e objetos, tudo lhe pertencia. Que visão mais inadequada! Com um ponto de vista desses podemos compreender o temor e o medo que se apoderaram de Jacó e a sua decisão de sair às pressas, fugindo sem dar satisfação ao sogro. Jacó sabia quem era Labão!

Mas surpreendentemente, e certamente pela ação misericordiosa de Deus, no verso 44 o próprio Labão propõe uma aliança a Jacó. Humanamente falando, não havia motivo para Labão propor essa aliança. Possivelmente tivesse medo de Jacó, pois reconhecia que Deus estava com seu genro. O medo deles era recíproco. Labão tinha medo de Jacó e Jacó tinha medo de Labão. Então, com um montão de pedras erigindo uma coluna, fizeram um contrato, uma aliança para se separarem e para que no futuro não houvesse qualquer luta ou exploração entre eles.

Além de Labão ter falado para Jacó tratar bem Lia e Raquel, a aliança previa uma convivência distante um do outro. **Seja o montão testemunha, e seja a coluna testemunha de que para mal não passarei o montão para lá, e tu não passarás o montão e a coluna para cá. O Deus de Abraão e o Deus de Naor, o Deus do pai deles, julgue entre nós (v. 52, 53)**, foram as palavras literais da aliança que Labão e Jacó fizeram entre si.

Jacó jurou pelo Temor de Isaque e novamente vemos o uso dessa expressão demonstrando que Jacó reconhecia que o Deus de seu pai Isaque era o Deus Todo-Poderoso que o abençoara durante todos aqueles anos.

Estabelecido o acerto de viverem longe um do outro e afastarem qualquer possibilidade de futuras animosidades e lutas, tendo a coluna de pedras para servir de prova, de testemunha daquele concerto, o verso 54 diz que Jacó ofereceu um sacrifício na montanha e convidou seus irmãos para comerem pão e passarem a noite na montanha.

O capítulo 31 termina com o verso 55: **Tendo-se levantado Labão pela madrugada, beijou seus filhos e suas filhas e os abençoou; e, partindo, voltou para sua casa**. É importante imaginarmos quão diferente poderia ter sido o encontro entre Labão e Jacó se não fosse a intervenção de Deus. É desta intervenção que todos nós precisamos. É desta proteção que necessitamos sempre. Que cada um de nós esteja sempre voltado para Deus, e que as nossas orações sejam sempre conhecidas diante do Senhor para que nos momentos perigosos tenhamos a sua bondosa mão a nos proteger. Só Deus tem a melhor resposta para todos os nossos problemas.

# Jacó prepara a reconciliação com Esaú e luta com Deus
## Gn 32.1-32

O capítulo 32 pode ser dividido em duas partes:

Parte 1 – Jacó prepara-se para encontrar com Esaú (v. 1-21)

Parte 2 – A narrativa da luta de Jacó com Deus (v. 22-32)

Os versos 1 e 2 relatam que os anjos do Senhor vieram ao encontro de Jacó e sua comitiva. Jacó reconheceu a presença e a bênção do Senhor e chamou aquele local de Maanaim. No capítulo 29, Jacó começa a colher, a ceifar aquilo que havia plantado. Que final feliz para uma história tão tumultuada! Graças a Deus por sua graciosa mão.

Assim como Betel era "a casa de Deus" e "o portão do céu", conforme vimos em 28.17, Maanaim era o "acampamento de Deus na terra". Jacó saiu do acampamento de Labão e agora estava no acampamento de Deus. De fato foi uma maravilhosa mudança, uma promoção que demonstrava o cuidado e a atenção do Senhor para com esse patriarca que faria parte da origem da nação eleita para representar Deus entre as demais.

Como já constatamos, Jacó era um homem reflexivo, pensador e estrategista, características que podem ser identificadas na sua volta à Canaã, quando ele encontraria de novo seu irmão Esaú.

Jacó tinha cometido erros, cometera faltas, era um homem enganador e suplantador, como o seu próprio nome significava, mas foi o escolhido do Senhor para ser o herdeiro das promessas. Deus estava transformando-o e ajudando-o a mudar os valores da sua vida. Isso se deu através da dura disciplina na casa de Labão e, agora, se daria na experiência e na luta que teria com o próprio Deus.

Certamente ele tinha mudado muito durante os últimos vinte anos, mas necessitava de novas transformações, de novas experiências, de um novo conhecimento de Deus. O crente deve sempre crescer na graça e no conhecimento de Cristo Jesus. Cristo é o nosso alvo, a estatura de varão perfeito. Então, Ele é nosso padrão. Vale a pena nos questionarmos, nos avaliarmos. Temos que alcançar esse padrão estabelecido por Deus. Que Deus nos ajude a nos submetermos ao seu trabalho em nossas vidas para nos tornarmos cada vez mais semelhantes a Jesus Cristo.

Mas voltando ao texto, vemos a estratégia de Jacó na sua reaproximação com Esaú. Jacó sabia que ainda não estava livre das conseqüências dos seus maus negócios com o irmão. O relacionamento entre os dois não havia sido acertado. Jacó sabia disso, e estrategicamente enviou mensageiros a seu irmão com a notícia de que estava voltando e queria contar com a compreensão e o perdão dele. Os versos 3 a 5 nos relatam que os mensageiros foram adiante de Jacó, à terra de Seir, no território de Edom. Jacó instrui os enviados a falarem a Esaú humildemente.

Os mensageiros foram e voltaram dizendo que Esaú vinha em sua direção com 400 homens não para saudá-lo, ou recepcioná-lo amistosamente, mas para vingar-se. Esaú não havia esquecido de como fora enganado por Jacó, e agora estava disposto a enfrentá-lo e a vingar-se. Então, Jacó temeu e começou logo a lançar mão de mais uma estratégia humana: **Então, Jacó teve medo e se perturbou; dividiu em dois bandos o povo que com ele estava, e os rebanhos, e os bois, e os camelos. Pois disse: Se vir Esaú a um bando e o ferir, o outro bando escapará (v. 7, 8)**.

Era uma boa estratégia. Demonstrava a sua esperteza. Jacó esperava que funcionasse bem. Mas esse plano era humano e não lhe dava nenhuma segurança concreta. Só que, dessa vez, finalmente, ele resolveu apelar para Deus. Eis o que dizem os versos 9 a 12:

**9. E orou Jacó: Deus de meu pai Abraão e Deus de meu pai Isaque, ó Senhor, que disseste: Torna à tua terra e à tua parentela, e te farei bem;**

**10. sou indigno de todas as misericórdias e de toda a fidelidade que tens usado para com o teu servo; pois com apenas o cajado atravessei este Jordão; já agora sou dois bandos.**

**11. Livra-me das mãos de meu irmão Esaú, porque eu o temo, para que não venha ele matar-me, e as mães com os filhos.**

**12. E dissestes: Certamente eu te farei bem e dar-te-ei a descendência como a areia do mar, que, pela multidão, não se pode contar.**

Aqui, sim, temos uma oração correta. Talvez tenha sido esta a primeira oração verdadeira de Jacó. Foi a primeira vez que ele disse que não merecia as bênçãos de Deus. Jacó reconheceu que era um pecador indigno

diante de Deus. Ele disse que veio para aquele lugar somente com um cajado, e agora estava conduzindo dois grandes bandos.

Existem muitas pessoas achando que não são assim tão más, nem que são pecadoras. O crente verdadeiro sabe que é pecador, e que só pela graça divina recebe os favores do céu. Ele reconhece que é salvo somente pela graça. Ninguém se salva porque é bom, ninguém entra no céu porque é bom. Em Romanos 3.23, Paulo diz que **todos pecaram e carecem da glória de Deus**. A não ser que o pecador passe por uma transformação espiritual e receba uma nova natureza, não poderá entrar no reino do céu. Precisamos nos avaliar com toda a honestidade diante de Deus. Ninguém é justo e merecedor do céu. Porque todos nós somos pecadores indignos, deve ficar claro que só herdaremos o céu através da maravilhosa graça de Deus.

Jacó reconheceu ser indigno de todas as misericórdias e de toda a fidelidade que Deus tinha usado para com ele. Seu raciocínio estava certo. Aqueles vinte anos de provações, de disciplina, não foram desperdiçados. Quando reconhecemos isso estamos no caminho certo. Às vezes, o homem só chega a este momento de confissão diante de uma crise como essa que Jacó estava atravessando.

Esaú vinha em sua direção para vingar-se. Jacó deixou de confiar em si mesmo, nos seus métodos, nas suas estratégias, e entregou o problema a Deus, confessando antes o seu pecado. Jacó estava num momento de crise, e é exatamente neste momento que as bênçãos espirituais chegam. Essa tem sido a experiência de muitos que desistem de si mesmos e confiam totalmente em Deus. Não precisamos esperar pelos momentos de crise; antes deles surgirem devemos entregar a Deus o controle das nossas circunstâncias.

Junto com a sua oração e sua entrega a Deus, nos versos 13 a 15 vemos que Jacó preparou um grande presente para Esaú. Era uma demonstração de boa vontade. A fé e a confiança em Deus não impedem de usarmos o bom senso e a sabedoria. Era um belo presente; eram muitos bens, o que demonstrava que Jacó era realmente riquíssimo. Jacó foi muito liberal, foi generoso, foi sábio. Era, de fato, um grande presente para o seu irmão.

Ao continuarmos a leitura, vemos que Jacó entregou-os aos seus servos, cada rebanho à parte, e orientou-os como deveriam conduzi-los (v. 16). E ainda acrescentou nos versos 17 a 21:

**17. Quando Esaú, meu irmão, te encontrar e te perguntar: De quem és, para onde vais, de quem são estes diante de ti?**
**18. Responderás: São de teu servo Jacó; é presente que ele envia a meu senhor Esaú; e eis que ele mesmo vem vindo atrás de nós.**
**19. Ordenou também ao segundo, ao terceiro e a todos os que vinham conduzindo os rebanhos: Falareis dessa maneira a Esaú, quando vos encontrardes com ele.**
**20. Direis assim: Eis que o teu servo Jacó vem vindo atrás de nós. Porque dizia consigo mesmo. Eu o aplacarei com o presente que me antecede, depois o verei; porventura me aceitará a presença.**
**21. Assim, passou o presente para diante dele; ele, porém, ficou aquela noite no acampamento.**

Aqui vemos Jacó agindo depois de orar. Dessa vez sua intenção não estava errada. Ele tentava conquistar a simpatia e a complacência de Esaú. Os preciosos presentes e os rebanhos que mandou para o irmão não poderiam, por si só, alterar a situação, o rumo das coisas; mas a oração, sim. Deus poderia usar aqueles rebanhos para aplacar o coração de Esaú. Jacó também fez suas esposas, as duas servas e todos os seus onze filhos com todos os seus bens atravessarem o vau do Jaboque, um afluente do rio Jordão (v. 23).

Jacó sentia que tinha que orar ainda mais, e assim fez. Ele atravessou os seus rebanhos e todas as suas posses e foi ao acampamento para ficar só, para passar a noite orando. O relato do verso 24 é muito interessante: **Ficando ele só; lutava com ele um homem, até o romper do dia**. Jacó estava sozinho nesse lado do rio e uma grande luta com Deus estava sendo travada. Era uma luta desigual. Era uma batalha com um ser celeste. E o texto nos diz que Jacó estava lutando com Deus.

Alguns intérpretes crêem que esta luta se deu por meio da oração. Jacó estava sozinho. Ele ficou só e orava. E para lutar com Deus, em oração, o homem tem que ficar só. As pessoas dizem que a solidão é a pátria das grandes almas. Quando é para lutar com Deus em oração, o melhor é estarmos sozinhos. É aí onde as grandes vitórias espirituais são conquistadas.

Jesus disse que quando quiséssemos orar deveríamos entrar em nosso quarto e fechar a porta e orar ao nosso pai, pois Ele vê em secreto (Mt 6.6). O quarto é um lugar onde podemos ficar a sós com Deus, onde podemos

lutar com Ele. O quarto pode ser um lugar onde as grandes vitórias são alcançadas.

O homem que lutou com Jacó era um ser celeste, era o Senhor em forma de homem. O Senhor sempre aparecia desta maneira aos homens naquele tempo. Devemos relembrar da definição da palavra "teofania": a aparição ou revelação da divindade; a manifestação de Deus. E aquela foi uma batalha realmente renhida, demorada. A luta durou até o romper do dia. Jacó lutou a noite toda. E o verso 25 prossegue: **Vendo este que não podia com ele, tocou-lhe na articulação da coxa; deslocou-se a junta da coxa de Jacó, na luta com o homem**.

Foi preciso que a coxa de Jacó fosse deslocada para facilitar a sua rendição. Isso nos ensina uma verdade muito importante. Muitas vezes é preciso que Deus nos fira para que rendamos a nossa vida a ele. Este ferimento pode ser feito de muitas formas, através de uma enfermidade, de um problema, de uma necessidade, de uma incompreensão. Qualquer coisa que nos fira, que nos quebrante será usada por Deus.

O Senhor se agrada de um coração quebrantado. Na luta com Deus é isso que faz toda a diferença. Jacó precisava render-se, entregar a sua vida, o seu ego, a sua vontade completamente a Deus. Mas talvez até inconscientemente ele se recusava. A maior luta do homem é exatamente a travada para defender o seu ego. Diante de Deus a nossa vontade vale pouco ou quase nada. Nós sabemos que a nossa vontade é imperfeita. Quebrá-la é difícil, mas é necessário.

Mas voltemos ao vale de Jaboque, onde Jacó estava lutando com Deus. O verso 26 diz: **Disse este: Deixa-me ir, pois já rompeu o dia. Respondeu Jacó: Não te deixarei ir se me não abençoares**. Temos aqui uma lição espiritual que precisamos aprender: perseverar na luta, insistir na oração. Jacó sabia com quem estava lutando e por isso queria ser abençoado. Jacó tinha recebido muitas bênçãos através dos anos, mas agora queria mais uma, queria uma bênção espiritual. Ora, se Deus havia dado bênçãos materiais a Jacó, muito mais interesse teria em dar-lhe as bênçãos espirituais. Porém o problema não está em Deus, está no homem, no pecador que nem sempre tem condições adequadas para receber as bênçãos do Senhor.

Deus queria abençoar Jacó. Então, lhe fez uma pergunta muito intrigante, como vemos no verso 27: **Como te chamas?** Para que Jacó

recebesse a bênção de Deus ele tinha de dizer quem era na realidade. Tinha que dizer tudo a Deus, repetir o que já havia falado na sua oração anterior, admitindo que era um pecador, indigno, que era mesmo um Jacó, um enganador. E foi exatamente o que fez: **Ele respondeu: Jacó (v. 27)**. E com esta resposta ele estava dizendo tudo. O seu nome significava suplantador. Sou Jacó, o suplantador, o enganador.

E a mesma coisa Deus exige de cada um de nós. Queremos receber as bênçãos, mas temos que dizer quem nós somos. Temos que confessar os pecados e render nossas vidas a Deus. É preciso que haja quebrantamento de coração.

Assuma quem você é diante de Deus. O nome de Jacó dizia tudo. Pode ser que Deus esteja lhe perguntando agora: Qual é o seu nome? Para você responder deve falar o seu nome e em seguida dizer o que na realidade tem feito, o que você é. Confesse o seu pecado a Deus, diga tudo. Por isso você deve ficar só, deve ter o seu lugar secreto para falar com Deus. Por isso Jacó ficou no vale de Jaboque sozinho. Eu sou Jacó. Eu sou suplantador. Eu tenho procurado levar vantagem em todos os negócios, usando meios desonestos, truques, mentiras. Eu sou Jacó.

Era difícil admitir, era vergonhoso admitir uma vida tão distante de Deus. Mas aquela vergonha se transformou em bênção. Eis o que disse o anjo que era Cristo, Cristo na forma de um anjo, Cristo pré-encarnado: **Já não te chamarás Jacó, e sim Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste (v. 28)**. Aqui está o momento mais significativo da vida de Jacó. Aqui morreu o velho homem e nasceu o novo. Houve transformação!

Ele não podia ser mais Jacó, agora era Israel, que significa "Deus luta". Tinha um novo nome, um novo coração. Uma vida nova acompanha sempre um novo nome. Transformada foi para sempre a sua natureza e para sempre foi mudado o seu nome. Deus o mudou. Nada poderia ser mais significativo para a sua vida. E o texto continua: **Àquele lugar chamou Jacó Peniel, pois disse: Vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva. Nasceu-lhe o sol, quando ele atravessava Peniel (v. 30, 31)**. Que experiência maravilhosa. Depois de uma noite de lutas, um novo dia, um novo nome, uma nova vida! Nasceu-lhe o sol. Agora uma nova certeza. Que o sol nasça para cada um de nós também.

É interessante notarmos ainda que ao sair da experiência com Deus Jacó mancava. Isto é, Jacó tinha uma clara marca de que fora tocado por Deus. E é isso mesmo que acontece! Quando Deus nos toca, quando nos transforma, não é possível esconder. Todos podem ver. E, finalmente, o verso 32 nos diz que os israelitas não comiam o nervo do quadril dos animais, provavelmente o nervo ciático, pois foi nessa articulação que Jacó fora tocado por Deus.

Pode ser que Jacó tenha praticado posteriormente alguns dos truques de antes, levado naturalmente pela fraqueza. Mas ele, o homem novo que saiu do vale de Jaboque, o homem chamado Israel, jamais seria o mesmo.

## O encontro de Jacó com Esaú

### Gn 33.1-20

O primeiro verso do capítulo 33 diz: **Levantando Jacó os olhos, viu que Esaú se aproximava, e com ele quatrocentos homens. Então, passou os filhos a Lia, a Raquel e às duas servas**. Jacó queria saber quais eram as intenções de Esaú. Jacó queria saber por que Esaú estava acompanhado por 400 homens. Jacó precisava saber se teriam que travar uma batalha por causa das suas desonestidades do passado.

Jacó não imaginava o que se passava no coração do irmão mais velho. Tomou, então, medidas de precaução. Colocou as servas com seus filhos à frente, perfilou Lia e os seus filhos depois e, por fim, colocou Raquel e o pequeno José, organizando assim a sua família (v. 2). Jacó mesmo adiantou-se à comitiva e **prostrou-se à terra sete vezes, até aproximar-se de seu irmão (v. 3)**. Essas sete inclinações demonstravam um sinal de submissão, o cumprimento de um vassalo diante do seu senhor nas cerimônias de uma corte real.

Ninguém sabe a partir de que distância Jacó começou a se prostrar antes de se encontrar com Esaú. Sem saber o que esperar, saiu prostrando-se pelo caminho até que se aproximou de Esaú. Com que coração vinha Esaú que anos antes tinha a intenção de matar o irmão? O que desejava ele agora? Haveria Deus mudado o seu coração? Sim! Foi exatamente que Deus fez!

Deus, assim como mudou o coração de Labão quando vinha furioso matar Jacó, transformou também o coração de Esaú. A reação que Esaú

teve foi uma surpresa para Jacó: **Então, Esaú correu-lhe ao encontro e o abraçou; arrojou-se-lhe ao pescoço e o beijou; e choraram (v. 4)**.

Este é um dos versos mais impressionantes e belos da Bíblia. Os dois irmãos se abraçaram, se beijaram e choraram. Qual foi a causa daquela completa transformação na vida de Esaú? A resposta é Deus. Jacó poderia pensar por alguns instantes que aquela mudança era resultado da sua estratégia de enviar vários rebanhos para aplacar a ira de Esaú, que vinha furioso. Mas não foi isso o que aconteceu.

Jacó se enganou se chegou a pensar assim, porque Esaú mostrou indiferença pelos presentes e pelos rebanhos oferecidos. Não os quis. Rejeitou-os. Então, a sua atitude amiga, amistosa, amável para com o seu irmão Jacó era devido a uma transformação de coração processada, promovida por Deus. É somente Deus que muda os corações.

Os versos 5 a 7 relatam que Esaú levantou os olhos e contemplou as mulheres e os meninos, e quis saber quem eram. Jacó testemunhou dizendo que eram os filhos com que o Senhor Deus o agradara. Foi um bonito testemunho. E, é assim que temos que reconhecer as ações divinas em nosso favor. Temos que nos lembrar que nossos filhos são herança do Senhor (Sl 127.3).

Imagine esta bonita cena: as quatro mulheres e os onze filhos de Jacó curvando-se diante de Esaú, em sinal de submissão, respeito e reverência. Quando Jacó saiu de casa, fugiu da presença de Esaú, pois o tinha enganado, tomando-lhe a bênção. Agora, depois de vinte anos, se reencontravam e, numa atitude humilde, todos se curvaram diante de Esaú pedindo-lhe perdão.

Mais intrigante ainda foi o que Esaú disse a respeito dos presentes: **Qual é o teu propósito com todos esses bandos que encontrei? Respondeu Jacó: Para lograr mercê na presença de meu senhor (v. 8)**.

É perceptível, é fácil ver que a estratégia de Jacó de conseguir mercê, o perdão de Esaú, falhou completamente. Como dissemos antes, Deus pode usar os nossos meios, planos e recursos, quando eles são legítimos, puros, sadios, sem carnalidade, sem duplicidade nas intenções. Deus usa os nossos recursos quando isso lhe agrada. Mas muitas vezes Deus prefere fazer a obra sozinho, sem a nossa intervenção.

Nesse reencontro dos dois irmãos, Deus não usou os recursos de Jacó. Deus, e somente Ele, mudou o coração do irmão mais velho para que

pudesse perdoar o mais novo. Esaú continuou rejeitando a oferta de Jacó, mas este insistiu. O relato dos versos 9 a 11 é significativo:

**9. Então, disse Esaú: Eu tenho muitos bens, meu irmão; guarda o que tens.**

**10. Mas Jacó insistiu: Não recuses; se logrei mercê diante de ti, peço-te que aceites o meu presente, porquanto vi o teu rosto como se tivesse contemplado o semblante de Deus, e te agradaste de mim.**

**11. Peço-te, pois, recebe o meu presente, que eu te trouxe; porque Deus tem sido generoso para comigo, e tenho fartura. E instou com ele, até que o aceitou.**

Que mudança de atitude! Antes os dois brigavam querendo possuir um mais do que o outro, e agora os dois insistiam em ceder, em presentear o outro com seus bens materiais. Houve uma transformação em ambos. E uma mudança assim só é processada por Deus. Conforme as palavras de Jacó ele viu no seu irmão não mais um inimigo, mas o próprio semblante de Deus. É claro que o Senhor estava controlando Esaú e fazendo com que aquele encontro fosse o mais amistoso possível. Certamente o que acontecia ali era o resultado da oração de Jacó no vale de Jaboque. A oração opera, a oração funciona, a oração faz maravilhas.

Vemos, então, os dois irmãos revelando certa indiferença por aquilo que antigamente mais os apaixonava: a riqueza. Depois disso, Esaú ofereceu seus préstimos a Jacó. Queria protegê-lo durante a viagem. Os versos 12 a 15 nos colocam a par de mais um diálogo entre os irmãos:

**12. Disse Esaú: Partamos e caminhemos; eu seguirei junto de ti.**

**13. Porém Jacó lhe disse: Meu senhor sabe que estes meninos são tenros, e tenho comigo ovelhas e vacas de leite; se forçadas a caminhar demais um só dia, morrerão todos os rebanhos.**

**14. Passe meu senhor adiante de seu servo; eu seguirei guiando-as pouco a pouco, no passo do gado que me vai à frente e no passo dos meninos, até chegar a meu senhor em Seir.**

**15. Respondeu Esaú: Então, permite que eu deixe contigo da gente que está comigo. Disse Jacó: Para quê? Basta que eu alcance mercê aos olhos de meu senhor.**

Quanta gentileza. E de ambos os lados havia delicadeza e cortesia. Vemos nesse relato o tratamento amistoso e respeitoso que reinava entre Esaú e Jacó. Nem pareciam mais os irmãos que tanto se odiavam. Aqui, o

respeito e a bondade são recíprocos. Esaú ofereceu a Jacó os seus 400 homens para dar a melhor proteção possível durante o resto da viagem. Jacó agradeceu, apresentando razões perfeitamente lógicas.

A aceitação dos presentes por parte de Esaú demonstrou que não havia mais mágoas em seu coração, era um sinal de que a amizade estava restabelecida. Mas por outro lado, Jacó não aceitou o favor de Esaú. Agradeceu a oferta da companhia de todos aqueles homens, considerando-a desnecessária, e alegou que o seu grupo se deslocava muito vagarosamente, e assim atrasaria o grupo de Esaú.

Jacó disse que estava muito satisfeito só pelo fato de Esaú ter se revelado amigo e demonstrado compreensão. Foi o que mais agradou a Jacó. E assim dispensou qualquer outro tipo de favor no momento.

Nos versos 16 e 17 Esaú voltou para Seir, exatamente pelo caminho de onde viera, e Jacó partiu para um lugar chamado Sucote onde fez uma casa para sua família e palhoças para seu gado.

É assim que Deus faz quando oramos. Os maiores problemas da nossa vida podem desaparecer como névoa quando os levamos até Ele. Aquilo que pareceria ser o maior perigo transformou-se em fator de segurança e proteção. Foi uma noite de oração no vale de Jaboque que transformou Jacó e também Esaú. Os corações mais duros e violentos podem ser mudados pelo poder da oração. Esta é uma experiência que pode acontecer em nossos dias. Deus é o mesmo hoje e a oração tem o mesmo poder sempre.

Vamos ler agora os últimos versos deste capítulo:

**18. Voltando de Padã-Arã, chegou Jacó são e salvo à cidade de Siquém, que está na terra de Canaã; e armou a sua tenda junto da cidade.**

**19. A parte do campo, onde armara a sua tenda, ele a comprou dos filhos de Hamor, pai de Siquém, por cem peças de dinheiro.**

**20. E levantou ali um altar e lhe chamou Deus, o Deus de Israel.**

Muitos acreditam que Jacó não deveria ter se dirigido logo para Siquém. Poderia ter ido diretamente a Betel, onde teve aquela experiência tão boa com Deus. Mas ele dirigiu-se aquela cidade. O mais certo seria mesmo voltar a Betel, porém temos de lembrar que Jacó estava dando os primeiros passos na nova vida, na vida de Israel. Ele seguiu para Betel, mas somente depois de alguns acontecimentos trágicos.

Siquém é como se fosse o caminho para Betel. Ele estava indo passo a passo na direção de Betel e na sua vida espiritual. O crescimento espiritual nem sempre vem logo. Vemos a vida de Jacó dando muitas voltas até ele se tornar finalmente um homem de fé, um homem de Deus.

Jacó é um desses crentes que chega a plenitude espiritual com muita demora, mas chega. O pior na vida de muitos crentes é que nunca alcançam à maturidade, aquela firmeza na vida espiritual e na fé. Jacó foi chegando aos poucos, mas por fim chegou, e é isso que importa.

No itinerário rumo a uma vida vitoriosa, Jacó ainda enfrentaria muitas dificuldades. Siquém, o lugar escolhido para morar na terra de Canaã, trouxe-lhe grandes problemas. A experiência que teve naquela cidade nos mostra o quão perigoso é estarmos no lugar errado em nossas vidas. Não me refiro exatamente ao lugar onde moramos, mas ao estado espiritual em que nos encontramos.

A nossa vida é uma peregrinação, é uma jornada. Passamos por muitas experiências, e algumas delas são bem perigosas. A peregrinação do crente é espiritual e por isso está sujeita aos perigos, visto que as verdadeiras ameaças estão exatamente no mundo espiritual. Temos que estar certos sobre o nosso desenvolvimento espiritual. Temos que estar seguros das pessoas com as quais nos relacionamos. Temos que saber que influência espiritual elas têm sobre nós e que influência exercemos sobre elas.

Jacó estava crescendo espiritualmente, mas paulatinamente. E no verso final vemos um ato espiritual e maduro de Jacó: **E levantou ali um altar e lhe chamou Deus, o Deus de Israel (v. 20)**. Com o crescimento vem a maturidade e os frutos começam a aparecer. Que procuremos sempre os meios adequados ao nosso crescimento espiritual; que busquemos a intimidade com Deus.

## O conflito entre os filhos de Jacó e os siquemitas
### Gn 34.1-31

No capítulo 34 de Gênesis vamos focalizar mais uma etapa da vida de Jacó. A vida desse homem é cheia de incidentes e por isso sempre desperta interesse. Não somente a sua, mas também a de sua família. Estamos diante de um capítulo de fatos muito tristes, mas que nos ensinam lições relevantes.

O contraste entre o culto prestado a Deus e o comportamento errado que será visto neste capítulo é marcante. Ao invés de se estabelecer em Siquém (33.18-20), Jacó deveria ter mudado para Betel. O relato desses versos é triste sobretudo porque não há, em momento algum, a menção de Deus.

Tal situação nos adverte em relação ao lugar onde moramos, com quem nos associamos e onde e com quem nos assentamos. Você deve se lembrar das palavras do Salmo 1.1: **Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, que não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores**.

Jacó disse a Esaú que o seguiria até Seir, e mais uma vez não foi fiel à sua própria palavra. Foi para a terra de Sucote, onde habitou. De lá, ao invés de ir para Betel, onde tivera a visão da escada celeste, foi para Siquém. Comprou ali terras e foi morar defronte da cidade.

Os versos 1 a 4 dizem:

**1. Ora, Diná, filha que Lia dera à luz a Jacó, saiu para ver as filhas da terra.**

**2. Viu-a Siquém, filho do heveu Hamor, que era príncipe daquela terra, e, tomando-a, a possuiu e assim a humilhou.**

**3. Sua alma se apegou a Diná, filha de Jacó, e amou a jovem, e falou-lhe ao coração.**

**4. Então, disse Siquém a Hamor, seu pai: Consegue-me esta jovem para esposa.**

Todos nós entendemos o que aconteceu e vemos, mais uma vez, a Bíblia condenando o abuso sexual tão praticado também em nossos dias. Basta ver quantos são os casos e as reportagens sobre a violência sexual. Quantas mulheres têm sofrido esse crime e quanto a justiça tem sido falha em punir os culpados. Mas, veja bem, esse não é um pecado novo, dos nossos dias.

Aqui temos um caso daqueles tempos remotos, demonstrando que a natureza corrompida e perversa do homem teve início na queda. No decorrer do texto verificamos todas as conseqüências funestas de um ato brutal de um jovem pertencente à camada mais alta da sociedade. Quanta tristeza e quanto sofrimento um jovem dominado por seus prazeres pode trazer às famílias!

Esse moço, chamado Siquém, filho do príncipe Hamor, por ser muito apressado e inconseqüente, trouxe sobre si, sobre sua família, sobre a família de Jacó e sobre todos os siquemitas uma tragédia sem precedentes. Tudo indica que lhe faltou moderação, paciência e o autocontrole que todo jovem precisa ter para, então, se casar normalmente. É que muitos se esquecem dos sentimentos e dos direitos dos outros, e por isso ultrajam tudo e todos, colocando os seus interesses e paixões acima de qualquer coisa.

Siquém tinha amor por Diná. Seu coração se apegou a ela. Ele pediu, então, a Hamor, seu pai, que conversasse com Jacó para que sua filha Diná se tornasse sua esposa. Mas todo esse amor, toda essa paixão, jamais deveria tê-lo levado a um ato precipitado, violentando a moça. Poderiam até ter se casado e acontecer uma aliança entre as duas famílias. Mas infelizmente a atitude impensada e precipitada de Siquém pôs tudo a perder.

Os versos 5 a 7 nos fornecem a seqüência da história:

**5. Quando soube Jacó que Diná, sua filha, fora violada por Siquém, estavam os seus filhos no campo com o gado; calou-se, pois, até que voltassem.**

**6. E saiu Hamor, pai de Siquém, para falar com Jacó.**

**7. Vindo os filhos de Jacó do campo e ouvindo o que acontecera, indignaram-se e muito se iraram, pois Siquém praticara um desatino em Israel, violentando a filha de Jacó, o que se não devia fazer.**

Todos nós sabemos o que uma situação como esta causa em qualquer tempo e até mesmo em nossos dias. Muitas famílias perdem o controle, ou, como se diz popularmente, perdem a cabeça quando enfrentam um caso semelhante ao de Diná, filha de Jacó.

Diná tinha onze irmãos, que eram do campo. Jacó foi omisso. Não reagiu. Talvez estivesse mais interessado em relacionar-se bem com os poderosos da cidade. Talvez poderia ter contornado a situação, porque numa circunstância como aquela, a melhor saída teria sido mesmo dar a filha em casamento. Ele contornaria a situação e evitaria uma desgraça maior. Se bem que o casamento misto era, e ainda é, contrário a Palavra de Deus. Porém numa circunstância como aquela seria a melhor solução. Se Siquém queria casar-se com Diná, então, que se casasse. E tudo poderia ter sido remediado.

Hamor, o pai de Siquém, com boas intenções, se dirigiu tanto a Jacó como aos irmãos de Diná, dizendo em termos bem amigáveis: **A alma de meu filho Siquém está enamorada fortemente de vossa filha; peço-vos que lha deis por esposa (v. 8)**. E assim propôs uma união entre os povos. O próprio Siquém também disse ao pai e aos irmãos de Diná: **Ache eu mercê diante de vós e vos darei o que determinardes (v. 11)**. Porque queria casar-se, estava disposto a concordar com o que lhe impusessem.

É claro que Jacó não iria aceitar todas as propostas do pai de Siquém, pois estaria comprometendo a sua própria missão de herdeiro da linhagem patriarcal abençoada. Ele não poderia se misturar. Jacó tinha a responsabilidade diante de Deus de manter limpa a sua linhagem. Não deveria misturar-se com os pagãos, com adoradores de deuses estranhos, adoradores de ídolos.

Jacó, porém, poderia ter aceitado a proposta de casamento feita a Diná, porque se tratava de um caso especial e a linhagem patriarcal não se daria por intermédio de uma filha mulher. Bem, a verdade é que todos aqueles oferecimentos do pai do jovem foram recusados. E a resposta dos filhos de Jacó foi taxativa, conforme vemos nos versos 14 a 16:

**14. Não podemos fazer isso, dar nossa irmã a um homem incircunciso; porque isso nos seria ignomínia.**

**15. Sob uma única condição permitiremos: que vos torneis como nós, circuncidando-se todo macho entre vós;**

**16. então, vos daremos nossas filhas, tomaremos para nós as vossas, habitaremos convosco, e seremos um só povo.**

O que é de lamentar nesta proposta dos filhos de Jacó é que eles não repreenderam e nem condenaram o mau caráter de Siquém, nem o ato de violência que ele havia praticado. Com suas palavras, destacaram apenas a questão da circuncisão, acima do caráter de Siquém. Talvez tenham tratado o assunto dessa maneira, porque já haviam arquitetado a tragédia final.

Eles argumentaram que pelo ato da circuncisão os habitantes da terra se tornariam prosélitos do judaísmo. Pertenceriam à mesma religião da casa de Israel. Mas veja bem, era possível tornar-se um prosélito e continuar tendo um mau caráter. Eles deveriam ter destacado, em primeiro lugar, a necessidade de Siquém viver corretamente e nunca mais cometer desatinos como aquele que certamente poderia ocorrer diante de outro impulso da carne.

Segundo os filhos de Jacó, para que houvesse casamento, seria necessário que se submetessem ao ritual da circuncisão. Então, tudo estaria acertado. Eles estavam errados, como errados estão todos aqueles que pensam que se uma pessoa recebe alguns sacramentos resolve todo o resto. Muitos hoje pensam que podem merecer o perdão divino e até a salvação mediante a prática cerimonial de alguns sacramentos efetuados pelo homem. Encontramos justamente aqui um dos grandes equívocos da religião concebida pelo homem.

Com esses atos, nada muda dentro do ser humano. O sacramento e a ordenança não modificam o homem. Somente quem é transformado pela graça de Deus pode receber os sacramentos ou as ordenanças, porque essas cerimônias são apenas símbolos de uma realidade espiritual que existe de verdade na vida do crente.

É por isso que podemos dizer que os filhos de Jacó estavam cometendo um sacrilégio, pois esvaziaram o sinal da aliança do seu significado religioso (17.10-11), e abusaram dele com a intenção de cometer um ato de vingança. Na verdade, os filhos de Jacó, ao responderem com falsidade e com segundas intenções, fizeram valer o ditado popular que diz, "tal pai, tal filho".

Ora, como a prática da circuncisão poderia alterar o caráter de Siquém e dos seus conterrâneos? E nos dias atuais o que pode fazer um sacramento no sentido de transformar o coração do homem? Só Deus pode regenerar e salvar o ser humano.

Quando temos alvos claros e sinceros, quando desejamos obedecer corretamente ao Senhor, quando nossas intenções são explícitas e transparentes, aprendemos que é necessário tratar claramente a questão do coração, do caráter, da vida de intimidade com Deus, e não apenas do exterior, aquilo que se pode ver com olhos humanos.

Mas o texto prossegue e vemos nos versos 18 a 19 a reação de Hamor e de Siquém: **Tais palavras agradaram a Hamor e a Siquém, seu filho. Não tardou o jovem em fazer isso, porque amava a filha de Jacó e era o mais honrado de toda a casa de seu pai**. E logo foram à porta da cidade para declarar aos líderes do povo as exigências dos filhos de Jacó. E todos concordaram sem fazer qualquer objeção.

Aquela proposta foi aceita à porta da cidade, porque era a maneira pela qual as decisões coletivas eram tomadas naqueles dias Mas vemos aqui

também uma religião de interesse material. Os homens daquela cidade não tiveram a menor resistência de se submeterem à circuncisão. Era somente aquilo? Qual era o problema? Não existia problema. Era uma mera cerimônia religiosa que não afetaria em nada a vida deles.

Um dos interesses que eles tinham era o carnal, pois aqueles homens queriam casar-se com as moças diferentes que tinham vindo de Padã-Arã, na comitiva de Jacó. Um outro interesse era o comercial, pois desejavam desfrutar da riqueza que Jacó tinha formado duramente em Harã, na casa de Labão. Não haveria nenhuma transformação interior.

Muitas igrejas crescem fácil e rapidamente quando não requerem de seus membros uma experiência verdadeira de salvação em Cristo. O que Jesus disse a Nicodemos serve para todos os homens: para se entrar no reino de Deus é preciso conversão e isso implica em arrependimento e fé. É preciso ser regenerado, é preciso nascer de novo, ter uma vida nova em Cristo (Jo 3.3). Isto não é reencarnação, porque ela não existe. Existe renascimento espiritual, que é a conversão, a mudança de vida.

Mas agora vamos ver como terminou este episódio tão triste. Houve algo repugnante que mostra a que ponto pode chegar o homem num momento de fúria, de raiva e de vingança. Levados pelo sentimento de ódio e, quem sabe, temendo que os moradores daquele lugar concretizassem a idéia de tomar toda a riqueza de seu pai, dois dos filhos de Jacó, irmãos de Diná, mataram os moradores daquela cidade.

O verso 25 nos diz que **ao terceiro dia, quando os homens sentiam mais forte a dor, por causa da circuncisão, dois filhos de Jacó, Simeão e Levi, irmãos de Diná, tomaram cada um a sua espada, entraram inesperadamente na cidade e mataram os homens todos**. Eles também levaram cativas mulheres e crianças.

Não é preciso dizer o quanto tudo isso foi lamentável. Nada pode justificar uma ação violenta como aquela. Os filhos de Jacó cometeram um crime incomparável. Eles estavam colocando em prática a parte final do plano maléfico. Talvez com medo da acolhida de Hamor e de Siquém que poderiam estar armando uma emboscada, um ardil para tomarem as riquezas de Jacó, os filhos de Jacó anteciparam o que poderia acontecer e cometeram aquele desatino, matando a todos.

Simeão e Levi eram irmãos legítimos de Diná. Eram filhos de Jacó e de Lia. Eles não se conformaram, guardaram rancor e, depois de planejarem, entraram na cidade e fizeram aquele morticínio.

Os filhos de Jacó tinham um tipo de religião muito rudimentar. Além disso, vinham da casa de Labão, de um ambiente onde não havia o temor de Deus, o que esclarece o fato do ressentimento de Simeão e Levi ter se transformado em matança. Essa vingança descabida, essa retaliação brutal, esse pecado injustificado trouxe terríveis conseqüências para Simeão e Levi, pois seus descendentes foram espalhados por lugares distantes, como veremos em 49.7, quando Jacó impetrou a bênção a seus filhos pouco antes de sua morte.

No final do capítulo, os versos 30 e 31 nos relatam a repreensão de Jacó a Simeão e a Levi, não porque eles tivessem errado, mas porque aquela atitude vingativa poderia prejudicá-lo e também a todos os seus.

Mas a defesa de Simeão e Levi diante da advertência do pai foi esta: **Abusaria ele de nossa irmã, como se fosse prostituta? (v. 31)**. Levi e Simeão responderam ao pai tentando se justificar, mas ao mesmo tempo sendo arrogantes diante da aparente passividade de Jacó.

E as palavras do pai sobre as ações dos filhos não convenceu ninguém. Ele estava com medo da repercussão e das conseqüências daquele ato criminoso. Repreendeu os filhos, mas pelo motivo errado. Estava preocupado consigo mesmo e não em educá-los corretamente. Ora, é fácil percebermos que Jacó estava errado em julgar o caso apenas por este aspecto. Jacó deveria ter condenado o ato, a ação criminosa deles, e não se preocupar apenas com as conseqüências que poderia vir a sofrer.

O pecado deve ser combatido ou condenado de qualquer forma. Devemos rejeitar o pecado porque ele ofende a Deus. Ao invés de querermos fazer justiça ou vingar-nos com nossas próprias mãos, temos que confiar e deixar Deus exercer a sua justiça. Simeão e Levi deveriam ter dependido de Deus e não tentar fazer justiça com as próprias mãos. O Deus do céu, Deus justo e reto, faz a justiça.

Que Deus nos proteja de agirmos assim. Que Ele mesmo nos capacite a dependermos dele, deixando-O decidir sobre as injustiças que sofremos.

Jacó, nesse episódio, demonstrou passividade ao deixar os filhos tomarem a frente de assuntos que caberiam a ele resolver. Ele estava mais preocupado com as circunstâncias que o cercavam do que em repreender e

ensinar aos filhos os princípios divinos. Ele deveria ter-lhes ensinado a viver uma vida de justiça, paz e santidade. Mas como sabemos, Jacó estava começando a sua nova vida, e ainda tinha muito que aprender.

Mas alguém pode perguntar: Como uma pessoa que foi tocada por Deus e teve até o seu nome mudado ainda pode ter atitudes como as de Jacó? Até mesmo os maiores homens de Deus são capazes de descerem um pouco das alturas espirituais e tomarem decisões erradas. Até os grandes homens de Deus são falhos, cometem erros e pecados. Na verdade, todos nós vamos caminhando e sendo "transformados de glória em glória", na própria imagem de Cristo. Não é algo instantâneo. É algo que acontece depois de muitos erros e acertos! As mudanças na vida cristã normalmente ocorrem através de um processo.

Portanto, mesmo depois de ter tido aquela maravilhosa experiência no Vale de Jaboque, Jacó poderia ainda cair em fraqueza, como caiu em Siquém. Mas isso não quer dizer que ele não tenha experimentado alguma mudança espiritual. E certamente depois dessa experiência em Siquém, Jacó sentiu-se derrotado e viu a falência dos seus próprios recursos.

Ele estava no processo de crescimento e amadurecimento espiritual. Descobrira seus erros, mas ainda não tinha descoberto a fé verdadeira. Tanto é que depois de encontrar Esaú, depois da experiência em Peniel, no Vale de Jaboque, disse ao irmão que iria se encontrar com ele em Seir. Mas não foi o que aconteceu. Ainda usou de engano e esperteza, porque tomou um rumo diferente para Sucote e dali para a cidade de Siquém, onde aconteceu toda a tragédia. A fé lhe faltou, senão teria partido para Seir e depois para Betel. Era o rumo certo, era o rumo da fé, mas ele seguiu a direção errada, o rumo indicado pela própria mentalidade humana.

Muitos perguntam se depois que a pessoa se converte a carne pecaminosa desaparece. A verdade é que a carne, a antiga natureza, a natureza má, não desaparece. Ela pode ser crucificada, pode ficar inativa, mas sempre volta a operar na vida da pessoa, sempre que se sente solta e livre, sempre que é alimentada. Então, o crente precisa ficar sempre alerta para não dar lugar à carne, para não satisfazer os desejos humanos do seu coração.

## Jacó em Betel, o nascimento de Benjamim e a morte de Raquel

**Gn 35.1-29**

Assim como o crente que ainda sofre as investidas da velha natureza, Jacó descobriu que aquele desagradável acontecimento ocorrido em Siquém revelava a necessidade de firmar-se ainda mais em Deus. Jacó descobriu que o seu lar não estava em ordem. Quem mandava eram os filhos. Imagine só a situação. Eram onze rapazes e parece que cada um queria mandar. Por esse motivo aconteceu aquele lamentável massacre. De qualquer forma, Jacó viu que tinha que imprimir ordem na família. E foi o que procurou fazer a partir daquele desastre.

No capítulo 35 vemos Jacó levantar-se pela fé, graças ao chamado de Deus: **Disse Deus a Jacó: Levanta-te, sobe a Betel, e habita ali; faze ali um altar ao Deus que te apareceu quando fugias da presença de Esaú, teu irmão (v. 1)**.

Deus mandou Jacó voltar para Betel, lugar onde teve a sua primeira grande experiência com Ele. Aquele era o lugar certo para Jacó. Ele deveria voltar para lá. Certamente depois dessa ordem de Deus, "levanta-te, sobe a Betel", ele se lembrou que tinha feito um voto em Betel (28.20-22), quando estava fugindo de Esaú e teve a visão da escada.

Nos versos 2 e 3, Jacó passou a ter o controle sobre sua família e assumiu o papel de líder:

**2. Então, disse Jacó à sua família e a todos os que com ele estavam: Lançai fora os deuses estranhos que há no vosso meio, purificai-vos e mudai as vossas vestes;**

**3. levantemo-nos e subamos a Betel. Farei ali um altar ao Deus que me respondeu no dia da minha angústia e me acompanhou no caminho por onde andei.**

Ele passou a ter voz ativa, transmitiu uma ordem, uma determinação, assumiu a direção da família. E isso era necessário. Como qualquer instituição, o lar, a família precisa de liderança. Assim Jacó tomou nas mãos as rédeas do lar e passou a comandar todas as decisões. A ordem que ele dava agora à sua família e a todos os que com ele estavam tinha um custo, porque o arrependimento envolve a renúncia de qualquer coisa que atrapalhe a adoração e o culto a Deus. O pré-requisito fundamental do culto e celebração da aliança era a lealdade exclusiva a Deus.

A referência aos deuses estranhos no texto poderia indicar que Raquel ainda conservava consigo aqueles ídolos familiares que tinha furtado de seu pai. O próprio Jacó nada sabia, mas sem dúvida aqueles ídolos

deveriam estar sendo adorados, e por isso é que deveriam ser lançados fora.

Jacó foi obedecido e o verso 4 nos diz que deram a ele **todos os deuses estrangeiros que tinham em mãos e as argolas que lhes pendiam das orelhas; e Jacó os escondeu debaixo do carvalho que está junto a Siquém**.

Essa passagem deve levar você a refletir sobre a presença desses ídolos na sua vida. Existem ídolos feitos pelos homens, mas existem ídolos também dentro dos nossos corações. São aquelas coisas que guardamos lá no fundo, que sabemos que não agradam a Deus. Qualquer coisa que toma o lugar Dele em nossos corações é um ídolo.

Quando Jacó ordenou "lançai fora os deuses estranhos", também ordenou "purificai-vos e mudai as vossas vestes". Precisamos de vestes novas para entrarmos em Betel, isto é, em comunhão com Deus. Para vivermos em comunhão com Ele, temos de viver com vestes limpas, abandonar os nossos maus hábitos, os nossos pecados.

Jacó tinha a intenção de levantar um altar a Deus relembrando a proteção divina que o tinha alcançado no dia da angústia e o acompanhara por todo o caminho onde andara.

Aqui vemos Jacó com um plano maravilhoso. Abraão era o amigo de Deus, que levantava altares ao Senhor por onde quer que fosse. Isaque também levantou altares a Deus. Agora Jacó estava iniciando essa mesma prática. Isso revelava a sua fé, a sua consagração a Deus. Ele estava procurando andar pelos caminhos da fé. Poderia ter crescido muito mais, é verdade. Mas Deus mandou novamente Jacó recomeçar em Betel. Muitas vezes temos que retroceder um pouco. Precisamos recuar para avançar depois. Deus sempre nos manda para o lugar onde começamos uma nova fase em nossa vida espiritual.

O verso 5 relata: **E, tendo eles partido, o terror de Deus invadiu as cidades que lhes eram circunvizinhas, e não perseguiram aos filhos de Jacó**. Vemos aqui Deus protegendo seu povo, atemorizando os habitantes das cidades vizinhas. Os métodos usados por Deus para proteger os seus escolhidos são os mais diversos. Tudo está nas mãos do Senhor. Não há limite para o seu poder. Deus usa o temor como poder para paralisar os pés dos inimigos do povo de Deus.

Os versos 6 e 7 relatam que Jacó chegou a Luz, chamada Betel, na terra de Canaã, e ali edificou um altar e chamou o lugar de El-Betel, **porque ali Deus se lhe revelou quando fugia da presença de seu irmão (v. 7)**. Ao construir este altar, a família patriarcal reconheceu as promessas da aliança e consagrou a terra prometida. O culto regular seria crucial se quisessem manter a separação religiosa dos vizinhos cananeus.

O nome que Jacó deu ao lugar, El-Betel, quer dizer "o Deus de Betel", numa prova do seu crescimento espiritual. Cada vez ele conhecia melhor a Deus. Tinha passado mais de vinte anos na casa do seu tio Labão e sua volta a Betel, agora que era um homem maduro em idade, deveria indicar que se transformara num mestre, mas Jacó estava ainda aprendendo as coisas rudimentares. Quanto tempo perdemos andando por caminhos que não agradam a Deus! Que possamos evitar esses caminhos e conhecer Deus melhor a cada dia.

O texto prossegue e o verso 8 diz: **Morreu Débora, a ama de Rebeca, e foi sepultada ao pé de Betel, debaixo do carvalho que se chama Alom-Bacute**. Jacó estava voltando para aquela terra onde havia deixado os seus pais. Certamente Débora, a serva de Rebeca, tinha servido Jacó quando este era pequeno e, depois de uma longa vida de serviço, foi sepultada ao pé de Betel. Sobre a morte de sua mãe Rebeca, a Bíblia não fala nada, mas aponta o local de sua sepultura, na caverna de Macpela, onde todos os patriarcas foram sepultados (49.31).

Débora teve uma vida sem grandes destaques, porém foi possível extrair o seu testemunho: uma mulher que serviu! Quantas vidas preciosas passam desapercebidas aos olhos humanos. Mas essas vidas simples e humildes merecem o destaque do próprio Deus! Que nossas vidas possam ser assim!

Os versos 9 a 15 nos falam de mais uma experiência especial de Jacó com Deus:

1. O Senhor aparece a Jacó como Deus Todo-Poderoso, o El Shaddai.
2. O Senhor novamente abençoa a Jacó.
3. O Senhor reafirma a mudança do nome de Jacó para Israel.
4. O Senhor ordena que seja fecundo e multiplique-se.
5. O Senhor confirma a promessa de Jacó ser origem de uma nação e numerosas nações.
6. O Senhor confirma a promessa de reis procederem de Jacó.

7. O Senhor promete a Jacó e a sua descendência a posse da terra, que Ele tinha dado a Abraão e a Isaque.

A reação de Jacó diante dessas promessas e confirmações especiais, a sua resposta está nos versos 14 e 15: **Então, Jacó erigiu uma coluna de pedra no local onde falara com ele; e derramou sobre ela uma libação e lhe deitou óleo. Ao lugar onde Deus lhe falara, Jacó lhe chamou Betel**. Jacó não teve outra atitude senão erguer um altar, ungindo-o com óleo, confirmando o novo nome daquele local: Betel, a casa de Deus!

Para o crescimento espiritual, as experiências com Deus são indispensáveis. Foram poucos os altares levantados ali por Jacó. Pouca era também a sua experiência e maturidade espiritual. Mas Deus relembrou a Jacó a mudança de nome que estava ligada também a sua mudança de natureza. Trocado o nome, mudada seria a sua natureza. Deus voltou a dizer isso a Jacó.

Os versos 16 a 21 nos falam da morte de Raquel, a esposa querida, amada e predileta de Jacó, agora chamado de Israel. Mas na sua morte, Raquel teve a oração feita por ela, em 30.24, respondida. Deu a Israel um outro filho, Benjamim, que significa "filho de minha mão direita", no sentido de que ele se tornaria o preferido de Israel, o caçula dos doze filhos, completando assim o número patriarcal das doze tribos da futura nação israelita.

A vida de Raquel tem lições para todos nós e, portanto, deve ser conhecida. Ela foi muito amada por Jacó que teve sempre uma atitude bem tolerante para com ela e soube ser um esposo compreensivo. Raquel foi protegida pelo marido (33.2), quando Jacó organizou sua comitiva nos momentos que antecederam o reencontro com Esaú. Ele colocou todos os seus dez filhos e suas mulheres na frente, deixando Raquel e José atrás, para que nada sofressem naquele encontro com Esaú.

Sem dúvida a morte de Raquel, ao dar a luz Benjamim, marcou Jacó profundamente. Quando agonizava, ela sugeriu que o nome do menino fosse Benone, que quer dizer dor, tristeza, sofrimento, mas Jacó não quis. E assim escolheu o nome de Benjamim que quer dizer mão direita, apoio, suporte, escora, ajuda, provavelmente reconhecendo que em Raquel tivera todo o apoio e ajuda quando mais precisou. Olhando para Benjamim, Jacó tinha uma grande recordação da sua querida esposa Raquel. Era um pedaço

do seu próprio coração. Benjamim tornou-se a melhor recordação que Jacó tinha de Raquel, sua amada esposa.

O verso 20 diz que Jacó levantou sobre a sepultura de Raquel uma coluna que existe até o dia de hoje. Esse relato demonstra o quanto sua esposa significava para ele. Ela era uma criatura valiosa, merecendo um monumento na sua sepultura. De fato, um homem que levava uma vida tão rude como Jacó só podia considerar Raquel a criatura mais doce e mais significativa deste mundo.

O nome de Raquel aparece ainda em Gênesis 46.19-22, onde lemos que ela deu a Jacó os filhos José e Benjamim e mais doze netos. Em 48.7 temos o relato da sua morte e seu sepultamento no caminho de Efrata. Em Rute 4.11 e 1Samuel 10.2 o seu nome é usado como referência e, finalmente em Jeremias 31.15 e Mateus 2.18 Raquel é mencionada na profecia quando Herodes mandou matar todos os meninos abaixo de dois anos, ao saber da notícia do nascimento de Jesus Cristo, o verdadeiro Rei dos judeus. Que a vida de Raquel, nos seus acertos, seja um exemplo para todos nós.

O verso 22 narra o que era o reflexo, a conseqüência, o resultado de vidas anteriormente sem a presença e o controle do Senhor: **E aconteceu que, habitando Israel naquela terra, foi Rúben e se deitou com Bila, concubina de seu pai; e Israel o soube**. Depois da alegria pelo nascimento do filho caçula, Benjamim, Israel passou pela tristeza de ver o filho mais velho, Rubén, desrespeitá-lo e cometer o grave pecado de possuir a sua concubina, Bila, a serva de Raquel.

Para satisfazer a sua lascívia e reivindicar de modo arrogante a sua posição e os seus direitos de primogenitura, Rúben cometeu esse desatino, trazendo como penalidade sobre si e sua descendência exatamente a perda da condição legal de primogênito, conforme veremos em 48.1, onde a dupla porção de herança passou para as mãos de José, através de seus filhos Manassés e Efraim. Rúben perdeu também sua posição de liderança que foi transmitida a Judá, seu irmão (49.3, 4). Que Deus não permita termos atitudes como essa em que nos precipitamos na busca de algo que Deus já nos deu. Que possamos sempre aguardar o tempo do Senhor!

Nos versos finais deste capítulo encontramos a menção nominal dos doze filhos de Israel: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zebulom, filhos

de Lia; José e Benjamim, filhos de Raquel; Dã e Naftali, filhos de Bila, serva de Raquel; Gade e Aser, filhos de Zilpa, serva de Lia.

Mas nos versos 27 e 28 encontramos também o registro do reencontro de Jacó com Isaque, seu pai, em Hebrom, provavelmente quando este já estava no final dos seus dias. Temos o registro da morte de Isaque, seu pai, que morreu aos 180 anos. O verso 28 diz que ele morreu "farto de dias", expressão que significa que teve uma vida frutífera, apesar de que, depois de sua tentativa de abençoar Esaú, em 27.1-4, a sua história não foi mais registrada.

O sepultamento de Isaque merece destaque. Assim como na morte de Abraão, quando Ismael e Isaque se reuniram, aqui também vemos Esaú e Jacó juntos, indicando o respeito dos dois filhos pelo patriarca mesmo tendo falhado várias vezes.

## A descendência de Esaú

### Gn 36.1-43

Gênesis 36 nos mostra resumidamente a vida e a descendência de Esaú. Embora por toda a Bíblia apareçam outras citações de Esaú como Edom e Seir, que são nomes sinônimos e descrevem o mesmo povo, esse é o último capítulo em que temos um trecho mais extenso de sua história e sua descendência de príncipes e reis.

A Bíblia enfatiza mais a vida de Jacó e a sua descendência do que a de Esaú, porque através dela é que veio Jesus Cristo, o único caminho para a salvação do ser humano. A Bíblia é a revelação do plano divino relativo à salvação do homem. E nesse objetivo, as suas narrativas mostram as ações de Deus e dão destaque à história da descendência que trouxe as boas novas do evangelho, as boas novas da salvação em Jesus de Nazaré, o Cristo, o Deus encarnado, Salvador e Senhor de todos os que Nele crêem.

Assim, para que nossa compreensão seja completa, é importante percebermos que Esaú e Jacó, por serem irmãos, sobreviveram através das nações de Edom, ou Seir, e Israel, ou Jacó, e em todo o Antigo Testamento tal fato nunca foi esquecido. Portanto, o capítulo 36 é uma testemunha clara desse parentesco que posteriormente será visto como odioso e conflitante. As rusgas, as desarmonias e as disputas que ocorreram entre os dois irmãos passaram para as suas descendências e provocaram situações

de grandes conflitos entre os dois povos de tal maneira que nunca mais se reconciliariam.

Os versos 1 a 3 dizem: **São estes os descendentes de Esaú, que é Edom. Esaú tomou por mulheres dentre as filhas de Canaã: Ada, filha de Elom, heteu; Oolibama, filha de Aná, filho de Zibeão, heveu; e Basemate, filha de Ismael, irmã de Nebaiote**. Nesses três versos iniciais, onde é apresentada a descendência de Esaú, podemos destacar:

1. Os nomes das esposas de Esaú, Ada, Oolibama e Basemate. Alguns comentaristas dizem que Basemate talvez fosse um outro nome para Maalate, que aparece em 28.9.
2. Quando comparamos os v. 1-3 com 26.34, onde é mencionado também o nome de Judite, alguns estudiosos crêem que é possível entender que Esaú teve quatro esposas, ao invés de ter três, como é apresentado aqui.
3. Não sendo Esaú o ramo mais importante da genealogia de Isaque, o nome de suas esposas provavelmente foi confundido ou trocado nas diversas listas em que foram registrados.
4. Certamente Esaú se aparentou com a família de Elom, o heteu ou hitita, e com a família de Ismael, seu tio, irmão de Isaque.
5. Esaú teve casamentos distantes do padrão que o próprio Deus tinha recomendado aos patriarcas. Eles deveriam ser feitos dentro da linhagem familiar patriarcal.

Com esses destaques, percebemos que Esaú estava distante de Deus, e conseqüentemente distanciou-se também de sua origem familiar. Infelizmente esse é o retrato daquele que despreza as bênçãos divinas. Você se lembra com que desprezo ele tratou o seu direito de primogenitura? Quando não valorizamos aquilo que Deus faz em nosso favor certamente colhemos tristes conseqüências. Que Deus nos proteja de sermos ingratos para com Ele e suas bênçãos!

Mas o texto prossegue, e nos versos 4 e 5 encontramos os nomes dos filhos de Esaú: Elifaz, filho de Ada; Reuel, filho de Basemate ou Maalate; Jeús, Jalão e Cora, filhos de Oolibama. Todos nasceram na terra de Canaã.

Através dos filhos de Esaú, uma grande descendência foi formada. Muitos desses nomes aqui mencionados ainda são usados hoje pelos povos árabes. Os descendentes de Esaú formaram uma grande nação chamada Edom, no lugar conhecido atualmente como o grande deserto da Arábia. A

nação dos edomitas foi mencionada muitas vezes na Bíblia principalmente na época dos profetas.

Neste capítulo pelo menos três vezes é citado o fato de que Esaú é o pai da nação chamada Edom. No verso 8, por exemplo, lemos o seguinte: **Então, Esaú, que é Edom, habitou no monte Seir**. Como vemos desde o início, quando Esaú ainda estava na casa dos pais, ele era um grande caçador que vivia fora de casa e assim desprezava as coisas espirituais. Isso sempre o acompanhou em sua vida.

Embora Esaú tivesse uma atitude de desprezo pelas bênçãos do Senhor, o que vemos relatado nos versos 6 a 8 é algo impressionante, pois Deus, mesmo assim, abençoou Esaú de tal maneira que os seus bens também foram muitíssimos. Ele mesmo testemunhou isso, em 33.9, quando agradeceu pelos presentes que Jacó insistia em lhe dar: **Então, disse Esaú: Eu tenho muitos bens, meu irmão; guarda o que tens**.

Podemos constatar que o retorno de Jacó a Manre, na terra de Canaã, confirmou a decisão de Esaú de mudar-se permanentemente para Seir, porque a terra não podia conter os dois irmãos com suas posses e riquezas: **Porque os bens deles eram muitos para habitarem juntos; e a terra de suas peregrinações não os podia sustentar por causa do seu gado. Então, Esaú que é Edom, habitou no monte Seir (v. 7, 8)**.

Na verdade, podemos entender que, separados em espírito, Jacó e Esaú iriam separar-se também geograficamente, como vemos em 33.16, quando Esaú voltou pelo mesmo caminho para Seir, depois de reatar relações com seu irmão.

Esaú e Jacó enfrentavam naquele momento o mesmo problema de Abraão e Ló. A terra se tornou pequena para eles, para viverem juntos, e por isso tiveram que separar-se. Cada um deles possuía muitos bens, muita riqueza. Mas Esaú abandonou a terra prometida indo habitar no monte de Seir, fato que significa ter abandonado a sua própria casa, levado por interesses econômicos.

Nos versos 9 a 19, encontramos a relação dos filhos e dos netos de Esaú. Sete destaques devem ser feitos para melhor compreensão:

1. Nos versos 15 a 18 temos a menção de doze príncipes que se originaram de Esaú, assim como de Jacó doze tribos formaram a nação israelita.
2. A menção de Elifaz, o primogênito de Esaú, que teve como seu primogênito Temã (v. 11), é importante, pois um dos amigos de Jó

chamava-se Elifaz, de Temã (Jó 2.11), sendo que o próprio Jó provinha da terra de Uz (Jó 1.1). Portanto, é provável que Jó fosse edomita ou pelo menos morasse em Edom (v. 28).

3. A menção do neto de Esaú, Amaleque, filho de Elifaz com sua concubina Timma (v. 12), é significativa, pois Amaleque se tornaria um dos mais cruéis inimigos de Israel.
4. Muitos estudiosos entendem que as tribos que estão no deserto são descendentes dos amalequitas. Eles se estenderam em várias direções, cresceram bastante no tempo da queda de Cartago, e depois da proeminência da igreja, quando o cristianismo cresceu muito no norte da África. Todas aquelas tribos foram na direção do norte da África, e agora, muitas delas se reúnem no Marrocos. Pertencem à família de Esaú e procedem de Agar e de Abraão. Houve casamentos entre as diversas tribos, mas todos são amalequitas. Todos os amalequitas e os pereseus são descendentes de Esaú e formaram as tribos árabes que vivem no norte da África.
5. Por pertencerem à mesma família que foi originada em Abraão são também parentes de Israel. Então, esses povos são irmãos e não deveria haver antagonismo entre essas nações. Quer queiram, quer não, são parentes, são irmãos. Eles pertencem ao mesmo tronco, à mesma família. Ambos são povos semíticos e admitem que são da mesma descendência de Abraão.
6. O capítulo 36 é muito importante por registrar este fato. O espírito de Deus inspirou este texto, e por isto ele é um documento importante.
7. A denominação de tantos príncipes e reis é interessante, porque Esaú nomeou como príncipes boa parte da sua família. É claro que eles deveriam ser pastores de rebanhos de ovelhas, artesãos, fabricantes de louças de barro ou algo semelhante. Porém considerando isso muito pouco para uma família tão importante, eles, os edomitas, passaram a coroar reis. Eis o que diz o verso 31: **São estes os reis que reinaram na terra de Edom, antes que houvesse rei sobre os filhos de Israel**.

Quantas pessoas, quantos nomes, quanto desejo por poder e títulos. Porém, depois desses destaques todos, temos que relembrar que Esaú e sua descendência não eram os escolhidos de Deus para trazer o Messias, o Salvador da humanidade. Ao invés disso, quando Deus disse em Malaquias 1.2-3 que amou Jacó e aborreceu a Esaú, fazia

aproximadamente mil anos que Esaú havia morrido. É lógico que Deus estava se referindo aos seus descendentes, que como o próprio Esaú, continuaram indiferentes a Deus, sempre apaixonados pelas coisas deste mundo, pelas coisas que são passageiras.

Deus conhece os seus descendentes desde o começo e acompanha a trajetória das nações através da história. Deus sabe por que e como deve tratar cada uma das nações. O conhecimento de cada povo, nação e pessoa por parte de Deus é perfeito. Por isso mesmo, no final do Antigo Testamento, essa palavra divina sobre Esaú é muito significativa. O que encontramos no texto é uma sentença extremamente grave. Nos versos 3 e 4 do primeiro capítulo de Malaquias, o Senhor se coloca contra tudo aquilo que esse povo pretenderia fazer:

**3. Porém aborreci a Esaú; e fiz dos seus montes uma assolação e dei a sua herança aos chacais do deserto.**

**4. Se Edom diz: Fomos destruídos, porém tornaremos a edificar as ruínas, então, diz o Senhor dos Exércitos: Eles edificarão, mas eu destruirei; e Edom será chamado Terra-De-Perversidade e Povo-Contra-Quem-O-Senhor-Está-Irado-Para-Sempre.**

Que palavra impressionante. Que a mão de Deus não esteja contra nós e possamos nos livrar dessa condenação.

## José é vendido por seus irmãos
### Gn 37.1-36

No capítulo 37 temos o relato de um episódio muito significativo, pois através dele a história dos patriarcas começou a adquirir um outro foco. Depois de Abraão, Isaque e Jacó, o nosso quarto personagem entra em cena. Ele é José, conhecido por todos nós como José do Egito.

A história de José é bem detalhada e a Bíblia dedica pelo menos dez capítulos à sua vida por pelo menos duas razões: primeiro, porque José é uma figura honrada, pura, nobre e elevada, um dos vultos mais retos que encontramos nas páginas da Bíblia; segundo, porque se o Espírito Santo dedicou tantas páginas para registrar a história de José, é porque ele é o maior tipo, ou o tipo mais perfeito, da pessoa de Jesus Cristo.

Neste capítulo percebemos que a família de Jacó é diferente da família de Esaú. As duas seguem rumos distintos. Esaú fixou-se em Seir, que é Edom; Jacó em Canaã, a terra prometida por Deus ao seu povo.

Encontramos falhas e erros nos membros de ambas as famílias, mas na família de Jacó há sempre um elemento que representa uma promessa, uma esperança.

Assim, lemos nos versos 1 e 2:

**1. Habitou José na terra das peregrinações de seu pai, na terra de Canaã.**

**2. Esta é a história de Jacó: Tendo José dezessete anos, apascentava os rebanhos com seus irmãos; sendo ainda jovem, acompanhava os filhos de Bila e os filhos de Zilpa, mulheres de seu pai; e trazia más notícias deles a seu pai.**

Vemos aqui que Jacó foi para Canaã, para o sul de Belém, para Hebrom, onde Abraão havia morado. Era um lugar especial para Jacó porque foi ali que Abraão, seu avó, cultivou a sua comunhão com Deus. Mas, na seqüência dos eventos, o nome de um de seus filhos, José, é mencionado com destaque. Ele era o primogênito de Jacó com sua amada esposa Raquel e o ajudante do pai. Seu nome significa "Que o Senhor me acrescente outro filho", conforme vimos em 30.24.

O verso 2 diz que ele tinha dezessete anos. Benjamim, seu irmão, também filho de Raquel, era mais novo. E os outros irmãos, já bem mais velhos, trabalhavam no pastoreio das ovelhas e do gado da família. Os dois mais novos ficavam em casa.

E como vemos aqui, José tinha oportunidade de ir aos campos levar comida para os irmãos e sempre trazia notícias do comportamento deles. As informações eram sempre negativas. O comportamento dos dez irmãos, filhos de Lia, Zilpa e Bila, era preocupante. É impossível termos uma idéia do que eles faziam e que práticas eram tão más que desagradavam a Jacó. Você pode imaginar, dentro de uma família de onze rapazes, quantos nomes pejorativos foram dados a José que cumpria a missão de levar ao pai as notícias dos seus irmãos?

Na seqüência, o verso 3 diz: **Ora, Israel amava mais a José que a todos os seus filhos, porque era filho da sua velhice; e fez-lhe uma túnica talar de mangas compridas**. Podemos ver aqui a história se repetindo. Na casa de Isaque havia a prática não recomendável de ter filhos preferidos. Agora era Jacó que tinha predileção por José, o filho que tivera com Raquel.

A razão dessa preferência era porque José era um filho da velhice de Jacó junto com Raquel, a sua esposa amada. Esses dois fatores faziam com que amasse mais a José do que aos outros. Mas certamente o que agravou o relacionamento entre os irmãos foi a túnica talar colorida, de mangas compridas que Jacó mandou fazer para José. Essa túnica era, como vemos em 2Samuel 13.18, uma vestimenta real. Algo muito especial!

Os pais devem ter muito cuidado para não provocar ciúmes nos filhos. Nenhuma preferência ou favoritismo deve prevalecer. Essa túnica piorou ainda mais a relação dentro de casa. O uso daquele traje especial, daquela túnica multicolorida, era como um insulto para seus irmãos. O verso 4 diz: **Vendo, pois, seus irmãos que o pai o amava mais que a todos os outros filhos, odiaram-no e já não lhe podiam falar pacificamente**.

É possível imaginar o ambiente naquela família. Com certeza não era nada harmonioso. E o resultado da discriminação não foi outro: José era amado pelo pai, mas odiado pelos irmãos. Esse tipo de problema ainda existe em nossos dias. Sim, talvez entre nós estudantes da Bíblia. Existe no lar, no trabalho e na sociedade. Existe por toda parte. E a Bíblia chama isso de pecado. O pecado é a ruína do indivíduo, do lar e, por conseqüência, de toda a nação. E Cristo, nós sabemos, é a única resposta para o problema do pecado.

Os versos 5 a 8 relatam:

**5. Teve José um sonho e o relatou a seus irmãos; por isso, o odiaram ainda mais.**
**6. Pois lhes disse: Rogo-vos, ouvi este sonho que tive:**
**7. Atávamos feixes no campo, e eis que o meu feixe se levantou e ficou em pé; e os vossos feixes o rodeavam e se inclinavam perante o meu.**
**8. Então, lhe disseram seus irmãos: Reinarás, com efeito, sobre nós? E sobre nós dominarás realmente? E com isso tanto mais o odiavam, por causa dos seus sonhos e de suas palavras.**

O que estava acontecendo com José? Por que ele se expunha tanto, contando sonhos como aquele? Estaria ele insultando aos seus irmãos? Certamente, não. É preciso entendermos bem a atitude de José aqui. Pelo que veremos posteriormente, ele tinha um bom caráter, possuía uma personalidade bondosa.

O que acontecia com José era que ele sempre fora uma criança protegida por seus pais. Raquel era a esposa que Jacó mais amava. Durante

muitos anos eles esperaram por uma criança até que veio José, a quem eles amaram de todo coração. Depois, Raquel morreu no nascimento de Benjamim. Então, Jacó concentrou toda a sua afeição nesse menino chamado José. E assim ele tornou-se o filho predileto de Jacó.

Porém se formos atentos, é possível percebermos como as ações de José foram afetando toda a família. No verso 2, parece que José trazia as más notícias apenas dos filhos de Zilpa e de Bila. No verso 4, o ódio contra José já era partilhado por todos os outros filhos de Jacó, isto é, os seis filhos de Lia. E, no verso 10, vemos que o próprio Jacó, seu pai, também o repreendeu pelo sonho que tivera.

Temos de reconhecer que as próprias circunstâncias familiares não favoreciam a formação moral e espiritual desses rapazes. Levado pelo engano de Labão, Jacó foi obrigado a casar-se com Lia, que ele não amava. Depois se casou com Raquel, a moça que ele amava. Ora, os filhos de Lia com Jacó foram vítimas de uma circunstância anormal. É claro que o pai sempre cuidou bem dos filhos e a todos amava, cumprindo para com eles o dever de pai. Mas um homem com duas mulheres, com duas esposas, não leva uma vida normal, principalmente para os filhos. Eles sofreram as conseqüências dessa situação.

José, com dezessete anos, conhecia muito pouco da maldade dos seus irmãos e nem conseguia medir o ódio que sentiam por ele. De modo simples, José ia até o campo conversar com seus irmãos, levar-lhes comida e contar-lhes os seus sonhos, sem nenhuma pretensão de feri-los ou magoá-los. Longe estava de pensar no perigo a que estava exposto quando se juntava a eles.

É possível imaginar que José era o típico rapaz protegido, ou superprotegido, pelos pais e, como tinha uma boa índole, não via maldade nos seus irmãos. Mas sua presença, suas palavras, seus sonhos, despertavam bastante ódio. E o que José ouvia e via de errado no comportamento deles, levava ao conhecimento do pai. Ele fazia isso por obediência ao pai. Seu primeiro dever era para com Jacó, seu pai.

Então, sem medir as conseqüências, ao invés de ter uma atitude de solidariedade para com o grupo de irmãos, relatava todos os erros que cometiam para o pai. Podemos considerar José como um jovem de uma natureza simples, mas isso não significava que não soubesse o que era

errado no comportamento de seus irmãos. Só que ele não imaginava a grande maldade e ódio que havia neles.

Mas os versos 9 a 11 nos dizem que José não sonhou apenas uma vez. Ele teve outro sonho, onde via o sol, a lua e onze estrelas se inclinando perante ele. Ao relatá-lo, seus irmãos ficaram com mais ciúme e Jacó o repreendeu duramente, mesmo considerando o caso consigo mesmo (v. 11).

Apesar da crítica de Jacó, este sonho de José foi muito interessante, porque se cumpriu literalmente. O pai entendia que aquele sonho poderia ser uma profecia que se tornaria realidade mais tarde. Nada era impossível para Deus. José apenas sonhou e contou o sonho. Que culpa tinha de sonhar? Era muito jovem e se sentia livre para contar o que sonhou, sem ter com isso a intenção de insultar alguém. Talvez a sua culpa, mesmo sendo jovem e sem experiência, tenha sido contar de imediato o que sonhava, sem ter primeiro se aconselhado com seu pai, se certificando se era ou não prudente contar para as outras pessoas. Faltou-lhe prudência.

Muitas vezes essa é a grande culpa que os jovens têm. Falta-lhes paciência e prudência. Que Deus nos ajude a sermos bênção para a vida dos mais novos, evitando-lhes problemas e dificuldades. E que os jovens possam entender quanto é sábio se aconselhar com os mais velhos e agir sempre com prudência.

Mas o texto prossegue, e caminhando para a última parte, vemos os v. 12 a 14 que relatam um pedido de Jacó, Israel, a José: **Vai, agora, e vê se vão bem teus irmãos e o rebanho; e traze-me notícias. Assim, o enviou do vale de Hebrom, e ele foi a Siquém (v. 14)**. Os irmãos de José pastoreavam há muitos quilômetros de casa. Eles estavam com seus rebanhos em Siquém. Certamente nos lembramos do que aconteceu em Siquém. Ali houve aquele morticínio arquitetado e executado por Simeão e Levi contra os siquemitas.

Jacó, mesmo em casa, preocupava-se com seus filhos e com seus rebanhos. Então, pediu a José que fosse ver como eles estavam e lhe trouxesse notícias. José prontamente atendeu. Não havia preguiça nem indisposição. Corajosamente se colocou pronto a obedecer. Poderia ter se recusado, alegando que os seus irmãos não o estavam recebendo bem, e que estavam em um lugar muito longínquo. Poderia ter apresentado

qualquer outra desculpa para não ir. Mas não. Colocou-se inteiramente à disposição.

Jacó não deixava que José ficasse em casa sem fazer nada. Desde cedo ele deveria assumir responsabilidades. Apesar de não dar-lhe tarefas tão pesadas quanto às de seus outros filhos, empregava-o certamente para trabalhos mais leves, porque isso faz bem, e é parte do treinamento de uma pessoa. José era corajoso e se dispôs a vencer a distância do campo em busca dos seus irmãos. Mas desta vez, ele se perdeu.

Os versos 15 a 17 relatam:

**15. E um homem encontrou a José, que andava errante pelo campo, e lhe perguntou: Que procuras?**

**16. Respondeu: Procuro meus irmãos; dize-me: Onde apascentam eles o rebanho?**

**17. Disse-lhe o homem: Foram-se daqui, pois ouvi-os dizer: Vamos a Dotã. Então, seguiu José atrás dos irmãos e os achou em Dotã.**

Dotã ficava realmente longe dali, e José teve de ampliar sua caminhada. Ele venceu os obstáculos e as distâncias no cumprimento do dever. Depois de haver procurado bastante por seus irmãos em Siquém, sem encontrá-los, poderia ter voltado para casa, pois recebera informação de que haviam seguido para Dotã. Mas José era perseverante, que é uma característica importante para quem quer conseguir vitória em qualquer missão. José perseverou na busca por seus irmãos até que os encontrou em Dotã.

Mas mal sabia ele o que iria encontrar junto com seus irmãos. Eles ficavam completamente cegos, como feras humanas, quando algo ocorria em desacordo com suas vontades e também quando eram provocados. Ficavam incitados pela inveja e pelo ciúme. Mas estes também são os mesmos sentimentos responsáveis por muitas tragédias em nossa sociedade moderna.

Os versos 18 a 24 nos declaram o plano maldoso que os irmãos de José tramaram, enquanto ele vinha ao encontro deles, trazendo alimentos e querendo saber das novidades. Enquanto José se aproximava, crescia a idéia de matá-lo e entregar o belo traje manchado de sangue a Jacó, alegando que tinha sido morto por um animal do campo.

José foi salvo pelo irmão mais velho, que impediu que os outros o assassinassem. Rubem, que tinha desrespeitado o pai deitando-se com

Bila, a concubina de Jacó, teve uma atitude de sensatez e impediu o assassinato. Não conseguiu frear, contudo, a revolta dos irmãos contra José que finalmente foi despido de sua linda túnica e lançado num poço vazio para morrer à mingua, sem água.

Por mais modesto que você seja, por mais humilde que pareça, nunca poderá ficar livre do ciúme e da inveja das outras pessoas. Ninguém podia ser mais humilde do que Jesus, mas os evangelhos dizem que os homens o condenaram por causa da inveja e do ciúme. Deus condena, na sua Palavra, estes sentimentos violentos da natureza humana. Devemos ter muito cuidado para não nutri-los e ficar alertas para não provocar esses sentimentos nos outros. As conseqüências podem ser desastrosas.

## José é levado para o Egito
### Gn 37.25-36

Antes de entrarmos na análise detalhada do texto, é necessário reconhecermos que Deus sempre teve a intenção de conduzir sua família escolhida ao domínio estrangeiro, para transformá-la numa nação. Em Gênesis 15.13-16, logo no início, Ele revelou essa vontade a Abraão. As razões desse plano de Deus eram bastante claras:

1. Depois de serem escravizados por 400 anos, os israelitas seriam libertos e sairiam com grandes riquezas.
2. "A medida da iniqüidade dos amorreus", isto é, dos cananeus, ainda não tinha chegado ao limite determinado pelo próprio Deus.
3. Canaã acumularia tantos males que não seria mais possível puni-la sem ser através da total eliminação da sua população pecadora, idólatra e que não agradava a Deus. Esse território se tornaria pronto para ser conquistado e ser possuído por uma nova nação, uma nação santa, um reino de sacerdotes do próprio Deus.

Assim, é importante percebermos que através da história de José a seqüência de acontecimentos que levaria Israel ao cativeiro do Egito estava começando a ser colocada em movimento, através das dificuldades que esta família escolhida iria enfrentar. Mas é mais importante ainda reconhecermos que todos os acontecimentos futuros, por mais estranhos que fossem, seriam parte do plano soberano de Deus para atingir o seu ideal de formar para si um povo seu, que seria testemunha da sua graça para com a humanidade.

Temos que entender que a história é o retrato nítido da providência divina. Através da poderosa e soberana mão do Senhor todo o seu plano estava sendo realizado. Mesmo na rejeição do próprio Deus a Israel, seu povo, temos que ver sua maravilhosa mão conduzindo a história. E na "plenitude do tempo", conforme Gálatas 4.4, Deus enviou seu filho Jesus Cristo, nascido de mulher, para nos resgatar, dando-nos gratuitamente e através da fé a bênção da adoção, da salvação, da filiação a Deus.

Nos primeiros versículos do capítulo 37, vimos que os irmãos de José estavam decididos a tirar-lhe a vida. Todos estavam de acordo, com exceção de Rúben. De todos eles, o irmão mais velho foi o único que pensou mais acertadamente, e por isso tentou impedir os outros de concretizar o mau intento. Os versos 22 e 24 dizem:

**22. Também lhes disse Rúben: Não derrameis sangue; lançai-o nesta cisterna que está no deserto, e não ponhais mão sobre ele; isto disse para o livrar deles, a fim de o restituir ao pai.**

**23. Mas, logo que chegou José a seus irmãos, despiram-no da túnica, a túnica talar de mangas compridas que trazia.**

**24. E, tomando-o, o lançaram na cisterna, vazia, sem água.**

Temos que elogiar a atitude de Rúben nesse episódio, que não quis apoiar seus irmãos num ato criminoso contra José. Ele protestou e apresentou logo a proposta de colocá-lo na cisterna seca, porque tinha a intenção de salvá-lo depois.

Qual teria sido a motivação de Rúben ao tomar tal atitude? Com certeza ele queria agradar o pai. Depois de tê-lo desrespeitado, possuindo Bila, e sendo o filho mais velho, tinha responsabilidade sobre tudo o que acontecia com José. Rúben foi corajoso e se opôs a todos na realização de um plano maléfico que previa a morte do irmão. Com essa atitude, frustrou completamente a sua concretização.

Nos versos 25 a 28 lemos:

**25. Ora, sentando-se para comer pão, olharam e viram que uma caravana de ismaelitas vinha de Gileade; seus camelos traziam arômatas, bálsamo e mirra que levavam para o Egito.**

**26. Então, disse Judá a seus irmãos: De que nos aproveita matar a nosso irmão e esconder-lhe o sangue?**

**27. Vinde, vendamo-lo aos ismaelitas; não ponhamos sobre ele a mão, pois é nosso irmão e nossa carne. Seus irmãos concordaram.**

**28. E, passando os mercadores midianitas, os irmãos de José o alçaram, e o tiraram da cisterna, e o venderam por vinte ciclos de prata aos ismaelitas; estes levaram José ao Egito.**

É possível imaginar o que um bando de irmãos cheios de ódio podia fazer. Mesmo assentados, comendo o alimento que José trouxera, queriam matá-lo de alguma maneira, demonstrando dureza de coração. Através do uso da força, naquela cisterna seca no deserto, José estava sentenciado a morrer. Rúben que o salvara da primeira tentativa estava fora no momento.

Então, surgiu Judá, um dos irmãos mais velhos, o quarto filho de Israel e Lia, com a proposta de vender José como escravo. Ele apresentou esse plano que apesar de não ser o melhor revelava a boa intenção de não derramar o sangue do seu irmão. Foi o que ele quis evitar. Tanto o plano de Rúben quanto o de Judá foram fundamentais para evitar a morte de José naquele momento.

Mas é verdade que vendê-lo como escravo para o Egito era uma outra forma de matar José. Era como uma morte lenta. Ser escravo naquela nação era uma das piores coisas que podia acontecer. Mas mesmo assim era melhor que a morte violenta e imediata. Assim José foi vendido aos ismaelitas e seguiu para o Egito onde seria posto no mercado de escravos como uma mercadoria qualquer. Os irmãos de José sabiam que fazendo isso nunca mais voltariam a ouvir falar dele. Era uma separação definitiva.

Nesse momento, vale a pena destacar a aparente divergência que há no texto entre os termos ismaelitas (v. 27), e midianitas (v. 28). Será que houve um erro? Será que há alguma contradição? É claro que não há nenhuma contradição ou erro. Como explicar, então, a duplicidade de nomes? Os ismaelitas são os descendentes de Ismael, filho de Abraão com Agar (16.15), e os midianitas são os descendentes de Midiã, filho de Abraão com Quetura (25.2). Então, tantos os ismaelitas quanto os midianitas, eram descendentes de Abraão, mas não da linhagem da promessa.

Eles eram negociantes e se juntavam em caravanas para longas viagens por territórios e países distantes, como essa direcionada ao Egito. Era muito natural que uma caravana fosse formada do maior número possível de pessoas para fazer face aos ladrões e a outros perigos existentes na época. E assim José foi comprado pelos ismaelitas por vinte ciclos de prata.

O texto prossegue, e nos versos 29 a 33, notamos como Rúben se comportou diante do arranjo que os irmãos fizeram para fornecer uma explicação convincente ao pai, e também a reação de Israel ao saber da suposta morte de José:

**29. Tendo Rúben voltado à cisterna, eis que José não estava nela; então, rasgou as suas vestes.**

**30. E, voltando a seus irmãos, disse: Não está lá o menino; e, eu, para onde irei?**

**31. Então, tomaram a túnica de José, mataram um bode e a molharam no sangue.**

**32. E enviaram a túnica talar de mangas compridas, fizeram-na levar a seu pai e lhe disseram: Achamos isto; vê se é ou não a túnica de teu filho.**

**33. Ele a reconheceu e disse: É a túnica de meu filho; um animal selvagem o terá comido, certamente José foi despedaçado.**

Quando Rúben retornou, naturalmente José já estava bastante longe. A maldade muitas vezes consegue sucesso temporário. Aqui ela venceu, mas como veremos, apenas por um tempo. Os filhos de Israel tinham que bolar uma história convincente para contarem a Israel, o velho patriarca. Notemos o que eles fizeram. Mataram um bode, ensoparam a túnica colorida no sangue e a levaram para Israel, perguntando-lhe se era a de José. Vemos aqui a eficiência com que trabalham os homens maus. O grande recurso da mentira sempre é empregado pelos criminosos e pelas pessoas más.

Mas felizmente, como diz o dito popular, "a mentira tem pernas curtas", não vai muito longe, tem um limite. Às vezes pensamos que a verdade atrasa um pouco. Mas não. Ela sempre vem no tempo certo. Não há nada escondido que não venha a ser revelado, diz a Palavra de Deus. Os irmãos de José estavam satisfeitos com os resultados do disfarce, da mentira. Eles pensavam que aquela túnica molhada de sangue de bode era a última notícia a respeito de José, e que tudo ficaria naquilo mesmo. E, de fato, ficou por um determinado tempo.

Os filhos de Israel tinham realmente muito ódio de José, tanto que não perguntaram "veja se é ou não a túnica do nosso irmão", mas veja "se é ou não a túnica de teu filho". Eles não quiseram se identificar como irmãos de José. Era o sentimento de discriminação, ódio, ciúme, inveja e vingança

predominando. Estes sentimentos são criminosos e pecaminosos diante de Deus e dos homens.

No verso 33 vemos a reação de Israel, o velho patriarca: ele reconheceu a túnica que tinha feito para José e, vendo-a ensopada de sangue, deduziu que seu filho tinha sido morto por um animal. Como vemos, a fraude dos irmãos de José foi muito eficiente, pois conseguiram imprimir exatamente o que tinham tramado. Israel não conseguiu formular nenhuma outra conclusão.

José havia saído para procurar os irmãos num lugar diferente, bastante distante de casa. Saiu de Hebrom para Siquém, e depois partiu para Dotã, onde veio a encontrá-los. Eles disseram ao pai apenas que tinham achado a túnica molhada de sangue. Nenhuma outra explicação Israel poderia achar para o caso, senão que o seu querido filho havia sido mesmo despedaçado por uma fera. E assim Jacó, que antes era o enganador, foi completamente enganado pelos seus filhos.

Este caso nos remete mais uma vez a lei que tantas vezes temos nos lembrado, de que tudo quanto o homem semear, também ceifará. Aqui vemos Jacó colhendo o que havia plantado em tempos passados. Afinal foi ele quem tinha matado animais para enganar seu pai Isaque. De fato, essa era uma situação lamentável. Consideramos que esses filhos erraram muito enganando o pai, mas de qualquer maneira, Jacó estava colhendo aquilo que em outros tempos havia semeado.

Nos versos 34 e 35 temos o seguinte relato:

**34. Então, Jacó rasgou as suas vestes, e se cingiu de pano de saco, e lamentou o filho por muitos dias.**

**35. Levantaram-se todos os seus filhos e todas as suas filhas, para o consolarem; ele, porém, recusou ser consolado e disse: Chorando, descerei a meu filho até à sepultura. E de fato o chorou seu pai.**

Temos nesse momento um pai com um coração partido. É difícil entender porque Israel chorou tanto a morte do filho. Para explicarmos o choro de Israel teríamos de contar toda aquela história que já apresentamos, do amor de Jacó por Raquel, e do amor que ele tinha por José, que era o filho de Raquel. Quando Raquel morreu, o afeto que tinha por ela foi transferido para os seus dois filhos mais moços, José e Benjamim.

E agora, de posse da túnica ensopada de sangue, Israel sabia que não veria José mais nesta vida. Por isso ele, como pai, foi profundamente quebrantado. Nenhum consolo dos seus outros filhos foi suficiente para tirá-lo daquela tristeza profunda. A frase: "descerei a meu filho até à sepultura" significa que ficaria de luto até que se reunisse com seu filho na morte.

Mas graças a Deus não precisamos nos desesperar, mesmo diante da morte. E todos nós que cremos sabemos a razão: Jesus é profundamente sensível e se identifica conosco, com os nossos sofrimentos. Por isso Ele é o conforto dos nossos corações. Ele sofreu tudo como nós, porém sem pecado. E por ter sofrido tudo é um sumo sacerdote que sabe se compadecer do nosso sofrimento.

O capítulo 37 termina com o verso 36: **Entrementes, os midianitas venderam José no Egito a Potifar, oficial de Faraó, comandante da guarda**. A história de José continua, mas no Egito, conforme a vontade de Deus.

## Judá e Tamar
### Gn 38.1-10

O capítulo 38 de Gênesis relata um episódio triste na vida de Judá, fruto do distanciamento do Senhor e do convívio com povos que não temiam a Deus. Os acontecimentos lamentáveis deste trecho das Escrituras Sagradas mostram o perigo que Israel, como povo separado de Deus, teria diante de si caso não permanecesse fiel a Deus e começasse a relacionar-se com os cananeus.

Além disso, esses acontecimentos também nos advertem sobre a necessidade dos cristãos manterem intimidade com o Senhor, separando-se dos valores, da filosofia, do modo de pensar ou agir do mundo. Não devemos nos afastar das pessoas, e sim amá-las e mostrar o amor de Deus para com elas. Mas devemos rejeitar as suas obras más, os seus pecados, a sua maneira de viver. Quando nos associamos com o mundo corremos o risco de naufragar na fé!

Quando lemos a história dos filhos de Jacó, descobrimos que ele empregou muito do seu tempo tentando acumular riquezas na casa de Labão sem se preocupar com a instrução dos filhos. Por terem sido mal

orientados, eles tornaram-se maus e se transformaram numa grande dor de cabeça para o próprio Jacó. Aqui e acolá descobrimos fatos vergonhosos da vida deles, como a mortandade ocorrida em Siquém. Suas vidas refletem o descuido e a pouca preocupação que os pais tiveram com eles.

Essa situação é muito parecida com situações dos nossos dias, quando os pais não atentam para o futuro e destino dos filhos. Muitos entendem que se fornecerem a eles os melhores presentes, uma excelente escola e dinheiro para fazerem o que quiserem, poderão crescer livremente, sem a presença constante ou a assistência devida. Essa é uma posição que precisa ser analisada. Precisamos avaliar qual tem sido a nossa prática. É necessário avaliar a nossa relação com nossos filhos?

Muitos pais têm também entregue a tarefa de educar os filhos aos professores. Mas eles já cumprem o papel de ensinar matérias como geografia, história, português, ou se for no contexto da igreja, histórias do Antigo e do Novo Testamento.

Os pais têm a responsabilidade e o privilégio de encaminhar os filhos na vida com Deus, no amor e no respeito ao próximo, oferecendo parâmetros para a vida futura quanto à profissão, a escolha acertada do futuro cônjuge. Na nossa sociedade, esse papel cabe primeiramente ao pai e a mãe. Não é através da doação de bens que os filhos são educados. É preciso muito mais que coisas. É necessário tempo investido em conversas, aconselhamento e acompanhamento!

Os versos 1 e 2 dizem: **Aconteceu, por esse tempo, que Judá se apartou de seus irmãos e se hospedou na casa de um adulamita, chamado Hira. Ali viu Judá a filha de um cananeu, chamada Sua; ele a tomou por mulher e a possuiu**. Eis aqui uma pessoa que se apartou dos seus irmãos, da sua família, e se uniu à gente estranha. Esse foi um dos primeiros passos dados por Judá para a sua queda moral. Quando um crente se aparta do meio cristão, já está no caminho descendente. Judá saiu de perto dos seus irmãos e, de repente, estava se juntando a uma mulher pagã. E o pecado cometido por ele aqui nos faz imaginar como um homem moral e espiritualmente despreparado se comporta num ambiente de corrupção e abominação!

Antes de continuarmos a análise do texto, vale a pena lembrar um fato importante: Jesus Cristo veio da linhagem desse homem chamado Judá.

Sim, esta é a verdade. Mesmo tendo vindo por meio da linhagem de Judá, de homens pecadores, Jesus era diferente. Ele era santo!

Nos versos 3 a 6 encontramos os nomes dos filhos de Judá com Sua: Er, Onã e Selá. O verso 7 diz: **Er, porém, o primogênito de Judá, era perverso perante o Senhor, pelo que o Senhor o fez morrer**. Isto nos lembra que uma família constituída fora do padrão de Deus só pode proporcionar como herança, para os filhos, uma vida pecaminosa e distante do Senhor.

No verso 8 vemos Judá, depois da morte do seu primogênito, aconselhar a Onã, seu segundo filho, a casar-se com a viúva de Er, seu irmão. Esse era o costume naquele tempo: o irmão mais novo deveria possuir a esposa do seu irmão falecido, caso esse não tivesse gerado um filho. Onã não gostou da proposta, pois o filho que gerasse não lhe daria descendência, mas a linhagem seria de seu irmão primogênito e, assim, evitou que a viúva do seu irmão engravidasse.

Onã evitou gerar esse filho usando uma prática reprovável. Ao manter relações sexuais com Tamar, sua cunhada, Onã não concluía o ato sexual, e assim não a fecundava. O verso 10 é muito direto em dizer que tal atitude era errada **perante o Senhor, pelo que também a este fez morrer**. Quando agimos em desacordo com a vontade de Deus constatamos que o salário do pecado é a morte. Sobre essa atitude de Onã é importante também dizer que ela ficou conhecida como "onanismo", um dos nomes para prática da masturbação.

O texto prossegue, e descobrimos que Judá era um homem muito supersticioso. Sem reconhecer o pecado e a atitude errada dos filhos, supôs que Tamar trazia azar ou maldição sobre eles. O verso 11 diz: **Então, disse Judá a Tamar, sua nora: Permanece viúva em casa de teu pai, até que Selá, meu filho, venha a ser homem. Pois disse: Para que não morra também este, como seus irmãos. Assim, Tamar se foi, passando a residir em casa de seu pai**. Como é triste a vida daquele que perde a comunhão com Deus. Por desviar-se da comunhão com a família e com Deus, Judá não criou os filhos nos caminhos do Senhor e, pior ainda, criou-os longe Dele, começou a adotar as mesmas práticas dos cananeus. Supersticioso, pensava que sua nora Tamar estava trazendo azar para sua família. É muito triste quando chegamos a esse ponto.

A seguir, a partir do verso 12 até o verso 20, temos um relato surpreendente. O texto relata que morreu a filha de Suá, mulher de Judá. Ora se era filha de Suá, certamente era esposa de Judá. Mas é interessante perceber como as mulheres eram completamente desprezadas naqueles dias: não se menciona em nenhum lugar o nome da mulher, da esposa de Judá. Que preconceito incrível! Mas as mulheres devem ser gratas a Jesus e ao cristianismo, pois através deles conquistaram uma boa posição no cenário cristão da igreja, a nova comunidade do reino de Deus!

O texto prossegue e vemos que Judá, depois de consolado, subiu para tosquiar suas ovelhas, em Timna, com seu amigo Hira, o adulamita. Alguns destaques devem ser feitos aqui. Precisamos perceber quais eram os relacionamentos de Judá, e na companhia de quem ele andava. É isso mesmo. Seu amigo era um gentio, um cananeu. E o fato de ter se casado com uma pagã, com uma gentia, quebrando um princípio claro de Deus, também não era correto.

O texto prossegue, e Tamar ficou sabendo que Judá, seu sogro, ia para Timna tosquiar as ovelhas. E é exatamente neste ponto que temos a parte mais sutil do pecado que nos mostra o baixo padrão do ser humano que não teme a Deus. Nesta mulher, Tamar, temos a sutileza do pecado. O que o autor sagrado registrou aqui a respeito de Tamar mostra quão sutilmente o pecado influencia e escraviza o homem. Desejosa de gerar filhos e ter uma descendência, Tamar apoiou-se em quatro razões para conquistar seu alvo:

1. A morte do seu marido Er.
2. A negativa de Onã de lhe dar um filho, ao fazer uso de relações sexuais interrompidas.
3. A conseqüente morte de Onã por causa de seu ato pecaminoso.
4. A falta de palavra de Judá, que não a deu a Selá, seu filho, que neste tempo já era um homem adulto.

Tamar usou de sutileza e, sem confiar em Deus, pois era pagã, elaborou uma estratégia humana e mundana para conquistar seu alvo de ser mãe. Ela despiu as vestes de sua viuvez e, cobrindo-se com um véu, se disfarçou e se assentou à entrada do vilarejo de Enaim, no caminho de Timna, pois sabia que Judá passaria por ali.

O texto relata que Judá, vendo-a, teve-a por meretriz, pois ela havia coberto o rosto. Judá a abordou dizendo: **Vem, deixa-me possuir-te (v.**

**16)**. Judá não sabia e nem desconfiava que aquela mulher era sua nora. Então, ela respondeu: **Que me darás para coabitares comigo? (v. 16)**. E ele lhe ofereceu um cabrito do rebanho. Mas Tamar retrucou: O que você vai me dar agora como garantia até que cumpra a promessa de me dar o cabrito?

Judá fora atraído pelo pecado. Judá estava seduzido e, então, disse que ela podia pedir o que quisesse. E Tamar lhe pediu o selo, o cordão e o cajado. Judá, sem perder tempo, deu os objetos à mulher que ele julgava ser uma prostituta cultual, e a possuiu. O verso 18 diz que Tamar concebeu dele.

Aqui temos a descrição de uma mulher ardilosa que fingidamente se colocou como uma prostituta cultual, ou uma sacerdotisa, para apanhar Judá numa armadilha. É importante notarmos o sentimento, a sutileza e a maldade dessa mulher:

1. Sentia-se frustrada por ainda não ter gerado um filho.
2. Estava irritada por ter sido passada para trás por Judá, que não cumpriu sua palavra.
3. Ela sabia que Judá passaria pelo local onde estava, acompanhado de Hira, cuja religião incluía a relação sexual como ato de culto.
4. Por não temer a Deus, colocou-se à beira do caminho, provavelmente, insinuando-se a Judá quando por ali ele passou.

Por outro lado vemos que Judá, mesmo identificando esta mulher como uma prostituta cultual, a ela se dirigiu como se estivesse fazendo algo bastante normal. Foram esses os seus passos distanciando-se de Deus:

1. Foi atraído por uma mulher estranha e prostituta.
2. Não se lembrou dos seus compromissos.
3. Esqueceu-se que pertencia a linhagem eleita.
4. Esqueceu-se que essa mulher era adoradora de um deus estranho.
5. Assim, foi atraído e traído por seu desejo sexual.

É possível perceber o resultado de nos afastarmos dos irmãos, da família e de Deus, e o que uma amizade com alguém que não O teme pode causar a nossa vida. É isso mesmo! Um pecado chama outro pecado, levando-nos para o abismo.

Nos versos 20 a 23 vemos Judá tentando reaver o penhor que havia deixado com Tamar, pensando que ela fosse uma prostituta cultual. Através do seu amigo adulamita, enviou o cabrito que prometera à mulher,

porém ela não foi encontrada e ninguém na localidade a conhecia, pois não imaginavam que era Tamar.

Não encontrando a mulher para efetuar a troca, Judá deu-se por satisfeito e deixou o caso cair no esquecimento. Ele tinha se aproveitado da mulher para satisfazer seus desejos carnais, esquecendo-se de que ela era um ser humano. A maneira que Deus quer que tratemos o próximo não é essa de usar as pessoas para o nosso próprio benefício.

Mas o tempo passou e a história teve uma seqüência: **Passados quase três meses, foi dito a Judá: Tamar, tua nora, adulterou, pois está grávida. Então, disse Judá: Tirai-a fora para que seja queimada (v. 24)**. Judá ficou revoltado e cheio de justiça própria. Mandou queimar a nora, afinal era essa a condenação para o adultério naqueles dias. Essa é, muitas vezes, a atitude do pecador. Condena o pecado dos outros sem lembrar que a sua própria vida está em desacordo com a vontade de Deus.

Normalmente, quando isso acontece, Deus desmascara o pecador mentiroso e hipócrita. E foi o que aconteceu com Judá. No verso 25 encontramos a reação de Tamar que surpreendeu a Judá: **Em tirando-a, mandou ela dizer a seu sogro: Do homem de quem são estas coisas eu concebi. E disse mais: Reconhece de quem é este selo, e este cordão, e este cajado**. Você percebe o que Deus faz com aquele que tenta passar por justo diante dos homens, mas não é justo no seu íntimo, justo diante do próprio Deus? Deus revela o coração pecaminoso e corrupto.

Esta história de Judá termina com o verso 26: **Reconheceu-os Judá e disse: Mais justa é ela do que eu, porquanto não a dei a Selá, meu filho. E nunca mais a possuiu**. Aqui temos um homem acusado pela sua própria consciência e pelos próprios fatos, constatando que:

1. As más companhias podem nos conduzir para longe de Deus.
2. Fora infiel a Deus, relacionando-se com uma adoradora de outro deus.
3. Não fora íntegro em cumprir a sua palavra de entregar Tamar a Selá.
4. Um prazer pecaminoso e momentâneo hoje pode trazer sofrimento e frustração amanhã.
5. Tinha sido injusto em condenar precipitadamente sua nora.

Judá admitiu e se arrependeu do seu pecado, reconhecendo a justiça no procedimento de sua nora e a sua própria injustiça, quando errou não cumprindo sua palavra. Certamente Judá aprendeu a lição e, por certo,

ficou também envergonhado diante dos seus parentes e amigos. Esse é o resultado do pecado!

Finalmente, nos versos 27 a 30, temos o relato do nascimento dos gêmeos gerados dessa relação incorreta. O mais velho, que faz parte da linhagem davídica, foi chamado de Perez que significa abertura ou brecha. O mais novo recebeu o nome de Zera que quer dizer brilho, referindo-se a cor vermelha do fio que foi colocado no seu pulso.

Se Deus tem falado ao seu coração, aproveite essa oportunidade, acerte a sua relação com Ele e evite as más companhias.

## José na casa de Potifar

### Gn 39.1-23

Quando começamos analisar mais detalhadamente a vida da José, no capítulo 37, vemos que ele é o tipo mais perfeito da pessoa de Jesus Cristo. É possível, então, traçarmos alguns paralelos entre a vida desses dois personagens bíblicos. Começaremos, aqui, apresentando dois deles.

O primeiro paralelo refere-se aos nascimentos. Ambos foram milagrosos. Sabemos que Raquel era estéril, e somente diante da intervenção divina, e relacionando-se com Israel, pode dar à luz a José. O nascimento de Jesus foi único, foi milagroso, porque Jesus nasceu de uma virgem. Ele foi gerado por obra e graça do Espírito Santo, sem a participação de José, marido de Maria.

O segundo paralelo refere-se ao amor paternal. Observando o amor especial que Jacó tinha por José, e o amor especial que Deus tem por Jesus, notamos essa semelhança. Jacó amava profundamente a José. E Deus, que ama profundamente Jesus, disse do céu: **Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo (Mt 3.17)**. Como podemos perceber, essas semelhanças são bem significativas e nos mostram como Deus, durante a história da humanidade, foi se revelando a nós, demonstrando o seu amor e o seu maravilhoso plano de salvação.

A história de José foi interrompida pelo capítulo 38, onde nos foi relatada a vida de Judá e seus pecados, com o objetivo principal de nos mostrar que mesmo de uma descendência tão contrária aos princípios divinos, o próprio Deus pode suscitar a maior bênção para o ser humano: Jesus Cristo veio ao mundo por meio da linhagem de Judá. Jesus Cristo

nasceu dessa linhagem pecaminosa, porém Ele mesmo não tinha pecado. Ele se fez homem para salvar a humanidade pecadora.

No capítulo 39, voltando a focalizar a vida de José, o encontramos com aproximadamente 18 anos e sendo submetido a experiências muito graves. Mas é assim que Deus prepara um homem para uma grande obra. Quando José estava começando a sentir o prazer da vitória, foi submetido à outra experiência que o levou a adiá-la. Situações ocorreram de repente, afastando-o da vitória. Eram provas aparentemente grandes para aquele jovem, mas absolutamente providenciais. Tudo foi permitido por Deus que queria prepará-lo para cumprir uma grande tarefa.

Deus sempre apareceu de forma visível aos outros patriarcas. Porém não apareceu dessa maneira a José. Ele era um crente muito fiel e cria que o Senhor estava presente em todos os momentos da sua vida. Não chegou a ouvir a voz de Deus, mas sabia que estava sendo preparado, sabia que Ele estava agindo. E ciente disso, estava disposto a suportar todas as experiências e a se manter fiel.

E a mesma coisa acontece também na vida de qualquer cristão. Muitas vezes, os caminhos através dos quais Deus nos leva a experimentar grandes vitórias são difíceis; antes de desfrutarmos das bênçãos e do triunfo, passamos por duras provas. José era obediente e andava pelos caminhos determinados por Deus. Era resoluto e permaneceu sempre fiel a Deus. José pensava que depois que passasse por todos os obstáculos, tropeços e provas de fogo, teria a vitória!

Quase no final da sua vida, depois de analisá-la, José disse aos seus irmãos que o venderam como escravo: **Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida (50.20)**. Todas as coisas contribuem para o nosso bem.

Por ter este espírito animado e positivo, por ter total e completa confiança em Deus, o Senhor mesmo era com José, e o tornou um homem próspero. Os versos 3 e 4 nos dizem que Potifar, percebendo que o Senhor era com José em tudo que fazia, o colocou como mordomo de sua casa e lhe passou às mãos tudo o que tinha. José tinha mesmo uma vida abençoada. O texto prossegue e os versos 5 a 7 relatam que o Senhor abençoou a casa do egípcio por amor de José. Potifar, tendo-o por

mordomo, de nada sabia sobre o que tinha, além do pão com que se alimentava.

Que experiência especial! De escravo vendido na praça à posição de mordomo fiel e pleno de responsabilidades na casa do comandante do Faraó do Egito, o maior império da época. Que mudança de vida! José tinha um segredo. O próprio texto diz: **O Senhor era com ele (v. 3)**. E sabe por quê? O texto também responde: **Por amor a José! (v. 5)**.

Mesmo sendo muito novo ainda, José tinha um bom caráter e era digno. Este é o retrato de uma vida abençoada e abençoadora. Vimos que muitos foram abençoados por meio de Abraão, de Isaque e de Jacó. Agora vemos José levando à casa de Potifar a bênção do Senhor. Vale a pena refletir se temos sido abençoados e abençoadores. Temos que compartilhar das bênçãos que Deus nos tem dado. Temos também que saber que uma vida abençoada dessa maneira não está isenta de dificuldades. A presença de Deus em nossa vida e em nossas atividades não impede que soframos as tribulações normais que tantos outros sofrem.

Voltando ao texto, é interessante observarmos a última frase do verso 6: **José era formoso de porte e de aparência**. Então, podemos deduzir que sendo ele jovem, bonito, de outra nacionalidade e tendo um porte físico forte, certamente conseguido através das tarefas na casa de seu pai Israel, despertava um interesse especial nas mulheres.

O que vemos no relato do próximo parágrafo, nos versos 7 a 9, é que José despertou o interesse da mulher de Potifar, que era bonita e mais nova que o marido. A jovem senhora estava impressionada com o sucesso e a habilidade de José para os negócios, mas também estava encantada com a sua pouca idade, o seu porte físico e a sua beleza. Então, não tendo mais controle sobre seus sentimentos e desejos, ofereceu-se a José. Ela mesma tomou a iniciativa e convidou-o para deitar-se ao seu lado. Essa foi uma situação extremamente difícil. Constatamos, então, que apesar de ser um homem sob a bênção de Deus, José não ficou livre dessa grande tentação. É isso mesmo! O crente não está isento das dificuldades da vida!

Mas José teve uma reação inesperada. A grande maioria dos jovens aceitaria esse convite sem pensar duas vezes. Com José foi diferente. Ele era um homem diferente, porque temia a Deus! Ele recusou a proposta, e os versos 8 a 9 dizem que apresentou à mulher de Potifar sete razões para não aceitar aquele convite pecaminoso:

1. Ele reconheceu a sua posição: sabia que era um simples mordomo, escravo de seu patrão.
2. Ele reconheceu que o seu senhor tinha lhe confiado tudo, tanto é que não sabia nem se preocupava com as coisas que aconteciam em sua casa.
3. Ele reconheceu que possuía uma posição privilegiada no trabalho, pois seu próprio senhor não era maior que ele em sua casa.
4. Ele reconheceu que o seu senhor o considerava um servo de total confiança, pois tinha lhe dado completa autoridade sobre tudo.
5. Ele reconheceu que mesmo tendo autoridade e liberdade sobre tudo e todos, havia algo proibido: a esposa de Potifar.
6. Reconheceu que não poderia cometer tal maldade contra o seu senhor.
7. Reconheceu que não poderia pecar contra Deus.

Apesar de temente a Deus, José não ficou isento da tentação, não ficou livre das dificuldades. Mas estava espiritualmente preparado. Há crentes que oram apenas quando estão diante de perigo ou aflição. José provavelmente orava constantemente. E isso o fazia estar sempre pronto para enfrentar as piores investidas contra sua vida de santidade. A tentação não o surpreendeu. Era a sua convicção de fé que determinava a sua conduta. Era a sua fé em Deus que o levava a resistir à tentação.

Vemos também que a posição de José em relação ao casamento era muito correta. A mulher de Potifar deveria ser respeitada a todo o custo. Era a mulher do seu senhor e, por isso, não podia possuí-la. Se fizesse isso seria uma ofensa antes de tudo a Deus. Foi esta convicção que determinou a conduta de José.

Nos versos 10 a 12 encontramos a seqüência da investida do maligno contra o servo de Deus. Além de continuar se insinuando e convidando José para um relacionamento incorreto, a mulher de Potifar não desistia dele. E José, tendo que trabalhar e administrar a casa de Potifar, certo dia não encontrou nenhum dos outros servos em casa. Apenas a esposa do seu senhor estava lá. Essa mulher o agarrou pelas vestes, mas José, deixando as roupas em suas mãos, fugiu daquela casa.

Vendo, então, que José havia fugido, mas deixado as vestes, chamou pelos homens de sua casa e, vingando-se de José, lhes disse: **Vede, trouxe-nos meu marido este hebreu para insultar-nos; veio até mim para se deitar comigo; mas eu gritei em alta voz. Ouvindo ele que eu levantava a voz e gritava, deixou as vestes ao meu lado e saiu, fugindo**

**para fora**. Ela acabou se passando por vítima, mas José é que havia sido alvo de sua astúcia e calúnia.

Embora alguns possam considerá-lo covarde, sob o ponto de vista humano, sob o ponto de vista dos que temem a Deus José foi um herói. Essa é uma situação em que fugir representa o verdadeiro heroísmo.

José não trocou os seus direitos das bênçãos divinas por uma satisfação momentânea, para depois colher os frutos amargos de haver cedido covardemente ao desafio da carne. Pensando nisso, o apóstolo Paulo aconselhou a Timóteo, seu filho na fé, que fugisse das paixões da mocidade (2Tm 2.22).

O texto prossegue, e os versos 16 a 20 relatam que quando Potifar chegou em casa, sua mulher contou-lhe algo que certamente o entristeceu e o deixou bastante irritado. Aquele servo de máxima confiança o tinha traído. Foi essa a acusação contra José. A mulher de Potifar disse que o hebreu, denotando grande preconceito e menosprezo, tinha tentado desonrá-la. Quando gritou por socorro, ele saiu correndo e fugiu de casa, deixando suas vestes ao seu lado. Potifar acreditou na versão da mulher. Era a palavra de sua esposa contra a palavra de um escravo. José não teve chance de se defender. Diante da história que sua esposa contou, não restou alternativa para Potifar senão mandá-lo para a prisão.

Devemos saber, entretanto, que Deus tinha aquela situação sob Seu controle. Quando sofremos por nossos erros, não podemos reclamar. Mas sofrer injustamente é difícil de suportar. Certamente foi esse o pensamento de José. Certamente esse é o pensamento que muitas vezes nós mesmos temos. Vale a pena reforçar aqui: por sermos crentes, por confiarmos em Deus e obedecermos a sua Palavra, não estamos isentos de provações, testes, dificuldades e aflições que a vida proporciona. Temos de confiar plenamente no Senhor, sabendo que Ele é um Deus justo. Diante da injustiça dos homens, temos um justo juiz: o nosso Deus!

E, mais ainda. Mesmo diante das injustiças humanas temos que confiar que Deus tem o poder de transformar todas as coisas para o bem daqueles que O amam, conforme Paulo disse em Romanos 8.28. Essa é nossa confiança. Essa deve ser a sua confiança. Deus tudo sabe e tudo vê. Deus pode transformar o mal em bem, mesmo que no momento tenhamos que sofrer. Devemos crer nessa verdade. Esse é o desafio que Deus nos dá!

Os versos 21 a 23 afirmam que mesmo naquela difícil situação, Deus estava com José. Essa é a garantia! Deus não nos tira da fornalha, mas se coloca na fornalha conosco. Temos que nos lembrar da experiência de Daniel. Aqui está o segredo: a presença do Senhor é a nossa força. O salmista Davi diz: **Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo**. Esse é um texto que deve ser lembrado por todos nós. São palavras do Salmo 23. Aqui está a razão: **Porque Tu estás comigo**.

Quando Deus está presente em nossas vidas, em qualquer lugar onde estivermos Ele está conosco. E quando Ele está conosco, suas bênçãos são percebidas. José, mesmo na prisão, teve a confiança do carcereiro, que deixou a administração da prisão sob sua responsabilidade. E a razão para essa decisão está claramente exposta no verso 23: **Porquanto o Senhor era com ele, e tudo o que ele fazia o Senhor prosperava**.

Essa foi a experiência de José. Essa pode ser a sua experiência também. Devemos acreditar que é possível ainda hoje desfrutarmos dessa experiência. Precisamos decidir agora mesmo manter-nos firmes diante das tentações; a perseverar em oração, pois ela nos mantém unidos a Deus; a manter-nos vigilantes para não cair em tentação; a termos um padrão correto, obediente aos princípios divinos; a confiarmos plenamente na justiça divina.

## José interpreta os sonhos dos prisioneiros
### Gn 40.1-23

Quando lemos ou estudamos a Bíblia, devemos ter sempre em mente o seu verdadeiro propósito: contemplar o plano divino de redenção da humanidade por meio da pessoa e obra de Jesus Cristo, nosso Salvador. Pensando nisso, a exemplo do que fizemos no capítulo anterior, mostraremos mais algumas semelhanças entre a vida de José e a de Jesus. O paralelo entre os dois funciona como sinal para nos mostrar Jesus Cristo.

O primeiro paralelo refere-se à separação que tanto José quanto Jesus sofreram: José foi distinguido dos seus irmãos através da túnica talar de várias cores que recebeu de presente de Israel. Jesus também foi colocado à parte dos demais irmãos. Jesus foi separado dos seus irmãos pecadores. Não apenas dos filhos de Maria e José, mas de todos nós, seres humanos, que nascemos em pecado.

O segundo paralelo refere-se à missão que foi confiada a cada um: José foi enviado aos seus irmãos no campo, e Jesus foi enviado aos seus irmãos neste mundo. José foi enviado para ver como estava o pastoreio das ovelhas. Jesus foi enviado para ser o bom pastor das ovelhas perdidas. Ele veio buscar e salvar o que se havia perdido.

O terceiro paralelo refere-se à visão que os dois tinham das suas vidas: José anunciou por meio de seus sonhos que iria governar seus irmãos. Isso atraiu zombaria e ódio por parte deles. Jesus apresentou-se como o próprio Deus. Eu e o Pai somos um, disse certa vez. Por isso, foi ridicularizado pelos seus irmãos, isto é, pelos homens. Jesus foi ironizado e odiado quando colocaram na cruz o cartaz que dizia: **Este é Jesus, o rei dos judeus (Mt 27.37)**.

O capítulo 40 de Gênesis fala sobre José na prisão. No período em que permaneceu ali, interpretou os sonhos do copeiro-chefe e do padeiro-chefe, e teve como paga a ingratidão do primeiro que se esqueceu de José depois de solto. Mas veremos que, apesar de tudo que passou na prisão, Deus tinha um propósito maior para a vida dele.

José foi preso injustamente por ter sido vítima da calúnia. A mulher de Potifar o caluniou e o marido acreditou nela. Para ele, foi a melhor forma de resolver o problema. E toda aquela situação armada redundou em bem para José. Mas é interessante percebermos como um aprisionamento injusto se tornou benéfico. É como o ditado popular que diz que "Deus escreve certo, por linhas tortas", pelo menos no ponto de vista humano.

José estava cumprindo o plano de Deus para a sua vida. Ele não compreendia tudo o que estava acontecendo, mas sabia que Deus estava presente. Em qualquer circunstância estava tranqüilo, porque Deus estava não só na direção da sua vida, mas na direção do mundo. Não tinha razões para que se preocupar. Foi aquele rumo que Deus deu à sua vida. Estava no itinerário divino. Era só questão de esperar.

O texto nos mostra que José gozava da confiança do comandante da prisão. Ao serem presos os oficiais do Faraó, o copeiro-chefe e o padeiro-chefe, eles ficaram sob sua supervisão. Certo dia José os viu entristecidos e pensativos e perguntou porque estavam perturbados. Ao saber que era por causa dos sonhos que tiveram, testemunhou sobre o poder e a suficiência de Deus para interpretá-los e colocou-se como agente de Deus para tornar

conhecida à revelação deles. Quando os dois oficiais presos contaram seus sonhos, José, no poder de Deus, os interpretou.

Os versos 9 a 13 dizem:

**9. Então, o copeiro-chefe contou o seu sonho a José e lhe disse: Em meu sonho havia uma videira perante mim.**
**10. E, na videira, três ramos; ao brotar a vide, havia flores, e seus cachos produziam uva maduras.**
**11. O copo de Faraó estava na minha mão; tomei as uvas, e as espremi no copo de Faraó, e o dei na própria mão de Faraó.**
**12. Então, lhe disse José: Esta é a sua interpretação: os três ramos são três dias;**
**13. dentro ainda de três dias, Faraó te reabilitará, e te reintegrará no teu cargo, e tu lhe darás o copo na própria mão dele, segundo o costume antigo, quando lhe eras copeiro.**

Sabemos que a interpretação do sonho se cumpriu literalmente depois de três dias, quando o copeiro-chefe do rei do Egito saiu da prisão e voltou às suas atividades no palácio. Nos versos 14 e 15 José pediu que o copeiro-chefe intercedesse junto a Faraó em seu favor. Porém o seu pedido não foi atendido. O copeiro-chefe se esqueceu de José depois que alcançou a liberdade. Que ingratidão! E, certamente, para muitos de nós é difícil imaginar como José podia manter-se animado com tantos contratempos e infelicidades. Porém José continuava no rumo certo.

Na verdade, quando analisamos com maior profundidade, vemos que foi muito bom José ter sido esquecido pelo copeiro-chefe. O que parecia um fato lamentável, foi altamente importante e favorável a José. Imagine se ele tivesse sido libertado por intermédio do copeiro-chefe. Certamente teria voltado para a sua terra, para junto de seu pai em Canaã. Sairia da prisão e voltaria para casa, num ambiente onde alimentaria ainda mais o ódio dos irmãos.

Esse foi um esquecimento providencial! O copeiro esqueceu-se de José naquele momento, e só lembrou-se dele quando o próprio Faraó, o rei do Egito, estava em apuros com um sonho que havia tido, não encontrando ninguém que o interpretasse. Então, Faraó ordenou que o buscassem às pressas. José foi direto para o palácio. Que mudança brusca, que mudança abençoada. Da prisão diretamente para o palácio.

E lá, então, os acontecimentos foram maravilhosos. José interpretou o sonho e revelou os detalhes a Faraó. O rei ficou impressionadíssimo com José e o nomeou governador do Egito. Da prisão a governador do Egito. É possível entender, agora, que se José saísse da prisão por meio do copeiro-chefe nada disso teria acontecido.

O esquecimento do copeiro-chefe foi providencial. Deus permitiu que ele se esquecesse de José para que os seus sábios e soberanos planos pudessem ser realizados a contento. Mas voltando ao texto, cabe a pergunta: Por que o copeiro-chefe e o padeiro-chefe foram presos? O texto diz que eles desonraram o Faraó que ficou indignado com os dois.

Isso é o que vemos no texto, mas a explicação nas entrelinhas nos mostra que eles foram colocados exatamente naquela prisão, porque ali estava José e tudo o que viria a acontecer. Por que os dois foram parar ali? Na verdade, não temos clareza no texto a respeito da razão das prisões, mas felizmente lá eles encontraram José.

Apesar de estar preso, José preocupava-se com o bem-estar dos outros prisioneiros. Ele procurava ajudar no que podia. Se fosse outra pessoa, certamente, estaria preocupado apenas consigo mesmo, com a sua sorte, com a sua felicidade. Mas José queria ver todos felizes, mesmo numa prisão. Ele preocupou-se com o desânimo dos dois companheiros.

Depois de interpretar o sonho do copeiro-chefe, e não havendo ninguém que interpretasse o do padeiro-chefe, José dispôs-se a ouvi-lo. É importante dizermos que não estamos diante da história de um pretensioso, nem de um médium ou sensitivo. Não! O que vemos aqui é um homem de Deus que recebeu do Senhor sabedoria para interpretar sonhos. José não disse que podia interpretá-los, mas que a Deus pertencia a interpretação. Por isso dava toda glória a Deus.

E isso nos ensina que devemos dar glória a Deus em tudo. Muitos crentes não glorificam a Deus naquilo que estão fazendo. Esta é a razão porque não experimentam as bênçãos do Senhor no seu trabalho, na sua vida. Utilizam os recursos espirituais e os dons que o Senhor lhes deu para se autopromoverem. Esquecem de glorificar a Deus. E a Bíblia diz que Deus não divide a sua glória com ninguém.

Agora vejamos o sonho do padeiro-chefe, nos versos 16 a 19:

**16. Vendo o padeiro-chefe que a interpretação era boa, disse a José: Eu também sonhei, e eis que três cestos de pão alvo me estavam sobre a cabeça;**
**17. e no cesto mais alto havia de todos os manjares de Faraó, arte de padeiro; e as aves os comiam do cesto na minha cabeça.**
**18. Então, lhe disse José: A interpretação é esta: os três cestos são três dias;**
**19. dentro ainda de três dias, Faraó te tirará fora a cabeça, e te pendurará num madeiro, e as aves te comeram as carnes.**

A interpretação do sonho não era boa, mas Deus falou ao padeiro na linguagem que ele conhecia. A mensagem era de julgamento e José foi intérprete fiel, apesar de saber que ela não agradaria o oficial do rei. Era a verdade, e José não iria transmitir uma mensagem falsa. Não mentiria, pensando em agradar aquele pobre homem. A sentença do sonho era realmente dura, mas era o que ia acontecer. José foi fiel, literal e falou sem rodeios.

Mas antes de prosseguirmos, vale a pena perguntar: por que, nos tempos bíblicos, os servos de Deus tinham tantos sonhos e visões? Muito provavelmente a resposta é que enquanto o Cânon Sagrado não tinha sido ainda completado, Deus falava aos homens daqueles dias por meio de sonhos, visões e revelações audíveis. A experiência de sonhos aconteceu com Jacó e José, a de visões com Isaías e Ezequiel, e a de revelações e palavras audíveis com Moisés e Samuel.

Nos dias do Novo Testamento tais experiências também aconteceram com Paulo, Pedro e outros servos de Deus. E hoje? Deus ainda usa esses recursos? Sim, essas experiências ainda acontecem nos dias de hoje, mas não para revelar novas verdades, pois tudo aquilo que Deus queria que conhecêssemos Dele já está revelado na Bíblia. Hoje, essas experiências têm o objetivo de promover encorajamento, advertência e despertamento. Deus, ocasionalmente, ainda usa esses métodos para falar conosco. Não podemos nos esquecer que há uma profecia em Joel 2.28, dizendo que nos últimos dias os velhos terão sonhos e os jovens terão visões.

Temos que lembrar também que Deus usava símbolos relacionados com alguma coisa que o homem já conhecia para trazer a sua mensagem. A narrativa desse episódio é um exemplo dessa prática. Com o copeiro-chefe que já estava familiarizado com a vinha, com as uvas, com o vinho

que servia ao rei do Egito, Deus usou a figura da videira e das uvas maduras. No caso do padeiro, usou a figura de cestos cheios de pão e de manjares, artes de padeiro. Deus sempre fala ao homem numa linguagem que lhe seja conhecida. José interpretou este sonho com poder e com a sabedoria de Deus. Embora fosse uma interpretação dura e triste para o padeiro, foi verdadeiro e lhe revelou o significado real do sonho.

Temos lições para aprender através desse relato tão antigo. Com a atitude de José, devemos aprender que todos que têm a missão de interpretar e proclamar a Palavra de Deus aos homens devem desempenhá-la com zelo e fidelidade.

É muito grande a tendência, em nossos dias, de não transmitirmos todo o conselho de Deus aos homens. Muitos intérpretes, muitos pregadores da Palavra de Deus, procuram mais agradar aos seus auditórios do que transmitir com fidelidade e honestidade a mensagem divina. A mensagem do evangelho é de paz, restauração, boas-novas, libertação e salvação, mas ao mesmo tempo é de arrependimento, mudança de vida, julgamento e condenação. A mensagem do evangelho é clara em revelar a existência do inferno. Cristo nunca deixou de falar sobre os dois aspectos do evangelho e os apóstolos também não. Eles nunca deixaram de proclamar a verdade sobre a salvação e a condenação. Quem crê está salvo. Quem, porém, não crê, está condenado, é a mensagem de Cristo. O evangelho exige renúncia do ego, carregar a cruz e seguir a Jesus.

Paulo disse em Romanos 11.22: **Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus**. Deus é amor, mas também é justiça. Assim como José foi fiel ao relatar as duas mensagens aos seus companheiros de prisão, de libertação e restauração para o copeiro-chefe e de condenação e perdição para o padeiro-chefe, nós temos que ser fiéis ao proclamar a mensagem divina do Evangelho. Temos que ser fiéis a Deus e não aos homens! Com amor, devemos proclamar a totalidade do evangelho de Jesus Cristo.

Mas o texto prossegue, e nos versos 20 a 22 temos o relato de que depois de três dias, no aniversário do Faraó, tudo aconteceu conforme José tinha dito. Deus lhe deu a interpretação e ele foi fiel em relatar exatamente a palavra divina. O copeiro-chefe voltou a seu trabalho e o padeiro-chefe foi enforcado.

No verso 23, lemos que o copeiro se esqueceu de José, e ele continuou injustamente na prisão. Mas lembre-se: muitas vezes a injustiça dos homens é um canal para Deus realizar obras maravilhosas em favor dos seus servos. Deus tinha uma maneira mais adequada para tirá-lo dali.

Deus iria promovê-lo da prisão para o trono, como governador de todo o Egito. É assim que Deus prepara seus servos para cumprir o seu plano gracioso para com o seu povo. Esta preparação não acontece numa escola, numa universidade. Deus prepara seus instrumentos através do sofrimento. Quando estamos sob a mão de Deus, não devemos nos preocupar. O Deus de José, o nosso Deus, está vivo. Ele é o Deus soberano.

## José interpreta os sonhos de Faraó e torna-se governador do Egito

**Gn 41.1-57**

José ainda estava na prisão, depois de ter sido esquecido pelo copeiro-chefe do rei do Egito. Lá ele ficou sofrendo naturalmente a dor da injustiça e da ingratidão por dois anos. É horrível sofrer inocentemente. Apesar de José sempre se colocar acima de seus problemas, e prosperar no meio das adversidades, não quer dizer que fosse insensível a todas as injustiças e maltratos que sofreu. Ele sofria na carne e no espírito tudo isso, porque não era apático, indiferente e insensível.

Porém seu sofrimento não o transformou numa pessoa revoltada nem frustrada. Sofria tudo, sabendo que mais cedo ou mais tarde Deus faria justiça e cumpriria suas promessas. José sabia que a despeito de tudo aquilo Deus o estava guiando e dirigindo. No final, tudo daria certo. Eram os caminhos escolhidos por Deus para José palmilhar. Ele podia sofrer, mas nunca se desesperar. Assim era José.

Neste texto, encontramos mais alguns paralelos entre a vida de José e a vida de Jesus. José, através da sua atuação para ajudar os povos de diversas partes do mundo, provou o cuidado e o amor de Deus pelas nações. Ninguém melhor do que Jesus provou o amor de Deus por todos os homens, mostrando que o seu plano é para toda a humanidade. No caso de José, povos das diversas partes do mundo, afligidos pela seca, vieram comprar alimento. Se não tivessem vindo teriam morrido, a despeito de haver abundância no Egito. Só quem estivesse disposto a ir, crendo que lá obteria comida, poderia ser salvo daquela terrível fome que atingia todo o

mundo conhecido. Jesus veio para salvar o mundo, mas isso não quer dizer que todos se salvarão. Só serão salvos aqueles que vierem pela fé. A salvação é uma decisão individual. Só Cristo pode salvar uma pessoa quando ela, pela fé, o aceita como salvador.

O quê é necessário enfatizar aqui é que em todos os altos e baixos da vida de José, Deus tinha um plano. Parece ser esta a verdade mais importante deste capítulo. Todos nós passamos por experiências bastante duras, mas nem sempre sabemos por que sofremos. Em muitas ocasiões ficamos perplexos diante de uma determinada adversidade, problema, injustiça, calúnia, perseguição ou necessidade.

Então, a vida de José é uma resposta para essas questões. Só depois é que entendemos o porquê das agonias de José. Deus o preparava para uma grande obra. Deus usa métodos e meios que nós não aceitamos, como as adversidades e os contratempos. José aprendeu a ser paciente e perseverante. José deveria aprender perseverança para cumprir com tão grande missão que Deus tinha para ele.

A Palavra de Deus diz em Romanos 5.3: **E não somente isto, mas também nos gloriemos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança**. Então, a tribulação desempenha um papel muito importante na vida de um cristão que deseja a maturidade. Os problemas não vêm à nossa vida sem um propósito, sem uma finalidade superior. Quem vê José sendo desprezado, vendido como escravo pelos irmãos, caluniado pela mulher de Potifar, preso injustamente, esquecido pelo copeiro-chefe, só pode pensar que ele era alguém destituído de sorte, abandonado por Deus. Diante desses fatos, alguns podem entender que José era uma pessoa que nasceu com a sina do sofrimento e da humilhação. Mas tal interpretação é um grande erro, pois pelos caminhos da tribulação Deus estava forjando um grande homem para que fosse, através das mãos divinas, o salvador da grande nação do Egito e da família de José, assim como de todos os povos conhecidos de então.

Deus também tinha o plano de trazer Jacó e a sua família para a terra de Gósen, no Egito, tirando assim o seu povo escolhido da terra dos cananeus que era uma terra corrupta e abominável. Deus criou a grande nação de Israel no Egito, e isso começou no tempo de José. Foi, portanto,

um homem providencial, preparado cuidadosamente por Deus para o desempenho de ações gigantescas.

Assim, não se desespere se as coisas não estão indo bem com você. Examine se o seu sofrimento não é devido a algum erro cometido, e se agora está colhendo, como Jacó, aquilo que semeou. Se for, peça perdão a Deus como fez Davi, rei de Israel. Se não se trata de nenhum erro, sofra a sua tribulação com paciência e até com alegria, porque quando encarada sob a perspectiva cristã, essas "leves e momentâneas" tribulações produzem virtudes maravilhosas.

Mas passemos ao texto para recolher dele outras lições importantes para nossas vidas. Do verso 1 a 8 encontramos o relato do sonho de Faraó. O grande rei do Egito sonhou que sete vacas magras e feias, na margem do rio Nilo, comiam sete vacas gordas e formosas que pastavam no carriçal, isto é, nas vegetações banhadas. Não foi um sonho, foi um pesadelo! Acordou e dormiu novamente. Sonhou mais uma vez e viu sete espigas mirradas, queimadas pelo vento oriental, chamado Siroco, vindo do deserto, devorando as sete espigas grandes e cheias. Mais um pesadelo. Mais um sonho indecifrável.

Ao acordar pela manhã, convocou todos os magos e sábios do Egito, contou-lhes os dois sonhos, mas não encontrou ninguém com capacidade para interpretá-los. Na verdade, esses homens que foram chamados eram adivinhos, feiticeiros e sacerdotes que se diziam possuidores de conhecimentos ocultos. Eles atuavam através dos poderes demoníacos e não conseguiram interpretar os sonhos do Faraó, demonstrando o limite das ações e do poder de Satanás. Diante do único Deus, o criador, não há poder, não há sabedoria que possa ser comparada com a Dele. O nosso Deus é soberano sobre tudo e sobre todos!

Nos versos 9 a 13 vemos que o copeiro-chefe, enfim, lembrou-se de José e, pedindo licença ao Faraó, contou-lhe o que tinha acontecido na prisão dois anos antes. Disse que quando estava preso junto com o padeiro-chefe, num mesmo dia sonharam sonhos diferentes que foram interpretados corretamente por um outro prisioneiro, um hebreu de nome José. O copeiro-chefe lembrou-se de José dois anos depois! Finalmente José estava sendo lembrado!

Nos versos 14 a 24 descobrimos que José foi rapidamente chamado, e liberto do cárcere, da masmorra. Ele estava com um aspecto sofrido.

Embora estivesse com o seu ânimo firme, por confiar em Deus, o seu físico se ressentia dos maus tratos da prisão. Sua barba estava crescida, suas roupas estavam corroídas. Mesmo sendo um servo de Deus, o sofrimento fazia parte do plano divino de forjar em José um caráter provado e aprovado. Não se assuste, nem se desespere, se você passar por momentos semelhantes aos de José. Ser salvo, ser amigo de Deus, não nos isenta das tribulações e aflições.

José preparou-se adequadamente para estar na presença de Faraó. Ali ouviu o relato do drama do rei que tinha sonhado, mas ninguém havia conseguido interpretar seus sonhos. Os mais sábios e mais poderosos do Egito não tiveram capacidade para isso. José, cheio de coragem, disse ao Faraó que a capacidade de interpretar os sonhos não era dele, mas de Deus: **Não está isso em mim; mas Deus dará resposta favorável a Faraó (v. 16)**.

José usou aquela oportunidade para engrandecer a Deus e ao seu poderoso nome! Que testemunho! Cheio de fé, disse a Faraó que Deus daria a interpretação correta, mesmo sem ter ouvido o relato dos sonhos! Precisamos ter essa plena confiança em Deus. Temos que ter fé para fazer afirmações como essas. Devemos avaliar a nossa vida para ver se teríamos essa mesma ousadia de José.

Faraó contou-lhe os sonhos detalhadamente. E a leitura do verso 25 nos dá a dimensão do poder de Deus e a confiança de José: **Então, lhe respondeu José: O sonho de Faraó é apenas um; Deus manifestou a Faraó o que há de fazer**. José tinha plena confiança em Deus. Ele disse a Faraó que, na verdade, o sonho fora dado por Deus, e somente Ele poderia interpretá-lo. E assim foi feito.

Nos versos 26 a 32, José interpretou o duplo sonho do Faraó, destacando mais uma vez o poderio e a grandeza do Senhor! Ele revelou que o Egito experimentaria sete anos de grande fartura, de grande abundância na plantação e na colheita de alimentos. Depois disso, viriam sete anos terríveis de fome e grande escassez que fariam todos se esquecerem dos sete anos de fartura. José disse também que Deus se apressava em realizar aquela grande obra.

Esse era José. Um homem de 30 anos que já passara pelo menos 10 anos na prisão sendo experimentado, provado e preparado por Deus. José sempre confiou em Deus, e mesmo diante da interpretação que antevia

uma grande fome no Egito, foi ousado em dizer que Deus faria com que o sonho se concretizasse rapidamente!

Mas o surpreendente é que José, além de interpretar os sonhos, teve a ousadia de aconselhar o Faraó sobre o que deveria fazer. Nos versos 33 a 36, certamente orientado por Deus, com a sabedoria divina, José o aconselhou a colocar sobre o Egito um administrador, um homem sábio e responsável e, sob a supervisão dele, outros administradores para ajuntar durante os anos de fartura uma grande quantidade de alimentos para enfrentar os sete anos de escassez.

A reação foi imediata. O verso 37 nos diz que: **O conselho foi agradável a Faraó e a todos os seus oficiais**. Temos que comprovar a grandeza do nosso Deus! Tirou um servo seu da prisão, preso por um longo período, e o colocou diante de um homem poderoso, o rei do império mais grandioso da terra, o grande Egito, para com a sabedoria divina aconselhar o rei a como administrar o Egito. Esse é o nosso Deus! É assim que Ele age. Usa-nos para sua honra e glória!

No verso 38, diante desse conselho admirável, o Faraó novamente ficou perplexo: **Disse Faraó aos seus oficiais: Acharíamos, porventura, homem como este, em quem há o Espírito de Deus?**. Quem poderia executar um plano tão brilhante como aquele? O próprio Faraó chegou à conclusão de que somente alguém possuidor do Espírito de Deus poderia realizá-lo.

Nos versos 39 a 45, lemos que o Faraó reconheceu que ninguém teria melhores condições para concretizar aquele plano senão o próprio José. E assim foi feito. José foi aclamado governador do Egito, recebeu o anel de sinete, roupas de linho fino e ainda um colar de ouro, demonstrando que era alguém que tinha toda a autoridade sobre a terra do Egito. José ganhou também um nome egípcio: Zafenate-Panéia, que pode significar "Deus falou e ele vive" ou "Aquele que sabe, que revela coisas". Ele também recebeu como esposa a Azenate, filha de um sacerdote de Om, uma terra que posteriormente seria chamada de Heliópolis, cidade do Sol, e ficava a uns 16 quilômetros da atual cidade do Cairo, capital do Egito.

O registro da idade de José, no verso 46, assinala uma história que começou quando ele tinha 17 anos (37.2), e seria completada 22 anos depois (45.6-7). Esse período de tempo é semelhante ao que Abraão e Israel aguardaram entre a promessa e o cumprimento. Durante esses

períodos, Deus foi trabalhando com seus servos, transformando-os conforme o seu querer. É assim que Deus age! Graças a Deus por suas ações em nossas vidas! O Senhor nos quer cada vez mais semelhantes a Ele!

Depois de tudo isso, e diante de suas novas atribuições, os versos 47 a 49 nos dizem que José percorreu toda a terra do Egito e ajuntou muitíssimo cereal, preparando o Egito para os sete anos posteriores de grande escassez. O texto também narra o nascimento dos dois filhos de José: Manassés, que significa "Deus me fez esquecer de todos os trabalhos e de toda a casa de meu pai", e Efraim, que significa "Deus me fez próspero na terra da minha aflição".

Veja como José entendia a vida! Até no nome de seus filhos reconheceu a bondade, a misericórdia e o plano de Deus sobre ele. José nos desafia a olhar a vida sob a perspectiva divina.

O texto termina com os versos 53 a 57, nos relatando que depois de recolher todo o mantimento que foi produzido durante os sete anos de fartura, José administrou os sete anos de escassez. Abriu as portas dos celeiros, vendeu aos egípcios e a todos os moradores de outras terras o alimento necessário para a subsistência deles, porque a fome tinha atingido todo o mundo.

Quantas lições vimos neste texto! Que mudança de vida radical Deus proporcionou a José. E, todos nós que refletimos sobre essa vida, percebemos que isso aconteceu porque ele foi um homem de fé e confiou completamente em Deus. Que nossas vidas possam imitar a vida de fé de José!

## Os irmãos de José vão ao Egito comprar alimentos
### Gn 42.1-38

O capítulo 42 de Gênesis é um dos mais dramáticos da Bíblia. José reencontrou seus irmãos depois de muito tempo, quando eles chegaram ao Egito em busca de alimentos.

Nos versos 1 a 4, vemos que a fome atingiu a terra de Canaã, como aconteceu nos dias de Abraão (12.10), e chegou à casa de Israel, pai de José. Podemos agora compreender como os planos de Deus vão se delineando e se tornando cada vez mais claros. Israel, depois de confrontar

seus filhos por causa da falta de atitude e passividade deles, mandou-os para o Egito para comprar mantimentos.

Os dez irmãos que venderam José como escravo foram enviados pelo pai ao Egito a fim de comprar comida, senão pereceriam de fome. Era uma situação tremendamente interessante. Aqueles dez rapazes, agora senhores, homens feitos, irmãos de José, deveriam ir até o Egito para comprar alimento, sem saber que teriam de negociar diretamente com José. É interessante percebermos como Deus age, quais são os seus métodos.

O texto do verso 4 destaca que Benjamim não foi com eles, porque Jacó temia que lhe acontecesse alguma coisa: **Benjamim, porém, irmão de José, não enviou Jacó na companhia dos irmãos, porque dizia: Para que não lhe suceda, acaso, algum desastre**. Será que Israel desconfiava de seus filhos? Tinha provas de que haviam feito mal a José? Não temos como responder a essas questões tendo como base o texto, mas podemos afirmar que, se aos olhos de Israel o crime que cometeram estava encoberto, certamente o caráter que possuíam era bem conhecido pelo pai. Que tristeza quando o próprio pai não confia e até suspeita dos filhos!

Os versos 6 a 8 nos relatam que ao chegarem no Egito, os irmãos de José se prostraram diante daquele que era autoridade máxima do lugar, sem saber de quem se tratava. Facilmente eles foram reconhecidos por José, embora não o reconhecessem. E por que não identificaram logo o irmão? Certamente por algumas razões:

1. Depois de passados tantos anos, eles pensavam que José estava morto.
2. Eles não estavam ali procurando José; estavam preocupados em comprar alimentos.
3. José estava com a barba feita e vestido com trajes egípcios. Para eles, o governador do Egito era um egípcio.
4. José deveria ter por volta de 40 anos e estava muito diferente. Eles tinham visto José pela última vez com 17 anos. Ele passou 13 anos entre a casa de Potifar e a prisão. Quando começou sua atividade como governador do Egito tinha 30 anos e naquele momento já havia terminado os sete anos de abundância. Certamente, depois que começaram os anos de seca, passaram-se mais dois ou três anos até que a família de Israel gastasse tudo o que tinha e descesse para comprar mantimento no Egito.
5. José falava com os irmãos através um intérprete (v. 23), e logo deixou claro que suspeitava de que eram espiões.

Diante da reverência feita a José, como autoridade egípcia, o texto dos versos 9 a 17 nos relata que José lembrou-se de seus sonhos. E não querendo ser reconhecido, tratou-os rispidamente. Certamente não por vingança, porque por trás daquela atitude exterior dura, havia um caloroso afeto fraternal, pronto a ser revelado. Mas ele sabia que ainda não era o momento certo.

José havia experimentado o bem e o mal, mas tinha certeza que Deus estava com ele. Era o governador do Egito, mas chegou àquela posição depois de percorrer um caminho muito acidentado na sua vida. Altos e baixos foram os aspectos que caracterizaram sua existência até ali. Ela só passou a ser estável quando ele se tornou uma espécie de primeiro ministro de Faraó, após ter interpretado os dois sonhos dele. Foi uma escalada dura e difícil que só pela providência divina pode ser concluída. Deus estava com José, e ele sabia disso!

Mesmo tendo José se casado com uma egípcia, Deus tinha um plano para a sua vida e ainda o abençoou com dois filhos, Manassés e Efraim. Desde aqueles dias não era costume dos judeus se casarem com moças de outras raças. Este princípio ficará claro depois do estabelecimento da Lei. Mas ele teve a bênção do Senhor que o usaria para a concretização de seu plano.

Muitas vezes Deus nos concede suas bênçãos para esquecermos os momentos ruins da vida. Não é que nunca mais nos lembraremos deles. Mas diante de uma nova vida, devemos esquecer as coisas velhas do passado. Para que sofrer de novo com a lembrança de coisas ruins que nos aconteceram? Há muita gente que revive sempre o seu passado ruim a ponto de abrigar na mente e no coração mágoas profundas, neuroses e frustrações. Paulo falou a respeito dessas lembranças em Filipenses 3. 13, 14: **Uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus**. É isso que todo cristão verdadeiro deve fazer. Devemos nos esquecer das coisas desagradáveis ou até das muito agradáveis que para trás ficaram, e prosseguir para o alvo, para o plano soberano de Deus para nossas vidas em Cristo Jesus.

Mas voltando ao texto, podemos concluir que José queria provar, queria testar os irmãos para ver se ainda eram maus, duros e violentos, ou

se já tinham mudado. Era um teste muito necessário. José quis despertar reações e disse: **Vós sois espiões e viestes para ver os pontos fracos da terra (v. 9)**. O que diriam ao senhor da terra diante daquelas colocações duras? Nos versos 10 a 17 temos o seguinte relato:

**10. Responderam-lhe: Não, senhor meu; mas vieram os teus servos para comprar mantimento.**
**11. Somos todos filhos de um mesmo homem; somos homens honestos; os teus servos não são espiões.**
**12. Ele, porém, lhes respondeu: Nada disso; pelo contrário, viestes para ver os pontos fracos da terra.**
**13. Eles disseram: Nós, teus servos, somos doze irmãos, filhos de um homem na terra de Canaã; o mais novo está hoje com nosso pai, outro já não existe.**
**14. Então, lhes falou José: É como já vos disse, sois espiões.**
**15. Nisto sereis provados: pela vida de Faraó, daqui não saireis, sem que primeiro venha o vosso irmão mais novo.**
**16. Enviai um dentre vós, que traga vosso irmão; vós ficareis detidos para que sejam provadas as vossas palavras, se há verdade no que dizeis; ou se não, pela vida de Faraó, sois espiões.**
**17. E os meteu juntos em prisão três dias.**

Este foi um momento dramático. Os irmãos de José o chamaram de senhor e se colocaram como seus servos. José, aquele que fora vendido como escravo, passou a ser o senhor deles. Estavam dependendo totalmente de José e tornando concreto o sonho de muitos anos atrás. Quando descreveram sua família, chegaram a falar que um já não existia mais, referindo-se ao irmão de 17 anos que fora vendido por eles mesmos como escravo.

Eles imaginavam que José estivesse morto, mas mal sabiam que ele era a pessoa com quem falavam. A divina providência, poderosa e sabiamente havia mudado o rumo dos acontecimentos. Diante daquele a quem queriam matar, agora estavam se prostrando. Ele, José, agora era o todo-poderoso do Egito.

Deus faz coisas assim. Pode transformar aparentes fracassos e derrotas em vitórias e triunfos. Mas, para isso, temos de ter a mesma fé que José teve. Ele saiu da cisterna e seguiu da prisão para o trono. Que possamos aprender com esta história a dependermos mais do nosso Deus, na certeza

de que todas as coisas contribuem para o bem daqueles que o amam, que foram chamados segundo o seu propósito.

Primeiramente, José colocou os irmãos à prova, com os três dias de prisão, para conhecer-lhes o caráter. Tinha pedido que um deles voltasse para buscar Benjamim, o irmão mais novo, o caçula da família. Você pode imaginar o que aqueles homens conversaram durante aqueles dias na prisão? Qual era o sentimento deles? Como sairiam daquela situação? Com certeza estavam apavorados. Tinham que pedir ao pai para levarem Benjamim até o Egito. Sabiam que Israel não concordaria de modo algum, uma vez que não tinha deixado Benjamim viajar com eles.

Mas o verso 18 mostra a real atitude de José: **Ao terceiro dia, disse-lhes José: Fazei o seguinte e vivereis, pois temo a Deus**. Por não querer se vingar, e por temer a Deus, mudou a prova a que tinha submetido os irmãos. Sabendo que esse seria um golpe muito duro para o seu pai, já idoso, mudou o teste e reteve apenas Simeão. Ao invés de ficarem todos presos, apenas um ficaria como refém, enquanto os outros voltariam a Canaã e trariam o irmão mais novo.

Aqueles homens estavam com muito medo. Ficaram se lamentando e, certamente, culpando uns aos outros, mesmo na frente daquela autoridade egípcia. Estavam recebendo a justa paga pelo crime cometido contra José há muitos anos. Rúben, que queria salvar José naquela ocasião, colocou mais culpa ainda sobre todos. Eles nem suspeitavam que José entendia tudo o que falavam, pois se dirigia a eles em egípcio através de um intérprete.

Você pode imaginar o sentimento de José? Ao ouvir aquelas confissões, não se conteve. O verso 24 nos conta que ele saiu da presença deles e chorou, prevendo que seria possível uma futura reconciliação. José os amava ainda e queria ter comunhão com eles. Mas ainda não era o tempo de revelar-se.

Do verso 25 em diante, vemos José ordenando que enchessem de cereais as bagagens dos israelitas e colocassem o dinheiro de volta em cada um dos sacos de alimento. Durante a viagem de volta, quando pararam na estalagem e foram alimentar os animais de carga, perceberam que todo o dinheiro que tinham levado para comprar alimentos estava nos sacos. Ficaram mais apavorados ainda! Como isso tinha acontecido? O que Deus queria através daquela experiência?

O verso 28 nos aponta que, pela primeira vez, aqueles homens reconheceram que a mão de Deus estava no controle daquelas circunstâncias terríveis que agora os afligiam: **Desfaleceu-lhes o coração, e, atemorizados, entreolhavam-se, dizendo: Que é isto que Deus nos fez?**. Estavam quebrantados, sentiam-se culpados e sabiam que colhiam o que tinham semeado.

O verso 29 nos diz que relataram todo o ocorrido ao pai, Israel, e também narraram a exigência que o senhor da terra lhes tinha feito, sem ainda saber que se tratava de José. Diante desse relato, Israel reagiu e disse: **Tendes-me privado de filhos: José já não existe, Simeão não está aqui, e ides levar a Benjamim! Todas estas coisas me sobrevêm (verso 36)**.

Você percebe a angústia do pai? Embora não fossem filhos exemplares, Israel amava cada um deles. Esse é o amor de um pai por seus filhos. É assim que amamos os nossos filhos? Ou será que nos dedicamos somente àqueles que nos são obedientes e nos alegram o coração? Será que temos o mesmo amor até quando não andam corretamente diante de nós e diante do Senhor? Vale a pena avaliarmos as nossas atitudes para com eles. O Salmo 127.3 nos diz: **Herança do Senhor são os filhos; o fruto do ventre, seu galardão**.

Rúben, no verso 37, propõe que seus dois filhos sejam mortos, se ele não trouxesse Simeão e Benjamim de volta da nova viagem ao Egito. Mas no último verso do texto, Israel se mantém firme e diz que não vai deixar que levem Benjamim: **Meu filho não descerá convosco; seu irmão é morto, e ele ficou só; se lhe sucede algum desastre no caminho por onde fordes, fareis descer minhas cãs com tristeza à sepultura (v. 38)**.

Mesmo diante do compromisso de Rúben, Israel não aceitou aquela proposta absurda. Israel esbravejou e foi veemente! Não deixaria Benjamim partir numa viagem tão longa e tão arriscada como aquela. Ele temia que algo de mal pudesse acontecer ao filho caçula, assim como acontecera a José há mais do que vinte anos. Não! Benjamim não viajaria!

Todos esses acontecimentos faziam parte do plano soberano de Deus, pois Ele estava preparando a ida da família de Israel para o Egito e, a partir dela, formar a sua muito amada nação israelita. Temos que confiar no Senhor mesmo que as circunstâncias sejam difíceis. Temos que confiar na sua soberania!

# Os irmãos de José voltam ao Egito e são hospedados por ele
## Gn 43.1-34

Já vimos diversos episódios da vida de José e extraímos muitas lições preciosas, mas no texto do capítulo 43 temos uma das narrativas mais lindas da Palavra de Deus. Ele nos mostra um novo encontro entre José e os irmãos e, finalmente, o seu reencontro com Benjamim, o irmão mais novo. José sabia que Deus estava dirigindo sua vida soberanamente. Estava sendo usado por Ele para levar toda a família de Israel, seu pai, para o Egito, para que dali, num futuro distante, saíssem como uma nação, a nação israelita.

O que veremos nesses versos é mais uma vez a ação de Deus controlando todas as situações vividas por essa família eleita. O Deus dos patriarcas, através de José, se demonstra misericordioso (v. 14), provedor (v. 23) e gracioso (v. 29), trazendo paz e harmonia a essa família que herdaria a sua promessa e traria através de suas futuras gerações o salvador da humanidade.

Os versos 1 e 2 nos relatam a grave fome que atingiu Canaã de tal modo que nenhum alimento brotava para o sustento de Israel e sua grande família. Toda a provisão que tinham conseguido no Egito estava acabando, e se não tomassem providências imediatas passariam grande necessidade. Os filhos de Israel tinham que voltar ao Egito para adquirir mais alimento.

Mas ao planejarem a nova viagem ao Egito, os filhos de Israel se depararam com a exigência feita pelo governador, que lhes pedira que levassem Benjamim como prova de que falavam a verdade e como condição para libertar Simeão. Só que o pai foi veementemente contra.

Então, Israel chama novamente seus filhos e lhes ordena que desçam ao Egito para adquirir suprimentos. Mas diante da lembrança das exigências do governador do Egito, e diante da negativa de Israel ao compromisso proposto por Rúben, de que seus dois filhos poderiam ser mortos se ele não retornasse com Benjamim e Simeão, todos ficam diante de um impasse.

Israel tinha a sua frente uma situação complicada: estava diante da cruz e da espada! Mas não tinha outro jeito. Ou seus filhos voltavam para

adquirir mais alimentos cumprindo as exigências do governador do Egito, ou morreriam de fome.

É… muitas vezes, Deus permite que as circunstâncias nos cerquem de todos os lados. Deus permite que aquilo que nos é mais precioso seja tirado da nossa mão, do nosso controle. Muitas vezes nos sentimos apertados de todos os lados. As circunstâncias muitas vezes são desfavoráveis.

Atente para essa experiência de Israel. Percorra os passos necessários e confie no cuidado e na soberania de Deus. Israel não via o futuro naquela ocasião. Tudo era muito difícil. Ele não sabia que aquela situação era parte do plano de Deus para levar toda a sua família para o Egito para que, através de José, fosse cuidada e amparada e depois se tornasse um grande povo. Nós sabemos de tudo isso, porque esse relato faz parte da história, já aconteceu. Mas quando estamos passando por ela, não conseguimos enxergar o futuro. O que podemos fazer é apenas confiar plenamente no Senhor!

E foi o que Israel fez. Nos versos 3 a 8 ele ouviu todos os argumentos dos filhos e, confiando em Deus, apoiou-se também nas garantias que Judá lhe deu: **Envia o jovem comigo… Eu serei responsável por ele, da minha mão o requererás; se eu to não trouxer e não to puser à presença, serei culpado para contigo para sempre (v. 8, 9)**. Sim, temos que confiar no Senhor e continuar a nossa vida da melhor maneira possível! Nos versos 11 a 14, Israel, de modo prático, instruiu seus filhos. Para que o retorno ao Egito tivesse bom êxito deveriam levar:

1. Bons presentes para o governador do Egito: bálsamo, mel, arômatas, mirra, nozes de pistácia e amêndoas.
2. O dinheiro em dobro para comprar mais alimentos.
3. O dinheiro que lhes fora restituído na boca dos sacos, talvez por engano.
4. Benjamim, conforme a exigência do senhor da terra.

Jacó queria assegurar o sucesso da missão usando presentes e dádivas. Será que ele estava novamente lançando mão de um recurso ilícito? Estava agindo do mesmo modo que agiu quando foi se encontrar com seu irmão Esaú, depois de muito tempo sem se verem? Estava usando a prática tão vista em nossos dias de subornar alguém para que lhe seja favorável? Ou será que estava lançando mão de uma atitude recomendada pelo sábio Salomão, em Provérbios 21.14, que nos ensina que um presente dado sem

ostentação desvia o furor de quem o recebe? Perceba que temos que saber como agir em situações como essas. O nosso modo de agir depende muito da motivação do nosso coração.

Mas não foi só dessa maneira que Israel finalizou suas recomendações. Depois de instruir seus filhos de modo prático, ele orou, colocando tudo nas mãos do Deus Todo-Poderoso, pedindo-lhe misericórdia: **Deus Todo-Poderoso vos dê misericórdia perante o homem, para que vos restitua o vosso outro irmão e deixe vir Benjamim (v. 14)**. É assim que um crente deve se comportar. Deve fazer a sua parte, agir e não ficar parado queixando-se da vida e das circunstâncias. Agir com bom senso e entregar-se aos cuidados do Senhor! Que essa atitude de Israel possa nos estimular a sermos sábios e a confiarmos em Deus.

O texto prossegue, e o verso 15 nos diz que os filhos de Israel voltaram ao Egito, desta vez com Benjamim. Eram dez homens, orientados pelo pai e sob a bênção de Deus, buscando solução para sua família. Simeão estava como refém no Egito. Queriam retornar com ele. Precisavam comprar mais alimentos. Tinham de voltar a Canaã, para junto do pai e de suas famílias. Imagine a ansiedade que sobreveio sobre eles!

Mas como toda boa história sempre tem momentos altos, estamos aqui exatamente em um deles. Os versos 16 a 18 nos relatam a grande surpresa que tiveram os irmãos de José ao chegaram ao Egito. José viu que tinham trazido consigo a Benjamim, seu irmão mais novo, e deu ordens ao mordomo que lhes preparasse uma refeição especial, porque ao meio-dia almoçariam com ele.

Quando os dez filhos de Israel perceberam que tinham sido levados para a casa daquele senhor da terra, ficaram com medo. Pensaram que poderiam ser punidos por causa do dinheiro que tinha sido devolvido na primeira compra, quando retornaram a Canaã. Não era comum um grupo de estrangeiros que tinha vindo apenas para comprar alimentos ser levado à casa do mais alto oficial do Egito. Não imaginavam o que lhes aconteceria agora diante daquela grande autoridade. Temeram, pensando que seriam escravizados! Era uma situação difícil!

Os versos 19 a 25 relatam que diante da incerteza do que lhes aconteceria e do temor de serem feitos escravos, os filhos de Israel procuraram o mordomo de José, tentando conquistá-lo e sensibilizá-lo para que lhes fosse favorável. Contaram como o dinheiro que tinham trazido

para comprar alimentos foi achado na boca de cada saco de mantimento e afirmaram que não eram ladrões nem desonestos. O mordomo, então, tranqüilizou o coração deles com palavras muito especiais: **Ele disse: Paz seja convosco, não temais; o vosso Deus, e o Deus de vosso pai, vos deu tesouro nos sacos de cereal; o vosso dinheiro me chegou a mim (v. 23)**.

Aquela foi, de fato, uma palavra divina. Pronunciada por um mordomo egípcio, por um homem que não era da linhagem eleita, mas que foi providencial para tranqüilizar aqueles corações perturbados. Este egípcio certamente havia sido influenciado por José. Provavelmente tinha se tornado um homem temente a Deus, pois quando falou aos israelitas sobre o ocorrido, disse que o Deus de Jacó havia feito aquilo com eles. Temos que entender que esta foi uma palavra divina para estimular aqueles homens a crerem. Num certo sentido aquela mensagem, além de destacar a soberania divina, foi sobrenatural. Sim, porque na história de José temos muitos milagres. Em todos os detalhes de sua história vemos a mão de Deus operando.

Em João 20.19, temos uma saudação idêntica à do mordomo, "Paz seja convosco", feita por outra pessoa. E todos nós sabemos que quem proferiu essa abençoada saudação foi Jesus, depois da ressurreição. Na primeira aparição coletiva aos discípulos que estavam temerosos e sem saber o lhes ia acontecer, Jesus lhes disse: "Paz seja convosco".

Os filhos de Israel quase não acreditaram quando ouviram essa saudação! Que bênção. O nosso Deus não nos desampara! Mas, além disso, os filhos de Israel ficaram de olhos arregalados quando viram Simeão ser trazido vivo para junto deles. Ele estava são e salvo! Sim, quando Deus age, age por completo!

Os versos 24 e 25 contam que todos os onze filhos de Israel foram levados à casa de José e receberam água para lavarem os pés, para se prepararem para a refeição. Todos estavam sendo muito bem tratados. Diante da recepção surpreendente que tiveram, prepararam os presentes para que, no momento adequado, pudessem entregá-lo ao senhor da terra que tão bem lhes recebera.

A oração de Israel ao Deus Todo-Poderoso estava sendo respondida. Israel tinha pedido que Deus desse misericórdia para que Simeão lhes fosse restituído e deixassem Benjamim voltar. Dois terços da oração já estavam respondidos! Deus é assim! Ora, se Jacó podia contar com o Deus

Todo-Poderoso, não havia nada a temer. Era só confiar firmemente Nele e tudo sairia bem.

E é assim em todas as adversidades que nos sobrevêm. Quando colocamos os nossos problemas nas mãos de Deus devemos ficar tranqüilos e confiantes. Ele é o Todo-Poderoso, e a fé num Deus assim só pode trazer-nos completa paz e segurança. Foi o que nos disse o apóstolo Paulo quando escreveu Efésios 3.20-21: **Ora, aquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre, Amém**.

Neste ponto, ainda precisamos destacar o verso 26, onde é relatado que, ao entregarem os presentes a José, ainda sem saber que aquele senhor da terra era o irmão que fora vendido por eles, os onze filhos de Israel se ajoelharam, inclinando-se diante dele exatamente como José tinha sonhado tanto tempo atrás.

Creio que José, ao ver aquela cena, certamente se lembrou de seu sonho, mas se conteve mais uma vez e conversou com aqueles homens sobre outras coisas. Perguntou primeiro como estava passando o pai deles: **Vosso pai, o ancião de quem me falastes, vai bem? Ainda vive? (v. 27)**. E, eles responderam: **Vai bem o teu servo, nosso pai vive ainda; e abaixaram a cabeça, e prostraram-se (v. 28)**. Quis também saber se o mais jovem era Benjamim e, ao ter confirmação de que era seu irmão caçula, o abençoou, invocando o nome de Deus sobre ele.

Essa cena, onde José viu Benjamim face a face, é bastante comovente. Olhando para ele, José se lembrou das pessoas da sua casa. Quantas lembranças. Quanto tempo se passara. Tudo foi interrompido bruscamente. Lembrou-se melhor de seu pai e de sua mãe Raquel, já falecida. Certamente foi um momento de grande emoção.

A emoção era tanta que José não suportou mais. As lágrimas lhe vieram aos olhos e, para não ser visto, foi para um outro aposento e chorou. Chorou de emoção ao ver o seu querido irmão, filho de sua mãe; chorou por ter visto a cena de todos os irmãos se ajoelhando a seus pés, cumprindo o seu sonho; chorou de alegria ao saber que seu pai estava bem, embora já fosse avançado em idade; certamente chorou, também, porque viu mais uma vez como Deus tinha conduzido sua vida até aquele

momento! Sim, quando meditamos no que Deus tem feito por nós, choramos de alegria diante de tanta bondade do Senhor!

E, depois disso, José ainda viu seus irmãos prostrarem-se repetidas vezes diante de si. Assim, vemos o cumprimento da palavra de Deus, quando disse que **Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes (Tg 4.6)**. E também das palavras de Pedro: **Cingi-vos todos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça (1Pe 5.5)**. Deus confirma a sua palavra. Se abrirmos os olhos, veremos na experiência humana o cumprimento fiel de todas as palavras de Deus.

O texto termina dizendo que José, depois de se recobrar, depois de lavar o rosto, voltou para a sala de refeições, para junto de seus irmãos, ainda sem revelar a sua identidade. Os egípcios não participaram daquele almoço, porque não podiam, por questões religiosas, sentar-se e alimentar-se com os hebreus. José, ainda mantendo-se em segredo, fez a refeição numa mesa separada. Os filhos de Israel sentados ordenadamente comeram, beberam e se regalaram, mas a porção de Benjamim, o irmão caçula, foi cinco vezes maior que a dos outros irmãos.

Quando confiamos em Deus, acontece isso! Veja só! Na capital do maior império da época, no palácio real, estavam doze hebreus alimentando-se numa reunião familiar e festiva! A razão é que quando confiamos em Deus é exatamente isso que acontece!

## A estratégia de José para reter Benjamim
### Gn 44.1-34

José chorou, comovido por tudo que estava vendo, sentindo, lembrando e sendo confirmado dentro da sua casa. Seus irmãos estavam reunidos. Quantas recordações. Quanta alegria contida. Quantas bênçãos do Senhor Deus. Como Deus dirigira a sua vida até aquele momento. Mas ainda não era a hora de revelar-se. O texto, nos versos 1 e 2, diz:

**1. Deu José esta ordem ao mordomo de sua casa: Enche de mantimentos os sacos que estes homens trouxeram, quanto puderem levar, e põe o dinheiro de cada um na boca do saco de mantimento.**

**2. O meu copo de prata pô-lo-ás na boca do saco de mantimento do mais novo, com o dinheiro do seu cereal. E assim se fez segundo José dissera.**

Como podemos ver, José estava submetendo seus irmãos a um teste de fidelidade familiar. Ele queria saber como os irmãos reagiriam diante das pressões e das dificuldades da vida.

O texto prossegue e, nos versos 3 a 6, José instruiu seu mordomo a alcançar a caravana dos israelitas e abordá-los com a seguinte questão: **Por que pagastes mal por bem?** Por que vocês roubaram o copo de prata do meu senhor? Imagine a surpresa dos hebreus diante de mais uma acusação como aquela. Por certo se entreolharam e ficaram perplexos, sem entender o que lhes falava o mordomo. Negaram qualquer má intenção e ainda confirmaram que tinham devolvido o primeiro valor que haviam trazido para a primeira compra de mantimentos, na viagem anterior.

Eles agiram assim, porque estavam certos de que não tinham cometido nenhum mal contra a autoridade egípcia. Seguros como estavam, afirmaram no verso 9: **Aquele dos teus servos, com quem for achado, morra; e nós ainda seremos escravos do meu senhor**. Ao que lhes respondeu o mordomo: **Seja conforme as vossas palavras; àquele com que se achar será meu escravo, porém vós sereis inculpados (v. 10)**. Os versos 11 e 12 relatam que na busca que fizeram acharam não apenas o dinheiro da compra na boca dos sacos, mas também o copo de prata no saco de mantimentos que Benjamim levava.

O espírito deles era o melhor possível. Não eram ladrões. Tinham agido com honestidade. Prova disso é que trouxeram de volta o dinheiro que encontraram na primeira compra de mantimentos. Agora, do nada, aparece esse copo com o qual José fazia as suas adivinhações.

A situação dos irmãos de José era gravíssima. Eles estavam sendo testados novamente. Assim como fizeram a José muitos anos antes, poderiam fazer agora a Benjamim, diante da possibilidade de todos ficaram presos e serem tratados como escravos. Poderiam abandonar Benjamim à própria sorte e se livrarem da terrível perspectiva de se tornarem escravos de uma hora para outra.

No verso 9, quando o mordomo trocou o desafio deles pela oportunidade de ficarem livres à custa de Benjamim, surgiu na frente deles a oportunidade para uma nova traição. Mas por que José estava agindo assim? Qual era o seu objetivo? José tinha que descobrir como estava o coração deles. Queria saber se estavam unidos, lutando uns pelos outros, ou lutando uns contra os outros!

Mas voltemos um pouco ao verso 5: Qual era o significado desse copo? Um copo de adivinhações? José era um mero adivinhador? Certamente que não. A Bíblia diz que Deus lhe havia dado o dom de interpretação de sonhos. Quando se trata de uma mera adivinhação, tal poder é dado pelo próprio diabo. José tinha o Espírito de Deus e aquele dom maravilhoso.

Em nossos dias, muitos tentam adivinhar os acontecimentos futuros. Precisamos ter cuidado, porque o futuro a Deus pertence. Nós temos Cristo e a Bíblia, a completa revelação de Deus para o homem. Vivemos pela fé na Palavra de Deus. A Bíblia satisfaz plenamente a nossa fé. Os homens estão querendo, também, por quaisquer meios, ver os poderes sobrenaturais se manifestarem através de atos e feitos maravilhosos. Os crentes que estão procurando estas coisas, que dependem dessas revelações, não estão vivendo verdadeiramente pela fé. Viver pela fé é viver na plena certeza de que a Palavra de Deus é infalível e será realizada, será concretizada completamente!

Definindo o que é fé, a Bíblia diz em Hebreus 11.1: **Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem**. Devemos atentar muito para este conceito bíblico e verdadeiro, porque há muita gente que está procurando basear a fé em fenômenos espirituais que podem ser vistos. Pelo menos esta não é a fé cristã e evangélica. O próprio Senhor Jesus disse a Tomé: **Bem-aventurados os que não viram e creram (Jo 20.29)**.

Muitos hoje deixam de ler a Bíblia, a revelação perfeita e completa de Deus, para buscar adivinhações ou tentar desvendar o futuro por meio de pêndulos, horóscopos, sonhos ou até copos com água. Era assim a prática das religiões pagãs dos dias de José. Tanto na Mesopotâmia como no Egito, as pessoas acreditavam que ao colocarem água em um copo, era possível prever o futuro. Elas interpretavam a figura que surgia após colocar algumas gotas de azeite sobre a água, ou ao deixar cair uma pequena pedra no fundo do copo. Isso era adivinhação.

E esse foi o conceito que o mordomo usou com os irmãos de José para justificar a presença do copo no saco de mantimentos de Benjamim. Por isso ele estava lá. Por isso descobrira o roubo.

E, assim, os irmãos de José não desconfiaram de nada e o verso 13 diz que a reação deles foi desesperadora. Rasgaram as suas vestes numa

demonstração de profunda angústia, mas também de amor, lealdade e preocupação com Benjamim e com o seu pai Israel. Todos foram obrigados a voltar novamente à cidade. Nos versos 14 e 15, os israelitas estavam novamente diante de José, prostrados, pedindo misericórdia, mas recebendo também uma severa repreensão.

Então, novamente aqui, como já fizera diante de seu pai (43.8-10), quando se responsabilizou pela viagem de Benjamim até o Egito, Judá começa a assumir uma liderança muito clara diante de seus irmãos. A partir do verso 16, Judá faz a grande defesa de todos eles. Podemos perceber que a atitude daqueles homens tinha realmente mudado. Três aspectos podem ser destacados:

1. A reação de angústia, lealdade e amor para com Benjamim e Israel foi unânime.
2. A franqueza de Judá ao mostrar que não tinham como se justificar diante dos fatos demonstrou humilhação e um apelo à misericórdia.
3. A constância no oferecimento de todos se tornarem escravos, no verso 16, demonstrou uma unidade em assumir a responsabilidade, o que antigamente não existia naquela família.

Com certeza as experiências negativas estavam causando o efeito desejado. Aqueles homens estavam sendo transformados! Quando as mudanças em nossas vidas não ocorrem por bem, Deus usa recursos duros e situações complicadas para produzir o resultado necessário.

No verso 16 Judá tentou livrar Benjamim da morte, colocando todos os onze irmãos sob a penalidade da escravidão e, no verso 17, José fez uma última prova para ver como estava o egoísmo e a discriminação no meio deles. Ele disse: **O homem em cuja mão foi achado o copo, esse será meu servo; vós, no entanto, subi em paz para vosso pai**. Esse era o teste final. Eles poderiam ter aceitado a proposta e deixado Benjamim, o novo preferido de Israel, jogado à própria sorte. Mas verdadeiramente havia ocorrido alguma transformação.

Então, nos versos 18 a 34, encontramos na súplica de Judá para que fosse feito prisioneiro no lugar de Benjamim, uma das mais belas e comoventes petições descritas e narradas nos livros bíblicos. Quando Judá declarou que Deus tinha achado iniqüidade nele e nos seus irmãos, que trouxera à luz a culpa de todos, certamente estava confessando e reconhecendo, muito além do suposto roubo do copo. Judá estava

confessando o crime que todos tinham cometido há muito tempo contra José.

Ele relatou, então, toda a história da família, do amor de Israel por Raquel e por seus dois filhos, José e Benjamim. Esclareceu que a alma de Israel estava ligada a de Benjamim, o único filho que sobrara de Raquel. Também disse que Israel, já avançado em idade, poderia até morrer de tristeza se todos voltassem sem Benjamim. Judá apresentou uma argumentação, uma petição detalhada e verdadeira dos fatos. Mas não era apenas uma petição emocional para despertar uma compaixão sentimental. Foi um pedido consciente e ousado, mas ao mesmo tempo bastante humilde!

O mais notável é que Judá, nos versos 33 e 34, se colocou à disposição para sofrer vicariamente em favor de todos eles. Provavelmente, esta disposição de Judá de substituir a todos, de sofrer no lugar de todos, era uma maneira de compensar para si mesmo, para sua própria consciência, a frágil e errônea participação que tivera no episódio da venda de José aos ismaelitas (37.26, 27). Mas de qualquer maneira, era uma atitude de quem reconhecia os erros anteriores e deseja agir de um modo completamente diferente.

Um paralelo pode ser feito entre essa atitude de Judá e a oração que Moisés fez, muito tempo depois, em Êxodo 32.9 a 14, em favor do povo de Israel que havia pecado. Tanto no primeiro quanto no segundo caso, a disponibilidade de sofrer a conseqüência no lugar dos outros era um prenúncio da grande substituição que Jesus faria em nosso favor, carregando sobre si os nossos pecados e as nossas iniqüidades! Sim, o amor sacrificial de Judá prefigurava a expiação vicária de Cristo, descendente de Judá que, através do seu sofrimento espontâneo, reconciliou o homem com Deus.

Diante dessas atitudes perdoadoras e pacificadoras, resta-nos perguntar se nós mesmos temos sido altruístas para com nossos cônjuges, nossos filhos, nossos irmãos da igreja e nossos amigos. Devemos estar dispostos a pagar o preço para salvar outros, assim como fez o "bom samaritano". Devemos nos dispor a colocar em ação esse amor desinteressado ao próximo, na força do Senhor.

## José se deixa conhecer por seus irmãos

**Gn 45.1-28**

Quando Judá proferiu as palavras de Gênesis 44.33, **Agora, pois, fique teu servo em lugar do moço por servo de meu senhor, e o moço que suba com os seus irmãos**, estava se colocando no lugar de Benjamim, que fora considerado culpado. E, como mencionamos, mesmo sem saber, estava sendo usado por Deus para nos indicar a pessoa de Jesus Cristo, que tomou na cruz o lugar do pecador.

É assim que Deus fez e faz. Por toda a história da humanidade indicou que traria para nós uma grande salvação, totalmente provida por Ele mesmo. Por isso dizemos que o ponto culminante do evangelho se dá quando Cristo substituiu o pecador. Deus provou o seu amor para conosco, sendo nós ainda pecadores, escreveu o apóstolo Paulo aos Romanos (Rm 5.8). E disse ainda mais, em 2Coríntios 5. 21: **Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus**.

Judá, com a atitude de tentar ser o substituto do irmão, tornou-se um tipo de Cristo, e é muito significativo o fato de Jesus ter vindo ao mundo justamente através da descendência da sua tribo. A história da substituição que Cristo proporciona é a história da redenção. Séculos antes de sua vinda os profetas apresentavam com bastante clareza este plano salvador de Deus, conforme lemos em Isaías 53.4-6: **Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; … mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniqüidade de nós todos**.

Assim, desde o Antigo Testamento, temos exposto a toda humanidade o evangelho redentor! Cristo, quando esteve entre nós, anunciou claramente este plano salvador de Deus. Os apóstolos o pregaram. A igreja o proclamou e foi desafiada a proclamar essa mesma mensagem de salvação, a mensagem do evangelho!

No capítulo 45 vemos José revelando sua identidade aos irmãos. Nesta narrativa de perdão e reconciliação, ele nos apresentou um modelo de submissão ao plano eterno e misericordioso de Deus. Mostrou que todo o mal praticado pelos seus irmãos contra ele, na verdade, era parte do plano secreto de Deus, elaborado com o objetivo de salvar não somente a ele, mas também a seu pai, a toda a sua descendência e até mesmo aos irmãos que o tinham vendido como escravo.

Podemos agir dessa mesma maneira, mas para isso é necessário ter fé suficiente para crermos que mesmo os males fazem parte do plano

misericordioso de Deus para nós e para aqueles que convivem conosco. Temos que aprender a desenvolver a mesma atitude tranqüila, paciente e perseverante de José. Quando somos submetidos às provas mais difíceis, precisamos reconhecer a soberania divina sobre as nossas vidas. Esses são grandes desafios da Palavra para cada um de nós!

O verso 1 diz: **Então, José, não se podendo conter diante de todos os que estavam com ele, bradou: Fazei sair a todos da minha presença! E ninguém ficou com ele, quando José se deu a conhecer a seus irmãos**. José mandou que todos os egípcios saíssem. Ninguém podia ficar ali. Aquela era uma reunião familiar, se bem que seus irmãos ainda não sabiam. José quase não se continha mais! Ele ia revelar-se aos irmãos. Todos os estranhos saíram. Os filhos de Israel ficaram sozinhos. Era um momento especial!

**E levantou a voz em choro, de maneira que os egípcios o ouviam e também a casa de Faraó**, diz o verso 2. José não conseguiu controlar mais as suas emoções. Realmente havia muitos motivos para emocionar-se daquela maneira. Todo o processo para chegar até ali era demais para uma pessoa suportar. José tinha sido considerado morto pelos irmãos. Não tinha esperança de ver novamente a sua família. Mas agora estavam todos reunidos, e José esperava encontrar-se brevemente com o seu pai.

Tudo isso mexeu profundamente com o íntimo de José que vinha retendo as emoções durante dias, e talvez alguns meses, desde a primeira viagem de seus irmãos ao Egito. E nesse momento, com a presença de Benjamim, ficou ainda mais difícil esconder sua identidade. Fez tudo para se controlar, mas finalmente levantou a voz e chorou. Chorou a ponto de muitos ouvirem seu pranto do lado de fora, e até no palácio de Faraó.

No verso 3, José recobrou o controle e finalmente disse a seus irmãos: **Eu sou José**. Que declaração! Que surpresa! Ninguém naquela sala esperava ouvir aquilo. Nenhum dos onze filhos de Israel acreditou no que ouvia. Nenhum deles poderia supor que ouviria dos lábios daquele senhor da terra do Egito uma declaração como aquela. E José continuou, ainda no verso 3: **Vive ainda meu pai? E seus irmãos não lhe puderam responder, porque ficaram atemorizados perante ele**.

Realmente seus irmãos ficaram tomados de grande medo. Eles estavam diante de José, o irmão a quem tinham vendido décadas atrás como escravo para o Egito. Só que ele não era mais um escravo, mas o

governador do Egito. Tornara-se tão importante e poderoso quanto o próprio Faraó. Esses homens tinham razão para temer. Aquele rapazinho de 17 anos que tinha sido vendido injustamente como escravo agora era o senhor do Egito. Era poderoso, e todos eles estavam em suas mãos. É possível imaginar que sentimento os dominava? Eles temeram muito.

Mas tinham mesmo razão para ter medo? Em parte sim, diante da gravidade do pecado que haviam cometido contra José. Mas em parte não, porque José sempre foi um homem de Deus. Ele não tinha nenhum sentimento de vingança. Não era este o seu espírito. Seu coração era grande demais e não alimentava ódio nem ressentimento. Estava pronto para perdoar. No seu coração estava o próprio Espírito de Deus.

José verdadeiramente sabia que a sua vida estava no controle de Deus. As suas palavras, nos versos 4-9, mostram essa convicção:

**4. Disse José a seus irmãos: Agora, chegai-vos a mim. E chegaram-se. Então, disse: Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito.**
**5. Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque, para a conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós.**
**6. Porque já houve dois anos de fome na terra, e ainda restam cinco anos em que não haverá lavoura, nem colheita.**
**7. Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra e para vos preservar a vida por um grande livramento.**
**8. Assim, não fostes vós quem me enviastes para cá, e sim Deus, que me pôs por pai de Faraó, e senhor de toda a sua casa, e como governador em toda a terra do Egito.**
**9. Apressai-vos, subi a meu pai e dizei-lhe: Assim manda dizer teu filho José: Deus me pôs por senhor em toda terra do Egito; desce a mim, não te demores.**

Vemos aqui o tamanho da fé de José. Por isso podemos afirmar que ele era um homem de fé. E podemos fazer essa afirmação, porque encontramos José, em Hebreus 11. 21, 22, no capítulo dos heróis da fé.

E com a repetida afirmação de que "Deus me enviou" (v. 5, 7, 8), e "Deus me pôs" (v. 9), José nos fornece o centro teológico da sua história. Deus supervisiona e controla toda ação humana para atingir e fazer cumprir os seus bons e misericordiosos propósitos eternos! Sim, nesses

versos, através das palavras de José, encontramos de modo inquestionável a declaração da soberania de Deus.

Ali estava José, alegre e confiante diante de seus irmãos. Ali estavam seus irmãos, apavorados e temerosos diante dele. Mas José começou a explicar-lhes como enxergar a vida sob o prisma divino. Mostrou sua total confiança no Senhor e disse que os acontecimentos do passado, que culminaram com sua venda como escravo para o Egito, não deveriam ser interpretados superficialmente. José era realmente um homem temente ao Senhor, era um crente que cria na existência de um Deus pessoal que esteve presente em todos os acontecimentos da sua vida.

Portanto, quem crê num Deus assim deve interpretar corretamente os fatos que lhe acontecem. Para o homem descrente, para o homem incrédulo, um evento qualquer, no lar ou no trabalho, representa uma tragédia. Mas o verdadeiro crente não enxerga dessa maneira. Um acontecimento desagradável pode ser o caminho providencial de Deus para alcançarmos as alturas. Não importa o que seja, tudo coopera, tudo contribui para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que foram chamados segundo o seu propósito (Rm 8.28).

José garantiu aos seus irmãos que não havia motivo para ficarem atemorizados, porque o que eles fizeram no passado havia sido usado por Deus como instrumento de salvação para o Egito, para muitas nações e, principalmente, para sua própria família. Serviu também para preservar a descendência de Abraão, Isaque e Jacó, seu pais, fato que era verdadeiramente importante, porque o cumprimento das promessas de Deus dependia da continuidade daquela sucessão.

Precisamos dessa percepção para encarar a história da nossa vida. José tinha convicção de que era um instrumento usado por Deus para possibilitar e preservar a descendência eleita, a tal ponto que chegou a afirmar: **Assim, não fostes vós quem me enviastes para cá, e sim Deus… (v. 8)**. Temos que conseguir ver a ação do Senhor nos acontecimentos da nossa vida É a sabedoria máxima que podemos ter neste mundo. Se você não consegue ver Deus agindo no seu viver, ore e peça ao Senhor que lhe mostre a vida sob sua divina perspectiva.

Voltando ao texto, nos versos 10 a 13, José deu as últimas orientações e garantias aos irmãos de que teriam total sustento na terra do Egito, para que tentassem sensibilizar Israel. Ele tinha a intenção de que seu velho pai

deixasse Canaã e viesse com todos os seus bens e toda a sua família para o Egito.

Os versos 14 e 15 nos mostram o momento emocionado de despedida, feito com muita alegria, com os corações aliviados e com a certeza de que Deus estava no controle. José chorou quando abraçou Benjamim, que também chorou. José beijou a todos os irmãos e chorou sobre eles. Aquele era um momento muito especial. Mais de 20 anos tinham se passado desde a sua ida para o Egito, e José era agora um homem de aproximadamente 40 anos.

Seus irmãos tinham a missão de convencer o pai a descer ao Egito. Canaã não oferecia no momento condições para a família de Israel tornar-se uma grande nação que servisse aos propósitos divinos. No momento, a gravíssima seca, a fome e também a grande idolatria, desqualificavam Canaã como a terra para a família de Israel se multiplicar. Mas a terra de Gósen, no Egito, oferecia as melhores oportunidades para que os planos de Deus fossem alcançados.

Nos versos 16 a 20 vemos revelado o grande interesse do próprio Faraó pela vinda de Jacó ao Egito. O rei pediu que José confirmasse o convite a Jacó e a toda a sua família, pois lhes daria o melhor da terra do Egito para morar. Ele ofereceu tudo o que fosse necessário para a mudança, inclusive carros para transportar tanto a Jacó, que era idoso, quanto a seus pequenos netos e suas mães.

As portas estavam realmente abertas e preparadas para receber toda a família, pois o apoio do rei do Egito era total. A mão do Senhor estava operando em tudo isso. Deus usa os reis e os poderosos na concretização da sua vontade. Todos estão em Suas mãos: os povos, as nações, as potências. E Deus, o Senhor da terra, move os homens e as circunstâncias para a concretização de seus planos eternos.

Mas voltemos nossa atenção agora para os versos 21 a 24. O texto continua mostrando o que os irmãos de José ganharam. Além das provisões para o caminho, cada um recebeu vestes festivais. Porém Benjamim ganhou 300 moedas de prata e cinco vestes festivais. O texto diz que José enviou para seu pai dez jumentos carregados do melhor do Egito e mais dez carregados de provisão para o caminho.

Como vemos, esse foi um grande carregamento para Canaã que se encontrava grandemente empobrecida pela seca. Se não fosse aquela

provisão divina, se não fosse José, toda a família morreria de fome. Mas vemos que havia abundância no Egito para resistir à seca, pois restavam ainda cinco anos de escassez. Com dois anos de fome, o povo de Canaã já enfrentava riscos muito grandes. Se tivesse pela frente mais cinco, a descendência eleita não mais existiria a não ser que Deus interviesse milagrosamente de uma outra maneira.

Depois de tudo isso, José se despediu dos seus irmãos, não sem antes recomendar que não contendessem pelo caminho. Ele sabia que diante de todas aquelas revelações provavelmente ficariam discutindo entre si, preocupando-se mais em culpar um ao outro do que em agradecer a Deus pela salvação concedida até agora.

O texto prossegue, e nos versos finais, 25 a 28, vemos que Israel quase morreu ao ouvir a maravilhosa notícia de que José ainda estava vivo e era governador do Egito. Você pode imaginar que alegria ele sentiu ao saber de todas essas novidades? A felicidade foi tão grande que quase desfaleceu. Sim, Deus mais uma vez mostrou a Jacó a sua fidelidade!

Depois que ele viu os carros que José enviara para levá-lo ao Egito, reviveu-lhe o espírito, e Israel disse no verso 28: **Basta, ainda vive o meu filho José; irei e o verei antes que eu morra**.

## Jacó (Israel), e família descem para o Egito
### Gn 46.1-34

A possibilidade de transferir-se para o Egito foi realmente uma surpresa para Jacó. De repente, sem esperar, recebeu um maravilhoso convite do governador e do Faraó para que fosse morar na melhor área da região. Recebeu também as melhores condições para que a viagem fosse tranqüila e segura.

Quando Jacó descobriu que seu amado filho José estava vivo, e era uma pessoa tão influente, se dispôs imediatamente a viajar, mas certamente para uma breve visita apenas. Iria passar um tempo no Egito matando a saudade de José. Israel imaginava que retornaria logo depois, porque Deus lhe havia dito anteriormente que deveria ir para Betel. Ele queria ficar em Betel para sempre. Estava disposto a ir para o Egito apenas por uma temporada, até que a fome não mais assolasse Canaã.

Por que era difícil para Jacó pensar em passar o resto de sua vida no Egito? Sabemos a razão desse temor. Devemos nos lembrar. Não tinha

sido do agrado de Deus que Abraão fosse para o Egito. E, quando ele foi, sofreu o castigo divino. Também não foi da vontade de Deus que Isaque seguisse para o Egito. E, agora, Jacó temia fazer o mesmo.

Assim, para descer para o Egito com objetivo de se estabelecer lá, ele precisava não somente de um convite do próprio Faraó ou de seu querido José. Os convites que recebera não o impressionavam nem eram suficientes. Israel precisava saber, antes de tudo, qual era a vontade de Deus.

Quão sábio foi Jacó neste momento. E quanto devemos imitá-lo nessa busca pela vontade de Deus! Às vezes entendemos que um oferecimento amplo, uma porta que se abre facilmente para nós, é suficiente para entrarmos por ela sem consultarmos a Deus. As facilidades, os oferecimentos, as vantagens aparentes nos influenciam muito, e é justamente nesse ponto que muitas vezes erramos ao tomar decisões.

Nem sempre a vontade Deus para a nossa vida se expressa por uma porta aberta, ou por meio de vantagens materiais. Bem, a verdade é que Jacó não se deu por vencido apenas pelos presentes que lhe vieram do Egito, nem ficou admirado pelos carros que José e o Faraó haviam enviado para transportá-los. Israel estava temeroso. É isso mesmo. Mesmo com todas aquelas facilidades, ele temia. Não queria fazer nada errado.

Como podemos ter certeza de que era esse o seu sentimento? Pelo que está escrito no verso 3, quando Deus falou com ele através de visões: **Então disse: Eu sou Deus, o Deus de teu pai; não temas descer para o Egito. Porque lá eu farei de ti uma grande nação**. O primeiro destaque do texto deve ser feito na expressão "não temas descer para o Egito". Embora tenha recebido com grande alegria a notícia de que José estava vivo, e tomado todas as providências para a viagem, ele queria e necessitava de um aval do Senhor!

Observe o que Jacó fez. Ele foi até Berseba e ali ofereceu sacrifícios a Deus, ao Deus de seu pai Isaque (v. 1). Vemos aqui de um modo claro o desenvolvimento espiritual de Jacó. Certamente você se lembra que, no capítulo 31, quando Jacó saiu de casa para Harã, da terra da família de seu sogro Labão, os seus interesses eram materiais. Não buscara a Deus de modo apropriado. Quando deixou a casa de seus pais fugindo de Esaú, e desceu para Harã, também não buscou a Deus.

Mas alguém pode dizer: Não foi em Betel que Jacó teve a visão da escada que alcançava o céu e chegou a dizer que ali era a casa de Deus? Sim, é verdade. Mas ali Jacó não buscou a Deus. Foi Deus quem se revelou a ele. É diferente. Mas como estamos vendo neste capítulo, Jacó mudou muito. Ele agora era Israel. Ele buscou a Deus. Ofereceu sacrifícios e Deus lhe falou claramente, dizendo que podia descer para o Egito, porque exatamente ali formaria através de sua família uma grande nação.

A Bíblia se torna clara e perfeitamente compreensível por meio dela mesma. Agora é possível entender melhor porque Deus permitiu que José fosse vendido para o Egito como escravo, e lá criasse condições de mandar buscar toda a família de seu pai.

**Eu descerei contigo para o Egito e te farei tornar a subir, certamente. A mão de José fechará os teus olhos**, são as palavras do verso 4, que completam o verso 3. Assim, o povo de Israel não surgiu no cenário das nações por acaso, ou sem um grande propósito divino. Foi Deus que o formou. Desde o chamado de Abraão até a saída do Egito, no êxodo, Deus estava preparando a nação de Israel. E ainda a tem acompanhado através dos séculos.

Deus garantiu a Israel que, descendo ao Egito, não estaria sozinho. Ele estava bem acompanhado. Deus estava com ele. Era o mesmo Deus de Abraão, de Isaque e o que havia se encontrado com ele em Betel pela primeira vez. O plano divino de formar uma grande nação estava se consolidando. Deus estava dando andamento ao seu plano salvador.

Não devemos temer qualquer situação quando Deus promete estar conosco. Jacó não deveria temer. A sua submissão foi demonstrada e foi correspondida claramente por Deus. Desça para o Egito, Deus mandou. Isso fazia parte do seu plano. Mas talvez alguns possam perguntar: e Deus formou mesmo uma grande nação por meio da família de Israel? Para responder a esta pergunta, basta lermos Êxodo 1.7: **Mas os filhos de Israel foram fecundos, e aumentaram muito, e se multiplicaram, e grandemente se fortaleceram, de maneira que a terra se encheu deles**. Claro que o plano de Deus se cumpriu fielmente. Mesmo que aparentemente demore, Deus nunca falha.

Depois que Jacó voltou a Betel por ordem de Deus, lá se estabeleceu e, agora, o vemos com a fé madura, sendo dirigido por Deus na caminhada para o Egito. Nos versos 5 a 7 lemos:

**5. Então, se levantou Jacó de Berseba; e os filhos de Israel levaram Jacó, seu pai, e seus filhinhos, e as suas mulheres nos carros que Faraó enviara para o levar.**
**6. Tomaram o seu gado e os bens que haviam adquirido na terra de Canaã e vieram para o Egito, Jacó e toda a sua descendência.**
**7. Seus filhos e os filhos de seus filhos, suas filhas e as filhas de seus filhos e toda a sua descendência, levou-os consigo para o Egito.**

De fato, pelo que vemos aqui, Jacó preparou-se mesmo para ficar no Egito, também, porque não era possível continuar em Canaã, visto que a seca ainda se prolongaria por mais cinco anos. Já que o Egito o estava chamando por meio do seu filho José e do Faraó, e tendo consultado a Deus, Jacó sentiu-se em paz para partir.

O texto prossegue, e nos versos 8 a 27 encontramos mais uma longa genealogia dos filhos de Jacó. Por ser de grande importância, vamos destacar alguns pontos marcantes:

1. As quatro mulheres com quem Jacó teve filhos foram: suas duas esposas, Lia e Raquel, e as suas servas, Zilpa e Bila.
2. Os nomes dos doze filhos homens de Jacó.
3. O nome de Diná, provavelmente a única filha mulher de Jacó.
4. O total de pessoas da família de Israel que foi para o Egito. O verso 26 diz que foram 66 pessoas. O verso 27 fala em 70 pessoas, assim como Êxodo 1.5.
5. A aparente discordância entre esses números com Atos 7.14, onde Estevão menciona 75 pessoas. Afinal, qual é o número correto? Na verdade, os três números estão certos. Foram 66 pessoas, mas quando contamos o próprio Jacó, José e seus dois filhos, chegamos a um total de 70. Mas pode ser mesmo 75, se acrescentarmos os cinco descendentes de José, através de seus filhos Manassés e Efraim.

Você percebe como Deus é grandioso? De Abraão, passando por Isaque e Jacó, chegamos a José. E, através de José, 75 homens israelitas começavam uma nova vida no Egito, sem contar suas mulheres e crianças. Deus demorou para cumprir a promessa feita a Abraão? Através de olhos humanos podemos dizer que sim. E demoraria ainda mais 400 anos para transformar essa família em uma grande nação. Mas quando olhamos sob o prisma de Deus, vemos que no tempo certo fez cumprir o seu plano de libertar o povo do Egito para lhe dar Canaã, a terra prometida.

Mas voltemos aos personagens Jacó e José. Lemos no verso 28 que **Jacó enviou Judá adiante de si a José para que soubesse encaminhá-lo a Gósen; e chegaram à terra de Gósen**. Você percebe que mais uma vez Judá destaca-se de seus irmãos? Embora Rúben fosse o mais velho, Judá assumiu a liderança entre eles. Jacó era bem organizado e previdente, e enviou de antemão Judá para avisar sobre a chegada deles e para que José pudesse orientá-los no caminho para Gósen.

E, no verso 29, vemos o encontro maravilhoso de Jacó com José. Depois de um longo tempo, depois de mais de 20 anos, pai e filho se reencontraram, abraçaram-se e choraram demoradamente. Quanta saudade! Muitos pensamentos voltaram na mente dos dois durante aquele abraço apertado e aquele choro incontido. Ali estava um filho poderoso, senhor do Egito, chorando e abraçando com profundo carinho e respeito o seu velho pai, um homem rude, criador de gado.

Muitos jovens de hoje consideram-se importantes demais a ponto de acharem que seus pais estão velhos e superados. Filhos, lembrem-se de sempre respeitar, honrar e reverenciar seus pais! Felizmente nem todos são assim. A Bíblia diz que o filho deve obedecer e honrar os pais para que a sua vida se prolongue. É uma promessa maravilhosa que tem se cumprido na vida de todos aqueles que amam e honram os pais em obediência à Palavra de Deus. É o grande mandamento com promessa.

Quando o choro passou, quando todos recobraram o fôlego, Israel disse a José: **Já posso morrer, pois já vi o teu rosto, e ainda vives (v. 30)**. Jacó suportou bem a viagem de Canaã até o Egito, mas a sua idade já era bem avançada. As suas emoções foram tocadas profundamente quando se encontrou com José, seu filho querido. Não havia nenhuma dúvida de que era mesmo seu amado filho. Parecia um milagre. José era para ele como uma pessoa ressuscitada, porque durante muitos anos tinha sido considerado como morto.

Deus foi extremamente bondoso para com os dois. Pai e filho estavam diante de um milagre divino. Os dois, que não pensavam mais em se ver, se reencontravam sob a direção da poderosa mão de Deus. Certamente, vale a pena confiar em Deus! Este é o desafio! Quando confiamos plenamente em Deus, quando nos agradamos do Senhor, Ele satisfaz o desejo do nosso coração: **Agrada-te do Senhor, e ele satisfará os desejos do teu coração (Sl 37.4)**.

Nos versos 31 a 34, concluindo o capítulo, vemos que José orientou seus irmãos, dizendo-lhes como faria a apresentação deles a Faraó. Explicou-lhes que deveriam confirmar que eram pastores de gado, por cinco razões:

1. Para que habitassem na terra de Gósen, uma região fértil com boas pastagens para o gado.
2. Para que habitassem na terra que José e o próprio Faraó consideravam a melhor da terra do Egito (45.18-20; 47.5, 6).
3. Para que a família, acostumada com a vida pastoril, não se desestruturasse na capital.
4. Para que o Faraó e seus oficiais se tranqüilizassem em relação a um possível desejo dos israelitas de subirem na escala social.
5. Para que não misturassem suas práticas religiosas, já que os egípcios consideravam abominação todo pastor de rebanho.

Quando estudamos este texto, lições preciosas podem ser extraídas e aplicadas por todos nós. Temos que nos lembrar sempre que cada pessoa é muito preciosa aos olhos de Deus e que para cada uma Ele tem um plano. Deus nos chama para que O sirvamos e O amemos. Nenhum plano poderia ser mais digno e mais elevado do que este reservado a José. Pensando no que Deus fez através dele, volte-se para Deus agora e confie toda a sua vida ao Senhor Jesus Cristo. Perceba qual o plano de Deus para sua vida e entregue-se confiadamente a Ele. Deus tem o melhor para nós!

## Israel no Egito. José compra toda a terra do Egito para o Faraó

### Gn 47.1-31

A fome ainda persistia e tornava-se cada vez mais grave por toda parte. Ela não havia atingido apenas o Egito e Canaã, mas todas as nações. Por isso o mundo todo vinha ao Egito para comprar cereal e mantimento.

O verso 1 diz: **Então veio José, e disse a Faraó: Meu pai e meus irmãos, com os seus rebanhos e o seu gado, com tudo o que têm, chegaram da terra de Canaã; e eis que estão na terra de Gósen**. José comunicou Faraó da chegada de seu pai e toda a família a terra de Gósen, o rei que lhes concedeu a fértil terra para a criação de gado e de ovelhas.

O verso 2 diz: **E tomou cinco dos seus irmãos e os apresentou a Faraó**. José procurava agir muito corretamente ao governar o Egito. E

apresentou a Faraó cinco de seus irmãos, para que houvesse um contato entre eles e o principal da terra. Isto fazia parte, sem dúvida, da rotina administrativa do governador. Ele trazia à presença do rei as pessoas necessárias para maior entrosamento. José tinha grande interesse em apresentar seus irmãos a Faraó.

Nos versos 3 a 6 vemos que nesse encontro aconteceu exatamente aquilo que José tinha dito aos irmãos. O Faraó fez algumas perguntas e eles muito humildemente lhe disseram: **Te rogamos permitas habitem os teus servos na terra de Gósen (v. 4)**. Então o Faraó, sendo agradecido a José por tudo quanto fizera em favor dele e do Egito, disse a José nos versos 5 a 6:

**5. Teu pai e teus irmãos vieram a ti.**

**6. A terra do Egito está perante ti; no melhor da terra faze habitar teu pai e teus irmãos; habitem na terra de Gósen. Se sabes haver entre eles homens capazes, põe-nos por chefes do gado que me pertence.**

Os irmãos de José não negaram o fato de serem pastores de gado, profissão que era abominável aos olhos dos egípcios. Disseram que eram pastores, assim como os seus pais. Não tinham necessidade de negar nada. Isso nos faz lembrar uma verdade espiritual muito importante para nós. Muitos cristãos negam que são cristãos por medo de serem rejeitados pela sociedade. Você deve se lembrar que o apóstolo Pedro caiu nessa armadilha quando negou três vezes diante dos inimigos de Cristo que era discípulo do Senhor Jesus. Bem, aqui esses pastores, irmãos de José, não podiam negar o seu ofício. Se o fizessem, não teriam do quê viver.

Então, eles descreveram a situação de Canaã, onde a seca estava assolando severamente, e pediram para viver em Gósen. E Faraó disse a José que escolhesse o melhor pedaço de terra em todo o Egito para seu pai e seus irmãos se estabelecerem. O rei estava com o coração aberto para acolher toda a família de José.

Mas não podemos deixar de ver em todos esses acontecimentos a mão de Deus. Ele estava operando em tudo. Era plano Dele que Jacó se estabelecesse no Egito, onde havia condições favoráveis para o surgimento da grande nação de Israel. E, sendo assim, Deus foi removendo todos os obstáculos e abrindo caminho para que o seu plano fosse fielmente executado.

A Bíblia diz que Deus tem o coração dos reis em sua mão e dá a eles o rumo que deseja. Ele pode amolecer o coração de um soberano, como também endurecê-lo. Faraó foi muito além de dar uma simples permissão para que a família de José habitasse no Egito. Ele mandou que José escolhesse o melhor lugar para estabelecê-los no país, e disse ainda que José poderia colocar seus irmãos mais capacitados na direção de seu rebanho. Quando Deus abre as portas, ninguém fecha. Mas também quando Ele fecha, ninguém abre.

Agora vamos focalizar um outro episódio marcante neste capítulo. Os versos 7 a 10 relatam o encontro de Jacó com o Faraó. Nós consideramos este texto muito importante, porque Jacó aparece bem diferente, como um verdadeiro homem de Deus. Muitos homens, com a mesma idade de Jacó, ficam alegres em contar todas as proezas que fizeram durante a vida. Jacó poderia ter contado as suas histórias, de como conseguiu vantagens nas diversas circunstâncias pelas quais passou. Mas ele não contou nada disso ao rei do Egito. Havia realmente um homem diferente, bastante mudado. Ele havia amadurecido espiritualmente, e não sentia vontade de contar as aventuras que tanto alegram o coração de um homem que não tem diante de si uma visão maravilhosa de um Deus justo e bom.

Jacó se limitou a dizer que tinha 130 anos, que enfrentara dias maus na sua peregrinação na terra e que não viveria tanto quanto seus pais. Para Jacó aquele era um tempo de reflexão. Ele refletiu bem, e agora não se entusiasmava mais com coisas que o haviam movido na sua juventude. Não dava mais valor algum ao poder e às riquezas.

Sua conversa com o Faraó foi curta, mas correta. Jacó não achava que tinha do que se gloriar. Não queria se promover pelo que havia feito no passado e, por isso, resumiu o quanto pôde a sua conversa. **E, tendo abençoado a Faraó, saiu de sua presença (v. 10)**. Jacó era um homem de Deus e, sem muita demora, transmitiu a bênção do Senhor ao rei do Egito.

Muitos cristãos gostam de contar as vantagens e as proezas que conseguiram, quando ainda não eram cristãos. Quantos têm prazer de lembrar de fatos ocorridos no passado! Parece até que falam com saudades. Em vez de falar de Cristo, e a respeito das coisas espirituais, destacam o que eram, o que fizeram e o que alcançaram. Jacó poderia ter dito a Faraó que era um homem de muita importância em Canaã. Era rico, tinha bastante gado e muita influência na terra de onde vinha.

Mas agora Israel era um novo homem e não se gloriava no que tinha feito e nem no que era no momento. Gloriava-se apenas em Deus. Simples e humildemente disse ao Faraó que tinha 130 anos, o abençoou e saiu da sua presença. Que a nossa vida cristã, o nosso testemunho, a nossa palavra, possa também abençoar e enriquecer espiritualmente a outros. Mas isso só pode acontecer de verdade se as nossas palavras não estiverem cheias de orgulho, soberba, presunção e exibição. Devemos sempre viver para glorificar a Cristo, e não a nós mesmos. Tanto na presença de pessoas importantes, como reis, presidentes, quanto na presença de pessoas humildes, devemos ser simples e procurar abençoar com o nosso testemunho e palavra a vida de todos.

As pessoas não precisam saber quem nós somos, nem o que fazemos, mas precisam descobrir quem é Deus, e o que Ele faz. É isso que enriquece espiritualmente a humanidade. Esta é a bênção que podemos compartilhar. Cada crente, cada filho na fé de Abraão, recebeu de Deus o mesmo imperativo de Abraão: **Sê tu uma bênção (12.2)**.

Nos versos 11 a 13 temos o relato do estabelecimento de Jacó na terra de Ramessés, outro nome para a terra de Gósen. Também temos o relato de que José sustentou de pão a seu pai, a seus irmãos e a toda a casa de seu pai, segundo o número de seus filhos. É importante percebermos que mesmo estando Jacó numa terra muito boa, não podia plantar por causa da seca que persistia por toda parte, inclusive em Gósen.

Não havia chuva, nem havia transbordamento do rio Nilo que era o meio natural de enriquecimento do Egito. Não havia transbordamento de águas e, por isso, ninguém plantava. Não existia miséria, porque José tinha acumulado cereais nos depósitos construídos para esse propósito em todas as cidades do Egito. Havia cereal para cobrir os sete anos de seca.

A estiagem sempre afetou profundamente a África, onde estão os afluentes do Nilo. Sem as chuvas, o rio Nilo não transbordava e assim as planícies do Egito não eram irrigadas a fim de produzir alimento. Jacó teve de ser sustentado, juntamente com seus filhos, durante todo aquele tempo de seca. Se tivesse ficado em Canaã, certamente teria morrido, porque não havia condições para sobrevivência na terra que deixara para trás.

Agora vamos considerar os versos 14 a 26. O verso 14 diz: **José arrecadou todo o dinheiro que se achou na terra do Egito e na terra de Canaã, pelo cereal que compravam, e o recolheu à casa de Faraó**.

Realmente essa foi uma atitude que merece considerações. Alguns entendem que José foi injusto e oportunista. Que explorou o povo. Aparentemente é esta a conclusão que tiramos quando lemos rapidamente este versículo. Mas, na realidade, vemos que não houve nenhuma exploração da parte de José. Ele era um funcionário do rei do Egito, e estava cuidando da melhor forma possível dos interesses dele.

É interessante notarmos que o versículo termina dizendo: **…e o recolheu à casa de Faraó**. Teria sido horrível se o texto dissesse que José tinha recebido todo aquele dinheiro em sua casa. Mas não. Ele recolheu tudo à casa de Faraó. Tudo era do rei, e José havia sido posto na direção de seus negócios. Ele era apenas um governador que tinha acima de si um superior, um soberano a quem prestava contas.

Mas a habilidade de José para administrar não parou por aí. A fome foi se agravando e os povos tiveram de investir tudo quanto tinham para poder sobreviver. Vieram ao Egito sistematicamente até trocaram suas terras, seu gado, seus valores materiais por cereal e alimento. E, no final, tiveram de tornar-se escravos do Egito em troca de alimento.

Podemos considerar esta seca como um julgamento de Deus sobre a terra, porque nunca as coisas acontecem por acaso. Uma pessoa que desconhece o Deus Todo-Poderoso, que fez o céu e a terra e tem os homens e o mundo sob seu domínio, pode considerar uma seca como um acontecimento natural, como uma coisa a que o mundo está sujeito. Mas nós não podemos olhar para as calamidades assim, superficialmente. Existe um Deus que sustenta e controla tudo no universo.

Certamente Deus tinha algo em mente ao enviar aquela seca prolongada, além do seu grande plano de tirar a família de Jacó de Canaã e transferi-la para o Egito, para, a partir dela, formar uma grande nação. Este deslocamento de Jacó da terra corrupta dos cananeus para Gósen já justificaria por si só o evento. E, sem dúvida, foi este o propósito principal de Deus ao permitir aquela seca, sem a qual Jacó jamais viria para o Egito a fim de ali se estabelecer.

No verso 27 lemos: **Assim, habitou Israel na terra do Egito, na terra de Gósen; nela tomaram possessão, e foram fecundos, e muito se multiplicaram**. O plano principal de Deus era realmente criar uma nação, a nação eleita, o povo escolhido. Porém Deus usou também aquela seca para julgar o próprio povo egípcio e todos os povos que sofreram

grandemente. Isso só pode mesmo ter sido um julgamento de Deus. Deus julga os homens e as nações de muitas maneiras. Vimos sua atuação na história do dilúvio e, depois, no caso da torre de Babel. Na Bíblia encontramos muitos outros julgamentos de Deus sobre os homens e sobre as nações. Muitas guerras foram declaradas contra o próprio povo de Israel como julgamento de Deus. Israel passou setenta anos em razão da sua desobediência e do julgamento de Deus.

Deus é amor, mas também é justiça. A Bíblia diz que Deus ama a todos os homens a despeito dos pecados deles. Quando observarmos a natureza e tudo quanto nos cerca, vemos que Deus criou um mundo assim porque nos ama. Como um pai bom e justo disciplina os homens apesar de amar a todos. A máxima tantas vezes repetida, de que Deus ama o pecador, mas aborrece o pecado, é uma grande verdade. A mensagem bíblica e evangélica está sendo pregada por toda parte. Deus está chamando os homens ao arrependimento. Mas temos de lembrar que a responsabilidade do homem é individual. Cada um dará conta de si mesmo a Deus. A nossa fé em Cristo determina nossa salvação.

Mas, terminando o capítulo 47, lemos nos últimos quatro versos:

**28. Jacó viveu na terra do Egito dezessete anos; de sorte que os dias de Jacó, os anos da sua vida, foram cento e quarenta e sete.**

**29. Aproximando-se, pois, o tempo da morte de Israel, chamou a José, seu filho, e lhe disse: Se agora achei mercê à tua presença , rogo-te que ponhas a mão debaixo da minha coxa e uses comigo de beneficência e de verdade; rogo-te que não me enterres no Egito,**

**30. porém que eu jaza com meus pais; por isso, me levarás do Egito e me enterrarás no lugar da sepultura deles. Respondeu Jacó: Farei segundo a tua palavra.**

**31. Então, lhe disse Jacó: Jura-me. E ele jurou-lhe; e Israel se inclinou sobre a cabeceira da cama.**

O desejo de Jacó de ter o seu corpo na mesma sepultura de seus pais era um desejo muito legítimo, ligado diretamente a sua fé. Ele queria que o seu corpo descansasse na terra da promessa, na terra em que seus antepassados foram também enterrados, isto é, na caverna de Macpela.

Esse era o final de uma bonita história. Depois de muito tempo separados, pai e filho convivem por mais dezessete anos desfrutando da companhia um do outro. E, chegando a final dos seus dias, o velho Jacó

pede ao filho amado um último favor! Que cena especial! Que você possa honrar seus pais dessa mesma maneira, obedecendo, honrando e respeitando os seus últimos desejos, tendo eles a idade que tiverem e esteja você na posição que estiver. Lembre-se: obedecer e honrar os pais é um mandamento bíblico.

## Jacó adoece e abençoa os filhos de José
### Gn 48.1-22

Em Gênesis 48 encontramos Jacó no final de seus dias. Já estudamos suas falhas, seus erros, seus pecados, e não omitimos nada, porque é a própria Bíblia que não esconde o que aconteceu com os seus personagens. A Palavra de Deus sempre revela as virtudes dessas grandes figuras, mas também aponta suas falhas e pecados.

Mas agora temos de reconhecer que Jacó, que vinha cambaleando espiritualmente, apesar dos grandes momentos que teve com Deus, finalmente se agigantava na fé, a ponto de, posteriormente, passar a integrar a galeria dos heróis da fé: **Pela fé Jacó quando estava para morrer, abençoou cada um dos filhos de José, e apoiado sobre a extremidade do seu bordão, adorou (Hb 11.21)**. Não poderia haver um elogio maior na Palavra de Deus do que o autor sagrado, inspirado pelo Espírito Santo, colocá-lo como um herói da fé!

Mas isso não quer dizer que ele sempre foi assim. As falhas que Jacó cometeu revelavam a instabilidade da vida que levava. Mas quando chegou à velhice, ele pode ser visto como um grande homem de fé. E a fé, na realidade, não se desenvolve do dia para a noite. Às vezes o amadurecimento demora. Leva mais tempo para uns do que para outros. Jacó demorou muito para chegar a uma fé madura. Durante anos e décadas Deus trabalhou nele para que a sua fé crescesse e frutificasse.

A história de Jacó nos lembra que nem sempre os frutos vêm com a rapidez que desejamos. Deus tem grande paciência ao tratar conosco. Acompanhou o patriarca durante toda a vida até que, finalmente, a fé foi demonstrada. Devemos aprender com o próprio Deus e com a sua longa paciência. Se Deus é paciente conosco, esperando através de anos o crescimento da nossa fé, deveríamos ser pacientes, não intolerantes, e às vezes até apressados demais. Para termos um desenvolvimento firme da fé

devemos lançar mão de todos os meios que são próprios para o seu desenvolvimento, como a leitura da Bíblia, a prática da oração e a prática das disciplinas espirituais. O crente ativo é um crente que cresce.

Os versos 1 e 2 dizem: **Passadas estas coisas, disseram a José: Teu pai está enfermo. Então, José tomou consigo a seus dois filhos, Manassés e Efraim. E avisaram a Jacó: Eis que José, teu filho, vem ter contigo. Esforçou-se Israel e se assentou no leito**. Imagine essa cena. Jacó, já bem idoso, com 147 anos de idade, se esforçando para ficar assentado no leito para receber a visita de seu amado filho José. Jacó tem diante de si o filho que durante muitos anos considerou morto. Não sonhava em vê-lo mais. Mas chegando ao Egito, o encontrou numa posição bem elevada, como governador do lugar.

Nada poderia alegrar mais o coração de Jacó do que ver o seu filho amado. Ele sabia que José tinha se tornado um dos homens mais poderosos do mundo, suprindo com alimento a corte do Egito e todas as demais nações que necessitavam de mantimento. Sustentou sua própria família não só com o melhor alimento, mas com a porção mais produtiva da terra do Egito. E agora José estava ali, com os filhos Manassés e Efraim, junto ao leito do pai, já bem idoso. Parecia um sonho para Jacó! Que final de vida feliz foi aquele! Jacó sabia que não demoraria a partir para junto de Abraão e de seu pai Isaque.

Ele se esforçou e conseguiu se assentar na cama. Estava idoso, e pressentia a aproximação da morte. O que estaria ele pensando naquela circunstância? Eis o que nos mostram os versos 3 e 4: **Disse Jacó a José: O Deus Todo-Poderoso me apareceu em Luz, na terra de Canaã, e me abençoou, e me disse: Eis que te farei fecundo, e te multiplicarei, e te tornarei multidão de povos, e à tua descendência darei esta terra em possessão perpétua**.

Que impressionante! Jacó não perdeu tempo. Testemunhou diante de José, lembrando as palavras usadas por Deus ao lhe dar a promessa. Lembrou-se Jacó daquele encontro maravilhoso que teve com o Senhor na cidade de Luz, em Betel. Jacó cria no Deus que lhe falara. A sua fé tinha crescido. Ali, no leito de morte, estava falando sobre o Deus que se encontrara com ele em Betel.

Jacó não se lembrou das suas façanhas como bom negociante. Nada disso veio a sua consciência. Lembrou-se unicamente da experiência

marcante e decisiva que tivera com Deus. Poderia ter se gloriado das suas aventuras, porque tudo o que queria, Jacó conseguiu, usando inclusive métodos pouco convencionais para obter a qualquer custo o que desejava.

Mas agora, olhando para trás, lembrou-se do momento precioso em que Deus lhe apareceu, quando estava sozinho, com medo e com saudade de casa. Aquele encontro com Deus foi para Jacó o começo de tudo. O lugar também era muito importante, porque ali Deus havia se encontrado com ele duas vezes, quando estava saindo e voltando de sua terra, indo e vindo de Harã. Era a sua fé em ação sobrepujando o passado.

Jacó recordou as promessas que Deus fizera a Abraão, a Isaque e a ele mesmo. Deus disse que iria multiplicar a sua semente e lhe dar a terra de Canaã. E as duas promessas de Deus foram cumpridas. E, além disso, outro detalhe da promessa também se cumpriu: por meio dele todas as nações da terra seriam abençoadas. Esta foi a promessa que Deus fez a Abraão, a Isaque e ao próprio Jacó. E ela tem sido uma realidade maravilhosa através dos séculos. Como abençoou as nações através de José, suprindo-as com o alimento físico, assim também Deus, através da Bíblia e de Cristo, abençoou e continua abençoando todas as famílias da terra.

Os judeus, os descendentes de Abraão, de Isaque e de Jacó, registraram os oráculos de Deus, os instrumentos por meio dos quais Deus transmitiu a sua revelação especial aos homens. Assim, além das Escrituras Sagradas, temos Cristo, nosso Salvador, que é a expressão e a revelação suprema de Deus para a humanidade. É realmente notável vermos o cumprimento dessas gloriosas promessas de Deus.

O texto prossegue, e no verso 5 lemos: **Agora, pois, os teus dois filhos, que te nasceram na terra do Egito, antes que eu viesse a ti no Egito, são meus; Efraim e Manassés serão meus, como Rúben e Simeão**. Jacó adotou os seus netos, os dois filhos de José, como seus. Eles formariam as tribos que levariam seus nomes.

Quando dizemos que de Israel se originaram doze tribos, devemos explicar como esse número é calculado. Doze filhos de Jacó, menos José, dá um total de onze. Somando-se as tribos de Efraim e Manassés, chegamos a treze. Desse número tiramos a descendência de Levi, que também não é contada, e temos o total de doze. A tribo sacerdotal de Levi

não teve direito a uma porção da terra e os levitas, como sacerdotes, foram espalhados entre as demais tribos.

Nos versos 6 e 7 Jacó recorda com José alguns trechos de sua vida que marcaram o seu coração: a morte de Raquel no nascimento de Benjamim, e o fato de tê-la sepultado no caminho de Efrata, que é Belém. Embora para nós o nome de Belém nos remeta ao nascimento de Jesus, para Jacó, lembrava a morte de Raquel.

Nos versos 8 a 10 temos um registro interessante, pois Jacó, assim como seu pai Isaque, também apresentou um problema nos olhos quando chegou à velhice. Por isso, Jacó não pôde reconhecer os dois filhos de José e, foi necessário que se aproximassem do velho patriarca.

Nos versos 11 a 14 temos um relato surpreendente. Manassés e Efraim se tornariam importantes no futuro, mas no presente eram apenas dois rapazes pelos quais Jacó tinha grande amor, pelo fato de serem filhos de José, seu filho favorito. Então, ele queria transmitir a sua bênção a ambos, porque seria muito importante para o futuro deles.

A bênção transmitida pela mão direita era mais importante, e mostrava a superioridade que teria aquele em cuja cabeça essa mão seria colocada. José pôs seus filhos na ordem certa diante de Jacó, a fim de que a sua mão direita fosse posta sobre o mais velho, Manassés, e a mão esquerda sobre Efraim, o mais novo. A principal bênção deveria ser entregue ao primogênito, mas na hora da transmissão, Jacó cruzou os braços de forma que a sua mão direita foi posta na cabeça de Efraim e a sua mão esquerda na de Manassés. A bênção, então, foi invertida pela troca de posição das mãos.

Este detalhe é muito importante, porque não aconteceu à revelia da vontade de Deus. Repetiu-se, aqui, o mesmo que havia acorrido com Jacó e Esaú. Assim, de modo semelhante, Efraim, o mais novo, recebeu a bênção principal. E Manassés, o mais velho, a bênção secundária. E, de fato, a história bíblica nos mostra que a tribo de Efraim exerceu liderança sobre as outras tribos de Israel.

Rúben, que era o primogênito, perdeu esse direito por ter possuído Bila, a concubina de seu pai. E conforme vemos em 1Crônicas 5.1, mesmo em dias pós-exílicos a primogenitura de Israel foi de fato atribuída a Efraim e Manassés, filhos de José. A escolha de Jacó foi de acordo com a vontade de Deus, que é sempre certa e verdadeira.

Deus sempre quer o nosso bem e por isso devemos obedecê-lo. Ele sempre tem a escolha certa. É possível sabermos a sua vontade, mas para isso é necessário mantermos intimidade com Ele. Muitos cristãos consideram difícil saber qual a vontade de Deus para as suas vidas, mas através de cinco passos é possível descobri-la:

1. A leitura da Bíblia, onde descobrimos os princípios divinos;
2. A prática da oração, onde estreitamos a comunhão com Deus;
3. Os conselhos de nossos irmãos, que são usados como instrumentos de Deus;
4. A percepção das circunstâncias ao nosso redor;
5. A voz da nossa própria consciência, do senso comum, do bom senso.

Nos versos 15 a 22 lemos:

**15. E abençoou a José, dizendo: O Deus em cuja presença andaram meus pais Abraão e Isaque, o Deus que me sustentou durante a minha vida até este dia,**
**16. o Anjo que me tem livrado de todo mal, abençoe estes rapazes; seja neles chamado o meu nome e o nome de meus pais Abraão e Isaque; e cresçam em multidão no meio da terra.**
**17. Vendo José que seu pai pusera a mão direita sobre a cabeça de Efraim, foi-lhe isto desagradável, e tomou a mão de seu pai para mudar a cabeça de Efraim para a cabeça de Manassés.**
**18. E disse José a seu pai: Não assim, meu pai, pois o primogênito é este; põe a tua mão direita sobre a cabeça dele.**
**19. Mas seu pai o recusou e disse: Eu sei, meu filho, eu o sei; ele também será um povo, também ele será grande; contudo, o seu irmão menor será maior do que ele, e a sua descendência será uma multidão de nações.**
**20. Assim, os abençoou naquele dia, declarando: Por vós Israel abençoará, dizendo: Deus te faça como a Efraim e como a Manassés. E pôs o nome de Efraim adiante do de Manassés.**
**21. Depois, disse Israel a José: Eis que eu morro, mas Deus será convosco e vos fará voltar à terra de vossos pais.**
**22. Dou-te, de mais que a teus irmãos, um declive montanhoso, o qual tomei da mão dos amorreus com a minha espada e com o meu arco.**

Aqui, o velho Jacó, o novo Israel, com a fé fortalecida, cumpre a vontade de Deus, mesmo contra a vontade de José, seu querido e amado

filho. Se Deus tinha bênçãos especiais para Efraim, que assim fosse feito. Com uma palavra de carinho e dedicação especial, Jacó ainda disse a José que ele receberia uma porção especial da terra de Canaã, porção que ele mesmo, Jacó, conquistara com o vigor do seu braço. Era realmente um presente especial.

## Jacó abençoa profeticamente seus filhos e morre
### Gn 49.1-33

Gênesis 49 é, sem dúvida alguma, um dos mais importantes capítulos da Bíblia. É também um texto dramático, porque fala sobre a morte de uma das grandes figuras do Antigo Testamento. E como todo grande homem de Deus, Jacó, mesmo depois de morto, ainda fala através de sua vida. Temos muito a aprender com suas falhas e erros, mas certamente com os seus acertos e sua fé também, porque tudo foi registrado para o nosso ensino.

Nas cartas marítimas usadas pelos navios, encontramos pontos pretos marcando lugares perigosos nos mares, onde embarcações já naufragaram. Essas marcações mostram aos pilotos que não devem passar por ali, porque são lugares perigosos. Na Bíblia encontramos também pontos que se destacam: são os erros, os pecados e as falhas de seus grandes personagens. Eles erraram e os seus erros ficaram registrados para que nós os evitemos hoje.

No capítulo 49 de Gênesis encontramos os doze filhos de Jacó cercando-o no leito de morte para ouvir de seus lábios suas últimas palavras. Todos estavam interessados no que ele iria dizer. Depois de tantas experiências marcantes que tivera, o que pronunciaria ao terminar a sua carreira era de grande importância. Esta mesma expectativa nós temos quando um familiar ou alguém importante do nosso conhecimento está às portas da morte. Ficamos atentos, pois talvez tivesse alguma confissão ou pedido a fazer.

Muitos dizem que as últimas palavras de uma pessoa têm grande importância. Era com essa importância, ansiedade e curiosidade que os filhos de Jacó o cercavam no leito de dor e de morte.

Grandes revelações acontecem nesses momentos finais. Normalmente, a pessoa revela aquilo que ficou oculto durante anos ou décadas. Vejamos o que diz o texto: **Depois, chamou Jacó a seus filhos e disse: Ajuntai-**

**vos, e eu vos farei saber o que vos há de acontecer nos dias vindouros: Ajuntai-vos e ouvi, filhos de Jacó; ouvi a Israel, vosso pai (v. 1, 2)**. Nas palavras de Jacó temos a expressão "dias vindouros", que encontramos diversas vezes na Bíblia. Estas palavras dirigidas a qualquer pessoa podem não ter muito valor, mas dirigidas aos filhos de Jacó, assumem importância capital. Todos os seus filhos estariam ligados ao futuro, não pessoalmente, mas através de seus descendentes. Por isso eles estavam profundamente interessados nas palavras de Jacó, o velho patriarca. Ele iria revelar a todos o futuro. A vida deles estaria ligada ao futuro da nação de Israel.

Todos estavam ao redor de Jacó, que falaria em nome de Deus. Eles se tornariam as doze tribos da nação israelita que encontraremos formada no livro de Deuteronômio. As profecias proferidas por Jacó, a partir daqui, englobam a história da nação israelita, desde a conquista da terra até o reinado do Messias prometido, o Senhor Jesus Cristo.

Deus tinha um plano para cada tribo particularmente, e por isso as profecias também alcançaram cada tribo de uma forma individual. A nação de Israel estaria dividida em doze tribos, e cada uma era importante para Deus. Em relação a essas tribos e a nação como um todo, muitas profecias já se cumpriram, e outras ainda estão por se cumprir.

Jacó estava ciente de que se despedia dos filhos. Estava indo pelo caminho de todos os homens, o caminho da morte, mas para ele a vida não terminava ali. A sua fé lhe dava a garantia de viver eternamente com Deus. Aqui temos uma clara exortação para aqueles que se esquecem de que a vida terrena passa, e não se preocupam em se preparar para a eternidade. De forma repentina eles poderão ser chamados por Deus para prestarem contas de todas as suas atividades. E, num instante apenas, a vida chega ao fim.

Quando falamos em morte, muitos se assustam e não querem refletir sobre o assunto. Essa reação não é adequada. A morte não representa um perigo ou algo espantoso quando estamos preparados para o encontro com Deus. O homem precisa preparar-se para se encontrar com Ele. E a única preparação para a morte é aquela que é feita em comunhão com Deus, realizando na terra o que Ele claramente mostra na sua Palavra. Em outras palavras, é somente assim que a morte perde o seu efeito de pavor, e o crente entra na eternidade feliz, porque viveu com Cristo aqui e viverá com Ele por toda a eternidade.

Mas vejamos as palavras de Israel dirigidas a seus filhos. Essas palavras proféticas mostram o destino das doze tribos que descenderam dos seus doze filhos.

Nos versos 3 e 4 a palavra de Jacó é dirigida a Rúben: **Rúben, tu és meu primogênito, minha força e as primícias do meu vigor, o mais excelente em altivez, e o mais excelente em poder. Impetuoso como a águia, não serás o mais excelente, porque subiste ao leito de teu pai e o profanaste; subiste à minha cama**. Aqui vemos um homem cheio de vigor, de altivez, de impetuosidade. Mas Rúben não iria longe. Com todos aqueles dons e talentos era uma águia de asas cortadas. Tinha em si o instinto de águia. O seu vôo poderia ter sido bem alto, mas não passou de certa altura, porque profanou o leito de seu pai.

Quantas águias fortes não estão presas a terra por causa do pecado que as escraviza! Quantos jovens não poderiam voar e galgar as alturas como as águias e os condores, mas ficam presos ao pecado, rastejando no solo como míseros vermes da terra. O filho mais velho de Jacó recebeu a recompensa do seu ato incontido de orgulho e presunção. Os seus impulsos desordenados foram considerados nessa palavra paternal. E a tribo de Rúben falharia na liderança: nos dias da juíza Débora, ficou famosa pela falta de resolução (Jz 5.15-16).

Nos versos 5 a 7 vemos algumas palavras dirigidas a Simeão e a Levi: **Simeão e Levi são irmãos; as suas espadas são instrumentos de violência… no seu furor mataram homens… dividi-los-ei em Jacó e os espalharei em Israel**. Aqui vemos estes dois irmãos unidos, inclusive para a prática da violência condenada por Jacó. Simeão e Levi mataram os homens e os habitantes da cidade de Siquém, quando Diná foi violentada por um príncipe daquela terra. Eles foram vingativos e violentos.

O Antigo Testamento faz distinção entre um massacre ordenado por Deus (15.16), e uma atitude de vingança (Am 1.1, 6, 9). Alguém pode ter pensado que a vingança relatada no capítulo 34 ficaria sem punição, mas eis que o Juiz de toda a terra vê e cuida dos atos dos homens. O pecado sempre traz conseqüências e, mais cedo ou mais tarde, é punido.

Simeão não teve nenhuma expressão como pessoa nem como tribo. A sua tribo foi dispersa e espalhada entre a de Judá e as do norte (Js 19; Ne 11.25-28). Levi foi favorecido por Deus graciosamente, não porque era digno de alguma coisa, já que havia juntamente com Simeão massacrado

Siquém. Mas mesmo assim Deus o perdoou e criou através de Levi a tribo sacerdotal (Êx 32.26-29; Nm 18.20; 35.2-8).

Este fato mostra a graça de Deus que oferece tudo em troca de nada e os maiores privilégios e bênçãos imerecidas. É o que acontece com todos os que pertencem a Cristo, conforme as palavras que encontramos em 1Pedro 2.9-10: **Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real… Vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia**.

Aqui está a graça de Cristo. O cristianismo é formado por pessoas salvas pelo sangue de Jesus, pessoas que o aceitaram como Salvador. A aceitação da graça divina é pela fé. Precisamos crer nisso e receber esse presente pela fé.

Nos versos 8 a 12 as palavras de Jacó são dirigidas a Judá:

**8. Judá, teus irmãos te louvarão; a tua mão estará sobre a cerviz de teus inimigos; os filhos de teu pai se inclinarão a ti.**
**9. Judá é leãozinho; da presa subsiste, filho meu. Encurva-se e deita-se como leão e como leoa; quem o despertará?**
**10. O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos.**
**11. Ele amarrará o seu jumentinho à vide e o filho da sua jumenta, à videira mais excelente; lavará as suas vestes no vinho e a sua capa, em sangue de uvas.**
**12. Os seus olhos serão cintilantes de vinho, e os dentes, brancos de leite.**

Aqui está outro filho de Jacó a quem a graça de Deus se revelou salvadora e abundante, pois Judá também era um homem pecador. No verso 10 encontramos a renovação da profecia de Deus, a mesma que foi dada a Abraão, a Isaque e a Jacó. Agora ela é transmitida a Judá, com a promessa da vinda de Cristo.

Sabemos que Deus prometeu isso a Adão e Eva, no Éden. Começou ali uma linhagem através da qual Cristo viria ao mundo para esmagar a cabeça da serpente, que é Satanás. Esta linhagem seguiu por meio da Adão, Sete, Sem, Abraão, Isaque, Jacó, e agora, Judá.

Ainda no verso 10 é mencionado que o cetro não se arredaria de Judá, até que viesse Siló, como uma referência a Cristo. A expressão “até que venha Siló” quer dizer “até que venha aquele de quem é o direito”. Siló

quer dizer também paz, descanso, segurança, e é isso o que Cristo trouxe ao nosso mundo inseguro e cansado.

Em João 14.27 Jesus disse: **Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá**. Ao mundo aflito de hoje, Cristo é a resposta, é a nossa paz. Jesus é quem nos traz a paz de Deus. Ele não traz apenas a paz, mas também trará justiça e ordem. Por isso é mencionado o cetro. O cetro fala de governo, de justiça, de ordem, de direito, de poder. É este aspecto da pessoa de Jesus que muitos ignoram, mas ele é Rei. Ele reina no mundo e nos nossos corações.

Séculos depois, o profeta Isaías, falando a respeito da vinda de Cristo ao mundo, disse em Isaías 9.6, 7:

**6. Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.**

**7. Para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto.**

Jesus trará o cetro, a justiça e o poder e governará para sempre. O seu reino ainda não foi reconhecido pelos homens, e por isso ainda vivemos no mundo onde o homem e o príncipe do mal, que é Satanás, reinam. Eles não querem dar lugar a Jesus, mas por enquanto Cristo vence por meio da paz no coração daqueles que o aceitam como Salvador, Senhor e Rei. Porém chegará o dia em que voltará a terra para implantar o seu reino. Nesse momento todos os homens se submeterão ao seu poder e ao seu domínio. Cristo será o Rei soberano, mas todos quantos já o aceitaram têm no coração a paz de Cristo, agora e para sempre.

Mas os versos 11 e 12, referindo-se ainda a Judá, profetizam a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, montado em um jumentinho, nos dias que precederam a sua morte na cruz. Quando o texto menciona que Jesus **lavará as suas vestes no vinho e a sua capa, em sangue de uvas**, refere-se ao seu sangue derramado na cruz para lavar os nossos pecados e nos proporcionar salvação e purificação. Jesus, o Leão da tribo de Judá (Ap. 5.5), é também chamado de Cordeiro (Ap 5.6), e é por meio Dele que nos achegamos a Deus!

Os versos 13 a 15 referem-se a Zebulom e Issacar:

**13. Zebulom habitará na praia dos mares e servirá de porto de navios, e o seu limite se estenderá até Sidom.**
**14. Issacar é jumento de fortes ossos, de repouso entre os rebanhos de ovelhas.**
**15. Viu que o repouso era bom e que a terra era deliciosa; baixou os ombros à carga e sujeitou-se ao trabalho servil.**

Estes dois homens foram cabeças de tribos importantes que formaram a espinha dorsal da nação de Israel. Eles protegeram poderosamente a nação. Embora as terras da tribo de Zebulom nunca tenham chegado até a costa, junto com Aser e Dã, eles estavam perto o suficiente para serem beneficiados pelo comércio marítimo. Issacar falhou em expulsar os cananeus de seu território, e por causa disso sofreu.

Nos versos 16 e 17 temos as palavras dirigidas a Dã: **Dã julgará o seu povo, como uma das tribos de Israel. Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os talões do cavalo e faz cair o seu cavaleiro por detrás**. O nome e o chamado de Dã eram para julgar, como Deus vingara Raquel em 30.6. Mas a sua escolha como tribo, foi a violência e a traição (Jz 18). E o fato mais grave para essa tribo é que ela não se encontra na lista mencionada em Apocalipse 7.5-8.

O verso 18 diz: **A tua salvação espero, ó Senhor**. Esse verso é interpretado de diversas maneiras pelos comentaristas. Alguns entendem que Jacó intercedeu por Dã, ou então, que se lembrou de sua própria traição e pediu perdão, pela salvação de Deus. Outros defendem que é apenas uma breve oração pelos seus filhos, em meio aos oráculos, uma pausa na sua série de bênçãos pedindo a ajuda de Deus para prosseguir. Parece-nos, entretanto, uma petição em favor de Dã.

No verso 19 lemos em relação a Gade: **Gade, uma guerrilha o acometerá; mas ele a acometerá por sua retaguarda**. Gade formou uma tribo a leste do Jordão (Js 13.24-27), e ficou vulnerável às investidas dos moabitas e dos amonitas. Mas ele não foi dominado.

No verso 20, o destaque é para Aser: **Aser, o seu pão será abundante e ele motivará delícias reais**. Esta palavra dirigida a Aser mostra como o seu território, uma planície fértil, rotas comerciais para o mar e terras agrícolas férteis perto do Mediterrâneo (Js 19.24-30), se tornariam a garantia da prosperidade de seus descendentes.

No verso 21, temos a bênção dirigida a Naftali: **Naftali é uma gazela solta; ele profere palavras formosas**. Essas palavras provavelmente indicam o espírito independente, talvez pela localização um pouco isolada, na região montanhosa ao norte do mar da Galiléia (Js 19.32-39). Sob o comando de Baraque, Naftali levou Israel a uma grande vitória (Jz 4–5).

Agora, as palavras dirigidas ao amado filho José, nos versos 22 a 26:

**22. José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus galhos se estendem sobre o muro.**
**23. Os flecheiros lhe dão amargura, atiram contra ele e o aborrecem.**
**24. O seu arco, porém, permanece firme, e os seus braços são feitos ativos pelas mãos do poderoso de Jacó, sim, pelo Pastor e pela Pedra de Israel,**
**25. pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará, e pelo Todo-Poderoso, o qual te abençoará com bênçãos dos altos céus, com bênçãos das profundezas, com bênçãos dos seios e da madre.**
**26. As bênçãos de teu pai excederão as bênçãos de meus pais, até o cimo dos montes eternos; estejam elas sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça do que foi distinguido entre seus irmãos.**

Devemos destacar, nessas palavras referentes a José, a bênção de Deus. Da estéril Raquel, o Senhor trouxera José; e dele, duas tribos frutíferas. O significado é que José, deixando a sua terra seguiu para o Egito, e foi uma testemunha para Deus. Nós sabemos que Efraim e Manassés procuraram aumentar as suas terras (Js 17.14-18). O território deles, no tempo do Novo Testamento, era dos samaritanos. Nos versos 24 e 25, devemos destacar os admiráveis nomes divinos: o "Poderoso de Jacó", o "Pastor", a "Pedra de Israel", o "Deus de teu pai" e o "Todo-Poderoso". São cinco nomes que dignificam e exaltam o Deus de Israel, mas também o nosso Deus e Pai. As duas tribos que vieram por meio de José, Efraim e Manassés, tornaram-se proeminentes e muito importantes. Mas é importante também destacar que destas tribos também surgiu a divisão do reino.

As palavras do verso 26 devem ser bem entendidas. O que Jacó quis dizer é que as duas tribos que vieram de José deveriam se apegar ao Deus de Israel, ao Deus de Jacó, o Criador e Redentor. E por quê? Bem, essas duas tribos, especialmente Efraim, chegou a praticar idolatria e a provocar divisão no reino de Israel. Jeroboão, que veio da tribo de Efraim, dividiu o reino. Saíram dessas duas tribos os dois bezerros que foram adorados.

Assim, Jacó chamou atenção desses dois filhos de José, prevendo essa tendência à divisão e à idólatra.

E, finalmente, no verso 27, Jacó se dirige a Benjamim, que é o mais novo de seus filhos: **Benjamim é lobo que despedaça; pela manhã devora a presa e à tarde reparte o despojo**. Esta é uma profecia estranha a respeito de Benjamim. Vemos que o filho caçula de Judá se identificava muito com Judá. Benjamim ficou com a tribo de Judá na divisão do reino. E foram essas as duas tribos que ficaram com a casa de Davi. Esta é uma profecia notável, e podemos ver seu cumprimento através das façanhas de Eúde, de Saul e de Jônatas, relatadas em Juízes 3; 5; 19–21 e 1Samuel 11–15, como exemplo de arrojo, mas também de violência.

Foram muitas palavras significativas. Foram palavras proféticas. E o verso 28 registra e confirma que era assim que um pai deixava suas bênção aos filhos.

O capítulo 49 termina com o relato da morte de Jacó. Nos versos 29 a 33, encontramos as orientações do próprio Jacó para o seu funeral. Ele queria ser sepultado com os seus antepassados, significando a solidariedade da família da aliança. Mas para Jacó, a morte não foi o fim de tudo. Ele foi para junto do seu povo. Conforme o verso 30, Jacó quis ser enterrado na cova que havia sido comprada por Abraão. Jacó quis ficar certo quanto ao traslado de seu corpo para aquele local após a sua morte.

Vemos, com isso, o quanto Jacó conhecia a respeito da sua própria história. É notável quanto ele sabia sobre o seu passado e sobre o futuro do seu povo e daquela terra. Jacó queria ser sepultado lá, porque desejava ressuscitar dos mortos na terra que Deus tinha prometido para a nação eleita. O último verso deste capítulo diz: **Tendo Jacó acabado de dar determinações a seus filhos, recolheu os pés na cama, e expirou, e foi reunido ao se povo (v. 33)**.

Jacó, que lutou com Deus e foi transformado em Israel, agora chegava ao fim de seus dias. Estava preparado para se encontrar com o seu Deus. Como é bom estarmos preparados para morte! Todos nós temos que estar preparados para o encontro com Deus. Quem morre sem Cristo, morre duplamente. Morre no sentido físico e morre no sentido espiritual. Mas quem tem o Filho de Deus tem a vida eterna. Quem morre crendo em Cristo tem a certeza da ressurreição para a vida que não termina mais!

## O lamento por Jacó. A bondade de José para com seus irmãos. José abençoa seus filhos e morre
### Gn 50.1–26

No capítulo 50 de Gênesis encontramos três assuntos bem específicos: a tristeza pela morte de Jacó, a maneira como bondosamente José tratou seus irmãos, e a sua morte.

O livro de Gênesis termina relatando o sepultamento de Jacó e de José. E, quando observamos o todo do livro, podemos concordar que este é um assunto muito adequado para terminar o livro de Gênesis, por uma simples razão, porque Gênesis começa com a criação e termina com sepultamentos. Embora, aparentemente seja um final melancólico, é um final que nos mostra a realidade. Essa realidade foi causada pelo pecado. Deus criou, mas o pecado matou. O apóstolo Paulo põe esta verdade nos termos: **Porque o salário do pecado é a morte (Rm 6.23)**. Mas felizmente, logo em seguida, no mesmo versículo, também diz: **Mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor**. E é também sobre esse sepultamento que trata este capítulo. Parece um triste fim para Gênesis, mas na verdade esse assunto serve também como uma grave advertência para todos os homens.

Os versos 1 a 3 relatam o procedimento de José, ultimando os detalhes para o sepultamento de Jacó. Durante quarenta dias os médicos que estavam a seu serviço prepararam o corpo de seu pai, embalsamando-o. No Egito havia pessoas que eram especialistas neste tipo de prática. Todos nós já ouvimos falar a respeito das múmias do Egito, e os egípcios tinham um meio de sepultar naquela época que ainda hoje é um mistério para nós. Isso ainda é algo inexplicável. E, por fim, demonstrando o quando tinha sido bem aceito pelos egípcios, Jacó foi pranteado durante setenta dias pelos próprios naturais da terra.

O texto prossegue, e os versos 4 a 9 nos mostram José solicitando a Faraó que lhe permitisse sepultar seu pai em Canaã, atendendo assim o seu pedido e o juramento feito. Com a aprovação do Faraó, José subiu para o sepultamento, junto com uma grande comitiva formada por **todos os oficiais de Faraó, os principais da sua casa, os principais da terra do Egito, como também toda a casa de José, e seus irmãos, e a casa de seu pai (v. 7, 8)**. Ficaram no Egito apenas as crianças e o gado.

Devemos imaginar que grande comitiva conduziu Jacó a Canaã para o seu sepultamento. Foi algo extraordinário. Foi uma homenagem marcante àquele homem de Deus. O verso 9 diz que foi grandíssimo o cortejo. E toda aquela comitiva se deslocou para esse sepultamento por uma razão bem simples, porém de grande significado: o respeito que Jacó havia conquistado nos seus 17 anos de vida no Egito. A vida de José foi sempre uma vida de testemunho do Deus criador, de procedimento santo, justo e honesto. O Faraó não queria perder esse homem no qual atuava o Espírito Santo de Deus. Por isso, também é possível admitir um interesse administrativo. O Faraó enviou tão grande comitiva ao funeral para garantir o retorno de José ao Egito, para que continuasse a administrar os anos de escassez que ainda faltavam.

Os versos 10 a 14 relatam o cortejo chegando à eira de Atade, onde por sete dias Jacó foi novamente lamentado. Os cananeus se surpreenderam com aquele grande pranto, a ponto de darem nome ao lugar de Abel-Mizraim, que provavelmente significa "pranto do Egito" ou "curso de água do Egito". Jacó foi então sepultado na caverna de Macpela, no campo fronteiro a Manre, que Abraão comprara por posse de sepultura a Efrom, o heteu.

Ser sepultado naquele pedaço de terra que servia de cemitério para sua família era um ato de fé, uma espécie de garantia de que aquela terra seria dada por Deus ao seu povo, como realmente aconteceu. Era o sepulcro da esperança. Por isso Jacó preferiu ser sepultado ali. Era a sua última demonstração de esperança e fé. José, depois de sepultar o pai, voltou com toda a comitiva para o Egito.

Os versos 15 a 21 nos relatam um dos mais emocionantes episódios do livro de Gênesis e, certamente, da vida de José. Estes versos nos contam como os irmãos de José, depois de voltarem ao Egito, ficaram preocupados, imaginando que após a morte do pai José se vingaria do mal que tinham praticado contra ele. Temiam, porque sem a proteção de Jacó, José estava com o caminho livre para dar-lhes a recompensa pela traição de que fora objeto. Depois de mandarem um recado para José, eles mesmos foram ao seu encontro, se prostraram diante dele e lhe disseram: **Eis-nos aqui, por teus servos (v. 18)**.

Esses irmãos que novamente se prostraram diante de José, entregando-se a ele como servos, foram os mesmos que o venderam como escravo

para o Egito. Agora os papéis mais uma vez estavam invertidos. O ato de se curvarem diante de José lembrava também o antigo sonho de José, pois predizia aquele momento em que humildemente estariam diante do irmão. Só que José não aceitou tal sugestão, e no verso 19 respondeu: **Não temais; acaso estou eu no lugar de Deus?** Surpreendentemente, José disse que não precisava executar nenhuma vingança, nenhum castigo. Quanto a ele, tudo estava bem. José já havia perdoado seus irmãos e não guardava nenhum rancor.

E nos versos 20 e 21 José afirmou: **Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida. Não temais, pois; eu vos sustentarei a vós outros e a vossos filhos. Assim, os consolou e lhes falou ao coração**. Que palavras sábias, não é mesmo? Que consciência da soberania de Deus! Aqui temos uma grande verdade revelada. Deus redimiu a história de José, trazendo bons frutos a todos. José disse que, de fato, seus irmãos intentaram o mal quando o venderam como escravo ao Egito. Mas Deus transformou tudo em bênção.

Muitas vezes nós não nos conformamos com as circunstâncias ou com o problema que estamos enfrentando. Mas temos que confiar, pois Deus é soberano e pode transformar tudo em bem. Este modo de ver as coisas, de encarar os problemas, é simplesmente maravilhoso. Nós pensamos que os problemas nos sobrevêm, muitas vezes, sem nenhum propósito. No que se refere a José, a vítima, ele ficou tranqüilo e confiou no Deus soberano que tudo sabe e pode transformar os males em bênçãos. É assim que temos que encarar todas as situações difíceis que enfrentamos!

Os últimos versículos de Gênesis nos dizem que José habitou no Egito e viveu cento e dez anos. Ele conviveu com os filhos de seus filhos até à terceira geração. Quando já estava bem idoso, pediu aos irmãos que jurassem transportar os seus ossos para Canaã. E o texto, no verso 26, termina dizendo: **Morreu José da idade de cento e dez anos; embalsamaram-no e o puseram num caixão no Egito (v. 26)**.

Assim termina o livro de Gênesis, com a morte do seu quarto grande personagem. Aqui vemos expressa a fé de José ao pedir que os seus ossos fossem levados para Canaã, quando Deus tirasse o seu povo do Egito. Ele queria que o seu corpo, no dia da ressurreição, se encontrasse com Cristo

naquela terra que Deus prometera e entregara ao seu povo. Esta é a fé que todos nós temos.

Não importa o local onde seremos sepultados. Todos nos levantaremos do pó quando a trombeta soar. Mas para presenciarmos esse maravilhoso momento precisamos ter Cristo como nosso salvador pessoal. Que seja essa a nossa certeza, pela graça de Deus.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


AGOSTINHO, Santo. *Comentário ao Gênesis.* São Paulo : Paulus, 2005.

ARNOLD, Bill e BEYER, Bryan E. *Descobrindo o Antigo Testamento.* Uma perspectiva cristã. São Paulo : Cultura Cristã, 2001.

BÍBLIA Apologética de Estudo. São Paulo : ICP, 2005.

BÍBLIA de Estudo Almeida. Barueri : SBB, 2006.

BÍBLIA de Estudo Genebra. Barueri e São Paulo : SBB, 1999.

BÍBLIA de Estudo NVI. São Paulo : Vida, 2003.

ELLISEN,Stanley A. *Conheça melhor o Antigo Testamento.* São Paulo : Vida, 2005.

FOHRER, Georg. *História da religião de Israel.* São Paulo : Paulinas, 1982.

GRONINGEN, Gerard Van. *Revelação messiânica no Antigo Testamento.* São Paulo : Cultura Cristã, 2003

HERTZBERG, Arthur. *Judaísmo.* Rio de Janeiro : Zahar, 1962.

HILL, Andrew E. *Panorama do Antigo Testamento.* São Paulo : Vida, 2006.

HOFF, Paul. *O Pentateuco.* São Paulo : Vida, 2000.

HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento.* São Paulo : Vida, 2005.

KIDNER, Derek. *Gênesis Introdução e Comentário.* São Paulo : Mundo Cristão/Vida Nova, 1979.

LASOR, William. *Introdução ao Antigo Testamento.* São Paulo : Vida Nova, 1999.

LOTZ, Anne Graham. *A história de Deus.* São Paulo : CPAD, 2002.

MACARTHUR JR, John. *Criação ou evolução.* São Paulo : Cultura Cristã, 2004.

MACKINTOSH, C. H. *Estudos sobre o livro de Gênesis.* Diadema : Dep.Literatura Cristã, 2003.

NELSON, Thomas. *Manual Bíblico de Mapas e Gráficos.* São Paulo : Cultura Cristã, 2003.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento:* estruturas e mensagens dos livros do Antigo Testamento. São Paulo : Hagnos, 2006.

SCHREINER, Josef. *Palavra e mensagem do Antigo Testamento.* São Paulo : Paulus/Teológica, 2004.

SCHULTZ, Samuel J. e SMITH, Gary V. *Panorama do Antigo Testamento.* São Paulo : 2005.

STORNIOLO, Ivo. *Como entender o livro de Gênesis.* São Paulo : Paulus, 1997.

UNGER, Merril Frederick. *Manual Bíblico Unger.* São Paulo : Vida Nova, 2006.

WESTERMANN, Claus. *Os fundamentos da teologia do Antigo Testamento.* São Paulo : Academia Cristã, 2005.